

UNIVERSIDADE DE ÉVORA
Mestrado em Sociologia

OS VALORES E AS ASPIRAÇÕES
PROFISSIONAIS DOS JOVENS

O CASO DOS ESTUDANTES DO ENSINO SECUNDÁRIO DO
CONCELHO DE BEJA

Tese de Dissertação elaborada por:

Sandra Isabel Gonçalves da Saúde

ÉVORA
ABRIL 1998

UNIVERSIDADE DE ÉVORA
Mestrado em Sociologia

OS VALORES E AS ASPIRAÇÕES
PROFISSIONAIS DOS JOVENS

O CASO DOS ESTUDANTES DO ENSINO SECUNDÁRIO DO
CONCELHO DE BEJA

Tese de Dissertação elaborada por:

Sandra Isabel Gonçalves da Saúde

ÉVORA
ABRIL 1998

Título: OS VALORES E AS ASPIRAÇÕES PROFISSIONAIS DOS JOVENS

Sub-título: O caso dos estudantes do ensino secundário do Concelho de Beja

**Tese de dissertação para a obtenção do grau de Mestre em Sociologia na
variante de Recursos Humanos e Desenvolvimento Sustentável**



Orientada por:

Professor Doutor Eduardo Álvaro do Carmo Figueira

Departamento de Sociologia

Universidade de Évora

**Subsidiada pela Fundação para a Ciência e Tecnologia através do Programa
Praxis XXI**

Errata

Página	Onde se lê	Deve-se ler
30	Estes constituem a ser, efectivamente (...)	Estes constituem, efectivamente, (...)
31	A socialização juvenil nas sociedades (...)	A socialização juvenil nas sociedades (...)
45	(...) que necessariamente deveremos discutir afim (...)	(...) que necessariamente deveremos discutir a fim (...)
62	(...) <i>manter a rodem</i> (...)	(...) <i>manter a ordem</i> (...)
66	(...) face às profissões ambicionada (...)	(...) face às profissões ambicionadas (...)
82	(...) <i>dos estudos é significativamente menos</i> (...)	(...) <i>dos estudos é significativamente menor</i> (...)
85	(...) rejeitar as conclusões Inglehart (...)	(...) rejeitar as conclusões de Inglehart (...)
154	(...) que a classes social (...)	(...) que as classes sociais (...)
155	Interrogados sobre a foram (...)	Interrogados sobre a forma (...)
189	(...) representativa da escola da imagem da escola de aquisição de uma posição na sociedade.	(...) representativa da imagem da escola como meio de aquisição de uma posição na sociedade.
208	(...) o dinheiro não objectivo fundamental (...)	(...) o dinheiro não é objectivo fundamental (...)
235	(...) a partir da leitura do Gráfico n.º 4.9.	(...) a partir da leitura do Gráfico n.º 4.6
262	Po outro lado (...)	Por outro lado (...)

Aos meus pais...

ABSTRACT

The double relationship between society and work is the subject of this research. Work, especially when regarded from a professional point of view, is a nucleus that structures individuals' social life in contemporary societies. Thus not only does work matter a lot *per se* but it is also important due to the connexions it establishes with other spheres, namely family, leisure, material and economic matters, politics and even space and time organization. Therefore, there is a clear relationship between society and work which both structures and is structured by these.

This research centres on the analysis and further examination of the shape and characteristics of the relationship mentioned above. Moreover, it has its main area of concern a key time for the social and professional development of any individual, that is to say, youth. The period that leads to and culminates with the building of the individual's professional identity is unique. At this stage, young people are called on to take options and define strategies. Faced with the issues at stake, what kind of factors can play a decisive hand in the options taken by the young? What do they think? What do they value? What and why do they choose? In short, this research aims to characterize as well as understand young people's attitude as far as their professional future is concerned, using their professional aspirations as indicators. These aspirations have been analysed both with regard to their objective content – which is to say, the job they would like to have –, and to their symbolic content. Based on this interrelationship we have tried to give an answer to the question we have started with, *Are young people's professional aspirations somehow linked to specific symbols and values?*

The target group is constituted by the 10th, 11th and 12th grade students, who study at the Portuguese equivalents to grammar and comprehensive schools in Beja. That is to say, students can either continue their studies and eventually go to college, or they can finish the 12th grade with a specific training that qualify them to start working (only in Portugal, the choice is up to the students and the two options are comprised in the same school). This universe has been selected taking into account our interest in

further examining young people's professional aspirations as a turning point in their lives, bearing in mind the peculiar social and economic context of this municipality. Thus, at this stage the young people will have to make important decisions with regard to the process of professional integration that is nearing. After having finished the 9th grade, which is the minimum required, it's up to young people to decide when they intend to, or are able to, start preparing or making professional integration happen. They also decide which of the two options they will take.

As far as the topic area and objectives were concerned, we used Survey's analysis, employing questionnaire as the main means of collecting data. Data have been collected through a sample of 157 students from the local secondary schools. The questionnaire used has been formulated taking into account the results of other research projects in the same topic area. The internal consistency of this instrument of analysis has been evaluated by Cronbach's alpha coefficient, whose values are situated between 0,8399 and 0,8916. Content has been validated by a group of experts. Three kinds of analytical strategies have been used to analyse the result, namely descriptive statistics, content analysis through theme categories and multivariate statistics. The first strategy allowed us to define the target group's social profiles, as well as identify the most valued items or categories. The second enabled the formation of methods of observation both the desired jobs and the underlying reasons for them to be chosen. The last, which was divided into factor analysis and correspondence analysis permitted the shaping of young people's profiles with regard to their values and aspirations.

The result thus obtained has made possible for us to identify the predominant profiles as far as values and aspirations are concerned. Young people that study at secondary schools in Beja have mainly postmaterialistic values. They also value intrinsic compensations derived from personal relationships over extrinsic ones. Among the most treasured relationships are those that connect the young with their family, as they acknowledge that this entity has a prominent role as far as shaping one's character and preparing one to adult life are concerned. We have come to the conclusion

that professional aspirations are distinctive with regard to their underlying possibility of their becoming real or to the idyllic side of their nature. When they were questioned about the job they think they will have, young people were markedly irresolute. They also revealed aspirations inferior to the ones they indicated when asked about the job they would choose provided that they could choose any job whatsoever.

It was possible to define four kinds of profiles as far as values and social aspects are concerned. These were the result of relating the kind of desired jobs to the socioeconomic features of these young people's family and the main symbolic elements of the analysed aspects..

RESUMO

A inter-relação existente entre sociedade e mundo do trabalho constitui a área temática geral na qual se enquadra o presente estudo. O trabalho e concretamente a actividade profissional constitui um núcleo estruturador da vida social dos indivíduos na sociedade contemporânea. É importante não só em si, mas também pelas articulações que estabelece com outras esferas: família, lazer, aspectos económicos e materiais, política e até mesmo, a organização do tempo e do espaço. Existe assim, uma evidente relação estruturante e estruturadora entre a sociedade e o “mundo do trabalho”.

O presente estudo centra-se na análise e exploração dos contornos e características dessa relação num período chave do desenvolvimento social e profissional de qualquer indivíduo, como é a juventude. A fase de construção da identidade profissional é um momento único. Nesta fase o indivíduo, o jovem, é forçado a fazer opções, a definir estratégias. Face às variáveis em jogo, que factores são decisivos nas opções que assumem? O que pensam, o que valorizam? O que escolhem? Porque escolhem? Em síntese, o presente estudo procura caracterizar e compreender o posicionamento dos jovens face ao seu futuro profissional, utilizando como indicadores as suas aspirações profissionais. Estas foram analisadas em função do seu conteúdo objectivo, isto é, a profissão desejada, bem como em função do seu conteúdo simbólico e valorativo. A partir desta inter-relação procurámos dar resposta à questão de partida: *Será que as aspirações profissionais dos jovens estão associadas a quadros simbólico-valorativos específicos?*

A população alvo é constituída pelos estudantes do 10º, 11º e 12º ano de escolaridade, Via Geral e Tecnológica das escolas secundárias do Concelho de Beja. A selecção deste universo deriva do interesse em explorar as aspirações profissionais dos jovens numa fase decisiva de tomada de posição face ao processo de inserção profissional que se avizinha, num contexto sócio-económico concelhio bastante particular. Cumprida a escolaridade obrigatória cabe ao jovem decidir quando e por que

via pretende ou pode iniciar o processo de preparação ou concretização da inserção profissional. Face à problemática e aos objectivos propostos a estratégia analítica utilizada foi a do tipo Survey, utilizando como principal suporte instrumental de recolha de dados, o inquérito por questionário.

Os dados foram recolhidos junto de uma amostra de 157 estudantes das duas escolas secundárias existentes no Concelho de Beja. A construção do inquérito por questionário teve em conta os resultados de outros projectos de investigação na área temática em análise. A consistência interna do instrumento foi avaliada pelo coeficiente de alfa de Cronbach cujos valores situam-se num intervalo entre os 0,8399 e os 0,8916. A validade de conteúdo foi assegurada por um painel de especialistas. Para a análise dos resultados fez-se recurso de três tipos de estratégias analíticas. A estatística descritiva permitiu-nos definir os perfis sociográficos do grupo alvo bem como identificar nas dimensões valorativas analisadas, os itens ou categorias mais valorizados. A análise de conteúdo categorial temática permitiu construir tipologias de profissões desejadas e de razões para a sua escolha. A análise estatística multivariada que se subdividiu na análise factorial por componentes principais e por correspondências múltiplas permitiu a construção dos perfis valorativos e aspiracionais dos jovens.

Os resultados obtidos permitiram-nos identificar os perfis valorativos e as aspiracionais predominantes. Os jovens estudantes do ensino secundário do Concelho de Beja têm valores predominantemente pós-materialistas, e valorizam mais as compensações intrínsecas do que as extrínsecas resultantes das relações com os outros. Entre as relações mais valorizadas destacam-se as mantidas com a família, entidade à qual reconhecem um papel fundamental na construção pessoal e preparação para a vida. Relativamente às aspirações profissionais verificámos que elas são distintas em função do sentido "concretizável" e do sentido "idílico" subjacente às mesmas. Quando interrogados sobre a profissão que acham que vão ter, os jovens manifestam-se mais indecisos bem como revelam aspirações de nível inferior às indicadas quando interrogados sobre a profissão que escolheriam se pudessem seguir uma qualquer.

OS VALORES E AS ASPIRAÇÕES PROFISSIONAIS DOS JOVENS:
O CASO DOS ESTUDANTES DO ENSINO SECUNDÁRIO DO CONCELHO DE BEJA

Fruto do cruzamento do tipo de profissões desejadas com as características sócio-económicas familiares e os eixos simbólicos das dimensões analisadas, foi possível construir quatro tipos de perfis valorativos e sociográficos subjacentes aos tipos de profissões desejadas.

AGRADECIMENTOS

Na construção de um trabalho de investigação, inevitavelmente, sobressai de uma forma mais vincada a componente técnica, no entanto, inerente à mesma está todo o colorido dos dias que a tornam possível. São duas faces da mesma moeda. A formação académica revelou-se inseparável da formação humana, e ambas resultam da vivência do dia-a-dia com colegas, família, amigos, cuja ajuda foi o suporte para a construção das páginas que se seguem.

Quero por isso, agradecer a todos aqueles que ao longo destes anos, e nos últimos três em particular, me acompanharam e auxiliaram nas mais diversas formas.

O meu agradecimento para todos e muito especialmente:

Ao Professor Doutor Eduardo Álvaro do Carmo Figueira, pela compreensão que demonstrou perante as minhas dificuldades e pelo incentivo e ensinamentos disponibilizados para as superar.

Ao Professor Doutor Francisco Martins Ramos, Director do Mestrado em Sociologia da Universidade de Évora, pela disponibilidade e incentivo demonstrados.

Ao Mestre Carlos Alberto da Silva, docente na Universidade de Évora, pela amizade, paciência, estímulo e ensinamentos preciosos incondicionalmente disponibilizados.

A todos os professores e estudantes da Escola Secundária D. Manuel I e Diogo de Gouveia, e em particular aqueles que de uma forma mais directa cooperaram no processo recolha de informação, pela disponibilidade demonstrada.

A todos os amigos e familiares que sempre me demonstraram a sua amizade, carinho e incentivo, elementos fundamentais para a superação dos momentos de dúvida e incerteza.

Aos meus pais, pelos valores que me transmitiram e pela ajuda incondicional disponibilizada, em todos os momentos bons e menos bons porque passou o processo de construção deste estudo. Merecedores de uma homenagem especial, dedico-lhes este trabalho.

ÍNDICE

<i>Abstract</i>	5
Resumo	8
Agradecimentos	11
Índice de Quadros	14
Índice de Gráficos e Figuras	20
Introdução	22
1. O Problema em estudo	29
1.1. Tema	29
1.2. O Problema : objectivos e hipóteses	31
2. Os valores e aspirações profissionais dos jovens	36
2.1 Problemas sociais e problemas sociológicos da juventude	36
2.2 A Juventude – conceito e implicações	39
2.3 A Juventude a formação da identidade	43
2.4 O posicionamento dos jovens face ao futuro: as aspirações profissionais	58
2.5 A Juventude como problema sociológico	66
2.5.1. Os valores e as representações sociais no processo de construção da identidade	70
2.5.2. As aspirações sociais e profissionais	90
2.5.3. Uma tentativa de síntese	96
3. Metodologia do estudo	97
3.1. Abordagem geral do estudo	97
3.2 População e amostra	99
3.3. Conceptualização das variáveis	104
3.3.1 Sobre o conceito de aspiração profissional	104
3.3.2 Sobre os conceitos de valores e representações sociais	107
3.4 Instrumentação e operacionalização das variáveis	113
3.5 Procedimento para a análise de dados	129

OS VALORES E AS ASPIRAÇÕES PROFISSIONAIS DOS JOVENS:
O CASO DOS ESTUDANTES DO ENSINO SECUNDÁRIO DO CONCELHO DE BEJA

4. Os jovens estudantes do ensino secundário do Concelho de Beja	137
4.1 O contexto local: um factor de enquadramento	137
4.1.1 A especificidade demográfica local	138
4.1.2 O sistema de emprego a nível local	141
4.1.3 A rede escolar local	147
4.2 Os jovens: elementos de caracterização sociográfica	150
4.3 Os jovens: posicionamentos e perfis valorativos	156
4.3.1 A família	157
4.3.2 Os amigos	169
4.3.3 A escola	182
4.3.4 O dinheiro	196
4.3.5 A sociedade	209
4.3.6 Os perfis valorativos dos jovens: uma tentativa de síntese	221
4.4 As aspirações profissionais dos jovens	225
4.4.1 As profissões desejadas e os seus motivos	225
4.4.2 As profissões desejadas: perfis sociográficos	231
4.4.2.1 As profissões “idílicas”	231
4.4.2.2 As profissões “concretizáveis”	236
4.4.2.3 Uma tentativa de síntese	240
4.4.3 As profissões desejadas: perfis valorativos	243
4.4.3.1 As profissões “idílicas”	243
4.4.3.2 As profissões “concretizáveis”	249
4.4.3.3 Uma tentativa de síntese	254
4.5 Os valores e as aspirações profissionais dos jovens	255
 Considerações finais	 260
 Bibliografia	 269
Anexos	284

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro n.º 3.1. Estudantes que frequentam o ensino secundário do do Concelho de Beja	102
Quadro n.º 3.2. Distribuição da amostra de acordo com a escola, ano de escolaridade e via formativa de opção	103
Quadro n.º 3.3. Escala de perfil valorativo da família	117
Quadro n.º 3.4. Escala do perfil valorativo dos amigos	118
Quadro n.º 3.5. Escala do perfil valorativo da escola	119
Quadro n.º 3.6 Escala do perfil valorativo do dinheiro	120
Quadro n.º 3.7 Escala do perfil valorativo da sociedade	121
Quadro n.º 3.8 Valores do coeficiente de alfa Cronbach das escalas em análise	126
Quadro n.º 3.9 Matriz de avaliação da validade convergente da escala da família	127
Quadro n.º 3.10 Matriz de avaliação da validade convergente da escala dos amigos	128
Quadro n.º 3.11 Matriz de avaliação da validade convergente da escala da escola	128
Quadro n.º 3.12 Matriz de avaliação da validade convergente da escala do dinheiro	129
Quadro n.º 3.13 Matriz de avaliação da validade convergente da escala da sociedade	129
Quadro n.º 4.1 Proporção da população residente com menos de 15 anos e com mais de 64 anos (1970 – 1991)	140
Quadro n.º 4.2 Indicadores demográficos (1991)	140
Quadro n.º 4.3 Percentagem da população residente com mais de 12 anos, segundo o principal meio de vida	142
Quadro n.º 4.4 Indicadores básicos da situação local do sistema de emprego	143
Quadro n.º 4.5 Desemprego registado segundo o sexo e a idade (1991)	144

Quadro n.º 4.6- População activa com actividade económica com mais de 50 anos e com o primário elementar como habilitação máxima em 1991	144
Quadro n.º 4.7-População residente activa a exercer profissão, por ramos de actividade económica no Concelho de Beja, em 1991	146
Quadro n.º 4.8- População activa segundo a categoria profissional (1991)	147
Quadro n.º 4.9- Taxas de abandono escolar no ensino básico (1996)	149
Quadro n.º 4.10 – Representações assumidas pelos jovens em relação à família	157
Quadro n.º 4.11- Representações assumidas pelos jovens em relação à família. Comparação de acordo com o sexo	159
Quadro n.º 4.12- Representações assumidas pelos jovens em relação à família. Comparação de acordo com a via formativa frequentada	159
Quadro n.º 4.13 - Representações assumidas pelos jovens em relação à família. Comparação de acordo com o ano de escolaridade	160
Quadro n.º 4.14 - Representações assumidas pelos jovens em relação à família. Comparação de acordo com a idade	161
Quadro n.º 4.15 - Representações assumidas pelos jovens em relação à família. Comparação de acordo com a área vocacional	161
Quadro n.º 4.16 – Comunalidades das variáveis de percepção da valorização da família	163
Quadro n.º 4.17 – Pesos factoriais da percepção da valorização da família	164
Quadro n.º 4.18 – Estatística de Kayser-Meyer-Olkin e Alpha de Cronbach	164
Quadro n.º 4.19 – Perfil das representações da família	165
Quadro n.º 4.20 – As duas dimensões do comportamento das características de identificação pessoal e do posicionamento valorativo sobre a família	166
Quadro n.º 4.21- Valores das discriminações de cada variável em cada dimensão	167

Quadro n.º 4.22 – Representações assumidas pelos jovens em relação aos amigos	168
Quadro n.º 4.23 - Representações assumidas pelos jovens em relação aos amigos. Comparação de acordo com o sexo	171
Quadro n.º 4.24- Representações assumidas pelos jovens em relação aos amigos. Comparação de acordo com a via formativa frequentada	172
Quadro n.º 4.25 - Representações assumidas pelos jovens em relação aos amigos. Comparação de acordo com o ano de escolaridade	173
Quadro n.º 4.26 - Representações assumidas pelos jovens em relação aos amigos. Comparação de acordo com a idade	174
Quadro n.º 4.27 - Representações assumidas pelos jovens em relação aos amigos. Comparação de acordo com a área vocacional	175
Quadro n.º 4.28 – Comunalidades das variáveis de percepção da valorização dos amigos	176
Quadro n.º 4.29 – Pesos factoriais da percepção da valorização dos amigos	177
Quadro n.º 4.30 – Estatística de Kayser-Meyer-Olkin e Alpha de Cronbach	178
Quadro n.º 4.31 – Perfil das representações dos amigos	178
Quadro n.º 4.32 – As duas dimensões do comportamento das características de identificação pessoal e do posicionamento valorativo sobre os amigos	179
Quadro n.º 4.33- Valores das discriminações de cada variável em cada dimensão	180
Quadro n.º 4.34 – Representações assumidas pelos jovens em relação à escola	183
Quadro n.º 4.35 - Representações assumidas pelos jovens em relação à escola. Comparação de acordo com o sexo	184
Quadro n.º 4.36- Representações assumidas pelos jovens em relação à escola. Comparação de acordo com a via formativa frequentada	185
Quadro n.º 4.37 - Representações assumidas pelos jovens em relação à escola. Comparação de acordo com o ano de escolaridade	186

Quadro n.º 4.38 - Representações assumidas pelos jovens em relação à escola. Comparação de acordo com a idade	187
Quadro n.º 4.39 - Representações assumidas pelos jovens em relação à escola. Comparação de acordo com a área vocacional	188
Quadro n.º 4.40 – Comunalidades das variáveis de percepção da valorização da escola	189
Quadro n.º 4.41 – Pesos factoriais da percepção da valorização da escola	190
Quadro n.º 4.42 – Estatística de Kayser-Meyer-Olkin e Alpha de Cronbach	191
Quadro n.º 4.43 – Perfil das representações da escola	192
Quadro n.º 4.44 – As duas dimensões do comportamento das características de identificação pessoal e do posicionamento valorativo sobre a escola	192
Quadro n.º 4.45 - Valores das discriminações de cada variável em cada dimensão	193
Quadro n.º 4.46 – Representações assumidas pelos jovens em relação ao dinheiro	197
Quadro n.º 4.47 - Representações assumidas pelos jovens em relação ao dinheiro. Comparação de acordo com o sexo	198
Quadro n.º 4.48- Representações assumidas pelos jovens em relação ao dinheiro. Comparação de acordo com a via formativa frequentada	199
Quadro n.º 4.49 - Representações assumidas pelos jovens em relação ao dinheiro. Comparação de acordo com o ano de escolaridade	199
Quadro n.º 4.50 - Representações assumidas pelos jovens em relação ao dinheiro. Comparação de acordo com a idade	200
Quadro n.º 4.51 - Representações assumidas pelos jovens em relação ao dinheiro. Comparação de acordo com a área vocacional	201
Quadro n.º 4.52 – Comunalidades das variáveis de percepção da valorização do dinheiro	203
Quadro n.º 4.53 – Pesos factoriais da percepção da valorização do dinheiro	203

Quadro n.º 4.54 – Estatística de Kayser-Meyer-Olkin e Alpha de Cronbach	204
Quadro n.º 4.55 – Perfil das representações do dinheiro	205
Quadro n.º 4.56 – As duas dimensões do comportamento das características de identificação pessoal e do posicionamento valorativo sobre o dinheiro	206
Quadro n.º 4.57 - Valores das discriminações de cada variável em cada dimensão	206
Quadro n.º 4.58 – Representações assumidas pelos jovens em relação à sociedade	210
Quadro n.º 4.59 - Representações assumidas pelos jovens em relação à sociedade. Comparação de acordo com o sexo	211
Quadro n.º 4.60- Representações assumidas pelos jovens em relação à sociedade. Comparação de acordo com a via formativa frequentada	211
Quadro n.º 4.61 - Representações assumidas pelos jovens em relação à sociedade. Comparação de acordo com o ano de escolaridade	212
Quadro n.º 4.62 - Representações assumidas pelos jovens em relação à sociedade. Comparação de acordo com a idade	212
Quadro n.º 4.63 - Representações assumidas pelos jovens em relação à sociedade. Comparação de acordo com a área vocacional	213
Quadro n.º 4.64 – Comunalidades das variáveis de percepção da valorização da sociedade	215
Quadro n.º 4.65 – Pesos factoriais da percepção da valorização da sociedade	216
Quadro n.º 4.66 – Estatística de Kayser-Meyer-Olkin e Alpha de Cronbach	217
Quadro n.º 4.67 – Perfil das representações da sociedade	217
Quadro n.º 4.68 – As duas dimensões do comportamento das características de identificação pessoal e do posicionamento valorativo sobre a sociedade	217
Quadro n.º 4.69 - Valores das discriminações de cada variável em cada dimensão	218

Quadro n.º 4.70 – Os perfis das aspirações profissionais	226
Quadro n.º 4.71 – As aspirações profissionais “idílicas” e “concretizáveis”	227
Quadro n.º 4.72 – As razões das escolhas profissionais	228
Quadro n.º 4.73 – As profissões “concretizáveis”. Comparação de acordo com as razões apresentadas	229
Quadro n.º 4.74 – As profissões “idílicas”. Comparação de acordo com as razões apresentadas.	230
Quadro n.º 4.75 – As duas dimensões de leitura do comportamento das características de identificação pessoal e familiar, e da profissão que o jovem escolheria se pudesse seguir uma qualquer	232
Quadro n.º 4.76 – Valores das discriminações de cada variável em cada dimensão	232
Quadro n.º 4.77 - As duas dimensões de leitura do comportamento das características de identificação pessoal e familiar, e da profissão que o jovem acha que vai ter	237
Quadro n.º 4.78 - Valores das discriminações de cada variável em cada dimensão	238
Quadro n.º 4.79 – As duas dimensões de leitura do comportamento dos indicadores dos perfis valorativos e das aspirações profissionais “idílicas” dos jovens	243
Quadro n.º 4.80 - Valores das discriminações de cada variável em cada dimensão	245
Quadro n.º 4.81 - As duas dimensões de leitura do comportamento dos indicadores dos perfis valorativos e das aspirações profissionais “concretizáveis” dos jovens	249
Quadro n.º 4.82 - Valores das discriminações de cada variável em cada dimensão	250

ÍNDICE DE GRÁFICOS E FIGURAS

Gráficos

Gráfico n.º 4.1 - Projecção das variáveis do perfil valorativo da família nas dimensões 1 e 2	168
Gráfico n.º 4.2 - Projecção das variáveis do perfil valorativo dos amigos nas dimensões 1 e 2	181
Gráfico n.º 4.3 - Projecção das variáveis do perfil valorativo da escola nas dimensões 1 e 2	195
Gráfico n.º 4.4 - Projecção das variáveis do perfil valorativo do dinheiro nas dimensões 1 e 2	207
Gráfico n.º 4.5 - Projecção das variáveis do perfil valorativo da sociedade nas dimensões 1 e 2	219
Gráfico n.º 4.6 - Projecção das variáveis do perfil sociográfico das aspirações profissionais “idílicas” nas dimensões 1 e 2	234
Gráfico n.º 4.7 - Projecção das variáveis do perfil sociográfico das aspirações profissionais “concretizáveis” nas dimensões 1 e 2	239
Gráfico n.º 4.8 - Projecção das variáveis do perfil valorativo das aspirações profissionais “idílicas” nas dimensões 1 e 2	246
Gráfico n.º 4.9 - Projecção das variáveis do perfil valorativo das aspirações profissionais “concretizáveis” nas dimensões 1 e 2	251

Figuras

Figura n.º 1 O espaço social como factor estruturante e estruturador da construção identitária	242
--	-----

“ Através dos sentidos captamos a realidade e através do pensamento transformamos a percepção em palavra. Assim, as palavras do nosso universo mental são o símbolo das nossas experiências. As palavras que cada um utiliza revelam a forma como generalizou, seleccionou e distorceu, revelam o seu mapa do mundo. Graças às palavras, podemos aceder simultaneamente às representações sensoriais de uma experiência real ou imaginária guardada na nossa memória.”

José Machado Pais

INTRODUÇÃO

No processo de escolha de um tema e de um objecto específico de investigação intervêm directamente as motivações e os interesses do investigador. É um processo dinâmico fruto da experiência de vida onde se cruzam a formação pessoal e académica. O presente trabalho é reflexo dessa dinâmica. É um produto pessoal no sentido em que é reflexo da preocupação e interesse particular na descoberta dos “porquês” e dos “comos” da realidade envolvente, e é, simultaneamente, um produto académico, já que é resultado da sistematização e reconversão desses interesses e preocupações em interrogações sociológicas.

A realidade juvenil é um campo de múltiplas interrogações, não só para quem a vive, mas também para quem a observa. Do ponto de vista psicossociológico, a juventude é caracterizada por um conjunto de mudanças: mudanças biofisiológicas, psicológicas e mudanças na rede de relações sociais. As mudanças psicológicas passam-se a nível afectivo, mas também ao nível da aquisição de novas competências cognitivas, morais e sociais. Por outro lado, a uma alteração da posição do jovem no sistema de relações familiares corresponde uma alteração na sua rede de relações sociais: ao desejo de autonomia, capacidade de desautorização e desidealização dos pais, ocorre em paralelo um investimento em grupos afiliativos formados por indivíduos do mesmo segmento etário.

Este novo campo psicológico e social suscita nos indivíduos um movimento de criação de uma nova identidade. É neste movimento que o adolescente se volta para os seus pares, companheiros das mesmas incertezas e solidários nas mesmas experiências, e desenvolve uma rede de relações e pertenças emocionalmente fortes e solidificadas por mecanismos de controlo grupal. Estas novas relações permitem o jogo de papéis até aí nunca representados e suscitam comparações até aí não pertinentes. As crenças, os sentimentos e os projectos que identificam o indivíduo são objecto de mudanças e reestruturação na etapa de vida que separa a infância da idade adulta. A juventude é, em suma, um período característico

do processo de desenvolvimento humano, cujos contornos a tornam uma área problemática por excelência.

Com a crise económica dos anos 70 e o seu alargamento a múltiplos domínios da vida social, a investigação sobre os jovens – largamente solicitada para o desenvolvimento de políticas orientadas para a inserção dos jovens no mercado de trabalho – tem-se confrontado com uma problemática central: a de saber quais as articulações (e como analisá-las) entre as diferentes transformações económicas e a forma como elas convergem na estruturação – de maneira específica em relação a diferentes categorias de jovens- de uma fase crucial do curso de vida, que é a *passagem para a vida adulta*, onde se joga toda uma parte *dos modos e vias de reprodução* económica, social e cultural de uma sociedade.

Esta problemática, genética a todos os países da Europa, tem adquirido uma particular especificidade e relevância naqueles países mais periféricos que, como Portugal, procuram ultrapassar atrasos estruturais de vária ordem de modo a facilitar a plena integração europeia.

As oportunidades de emprego parecem cada vez mais condicionadas pelo ritmo dessas transformações económicas. Por exemplo, as transformações tecnológicas ocorridas em diversos sectores de actividade têm provocado alterações significativas no mercado de trabalho, conduzindo ao chamado “desemprego tecnológico”, com a subutilização de mão-de-obra com pouca ou nenhuma qualificação. O desenvolvimento tecnológico tem-se repercutido não só ao nível dos aspectos técnicos do trabalho, mas sobretudo em domínios que lhe estão directa ou indirectamente associados: nas condições de produção, no mercado de trabalho, nos modos de vida.

A inserção profissional dos jovens constitui um dos problemas centrais para a compreensão desta categoria social, na medida em que reflecte as contingências actuais do mercado de trabalho bem como é indicativa das *estratégias e modos de estar* adoptados pelos jovens num período fundamental do seu crescimento enquanto membros activos da sociedade. A transição para a vida adulta é particularmente condicionada pelas transformações de natureza económica. No entanto, a noção de

“passagem” ou de “transição” para a vida adulta integra, mas ao mesmo tempo ultrapassa, a inserção profissional, na medida em que nessa passagem ou transição se joga, ao mesmo tempo que a entrada no mercado de trabalho, o acesso a outras características socialmente atribuídas ao estatuto de adulto. Por outras palavras, a consideração da noção de “transição para a vida adulta” faz com que a especificidade da questão juvenil deva ser investigada não apenas ao nível dos indicadores tradicionais sócio-económicos do emprego – que colocam em confrontação, por um lado, as características (em termos de idade e níveis de formação) da população saída da escola e a entrada no mercado de trabalho e, por outro lado, as características de emprego que ocupa -, mas fundamentalmente a partir dos indicadores comportamentais que nos revelam a forma de integração social subjacente à futura alteração de estatuto, dos jovens, na sociedade. Com efeito a realidade juvenil é testemunha e tributária da evolução económica e tecnológica, bem como reflexo da emergência de *novos modos de vida* ajustados aos novos imperativos sociais. A juventude é em suma uma categoria social bastante particular, enquanto representativa da fase de transição do estatuto criança para o estatuto adulto, e enquanto espaço vivencial onde se reflectem exponencialmente os efeitos dos pressupostos económicos e sociais das sociedades pós-industriais.

Se observarmos atentamente a realidade juvenil, facilmente constatamos dois elementos conflituais. Por um lado, o entusiasmo inerente a uma fase de vida em que são dados passos decisivos na construção pessoal e social, e por outro lado, a expectativa de quem vê essa mesma construção pessoal e identitária dificultada pelos constrangimentos sociais e económicos que “amarram” o sentido da liberdade de escolha. Dialogando com os jovens, verificamos que, para além dos relatos das aventuras e descobertas próprias da idade, são as questões relacionadas com o emprego, o desemprego, as saídas profissionais dos cursos que mais acesa discussão geram. Nas conversas mantidas sentimos não só a preocupação natural de quem pensa e reflecte sobre o futuro, mas sobretudo a desconfiança, falta de confiança e cepticismo típicos de quem tem

dificuldade em identificar o rumo certo. O futuro profissional é ponderado não só em função do desejável, ou seja do que o próprio jovem gostaria de fazer, mas sobretudo do que é concretizável, ou seja o que pode fazer. Esta situação é particularmente paradoxal na medida em que o futuro e em particular o futuro profissional, é uma referência necessária da vida dos mesmos. Muitos dos comportamentos orientam-se segundo as suas representações temporais. É no âmbito destes pressupostos que nos interrogamos sobre o futuro dos jovens, e sobre a forma como enfrentarão as dificuldades laborais que se perspectivam. É também no âmbito destes pressupostos que reflectimos com apreensão, e em particular, sobre o futuro dos jovens do Concelho de Beja onde os indicadores económicos, e laborais evidenciam uma especificidade nada animadora. O concelho de Beja inserido numa das regiões mais pobres de todo o espaço europeu, constitui um local de onde os jovens se habituaram a partir à procura de alternativas para a concretização dos projectos profissionais. Testemunho da herança que teima a não ser corrigida, a realidade juvenil apresenta neste espaço contornos especiais, na medida em que limitada ao tempo em que os jovens conseguem encontrar respostas para concretização local dos seus projectos. É uma realidade condicionada e condicionante não só do futuro pessoal, mas também do futuro deste espaço social. Tentar compreender a forma como é vivido pelos jovens o período de construção dos projectos profissionais, constitui, quanto a nós, um indicador estratégico da vivência social de qualquer espaço. Foi isso que nos propusemos fazer, interessados em descobrir algo mais sobre o processo de construção da identidade profissional e social dos jovens, e em particular dos seus valores e aspirações profissionais.

Que profissões desejam os jovens, e porquê? Quais os princípios, critérios e/ ou razões subjacentes a essas escolhas? Como valorizam o papel da família, dos amigos, da escola, enquanto espaços de construção da identidade pessoal e profissional? Estas foram algumas das questões que se colocaram à investigadora no momento da definição temática, e da



operacionalização do problema em estudo, e para as quais foram procuradas respostas.

Levantar questões é uma tarefa fácil quando comparada com a exigência inerente ao processo de procura de respostas. As respostas, ou seja, as explicações dos fenómenos sociais são fornecidas pelas teorias – corpos estruturados de proposições e enunciados que definem um paradigma, isto é, modelos teóricos de pensamento, que orientam o conjunto da investigação e da reflexão teórica. Na linha da tradição sociológica, a definição de uma problemática da investigação implica que o investigador inscreva o seu trabalho científico no quadro de uma mais teorias, cientificamente legítimas - quadro teórico esse que serve de base de referência e de legitimação ao processo de investigação. É só a partir de um determinado quadro de referências teóricas que se torna possível a construção de objectos de investigação, bem como a delimitação de hipóteses operacionais. Gerar-se-ão então, modelos conceptuais e heurísticos que se vão complexificando à medida que se multiplicam as hipóteses, à medida que se desenvolve a construção conceptual do objecto. A verificação empírica das hipóteses constitui a fase seguinte, só possível a partir da análise dos dados recolhidos e da comparação destes com os pressupostos teóricos e conceptuais assumidos.

Este processo que pode parecer ilusoriamente fácil, em função da apresentação sumária efectuada, é no entanto complexo, dinâmico e extremamente exigente quando operacionalizado. No entanto, e a par destes adjectivos, existem também outros inerentes à consideração da investigação sociológica como uma aventura duplamente enriquecedora. Enriquecedora do objecto observado, enriquecedora do sujeito que observa. Um exemplo real dessa dupla componente está consubstanciado no presente trabalho.

A caminhada de investigação desenvolvida desenrolou-se por etapas. Numa primeira etapa, procurámos colocar-mo-nos ao corrente das principais perspectivas teóricas da juventude, para a partir das mesmas, e numa segunda fase, operacionalizar a metodologia de análise e interpretação do objecto de estudo. Foi, assim, necessário, cruzar contributos da Sociologia e

da Psicologia Social, que nos forneceram pistas estratégicas na “forma” e no “como” do estudo da realidade juvenil. Falar de valores e aspirações profissionais dos jovens é referir um conjunto multifacetado de dimensões ideológicas, de traços simbólico-culturais, que devem ser assumidos como efeito de um fundo comum e heterogéneo de recursos socialmente disponíveis. Nesse sentido, falar de valores e aspirações profissionais implicou discutir os conceitos de socialização e de identidade enquanto processos partilhados e “moldados” pelo contexto envolvente, e enquanto geradores de sentido, de significado desse mesmo contexto. Os valores e as aspirações profissionais são construtos simbólicos construídos em função da matriz psicafectiva, relacional e social de cada indivíduo (Ambrósio, 1986).

Foi no quadro destes pressupostos teóricos que se operacionalizou o presente estudo com o objectivo de analisar os valores e as aspirações profissionais dos jovens do Concelho de Beja. Caracterizar e compreender os seus valores e aspirações profissionais, permite, sem assumir nenhum pressuposto prospectivo, captar o significado e significante de duas dimensões fundamentais da realidade juvenil presente e futura. O que valorizam, o que pensam , o que aspiram, constituem testemunhos individuais representativos de uma certa forma de estar e conceber a realidade, bem como de perspectivar estar.

O presente trabalho, testemunho da caminhada de investigação desenvolvida, ficou dividido em 5 capítulos, ao longo dos quais, procuramos reflectir os níveis analíticos em que o problema se nos colocou e em que se pretendeu interpretar os resultados.

No 1º capítulo, é definida a área problemática, bem como os objectivos, a hipótese geral e as hipóteses específicas operacionalizadas. Neste 1º capítulo é dado a conhecer ao leitor as principais questões norteadoras da investigação determinantes na definição das estratégias de reflexão teórica-conceptual e de operacionalização metodológica.

O quadro teórico-conceptual está definido no 2º capítulo, e estruturado em função de 3 conceitos fundamentais: juventude, identidade social e identidade profissional. Subjacente a estes, foram também

discutidos os conceitos: valores e representações sociais e aspirações profissionais. O enquadramento teórico é resultado do cruzamento de contributos de vários autores, nomeadamente daqueles que desenvolveram trabalho empírico na área.

Depois da fundamentação teórica, surge o capítulo da metodologia. Este 3º capítulo é dedicado à caracterização dos procedimentos operacionais subjacentes à construção da amostra, à operacionalização das variáveis, à concepção do instrumento de recolha de dados bem como do protocolo da sua análise.

É no 4º capítulo que é feita a caracterização da expressão local dos valores e aspirações profissionais dos jovens. Os resultados obtidos permitiram construir e identificar os perfis valorativos dos jovens em relação à família, aos amigos, à escola, ao dinheiro e à sociedade. A análise das aspirações profissionais permitiu, por sua vez, construir uma tipologia de profissões desejadas, bem como discriminar o perfil valorativo e familiar subjacente a cada tipo. Foram construídos quatro tipos de combinações específicas entre as aspirações profissionais e os perfis valorativos e familiares dos jovens.

Na última parte do trabalho constam as considerações finais estruturadas em função de uma síntese geral das características fundamentais dos perfis valorativos e aspiracionais dos jovens. Nesta última parte procuramos deixar algumas pistas para reflexão, no quadro da importância do estudo da realidade juvenil enquanto componente estratégica do processo de concepção e dinamização do desenvolvimento regional.

1. O PROBLEMA EM ESTUDO

1.1. TEMA

A inter-relação existente entre a sociedade e o mundo do trabalho constitui a área temática geral na qual se enquadra o presente estudo. O trabalho e concretamente a actividade profissional, é um núcleo estruturador da vida social dos indivíduos nas sociedades contemporâneas. É importante não só em si, mas também pelas articulações que estabelece com outras esferas: família, lazer, aspectos económicos e materiais, política e até mesmo, a organização do tempo e do espaço. Existe assim, uma evidente relação estruturante e estruturadora entre a sociedade e o “mundo do trabalho”.

A profissão de um indivíduo tem uma forte influência, também, sobre o seu sistema de valores e representações e, em última instância sobre o seu posicionamento no espaço social, não só em termos de estilo de vida, como de projectos e estratégias pessoais de reprodução e mobilidade social.

A relação com o mundo do trabalho, com etapas e processos que, de uma forma contínua e dinâmica, se vão estruturando no espaço e no tempo, influencia o desenvolvimento físico e psicossocial de qualquer indivíduo. Em função da mesma, os indivíduos definem expectativas, aspirações, valorizações e trajectórias e adquirem experiências que mais do que testemunhos individuais, ajudam a compreender os valores e as maneiras de estar e ser de uma dada sociedade.

Partindo destes pressupostos pareceu-nos interessante estudar o lugar que o trabalho, e em particular, a profissão ocupa no quadro das preocupações e aspirações dos indivíduos. Este interesse é reforçado face à situação actual do mercado de trabalho em Portugal. De facto, as últimas décadas testemunham alterações sociais e económicas significativas, impulsionadas sobretudo pelo novo estilo de organização política implementado a partir da Revolução de Abril de 1974, e, principalmente, pela entrada de Portugal na C.E.E.

O período que decorreu entre 1986 e os primeiros anos da década de 90, são marcados pela recuperação e inversão do comportamento de alguns indicadores económicos. É um período caracterizado por um mais forte crescimento económico, devido fundamentalmente ao impacto dos fundos estruturais na reestruturação e modernização do sector empresarial, que possibilitou, nomeadamente, a diminuição da taxa de desemprego para níveis significativamente menores do que os até ai registados. No entanto, esta tendência inverteu-se no período que se iniciou a partir daí.

Apesar da conjuntura económica actual ser definida como *estabilizada*, (Pedroso,1998), a balança da oferta e procura de emprego reflecte desequilíbrios que tendem a agravar-se. Por outro lado, mantêm-se desajustamentos estruturais que se manifestam através de situações de subemprego, precarização das condições contratuais e dificuldades de inserção profissional. Esses desequilíbrios mostram ainda o desajustamento existente entre o tipo de formação exigido e o efectivamente detido pela nova população activa (Lopes,1995) .

Diminuída a procura e simultaneamente aumentados os critérios de exigência no recrutamento, é cada vez mais difícil o processo de inserção profissional dos jovens. Estes constituem a ser, efectivamente, um dos grupos mais vulneráveis às recentes alterações no mercado de trabalho.

Em síntese, de acordo com a actual conjuntura que caracteriza o mercado de trabalho em geral, e o profissional em particular, pareceu-nos interessante, e também estratégico, compreender os contornos da relação existente entre os jovens e o mundo do trabalho, e entre os jovens e o processo de construção da identidade profissional.

A fase de construção da identidade profissional é um momento único, etapa fundamental de todo o processo de desenvolvimento humano. Nesta fase o indivíduo, o jovem, é forçado a fazer opções, a definir estratégias. Face às variáveis em jogo quais são então, os condicionamentos dessas escolhas? O que escolhem? Porque escolhem? O que pensam, o que valorizam. Em síntese, o que esperam os jovens do mundo profissional em geral, e como se situam em relação ao mesmo?

1.2. O PROBLEMA: OBJECTIVOS E HIPÓTESES

Na última década a passagem para a vida activa tornou-se uma das questões centrais da problemática juvenil. A maior parte dos jovens atravessa, num dado momento da sua vida, um período crítico de inserção social e profissional. Para uns, essa situação será meramente transitória e de duração mais ou menos breve, mas para outros, poderá prolongar-se por um período indefinido, ou então alternar entre períodos de emprego e desemprego. O acesso a um emprego suficientemente remunerado e estável que assegure uma independência material, é um objectivo que, na maior parte dos casos, só é conseguido após uma permanência prolongada no mercado de trabalho. As dificuldades de inserção profissional têm, por seu turno, contribuído para o prolongamento do período juvenil e reforçado algumas das formas de dependência social e económica dos jovens, em especial em relação à família de origem.

O agravamento das condições de passagem à vida activa adulta está directamente relacionado com as mudanças económicas e tecnológicas que ocorrem actualmente em ritmo vertiginoso. Estas razões não são, no entanto, as únicas nem as principais. Muitos dos problemas de transição para a vida activa e adulta devem-se mais às alterações registadas nos modos de socialização juvenil. A socialização juvenil nas sociedades industriais é cada vez mais influenciada pela “cultura de consumo”. Afastados do mundo do trabalho, por períodos cada vez mais longos, relegados para um isolamento etário (a classe de idade) e institucional (a escola, a ocupação dos tempos livres, etc.), os jovens tendem a consolidar uma relação indirecta e mediatizada com o contexto e a sociedade envolvente (Perron,1971). Deste modo, a identidade juvenil torna-se, cada vez mais tributária dos valores e das orientações surgidos com o desenvolvimento da cultura da sociedade de consumo e comunicação de massa (individualismo, desafecção do social, etc.). Até que ponto esses valores e essas orientações influenciam a relação do jovem com o processo de inserção profissional, é uma pergunta que cabe neste prisma, colocar.

Parece plausível que os jovens, enquanto conjunto, dificilmente se manterão afastados do processo de desenvolvimento e de difusão dessas culturas, podendo inclusivamente, funcionar como um dos principais pólos do seu desenvolvimento. As culturas de comunicação e de consumo estão indissociavelmente ligadas ao processo de mudança das sociedade “pós-industriais”, e nessa medida, acentuar-se-à a difusão dos valores e das orientações associadas a essas culturas.

As orientações e os valores próprios das sociedade de consumo e de comunicação não só influenciam os processos de socialização juvenil, bem como interferem na própria representação social da realidade. A valorização que essas culturas atribuem ao presente tem contribuído para uma “desqualificação” simbólica da dimensão “futuro”. O próprio ritmo da mudança tecnológica e social ajuda a valorizar o presente quando produz uma imagem incerta e imprevisível do futuro. Neste quadro, os jovens têm cada vez mais dificuldades em articular a sua presente formação com os papéis sociais e, em particular, com os requisitos profissionais necessários num futuro próximo. A imagem de indeterminação que se forma, a partir da dificuldade em antecipar as situações, não contribuirá para o “desinvestimento” no futuro profissional? Ou será que o impacto das representações associadas a este posicionamento “alienante” face ao futuro é reduzido, quando comparado com a influência de factores existenciais individuais? Em síntese, como se posicionam os jovens face ao seu futuro profissional, e quais são os factores que explicam esses posicionamentos?

O futuro profissional está necessariamente associado ao desempenho de uma profissão. Este elemento constitui um dos melhores indicadores operacionais de caracterização do posicionamento dos jovens face ao futuro. A escolha de uma profissão é um processo dinâmico, que se faz por etapas gradativas acompanhando a construção da identidade profissional. Compreender como os jovens se posicionam face ao futuro profissional, implica portanto a análise do processo de construção da sua identidade nesta área. O espaço temporal que imediatamente antecede a inserção no “mundo do trabalho”, caracteriza-se fundamentalmente pela objectivação do

processo de construção da identidade profissional. É um processo dinâmico com períodos marcantes e que se desenrolam, na maior parte dos casos, antes da entrada no mundo do trabalho, e antes do desempenho efectivo de uma profissão. É na fase pré-inserção profissional que o indivíduo é forçado a tomar decisões que se repercutirão directamente no como, quando e na via de entrada no “ambiente” profissional. Nesse processo de decisão é “acompanhado” pela escola, pela família, pelos amigos, espaços de geração, de teste e consolidação de algumas das estratégias escolhidas.

A identificação da profissão desejada é um processo dinâmico onde se cruzam imperativos pessoais e sociais. Este mesmo processo é influenciado pela forma como o indivíduo, neste caso o jovem vê e valoriza a realidade. Por detrás da selecção dos objectivos de vida de qualquer indivíduo está uma matriz simbólica estruturante, que constitui o seu significante e significado.

A partir do exposto conclui-se que as aspirações profissionais constituem indicadores estratégicos do que é e será o posicionamento dos jovens face à realidade social em geral, e à realidade profissional em particular. É e será também um indicador estratégico do futuro e do presente dos contextos sociais em que os projectos profissionais se materializam. A realidade e o futuro de qualquer espaço social depende da realidade e do futuro dos seus elementos activos. Estas considerações ganham significado quando as operacionalizamos num espaço real. Além disso, são reforçadas quando o espaço em causa é testemunha e reflexo da falta de oportunidades para a consecução de projectos e objectivos profissionais em número e qualidade desejáveis, e indispensáveis, para a garantia do presente e do futuro desse espaço. Estamos a falar em concreto do Concelho de Beja, e de uma das características que ressalta do seu retrato sócio-económico. Este é um espaço com contornos específicos do ponto de vista da geografia económica, cultural, política e nacional. É uma das regiões mais pobres do espaço europeu com um balanço demográfico fortemente negativo devido não só a um saldo fisiológico deficitário, como também ao acréscimo constante do êxodo populacional. Constitui pois, uma região de

onde os jovens, num processo que se repete há já algumas décadas, se habituaram a partir à procura de novas alternativas, de novos espaços onde lhes sejam dadas oportunidades para concretização dos seus projectos e objectivos. É portanto uma realidade problemática em si, e em que necessariamente as relações indivíduo- mundo do trabalho e jovem - identidade profissional/ aspirações profissionais adquirem contornos específicos.

As relações indivíduo- espaço social e indivíduo – espaço profissional são sempre distintivas e únicas, bem como simbólicas e culturalmente representativas. A exploração dos contornos específicos destas relações, em particular no período de pré-inserção profissional, mesmo sem propósito prospectivo, permitirá decerto levantar questões pertinentes não só sobre o futuro e o presente individual, mas sobretudo sobre o presente e o futuro do espaço profissional e social em causa. Em síntese, o presente estudo procura caracterizar e compreender o posicionamento dos jovens face ao seu futuro profissional, utilizando como indicadores as suas aspirações profissionais. Estas foram analisadas em função do seu conteúdo objectivo, isto é, a profissão desejada, bem como em função do seu conteúdo simbólico e valorativo. A partir desta inter-relação procurámos dar resposta à questão de partida: *Será que as aspirações profissionais dos jovens estão associadas a quadros simbólico-valorativos e familiares específicos?*

O presente estudo consubstancia-se assim no objectivo central de caracterização dos valores e aspirações profissionais dos jovens, e em particular dos estudantes do ensino secundário do Concelho de Beja. Procura-se com esta pesquisa dar um contributo para a caracterização da expressão local e concelhia da associação existente entre as aspirações profissionais e os quadros simbólico-valorativos dos jovens, conjunto em que o sentido da mesma é especial, dada a fase em que estes se encontram no processo de construção da identidade profissional e social.

Ao longo de todo o estudo, e com base nos contributos teóricos recolhidos, serviu-nos como linha orientadora da pesquisa a hipótese:

As aspirações profissionais dos jovens diferem de acordo com os valores e as condições sócio-económicas familiares que as enquadram.

O grupo alvo em análise está numa fase decisiva do processo de construção e consolidação dos valores e representações acerca da realidade que o rodeia, bem como acerca das profissões. Estes reflectem-se na sua forma de ver e valorizar certos aspectos estruturantes da sua realidade, e nas profissões que aspiram.

A situação sócio-económica da família tem influência nas representações dos jovens sobre as profissões. A família, enquanto instituição é influenciada pela situação profissional dos seus componentes activos; estes emitem deliberadamente ou não, pareceres valorativos decorrentes da sua identidade profissional relativamente ao mundo do trabalho e às profissões, assim como da sua relação com determinadas condições de vida e de status ou visibilidade social. Este contexto de socialização é determinante na construção das respectivas referências valorativas dos jovens, já que estes dependem do nível sócio-económico dela e da sua família. Assim, um contexto sócio-económico difícil, desfavorável ou instável, levará o jovem a demonstrar maiores preocupações de ordem material- materialistas, enquanto que um contexto mais favorável levará o jovem a privilegiar preocupações mais pós-materialistas. Estas preocupações /valorizações materialistas ou pós-materialistas reflectir-se-ão, por sua vez, no tipo de profissões desejadas, e nos motivos de escolha das mesmas.

2. OS VALORES E AS ASPIRAÇÕES PROFISSIONAIS DOS JOVENS

2.1. PROBLEMAS SOCIAIS E PROBLEMAS SOCIOLÓGICOS DA JUVENTUDE

Os *problemas sociais* são problemas que emergem de uma realidade material e social (real-social), cuja solução passa forçosamente pela concepção de uma realidade distinta . No plano dos problemas que afectam a juventude, como sejam, a droga, a delinquência, o desemprego, o emprego precário, a discriminação na procura do primeiro emprego, a lógica resolutive passa pela projecção inevitável de uma modificação do real-social. Num plano distinto encontramos os problemas sociológicos dirigidos essencialmente à interrogação da realidade: Será esta o que parece ser? Por que se fala em problemas da juventude? Sempre os houve? Como surgiram? São interrogações deste tipo que podem originar problemas de natureza teórica.

Estas duas formas de problematização– uma que radica em problemas sociais e outra em problemas sociológicos – têm origem completamente distinta, mas não conflitual (Sedas Nunes, 1968). No entender deste autor, “ *o interesse pelos problemas sociais não entra necessariamente em conflito com o gosto de conhecer as realidades sociais:*” (Sedas Nunes, 1968: 35). Pelo contrário, os problemas sociais e sociológicos são compatíveis e de complementaridade necessária. No que concerne à Sociologia da Juventude, o trabalho que tem vindo a ser feito assenta na reconversão sociológica das questões e problemas sociais que afectam a realidade juvenil (Machado Pais, 1990). A práxis implica a teoria, e se tão importante é apresentar soluções para alguns desses problemas, situações e comportamentos, as mesmas não podem estar dissociadas de uma conceptualização coerente da realidade. Esta conceptualização implica, no entanto, na maioria das vezes”... *a destruição das pré-noções construídas acerca do objecto em análise, imperativo fundamental na área temática da juventude, dado ser este um campo onde as implicações ideológico-políticas são nítidas*” (Machado Pais, 1993: 42).

Este trabalho implicou (e implica ainda hoje), confrontar e estabelecer rupturas com algumas das representações cristalizadas sobre a juventude, isto é, romper “...com a *doxa dominante*”(Machado Pais, 1990:139).

Com efeito, a juventude é uma categoria socialmente manipulada e manipulável e, “*o facto de se falar dos jovens como uma unidade social, um grupo dotado de interesses comuns e de se referirem esses interesses a uma faixa de idades constitui, já de si, uma evidente manipulação*” (Bourdieu, 1980:145). A reconversão operacional necessária implica, portanto, romper com pressupostos e interpretações criadas e consolidadas a partir de uma certa forma a-científica de ver a realidade.

Na verdade, nas representações correntes da juventude, os jovens são tomados como fazendo parte de uma cultura juvenil *unitária*. No entanto, a questão que se coloca à sociologia da juventude é a de explorar não apenas as possíveis ou relativas similaridades entre jovens ou grupos de jovens (em termos de situações, expectativas, aspirações, consumos culturais, por exemplo) mas também – e principalmente – as diferenças sociais que entre eles existem. Por conseguinte, “...*não se vê como possam englobar-se, numa mesma geração – e num mesmo grupo, indivíduos que, apesar de coetâneos e portadores do sentimento comum de se encontrarem em presença de outras gerações na sociedade, se identificam a si mesmos como pertencendo, por exemplo, a classes sociais, grupos ideológicos ou grupos profissionais diferentes.*” (Sedas Nunes, 1968: 91). A identificação de uma cultura juvenil unitária representa por isso, um dos principais paradoxos, com que os teóricos desta área tiveram que lidar. Trabalho dificultado já que esses mesmos paradoxos estão presentes no discurso político e ideológico dominante. Aliás, aqueles que se dedicaram a explorar a problemática da juventude, têm eles próprios, vacilado na discussão da legitimidade científica de tal pressuposto, o que se projectou na criação de duas tendências:

- a) Numa delas, a juventude é tomada como um conjunto social cujo principal atributo é o de ser constituído por indivíduos pertencentes a uma dada *fase de vida*. Nesta perspectiva teórica prevalece a

busca dos aspectos mais uniformes e homogêneos que caracterizam essa fase de vida, aspectos que fazem parte de uma cultura juvenil, específica, portanto de uma geração definida em termos etários. Esta é a tese perfilhada pela denominada corrente geracional. Para esta, *“...as experiências de determinados indivíduos são compartilhadas por outros indivíduos da mesma geração, que vivem, por esse facto, circunstâncias semelhantes e que têm de enfrentar-se com problemas similares.”* (Machado Pais 1990 a:140).

- b) Noutra tendência, contudo, a juventude é tomada como um conjunto social necessariamente diversificado, perfilando-se diferentes culturas juvenis em função de diferentes pertenças de classe, diferentes situações económicas, diferentes interesses, diferentes oportunidades ocupacionais, etc. Isto é, nesta tendência, a juventude é tomada como um conjunto social cujo principal atributo é o de ser constituído por jovens em diferentes situações sociais. Neste outro sentido, seria um abuso de linguagem, como refere Bourdieu (1980) e Olivier Galland (1985) entre outros, resumir sob o mesmo conceito de juventude universos sociais que não têm entre si praticamente nada em comum. Estes, bem como J. C. Passeron, são alguns dos dignos representantes da denominada corrente classista. A reprodução social é fundamentalmente vista em termos da reprodução das classes sociais. *“A transição dos jovens para a vida adulta encontra-se sempre pautada por mecanismos de reprodução classista não apenas ao nível da divisão sexual do trabalho, mas também a outros níveis.”* (Galland,1985:78). As distinções simbólicas entre os jovens (diferenças de vestuário, hábitos linguísticos, práticas de consumo, etc.) são vistas, como diferenças interclassistas e raramente como diferenças intreclassistas .

As culturas juvenis aparecem geralmente referenciadas a conjuntos de crenças, valores, símbolos, normas e práticas que determinados jovens dão mostras de partilhar, no entanto esses elementos tanto podem ser *próprios* ou *inerentes* à fase de vida a que se associa uma das noções de *juventude*, como podem, independentemente ser derivados ou assimilados, quer de gerações precedentes (de acordo com a corrente geracional da juventude), e/ ou das trajectórias de classe em que os jovens se inserem (de acordo com a corrente classista). Esta evidência demonstra assim, a inconsistência das formas de *ver* a juventude, defendidas pela corrente geracional/fase de vida e pela corrente classista, num sentido puramente exclusivista.

Os diferentes sentidos que o termo *juventude* tem tomado, constituem “...*paradoxos da juventude*” (Machado Pais, 1993: 35) e que têm, ao longo do tempo, permeado, toda a construção interpretativa nesta área.

2.2. A JUVENTUDE – CONCEITOS E IMPLICAÇÕES

A juventude, tal com hoje é sociologicamente entendida, é uma realidade social historicamente recente, criada pelas modernas sociedades industrializadas e escolarizadas.

Com efeito, o termo juventude traduz um hiato social que decorre entre a infância e a maturidade humana, entre a total dependência social e a emancipação que se alcança com a obtenção do estatuto social de adulto. Ora o acesso à idade adulta é basicamente determinado pelo ingresso na vida activa, ou seja, pelo início de uma ocupação profissional, e completa-se pela aquisição de uma autonomia social, que se corporiza pela emancipação não só económica, mas também familiar, e pela aquisição de direitos e deveres cívicos. A juventude é por isso, uma situação social intermédia, de carácter temporário e transitório, situada entre a capacidade social e o seu efectivo exercício, em que a *co-habitação* de aspectos, quer de dependência infantil, quer de aumento da maturidade lhe conferem uma natureza híbrida. Os limites da juventude, porque não são determinados apenas, nem pela

natureza biológica, nem pela idade cronológica, mas sobretudo pelas condições socioculturais (embora os critérios biológicos e etários sejam socialmente articulados para a configuração da juventude), são extremamente fluídos e variam de sociedade para sociedade, de acordo com a progressiva divisão social do trabalho e com as exigências de especialização do processo produtivo.

A juventude, como intervalo que decorre entre a maturidade física e a maturidade social, “...era nas sociedades primitivas, praticamente inexistente, já que nelas eram coincidentes essas duas maturidades” (Bidwell, 1971: 290). Com a modernização das sociedades, e correspondente complexificação do desempenho de funções sociais, tem-se vindo a assistir, no entanto, ao prolongamento da aprendizagem social ou socialização dos actores. São sobretudo as crescentes necessidades de qualificação e especialização ocupacionais, que têm retardado progressivamente, o ingresso na idade adulta, conduzindo ao aumento significativo do corpo social de aprendizes e de futuros *cidadãos*. É nesse sentido que a juventude é produto histórico resultante do processo de industrialização tecnológica das sociedades, e da escolarização de massas.

O conceito de juventude além de historicamente recente é socialmente relativo. Os limites de idade, tanto da juventude como da chamada *terceira idade*, não são limites puramente cronológicos, mas eminentemente sociais e culturais traçados fundamentalmente, em função da capacidade activa, ou seja, da capacidade de participação na produção e reprodução da própria sociedade. A juventude e a velhice são essencialmente, *frutos* da divisão etária do trabalho.

Discutir o conceito de juventude enquanto fase de vida implica assim, reconhecer o seu eminente carácter relativo, dependente das condições sociais e históricas que marcam em cada contexto o início e o terminus de cada fase . Esta relatividade induzida pela própria diversidade antropológica conduz-nos por isso à discussão da homogeneidade/ heterogeneidade que se joga e jogará sempre neste campo semântico.

As transformações nas relações de produção, nos saberes e competências, e nos novos papéis, conduziram nos últimos anos a uma incerteza de estatutos, fragilidades nas relações sociais, trajectórias menos determinadas e mais complexas. Estas transformações traduziram-se numa quase total imprevisibilidade quanto às fronteiras e limites dos ciclos de vida, o que logicamente fez cair por terra toda e qualquer tentativa que procura sustentar a homogeneidade da juventude sob o critério dos limites etários. Se na nossa cultura europeia podemos falar numa fase de transição entre a infância e a idade adulta, compreendida numa faixa larga entre os 15 e 29 anos, outras culturas traduzem outros limites. A adolescência constitui por esse facto, uma fase de vida com limites cronológicos flutuantes variando a sua duração de cultura para cultura (Mead: 1935; Reuter: 1937).

A segmentarização do curso de vida em sucessivas fases – a juventude aparece associada a uma delas – é, por conseguinte, produto de um complexo processo de construção social. Para podermos trabalhar o campo subjacente à realidade da juventude, teremos que forçosamente partir desse princípio nuclear, isto é, a interpretação do significado e significante social que é inerente a todo o real-social. A juventude enquanto conceito, a juventude enquanto grupo, a juventude enquanto fase de vida com problemas, interesses e aspirações de contornos próprios, é produto do processo de interacção e mudança social estruturante de cada contexto.

Conceptualizar a juventude enquanto objecto de estudo implica saber confrontar dois eixos semânticos : como aparente unidade (quando referida a uma fase de desenvolvimento psicossociológico próprio e que se desenrola num espaço de idades socialmente determinado) e como diversidade (quando estão em jogo diferentes atributos sociais que fazem distinguir os jovens uns dos outros).

Tentar uma aproximação científico-analítica ao mundo da *juventude*, exige assim, nesta ordem de ideias, “... *um radical ascetismo de vigilância epistemológica que nos obriga a partir do pressuposto metodológico de que, a juventude não é, com efeito, socialmente homogénea.*” (Sedas Nunes, 1968:24).

Na verdade, a juventude aparece socialmente dividida em função dos seus interesses, das suas origens sociais, das suas perspectivas e aspirações. É nesse sentido que vão as conclusões dos estudos sobre a temática. Insiste-se pois neste ponto, a juventude pode ser tomada como uma unidade (quando referida a uma fase de vida, histórica e socialmente significativa) como ser tomada no sentido de conjunto social obviamente diversificado. Quase poderíamos dizer, por outras palavras, que a juventude ora se nos apresenta como conjunto homogéneo, ora se nos apresenta como um conjunto heterogéneo: homogéneo se comparamos a geração dos jovens com outras gerações; heterogéneo se a interpretarmos, como um conjunto social com atributos sociais que diferenciam os jovens uns dos outros.

Sendo assim, como se pode falar da juventude como um fenómeno sociologicamente homogéneo? O interessante será justamente dar conta das possíveis diferentes discontinuidades e rupturas que marcam a transição dos jovens – ou melhor, de determinados grupos sociais de jovens para a vida adulta. Para dessas possíveis discontinuidades e rupturas dar conta, torna-se, no entanto, necessário olhar a juventude não apenas como um conjunto social cujo principal atributo é o de ser constituído por indivíduos pertencentes a uma dada fase de vida, mas também como um conjunto social com atributos sociais que diferenciam os jovens. De facto, torna-se necessário passar do campo semântico da juventude que a torna como unidade para o campo semântico que a torna como diversidade.

Os jovens devem ser analisados em função da diversidade de origens, trajectórias, gostos, opiniões, interesses e aspirações, sem escamotear, no entanto, e simultaneamente os paralelismos que se estruturam nesta fase de vida. Não estamos apenas a invocar o factor etário, mas sobretudo, processos de desenvolvimento bio-psicossociológico que fazem da adolescência e, em sentido amplo, a juventude, um período especial do desenvolvimento humano.

2.3. A JUVENTUDE E A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE

As mudanças psicológicas e as mudanças na rede de relações sociais destacam-se enquanto causa e efeito da fase especial de desenvolvimento humano designada de juventude. O desenvolvimento psicológico projecta-se no tipo e quantidade de relações familiares e extra-familiares construídas. O indivíduo, nesta fase, sente a necessidade de experimentar novos espaços que consolidem a sua “construção pessoal e social” no sentido de saciar o seu “mito” de autonomia. A uma alteração da posição do jovem no sistema de relações familiares corresponde uma alteração na sua rede de relações sociais : *“...ao desejo de autonomia, capacidade de desautorização e desidealização dos pais, ocorre em paralelo um investimento em grupos afiliativos por indivíduos do mesmo segmento etário”*(Figueiredo,1988: 49). Utilizando a linguagem típica de K. Lewin, (célebre principalmente pela sua teoria de dinâmica de campo) diríamos que o conjunto de factores anteriormente enumerados se conjugam na configuração de um novo campo psicológico e de um novo campo social. Não são apenas novas variáveis psicológicas que passam a accionar o comportamento dos jovens, mas também novas variáveis ecológicas: o adolescente ou jovem passa a ser estimulado e a actuar sobre um novo conjunto de forças físicas, ambientais, institucionais e grupais. Será nesses novos espaços que se projectarão os seus interesses e ambições.

O processo através do qual o ser humano vai acedendo a etapas sucessivas da sua autonomia é fortemente marcado pelas características culturais do meio social considerado. Ao longo da infância, adolescência e juventude cada pessoa vive um processo de maturação na sua própria cultura. Maturação que conceptualmente é designada de socialização.

Tentar compreender a socialização do jovem, ser humano, numa determinada cultura é estar interessado no processo de interacção entre um corpo sociocultural determinado e um indivíduo, que terá que ser considerado como pessoa que atravessa um processo de “construção individual e social”. Trata-se portanto da interacção entre duas realidades

vivas, dinâmicas, de tipos diferentes, mas qualquer uma delas caracterizada por uma capacidade potencial de auto-organização. Compreende-se, portanto, que a análise das modalidades de interação entre o universo sociocultural e a pessoa em maturação seja extremamente difícil dada a complexidade dos termos em presença.

Nas várias tentativas que têm sido feitas, ao longo do tempo, para descrever esta interação, podemos distinguir duas leituras. Num certo sentido estas duas leituras devem ser consideradas como dois tipos, entre os quais se situa um contínuo de leituras possíveis.

A Socialização como instância de reprodução social

Numa primeira leitura o acento tónico é posto sobre a instituição ou a sociedade que pré-existe ao indivíduo. Assim, é suposto que no processo de socialização cabe ao ser humano, ao indivíduo, adaptar-se à sociedade. Considera-se, então, implicitamente que a sociedade ou a comunidade é, num tal contexto, estática e que, o único movimento exigido nesta interação se situa do lado do indivíduo. Sendo a socialização compreendida como a submissão do jovem indivíduo a um quadro que lhe é exterior, estranho, *"...é explícito o carácter oprimente atribuído ao processo, encarado essencialmente numa perspectiva de reprodução social."* (Galland, 1991:78). O ser humano, não é considerado na sua totalidade, globalidade e complexidade. De facto, ignora-se, a capacidade potencial de auto-organização que toda a pessoa humana tem, e que manifesta nas etapas de maturação porque passa, enquanto criança, adolescente, jovem e mais tarde adulto. Neste quadro, o indivíduo é visto como um produto social, condenado a reproduzir a estrutura social existente.

Socialização como iniciação ao *jogo das trocas*

Numa outra leitura considera-se que o elemento fundamental, de todo o processo de socialização é a comunicação, traduzida na entrada progressiva do indivíduo no mundo simbólico e no universo cultural em que este cresce (Galland, 1991). Estes dois aspectos são capitais na

compreensão das primeiras etapas da vida. Nesta perspectiva, a sociedade não é vista como instituição à qual a pessoa humana está condenada a submeter-se. A sociedade é, neste contexto, considerada como uma realidade complexa que assenta num conjunto de trocas, de prestações e contraprestações, que envolvem as pessoas e os parceiros em questão na sua globalidade. E, isto, quer elas participem desde há muito ou acabem de começar a iniciar-se neste jogo complexo de trocas.

Neste sentido, "... a socialização corresponde à participação progressiva da criança, do adolescente ou do jovem ao jogo das trocas complexas que fazem a sociedade existir." (Resenmayr, 1969: 326). Nesta interpretação a socialização não pode ser isolada do processo através do qual, o jovem, o ser humano, atribui significado ao que vive num determinado contexto. Isto significa, que o ser humano deve ser considerado na sua realidade de pessoa, com toda a complexidade que isso implica, não excluindo simultaneamente a dimensão simbólica que o caracteriza. Está-se portanto, bem longe duma interpretação que reduza o ser humano à sua dimensão de indivíduo – exemplar anónimo da sua espécie.

São vários os nomes de investigadores que poderíamos aqui invocar, quer na área da Sociologia , quer na da Psicologia, Psicologia Social e inclusivamente na Psicanálise que cruzaram argumentos entre os dois tipos de leitura da socialização e da integração social do indivíduo, atrás invocados. Não é nosso propósito, no entanto, explorar no concreto e extensamente esta questão, mas tão só, situar-mo-nos relativamente às actuais perspectivas teóricas, que necessariamente deveremos discutir afim de enquadrar a problemática em estudo.

Explorar a relação indivíduo – sociedade implica antes de mais, e sempre, reconhecer a complexidade inerente à mesma. A "construção social" de qualquer indivíduo, e em última instância da sociedade, depende dessa relação. Em posição reducionista estaríamos, se perfilhássemos a ideia de que não se trata mais do que um jogo de adaptação individual face à estrutura social existente, ou como Durkheim o define, "... um simples processo de adaptação do indivíduo às regras e leis de conduta social

institucionalizadas.” (Dubar 1996(1991): 21). O homem interage directamente com a realidade que o rodeia, e retirar-lhe tal atributo é reduzir a capacidade humana ao factor zero, e considerar que a mudança social é um processo reprodutivo e não um sistema evolutivo diferencial.

Ao falarmos de socialização temos que necessariamente discutir as implicações do processo interdinâmico que lhe estão subjacentes. Jean Piaget, que pela primeira vez tentou relacionar explicações biológicas e psicológicas de desenvolvimento e integração social da criança com as explicações sociológicas, define o desenvolvimento mental da mesma como uma construção que se concretiza numa sucessão de estádios pelos quais esta passa. Trata-se de um processo de *equilibration*, em que encontramos dois elementos : as *estruturas*, formas de organização da actividade mental, e o *funcionamento*, que permite a passagem de uma estrutura a outra através de sucessivos momentos de desequilíbrio e reequilíbrio, ocasionados pela confrontação com situações novas e com todo o tipo de aprendizagens. Assim, a *equilibration* é a “... *passagem perpétua de um estágio de menor equilíbrio a um estágio de equilíbrio superior.*” (Piaget, citado por César, 1996: 159). Ou seja, a socialização da criança, do jovem é, “... *um processo activo de adaptação contínua a formas mentais e sociais cada vez mais complexas .*” (Dubar, 1996 (1991):12), ao mesmo tempo que tem uma dupla dimensão cognitiva, portanto individual, afectiva e relacional. A adaptação resulta, da articulação de dois movimentos complementares : a assimilação de factores externos às estruturas já existentes e a acomodação das estruturas face às transformações do meio. Este processo traduz-se em *condutas*, que são respostas do indivíduo às necessidades que ele experimenta na sua interacção com o meio que o envolve, e que são encaradas como desequilíbrios, tensões que, quando resolvidas, resultam no desenvolvimento da criança , na sua socialização. O processo de socialização caracteriza-se assim, pelo binómio estímulo-resposta que se ajusta progressivamente às novas necessidades do indivíduo em pleno desenvolvimento cognitivo. A socialização é um processo que pressupõe um *ajustamento* entre o agente socializado e os agentes

socializadores, e não uma simples inculcação de regras e valores dos segundos no primeiro (Percheron,1974). Esta autora, considera o posicionamento teórico de Durkheim redutor, já que aniquila, a dinâmica construtiva do processo de desenvolvimento psicossocial do indivíduo. *“A socialização é pelo contrário, um processo de aquisição de códigos simbólicos resultantes da transacção indivíduo – sociedade.”* (Percheron,1974: 65). Esta ideia é uma implicação directa da teoria piagetiana. Piaget, ao assumir que a socialização não é mais do que o resultado de dois processos diferentes mas interactivos, assimilação e acomodação, realça o posicionamento estruturante e estruturador do indivíduo em todo este processo. Estruturante enquanto receptor dos códigos simbólicos de conduta consensualmente validados, estruturador enquanto crítico e interprete desses mesmos valores, normas e símbolos (Piaget, 1965) .*“A socialização toma lugar no ponto de encontro ou de compromisso, entre as necessidades e desejos do indivíduo e os valores dos diferentes grupos com os quais mantém relação.”*(Percheron, 1974:78).

A teoria piagetiana de socialização da criança permite, assim, uma dupla ruptura :

- uma ruptura com a concepção de socialização enquanto forma de inculcação passiva de regras, normas e valores, tal como é defendido pela concepção funcionalista da socialização. Este é um paradigma simplista e redutor, que tem uma concepção determinista e mecanicista das práticas individuais enquanto comportamentos aprendidos (Dubar, 1996 (1991)).
- uma ruptura com a representação linear e unificada da socialização, enquanto processo de acumulação de conhecimentos e competências. As noções de estado e de processo de equilíbrio são reavaliadas em função da concepção dinâmica de socialização da criança, como processo coerente mas provisório de desestruturação e reestruturação de equilíbrios numa perspectiva de evolução dialéctica.

A Socialização como processo interactivo

O processo de desenvolvimento individual, para além de interactivo, é também participado. Participado por todos os diversos elementos que por função mais ou menos formalizada ajudam e complementam o processo de integração social. São eles os colegas de turma, os amigos, os professores, os pais, os parentes mais próximos, que constituem elos de ligação com o espaço social total envolvente, bem como elementos de referência e de pertença, fontes de aconselhamento e de aprendizagem. Estes espaços de desenvolvimento das relações sociais, são dinâmicos e progressivos, já que alargam-se, acompanhando o desenvolvimento fisiológico e cognitivo. Se enquanto criança as relações estabelecidas e existentes nos ambientes familiar e escolar são as mais privilegiadas, em fases posteriores do desenvolvimento individual, o indivíduo *abre-se* para outro tipo de necessidades e experiências, das quais resultam necessariamente, um abrir dos seus horizontes sociais. Trabalhar com a realidade individual dos jovens e/ ou crianças, implica necessariamente partir deste pressuposto operacional. Ou seja, perceber a realidade juvenil, as suas opiniões, as suas valorizações, os seus comportamentos traduz-se num trabalho inócuo se descontextualizado, ou melhor, despersonalizado, dos agentes tidos por eles jovens, como elementos de referência e que determinaram de modo específico, a fase precedente de crescimento.

A realidade infantil, juvenil é influenciada pelo tipo de experiências que desenvolvemos com os que nos rodeiam. Aprendemos com exemplos. Aprendemos em função daquilo que os outros sabem e nos dão oportunidade de conhecer, aprendemos em função dos seus limites, ou seja, *“...dos seus automatismos, disposições, saberes e “operadores simbólico-culturais” específicos.”*(Madureira Pinto, 1991:22).

Este processo de aprendizagem ocorre em grupos ou contextos sociais, ou seja junto e com os agentes de socialização. Durante a infância, o contexto privilegiado é a família. É a família o primeiro elo de ligação quer com a realidade física, quer com a realidade social. É no seio da família que cada um de nós esboça os primeiros sons, as primeiras tentativas de

comunicação com o outro, erra nos primeiros passos, contacta e mexe com o que o rodeia. A aventura inicial é feita em família. Cabe aos pais, um papel estratégico no desenvolvimento da criança desde o seu primeiro olhar, desde o seu primeiro gesto, eles representam o fio condutor desta fase. Todo o processo subsequente de “des-envolvimento”, de crescimento biológico e psicossocial, é condicionado pelo ambiente paterno. É no seu seio que cada indivíduo aprende a sobreviver, a viver, a compreender, a respeitar, a imitar, a recriar, a criar, enfim a compreender-se a si e aos outros, em síntese, a adaptar-se a formas mentais e sociais cada vez mais complexas (Piaget, 1965). Vai alargando e redefinindo simultaneamente, as fronteiras que delimitam os espaços das suas relações sociais.

O desenvolvimento pessoal implica, no entanto, a descoberta de novos espaços e novas pessoas. Os laços de inter-relação alargam-se primeiramente, por vínculos de conveniência, aos vizinhos, parentes colaterais, tornados menos importantes com a entrada na escola. A escola representa um novo espaço de contacto social, onde se conhecem colegas de turma e novos amigos, bem como os professores. A entrada na escola marca uma nova etapa no processo de desenvolvimento de qualquer indivíduo; a escola passa a constituir um dos principais elos de ligação e aprendizagem face à realidade exterior, até porque a tarefa formal de recriar a realidade social ultrapassa, efectivamente, nesta fase de desenvolvimento pessoal, as capacidades reais passíveis de concretização por parte da família. A escola desempenha assim um papel fundamental, enquanto espaço de aprendizagem, de ensaio e exemplificação da vida real, numa fase fundamental de crescimento individual, que medeia entre a fase puramente egocêntrica, caracterizada por uma não distinção do eu e do mundo, e a fase sociocêntrica em que o indivíduo projecta e constrói o papel e posição que pretende assumir no espaço social que o rodeia. Esta última fase denomina-a Piaget, de plena integração social e profissional no meio adulto.

A socialização do indivíduo no período escolar pode ser vista assim, como um caminho de construção do *self*, através dos reflexos de *self* escolar

e do *self* social, que a escola e os grupos sociais de pertença lhe dão como instituidoras do sujeito social estudante (Ambrósio, 1986). Esta autora realça (na linha do defendido também por outros autores, tais como: Musgrawe, Piaget, Erickson, J. Marcia) o papel que os grupos de pertença desempenham na definição do perfil social de cada indivíduo, entre os quais destaca, os colegas de turma, e os amigos. Os amigos para além de pertença desempenham em muitos aspectos funções de referência (Ambrósio,1986).

A criança, o adolescente, o jovem conforme vai crescendo (isto no sentido não só fisiológico mas também social) vai substituindo os pais, pelos amigos, na função de aconselhamento e orientação, ou seja, aqueles com os quais por afinidades etárias, situacionais, cognitivas e sentimentais se sente mais à vontade para partilhar as suas aventuras e descobertas, as suas dúvidas e erros, os seus projectos e objectivos, os seus desejos e aspirações, os seus interesses e opiniões. Por partilha de espaços e situações, os laços de amizade são cada vez mais fortes, e acompanham como estrutura de apoio, todo o processo de construção pessoal e social. *“É nos grupos de pares, que o jovem cria interações com base no consenso, experimenta e explora regras de conduta e conquista status à sua própria custa”* (Musgrave,1994:36).

Em suma, a adolescência ou a juventude constitui uma fase complexa de desenvolvimento individual que reflecte-se em mudanças biofisiológicas, mudanças psicológicas e mudanças na rede de relações sociais. Este fase da vida tem uma vitalidade particular, já que para além do novo campo psicológico e social que se desenha nesta fase, também se verifica uma redefinição identitária. Experimentando e aprendendo com os contextos reais, o indivíduo remodela as suas percepções iniciais, fortemente mediatizadas, e aprende a operacionalizar os contextos, espaços e situações em função daquilo que pretende para si, isto é, inicia, desenvolve e sedimenta o caminho que pretende ser o seu, o referencial do seu percurso de encontro consigo próprio, com o ser social e com a sua identidade.

À procura da identidade psicossocial

As modalidades segundo as quais o novo membro da sociedade ou comunidade viverá a sua integração variam de indivíduo para indivíduo, dependendo fortemente das condições que a sociedade pôs à disposição do mesmo para a sua autonomia. A forma como o jovem vive a etapa que precede o acesso à condição de adulto na nossa sociedade, depende do processo de maturação humana por ele vivenciado até aí.

Cabe a Erickson(1982) uma das principais teorias sobre o processo de organização da identidade. Segundo ele, a concretização deste processo constitui a etapa central na evolução do ciclo vital humano. É um momento de síntese, de transformação de identificações em identidade e de interacção original com o mundo. Na perspectiva da maturação sócio-afectiva o ser humano atravessa diferentes fases de maturação, que são acompanhados por alguns momentos de perturbação. Estes momentos também designados de “*crise*”, não são necessariamente negativos na economia do crescimento humano. “*Poder-se-à mesmo dizer que é nos momentos de crise que o trabalho de reconstrução e reorganização pessoal se elabora de forma mais intensa.*”(Erickson, citado por Rappaport, 1982:18) Cada um destes momentos de passagem é tributário da maneira como os anteriores momentos de reorganização pessoal foram vividos. As crises de crescimento são construídas por duas polaridades:

“Confiança-Desconfiança

Autonomia-Vergonha /Dúvida

Iniciativa-Culpabilidade

Indústria-Inferioridade

Identidade-Confusão de identidade” (Erickson citado por Rappaport, 1982:19).

Os dois termos de cada polaridade significam que a travessia de cada período de transição pode ser realizada com um saldo de dominante positiva ou negativa. A apresentação por ordem das diferentes polaridades significa que cada passagem depende da maneira como as passagens precedentes foram vividas. Assim, se uma criança não pode fazer a experiência da

confiança e da autonomia em momentos precedentes, e quando estas mesmas experiências eram determinantes para o desenvolvimento, ela ficará em certo sentido, menos capacitada para a fase em que for solicitada a tomar iniciativas e a descobrir a sua identidade (Erickson, 1982).

O momento que nos interessa particularmente, neste estudo é aquele que E. Erickson chamou de *“crise psicossocial de identidade / difusão de identidade”*. *“Apesar de ser um momento de crise, pode, também, constituir a fase de desenvolvimento decisiva do que até aí manteve-se atrofiado ou inibido.”*(Erickson, 1982:23).

O trabalho que cada jovem realiza nestes momentos de passagem, pode ser mais ou menos difícil em cada caso concreto. Assim, haverá indivíduos para quem estes momentos de passagem são difíceis, e vividos de uma forma atormentada e tumultuosa, e haverá outros que atravessam esses momentos sem que haja manifestações de grandes perturbações. No entanto, a ausência de exteriorização de sinais de perturbação não significa, *ipso facto*, a ausência de crise. A ausência, por exemplo, de um ambiente de segurança afectiva, onde o jovem pressinta que a sua aceitação está em perigo se o seu comportamento não for conforme às expectativas dos adultos significativos, pode fazer com que a crise seja vivida de uma forma encoberta, extremamente dolorosa e muitas vezes solitária. E isto, apesar de o jovem exteriormente não manifestar quaisquer sinais de perturbação. Inversamente, se o jovem sabe, por exemplo, que usufrui de uma confiança por parte dos adultos significativos e que não será posta em questão pela exteriorização de atitudes inabituais, ele poderá mais facilmente exteriorizar os conflitos que ele atravessa.

O espaço social exterior à família, torna-se progressivamente mais importante. A criança foi alargando o seu campo social, diminuindo a dependência em relação ao ambiente familiar. No período da escolaridade obrigatória este campo social, estrutura-se em função da família, da escola e do grupo de amigos. A modificação da estrutura do campo social influencia a forma como a criança/ adolescente passa a ver a realidade que a rodeia. Durante a infância, a criança joga, brinca, imaginando os cenários que mais

lhe convêm, mas é só no período da adolescência que desenvolve-se nela a consciência de estar situada na sociedade que a rodeia. A consciência de estar situada num ponto x implica a possibilidade correlativa de imaginar que se poderia estar num outro ponto y. Ora este tipo de raciocínio só se torna exequível, uma vez adquirido o conjunto de operações hipotético-dedutivas que J. Piaget afirma só possíveis, por volta dos 15 – 16 anos. “O adolescente, jovem, pode então conceber que as coisas sendo o que elas são, poderiam também ser de outra forma”(Piaget, 1965: 89). É nesta etapa que o futuro se torna interessante para o jovem, visto que, a capacidade de imaginar diferentes possíveis, dá ao futuro uma densidade que não tinha anteriormente.

A maturação psico-afectiva que o adolescente viveu ao longo dos últimos anos, vai permitir-lhe investir na formulação de projectos. Projectos, que consistem “...num compromisso entre, de um lado, as suas aspirações, os seus interesses, o sistema de representações e de valores que tem como referência, e, por outro, os meios de que dispõe, as estruturas sociais de que depende, a manipulação de que é objecto, as possibilidades de mudança que lhe permitirão modificar a sua situação.” (Lawe,1971:123) Projectos, através dos quais, ele busca a sua própria identidade, no campo familiar, afectivo, formativo, social e cultural que estruturam o indivíduo e as suas formas de integração social. A autonomia não se atinge sem se viver um processo de procura da identidade pessoal. Este processo está situado “...no âmago do indivíduo, assim como no âmago da cultura da sua comunidade, processo que fundamenta praticamente a identidade destas duas identidades.”(Erickson citado por Rappaport *et al.*, 1982: 29).

Joseph Marcia, defensor das ideias de Erickson, apresenta-nos também um modelo operacional de trabalho sobre a aquisição de identidade. Para este autor, a aquisição da identidade estrutura-se em 3 compartimentos centrais:

- sexual
- profissional
- ideológico

A aquisição da identidade é um processo dividido em duas etapas. *“Numa primeira etapa, o indivíduo passa por um momento de crise, ou seja, por um momento onde várias possibilidades se descortinam, onde se sente atraído por mais do que uma opção, onde pode questionar as opções até que a escolha que lhe faz sentido se defina. Num segundo momento é necessário que se realize um comprometimento com a opção efectuada, ou seja, que sinta a sua escolha incorporada ao seu ego e que preserve e lute no sentido da sua realização. No plano profissional, isto implicará a avaliação das várias opções atractivas, tendo em conta os modelos que são impostos ou sugeridos dentro de casa, e os que correspondem aos requisitos da sua fantasia”* (Marcia citado por Rappaport *et al.*, 1982:33).

Para este autor, os adolescentes assumem nesta fase do processo de aquisição da identidade 4 posicionamentos básicos: o moratório, o aquisidor, o impedido e o difuso. O moratório é em geral um estágio característico do adolescente inicial. Caracteriza-se por estar *“dentro da crise”* mas os comprometimentos ainda não estão efectuados. O aquisidor ultrapassada a etapa de moratória assumiu o seu modelo de definição da identidade. É o tipo considerado maduro e sadio. O impedido caracteriza-se por ter efectuado os comprometimentos sem antes ter ultrapassado a crise. O difuso nem passou pela crise nem se comprometeu, é o indivíduo para quem em geral só importa viver o momento (Marcia citado por Rappaport *et al.*, 1982).

O processo de construção identitária estrutura e influencia o que o jovem é, e como age, e tem subjacente o processo de construção e categorização simbólica da realidade. A identidade enquanto fenómeno sociológico, resulta assim de uma dialéctica que se estabelece entre os indivíduos e a sociedade, ou seja, constrói-se no decurso das interacções sociais que ocorrem no quotidiano dos actores. *“A identidade de um indivíduo está ligada ao conhecimento da sua pertença a certos grupos sociais, e à significação emocional e avaliativa que resulta dessa pertença”* (Tajfel, 1982:54). A identidade para Tajfel (um dos teóricos com trabalho relevante nesta área) depende de quatro processos: categorização social,

identidade social, comparação social e distintividade psicológica. A categorização social, é a partição e organização do mundo social em termos de categorias sociais ou grupos. As categoria sociais a que o indivíduo pertence, estão na base da construção da sua auto imagem e identidade. Os indivíduos procuram uma identidade social positiva através de comparações sociais entre o seu grupo e os outros grupos, com base nas quais, estruturam e identificam os espaços de aproximação e diferenciação (Tajfel, 1982). A identidade deverá ser analisada, nesta perspectiva, em função dos grupos ou categorias sociais que são relevantes para o indivíduo. Estas categorias sociais podem ser tão diferentes como o sexo, a idade, os papéis, as posições sociais ou profissionais, os grupos que se constituem na escola, no trabalho ou no lazer, enfim todas as dimensões sociais que de uma forma relativamente estável, permitem a emergência de um “nós” em relação a um “eles”. Em síntese, a compreensão do processo de construção da identidade social implica a análise do papel do outro (indivíduo ou grupo) na construção do sujeito (identidade e pertença são duas faces da mesma moeda), e em particular, das categorias sociais para ele mais relevantes e que o influenciaram nos valores e na construção das auto e hetero imagens. *“Categorização social e valores contribuem para a estruturação do lugar particular que cada indivíduo ocupa na rede dos grupos sociais e da sociedade a que pertence”* (Tajfel, 1982: 65).

No processo de construção identitária os valores desempenham um papel nuclear daí que *“...a apreensão cognitiva da pessoa deva processar-se enquanto objecto investido de valor e enquanto suporte de valores.”* (Perron,1971: 86). Este autor agrupa os valores da pessoa em quatro rubricas : o valor do eu (sentimento global que experimenta cada indivíduo de ser enquanto pessoa objecto de valor – avaliação positiva ou negativa de si, percepção de ser amado, odiado, desejado, temido), os valores ligados a processos vividos (sentimentos, emoções, sensações), os valores ligados a comportamentos (que é bom ou mau fazer-se)e os valores ligados a características pessoais (atributos que contam qualidades morais,

possibilidades e modalidades de acção, por ex. a inteligência, a força, os traços físicos, etc.)(Perron, 1971).

Esta ligação entre pessoa e valores revaloriza a importância analítica do espaço histórico e social em que os indivíduos constroem a sua identidade. A dinâmica dos valores sociais repercute-se na imagem ideal de pessoa e na forma como cada sujeito e cada categoria social se auto-percepciona e percebe os outros. Esta perspectiva de enfoque da identidade leva-nos a pôr em causa as orientações teóricas que postulam processos a-situacionais e a-históricos de construção da identidade, e especificamente da identidade dos jovens (recordemos neste sentido crítico as teses subjacentes à corrente classista existente no âmbito da Sociologia da Juventude).

A construção de identidades movimenta-se, em grande parte, na esfera oculta das estratégias subtis de produção simbólica, cujas formas de fruição cultural constituem um processo de difícil apreensão, por ser invisível, descontínuo, e , não raras vezes, independente dos aparelhos de socialização tipificados institucionalmente, mas nem por isso, menos determinante e eficaz na estruturação dos esquemas de percepção social e na construção de valores identitários. Entende-se aqui, valores identitários, como aqueles que estruturam a forma de pensar, ser e agir do indivíduo, que o identificam face aos outros, e a partir dos quais o mesmo se identifica.

A tríade socialização- identidade – construção simbólica, constitui assim um composto inter-relacional que estrutura o desenvolvimento psicossociológico do ser humano. Procurar compreender a realidade juvenil implica o reconhecimento do carácter estruturador da relação sociedade - indivíduo. Os pensamentos, as opiniões, os valores e as representações dos jovens estruturam-se em função do contexto social e familiar e da interacção deste com os elementos intrínsecos da personalidade dos jovens. São estes elementos que constroem e definem a realidade presente e futura de qualquer indivíduo.

Compreender a pessoa como agente produtor e reproduzidor do contexto simbólico envolvente, implica a discussão de todo o processo de

formação da pessoa. Foi neste sentido que procurámos discutir os conceitos: socialização e identidade. Ao discutir estes dois conceitos procurou-se também deixar latente, a interdependência dos dois pólos analíticos que estruturam este projecto de pesquisa, isto é : valores/representações sociais e aspirações profissionais. Todo o processo de socialização e de construção identitária é efeito da categorização simbólica e da integração grupal, e materializa-se na construção e identificação dos projectos pessoais. Em suma, a identidade estrutura e é estruturada pelo que eu penso e valorizo, pela forma como me posiciono na relação com os outros e como selecciono aquilo que ambiciono e quero para mim.

Os jovens alvo da análise passam, neste momento, por uma fase fundamental do seu processo de desenvolvimento biológico, psicológico e social. Existe consenso em reconhecer que a fase que se inicia entre os 15/ 16 anos, e que em termos formativos coincide com o fim da escolaridade obrigatória, implica um maior nível de comprometimento do sujeito/ jovem consigo e com os outros. A capacidade analítica, comparativa, e hipotética-dedutiva já existentes neste período etário (esta última, segundo Piaget sedimenta-se apenas a partir daqui) traduz-se na maior capacidade de equacionar o futuro, do que a evidenciada até aí. Corresponde ao período de desenvolvimento das experiências pessoais a todos os níveis, quer elas sejam sociais – consolidação dos laços de amizade e de convívio, quer sexuais – as primeiras experiências, consolidação dos laços de intimidade com tudo o que isso implica, quer profissionais – estruturação mais objectiva daquilo que se pretende ou não fazer, selecção das áreas de preferência para trabalho¹. Os resultados dessas experiências são para os jovens indicadores avaliativos das práticas sociais presentes e futuras.

O adolescente/ jovem nesta fase de continuidade ou mudança de valores, atitudes e comportamentos face à sociedade, tende a integrar

¹ Utilizámos o critério definido por Erickson na estruturação da identidade, para identificação destas áreas. Nunca é demais lembrar que segundo este autor o processo aquisitivo da identidade se estrutura em três áreas fundamentais: ideológica; sexual; profissional.

selectivamente as experiências,(porque transmitidas, sentidas e elaboradas), dentro do modo de ser e pensar que será o seu viver adulto.

2.4. O POSICIONAMENTO DOS JOVENS FACE AO FUTURO: AS ASPIRAÇÕES PROFISSIONAIS

A articulação do “pensar” e “representar” com o “aspirar” e “ambicionar” que existe em cada um de nós, tem um significado e significante simbólico. A componente simbólica é evidente quando a articulação tem um carácter eminentemente prospectivo. Este pressuposto enquadra o estudo realizado, na medida em que exploramos as aspirações profissionais dos jovens. Ainda a frequentar o sistema escolar, os jovens com que trabalhamos, mantêm relativamente ao espaço profissional que os rodeia uma relação indirecta, mediatizada e por sua vez também simbólica, na medida em que tradutora de uma certa forma de ver e encarar os elementos e variáveis que constituem o mundo profissional. O carácter simbólico dessa relação é efeito também, do código utilizado por aqueles que funcionaram e funcionam para o jovem, como informantes privilegiados desse mesmo espaço.

Nas sociedades contemporâneas, as actividades profissionais são um dos principais núcleos estruturadores de toda a vida social, considerada esta quer do ponto de vista das instituições e dos processos colectivos, quer do das biografias e quotidianos pessoais. Trata-se de um domínio claramente diferenciado. Como núcleos estruturadores, o trabalho, as actividades profissionais estabelecem articulações múltiplas com todos os sectores do sistema social. Não será, pois, difícil admitir que também as estruturas culturais, os sistemas de normas e valores, as correntes ideológicas e as configurações de sentido estejam relacionadas(a vários níveis e através de mediações diversas), com o mundo do trabalho e das profissões.

O trabalho, o emprego e, em particular, o projecto profissional sempre foram e são, elementos estruturadores da vida social e pessoal. A nível

individual, a auto-realização pessoal fundamenta-se na concretização do projecto profissional (entre outros, cabe a Maslow com a sua teoria das necessidades, discutir esta tese). A inserção profissional é um objectivo que se torna cada vez mais concreto e real, à medida que o indivíduo cresce e desenvolve-se. O carácter meramente hipotético e virtual, que predomina na imagem partilhada em relação à inserção profissional na fase criança, é modificado progressivamente, para constituir-se na fase juvenil como um cenário real. Neste período o jovem é obrigado a fazer escolhas, opções e a tomar decisões que implicam que ele saiba *jogar* com as *peças* que lhe estão disponíveis. É no entanto, um *jogo* em que o mesmo não tem o controle autónomo das *peças* e dos *resultados*. A independência ou autonomia pura não existe, somos sempre condicionados pelo contexto envolvente. Neste período “...*eminentemente experimental, a identificação e construção do projecto profissional ambicionado são representativas da simbiose interactiva entre agente e realidade social.*” (Galland,1985:81). O jovem sonha e ambiciona em função dos elementos informativos de que dispõe, e define a sua estratégia em função daquilo que lhe parece melhor para si, em termos extrínsecos e intrinsecamente concretizáveis. Para Peter Grootings (1985)”... *são dois, os indicadores condicionantes deste processo:*

- *a realidade externa, isto é, a possibilidade real de concretização do projecto, em termos práticos, viabilidade de arranjar emprego na área ou sector ambicionado;*
- *a realidade interna , isto é, o auto-conceito sobre a capacidade de concretização.”(Grootings, 1985:521).*

José Madureira Pinto(1991) fala, por seu turno, em “...*factores objectivos (inerentes às condições económicas estruturais de oferta de emprego; volume e distribuição no espaço dos postos de trabalho; exigências formais em matéria de qualificações certificadas e/ ou instituídas; políticas patronais de recrutamento e estabilização de mão-de-obra; taxas globais e sectoriais de substituição capital / trabalho, etc.) e factores subjectivos, relativos ao processo de atracção / exclusão dos agentes, relativamente a certos postos*

de trabalho e lugares sociais, adjacentes ao qual se tem chamado também processo antroponómico."(Madureira Pinto, 1985:79).

Olivier Galland(1985) acrescenta um terceiro factor: "*status do projecto ambicionado*". Este autor inclui neste conceito toda a carga simbólica e valorativa que está implícita a qualquer processo de escolha, selecção. "*A selecção é feita em função de um fim, de um efeito, que tem uma componente material empírica, isto é, o que visivelmente resultou a partir daí, e uma componente simbólica, ou seja, o significado e significante desse mesmo efeito*"(Galland, 1985:79). O encadeamento da dinâmica hipotética causa-efeito já é percebida e entendida pelo jovem, nesta fase etária, logo, "*...há que codificar ou melhor interpretar os códigos dos processos.*" Galland(1985:80). Qualquer processo de escolha é indissociável da condição cultural e simbólica que tipifica e distingue o Homem. Esta assumpção tem confirmação empírica nos resultados encontrados por alguns dos teóricos que procuraram analisar e caracterizar, os contornos específicos que esta relação assume, na fase juvenil de construção da identidade profissional. Entre estes destaca-se Rosenberg(1964). Este autor construiu um modelo de distinção valorativa das aspirações profissionais. A partir dos resultados obtidos junto de uma amostra de 3905 estudantes, Rosenberg concluiu que por detrás dos projectos/ grupos profissionais seleccionados estão três tipos de factores /objectivos, são eles:

- "*satisfação das necessidades pessoais*
- *satisfação das necessidades materiais*
- *e, satisfação de ajuda aos outros*" (Rosenberg citado por Vroom, 1964: 123).

Este autor defende a existência de uma forte associação entre os valores partilhados pelos jovens, e as escolhas profissionais, facto que tem corroboração não só na natureza prática das profissões, bem como nas justificações inerentes às escolhas das mesmas (Rosenberg, 1964). Neste mesmo sentido vão as conclusões retiradas por Fernando Luís Machado, António Firmino da Costa e João Ferreira de Almeida no seu estudo : "*Famílias, estudantes e universidades*". Os autores defendem que, na base

da escolha dos cursos e das profissões ambicionadas, estão quadros valorativos específicos. Esses quadros valorativos, distinguem-se de acordo com a predominância de “valores de orientação ego/sócio centrada ou de valores de recompensa : intrínseca, extrínseca e moral “ (Almeida, 1989: 34).

Em síntese , pré-condições para as atitudes e pré-requisitos para a acção, os valores e representações sociais são uma forma de construção da realidade, que adquirem funcionalidades e eficácias sociais específicas, formadores e orientadores que são, das comunicações e dos comportamentos. Este carácter funcional conduz a que, os valores e as representações sociais tenham que ser assumidos como coordenadas de interpretação e descodificação das aspirações profissionais.

Existe no pensamento sociológico, uma grande quantidade de importantes contributos para o estudo daquilo a que os autores clássicos chamaram “ ideologias” (Marx) “ representações colectivas “ (Durkheim), “sistema de acção “ e “ esfera cultural “ (Weber). Clássicas são já também as “ Sociologias do conhecimento “ como a de Mannheim ou a de Berger e Luckmann, as teorizações de Parsons sobre o “ sistema cultural “ e as “orientações da acção “, ou a formalização de Gurwitsch sobre os “ quadros sociais do conhecimento “, para mencionar apenas alguns exemplos. Com estas propostas conceptuais, e com as de sociólogos mais recentes que nelas directa ou indirectamente se filiam, convergem os desenvolvimentos de áreas disciplinares vizinhas. Vale a pena salientar a importância dos contributos das várias escolas da antropologia social e cultural para o estudo das dimensões culturais do social (crenças, mitos, símbolos, sistemas de classificações), da linguística estrutural, da semiótica e das análises da comunicação, da história das mentalidades, da psicologia freudiana e piagetiana e dos trabalhos da psicologia social sobre atitudes, valores e representações. Em Portugal destacam-se principalmente os trabalhos analíticos de Jorge Vala e João Ferreira de Almeida, entre outros.

As representações sociais são saberes socialmente engendrados e partilhados com funcionalidades práticas diversas na interpretação e no controlo da realidade. Elas constituem referências explicativas,

comunicacionais e operatórias. *“Elas nomeiam e classificam, produzem imagens que condensam significados, atribuem sentido e ajudam, nas suas diversidades estruturadas, a reproduzir identidades sociais e culturais.”* (Bourdieu, 1997:25). Funcionam assim, como condensadoras de significado, construídas a partir da simbiose indivíduo – sociedade. As representações sociais funcionam como coordenadas de identificação do indivíduo, face a si próprio, ao que pensa, valoriza e aspira, e face à sociedade.

Tem-se insistido, na esteira de Ronald Inglehart(1977) que as gerações jovens das décadas do pós-guerra, socializados num clima de crescimento económico, implantação do Estado – Providência e expansão do consumo de massas, teriam começado a relegar para segundo plano preocupações com a segurança e o rendimento – valores materialistas – desenvolvendo uma tendência para privilegiar valores pós-materialistas, referentes à qualidade de vida, à autonomia e à participação. O novo contexto de socialização teria produzido uma incorporação duradoura de novas prioridades que, sem anular efeitos dos percursos de vida pessoais e da sucessão de diferentes conjunturas, tenderiam a manifestar-se nos valores, atitudes e comportamentos destes jovens. O modelo proposto por Inglehart (inspirado no trabalho de Maslow (1954)) acenta numa divisão dicotómica entre: *“valores materialistas – associados a elementos como:*

- *forças armadas fortes*
 - *combater o crime*
 - *manter a rodem*
 - *economia estável*
 - *crescimento económico*
 - *lutar contra a subida dos preços*
- e valores pós-materialistas, subjacentes às questões:*
- *Importância das ideias*
 - *liberdade de expressão*
 - *sociedade menos impessoal*
 - *maior participação no emprego e na comunidade*
 - *maior participação nas decisões do governo*

- *ciudades bonitas*” (Inglehart, 1990, 132).

Contra este modelo surgiram alguns críticos que defendem a incoerência de alguns pressupostos. Entre eles destacam-se especialmente três nomes: Flanagan, Claus Offe e em Portugal, João Ferreira de Almeida. Para Flanagan “...a escala de Inglehart combina , na realidade, duas dimensões diferentes, uma que lida com valores económicos e outra que avalia a prioridade das questões económicas” (Flanagan citado por Garcia et al., 1993: 482). Inglehart cometeu assim, um erro ao comparar estas dimensões, descurando os seus reais sentidos e conteúdos semânticos

Claus Offe é também outro teórico que pôs em causa a coerência epistemológica das interpretações assumidas por Inglehart, já que as mesmas, assumem , para ele, um carácter que adjectiva de “...*fortemente polarizado..*.”(Offe, 1985: 110). Quanto às actuais configurações culturais, o que se trata, segundo este autor, é o de acentuação de alguns valores de modernidade face a outros, e não de uma ruptura total, tal como transparece das conclusões de Inglehart. Os valores são eixos ao longo dos quais os indivíduos e/ ou os grupos podem “ deslizar” sem que, com isso, percam o referencial. De facto, “...os “*novos valores*” são *fundamentalmente novas modalidades dos “ velhos valores “* configuradores da modernidade.”(Offe, 1985: 114).

O modelo proposto por Inglehart, também foi alvo em Portugal de “*dissertações avaliativas*” . Entre estas, destaca-se a encabeçada por João Ferreira de Almeida, que coloca em causa a coerência analítica das conclusões retiradas por Inglehart, de defesa da prevalência e acentuação actual dos valores pós-materialistas. Numa altura em que numerosos estudos testemunham que os jovens parecem mais centrados sobre a gratificação imediata do que sobre os projectos a longo prazo e quando as questões relativas à importância de garantir um bom emprego, garantir um bom salário parecem centralizar as atenções dos mesmos, o retrato valorativo a retirar está, mais associado a um espírito, neo-individualista e hedonista do que de partilha e de solidariedade social subjacente às ilações de Inglehart (Almeida, 1991). Este autor, em vez do modelo dicotomizado,

de valores pós-materialistas e materialistas, fala de “*valores intrínsecos ou de compensação intrínseca*”, e de “*valores extrínsecos ou de compensação extrínseca*”, opção que permitirá acabar com a complexa discussão epistemológica inerente às implicações do materialismo e pós-materialismo, que o próprio Inglehart não conseguiu resolver (Almeida,1991). “*Os valores intrínsecos englobarão a valorização da componente de auto-realização, auto-satisfação, sentir-se bem , sentir-se integrado, e os valores extrínsecos englobarão a materialização, a instrumentalização da relação com o objecto valorizado, associados ao status, prestígio, poder, recursos materiais.*” (Almeida, 1991:85). Para a construção desta matriz, Ferreira de Almeida baseou-se nos resultados obtidos por alguns estudos efectuados em Portugal na década de 80, sobre os valores e representações dos jovens. É neste âmbito que podemos também inserir o presente estudo, ou seja o de caracterização simbólica e valorativa do processo que está associado à construção da identidade profissional do jovem.

O processo de construção da identidade profissional tem um significado que lhe advém do contexto social e grupal em que este decorre. É assim um processo partilhado, porque partilhada é também toda a socialização do indivíduo, partilha que é preferencial com os grupos de referência e de pertença. Corrobora-se aqui a tradição sociológica mertoniana que defende que os jovens definem as suas ambições e adoptam as suas atitudes, não abstractamente, mas a partir do meio social que os envolve e por referência aos grupos aos quais pertencem ou dos quais se sentem relativamente mais próximos. O indivíduo é, em função daquilo que ele pensa, valoriza e aspira. Perceberemos as suas ambições e desejos profissionais se explorarmos correlativamente as atribuições de significado a elas inerentes, ou seja, as justificações invocadas para o efeito.

A importância da dimensão simbólica na vida social está, no seu carácter gerador. Gerador de sentido na acção, gerador de conhecimento e de reconhecimento de identidades, de diferenças de posições e disposições no espaço social, gerador de afinidades electivas e de distâncias sociais nas relações que nesse espaço se estabelecem.

A interpretação sociológica da dimensão simbólica, se não pode ignorar a estreita relação existente entre esta e as condições sociais e históricas em que é produzida, não pode igualmente deixar de a pensar como uma dimensão que se constitui, ela própria, como produtora da vida social. As relações entre estes dois níveis, só podem ser convenientemente pensadas se, no seu equacionamento, introduzirmos ainda as variáveis de natureza biográfica resultantes das trajectórias colectivas e individuais dos actores. De facto, funcionando os quadros de valores e representações como matrizes de leitura do real, o seu movimento acompanha o próprio movimento dos actores no espaço social. A conjugação destes dois movimentos, constróem o que se designa por trajectórias sociais. Porém, *“...os espaços de possibilidade de tais trajectórias não são indeterminados nem totalmente imprevisíveis, mas, antes, configurados pelas próprias condições existentes no ponto de partida e ao longo do seu desenvolvimento”* (Silva, 1987: 123). Estas condições estruturam e são estruturadas pelas trajectórias sociais.

É por terem carácter estruturado e estruturante que as dimensões simbólicas da vida social podem ser pensadas como quadros de valores e representações, no mesmo sentido em que Bourdieu (1997(1979):54) fala do *habitus* como um *sistema de disposições* e como *“...matriz de percepções, apreciações e acções.”*

A análise dos quadros de valores e representações deve ser feita a partir da assumpção da relativa coerência e durabilidade existente nos mesmos, que faz com que, apesar da multidimensionabilidade das inserções sociais e da diversidade de contextos de acção, seja legítimo esperar encontrar eixos transversais orientando e condicionando as práticas que os diversos actores aí desenvolvem.

Piaget (1965) salientou que existe uma diferença de extrema importância entre a criança e o adolescente, é a capacidade deste último para “ pensar para além do presente”, particularmente no que se refere ao mundo profissional. Partindo deste princípio o jovem representa uma fase de desenvolvimento biológico, psicológico e social única. Para além dos

pormenores físicos que são perfeitamente perceptíveis, este novo período marca a evolução decisiva na forma de estar, e perspectivar estar, com os outros. Perceber esta nova dinâmica implica explorar os seus contornos, pelo menos os empiricamente analisáveis.

A partir do posicionamento assumido face às profissões ambicionada importa não só perceber o futuro perfil profissional da nova geração de elementos activos, mas sobretudo enquadrar tais opções e projectos no esquema simbólico-cultural, valorativo e representacional que lhe está subjacente. Somos acima de tudo seres interpretativos da realidade que nos rodeia, e é esse mesmo processo de tratamento informativo que nos identifica, distingue e tipifica face aos outros e face à sociedade. Pese embora a muito debatida dificuldade em destrinçar específicos efeitos de geração tendentes a perdurar nos seus portadores, de toda uma série de outros aspectos, mais sedimentados ou mais efémeros ligados às biografias pessoais e às dinâmicas sociais, não parece descabido colocar a hipótese de que alguns dos eixos estruturantes da panorâmica cultural dos próximos anos terão a sua raiz na formação dos sistemas de disposições da faixa populacional que actualmente atravessa o período da adolescência e juventude.

2.5. A JUVENTUDE COMO PROBLEMA SOCIOLÓGICO

Se nos finais dos anos 60 a juventude era um *problema*, na medida em que era definida como protagonista de uma crise de valores e de um conflito de gerações, a partir da década de 70, os *problemas* de emprego e de entrada na vida activa tomaram progressivamente a dianteira nos estudos sobre a juventude.

A passagem de um período de expansão económica a um período de recessão, foi acompanhada pela mudança progressiva do tipo de problemáticas sociológicas dominantes. É por essa razão que os recentes estudos e documentos comunitários sobre os jovens associam permanentemente problemas económicos a problemas sociais/ sociológicos.

Existe efectivamente relação entre os “problemas” económicos, como o aumento dos custos sociais do desemprego, ou como o desfasamento crescente entre, o desenvolvimento tecnológico e os níveis de qualificação de significativas camadas juvenis, e os “problemas” sócio-políticos, já que longos períodos de desemprego originam “descontentamentos” e, potencialmente, comportamentos “agressivos” ou “marginais” entre alguns jovens.

Questão essencial é a de saber se algum do pessimismo, que hoje em dia transparece no discurso “científico” sobre a juventude não será uma ressonância do discurso que atravessa o olhar das gerações adultas sobre as gerações jovens, ou seja, “...em que medida os “problemas sociais” não arrastarão, ou melhor, não contaminarão as próprias “problemáticas sociológicas”?” (Machado Pais, 1991: 956). Seja tomado o exemplo do inquérito sobre a juventude portuguesa realizado pelo Instituto de Estudos para o Desenvolvimento² em 1983. Esta proposta analítica, desenvolvida por uma vasta equipa de colaboradores, consubstanciou-se na Colecção: *Situação, problemas e perspectivas da juventude em Portugal*. “Com este estudo procurou-se analisar o processo de socialização dos jovens, partindo do pressuposto que este significa o confronto com a complexidade da inserção destes no mundo dos adultos” (Ambrósio, 1986:150). De facto, procurou-se compreender a influência exercida pelos grupos e categorias sociais mais relevantes para o jovem, no processo de construção identitária. Sem descurar a relevância positiva de um projecto com o cariz e objectivos que foram assumidos, numa altura em que a investigação na área era reduzida ou quase nula, há no entanto que, (e na linha do que à posteriori alguns críticos vieram realçar) criticar alguns dos pressupostos analíticos assumidos. O estudo do I.E.D. que procurou compreender a identidade através dos processos internos de contraposição de um “nós” (jovens) em relação a um “eles” (adultos) acabou por estudar “...a emergência de um “nós” (adultos) por contraposição a eles (os jovens)”, bem expressa no título de uma das principais publicações do I.E.D. sobre o seu inquérito : “Os

² A partir de agora utilizar-se-à apenas as siglas correspondentes I.E.D.

juvens e Nós.” (Machado Pais, 1990:143). Se o objectivo principal do referido inquérito visava a análise do processo de socialização dos jovens enquanto tradutor de formas complexas e variadas de inserção no mundo dos adultos, a verdade é que essa socialização terá acabado por ser procurada em domínios mais próximos das gerações mais velhas. Esta situação levou a que o comportamento dos jovens, traduzido nas suas aspirações e imagens, fosse estudado em referência à lógica de funcionamento das instituições dominadas pelas gerações mais velhas, e aos valores sócio-económicos e culturais inculcados por essas instituições. A comprovar tal facto, cita-se como exemplo, a utilização por Jorge Vala, (colaborador do inquérito do I.E.D.), da escala de valores finais de Rokeach³. *“Esta escala é criticada, não só pelo facto de ela não cobrir com igualdade os diversos planos fundamentais da existência humana, mas sobretudo pelo significado que os mesmos assumem para os interpretantes, que é distinto conforme o inquirido é jovem ou adulto”* (Machado Pais, 1990: 143). A utilização desta escala, contraria portanto, a evidência irrefutável de que a experiência humana reformula, consolida e compõe o significado e significante das expressões e códigos simbólicos. De facto, a sua interpretação não pode ser dissociada, como foi o caso, da fase da vida em que se encontra o inquirido. Daí que não admire que, no que respeita a uma outra área do referido inquérito – inserção e participação social – as respostas obtidas nos indicadores seleccionados – e que segundo muitos, mais próprios de aferição da participação social das gerações adultas – apontassem genericamente para

³ A escala de Valores Finais de Rokeach é constituída por 18 valores, aos quais foram acrescentados no estudo do I.E.D., mais três. O objectivo é o de que o inquirido hierarquize os valores de acordo com a ordem de importância que lhes atribue. Os valores são:

- Dignidade
- Felicidade
- Gozar a vida
- Harmonia interior
- Igualdade
- Liberdade
- Luta pela justiça
- Prestígio social
- Sabedoria de viver
- Uma vida concretizável
- Verdadeira amizade
- Salvação da alma
- Segurança familiar
- Segurança nacional
- Solidariedade
- Sentido de realização
- Um mundo de beleza
- Um mundo de paz
- Uma vida apaixonante
- Uma vida com sentido
- Verdadeiro amor

níveis reduzidos de participação social dos jovens. Tais resultados legitimam a interrogação : *“Os indicadores que nós, adultos, tomamos como referência de interesse, representação e participação na vida social e política são representativos do modo como os jovens se posicionam face a essas realidades ?”* (Santos e Roldão,1986:80).

Retomando o fio à meada, e parecendo não restar dúvida sobre o facto de os “ problemas sociais “ da juventude estarem por detrás de muitos dos seus questionamentos sociológicos (são as chamadas condicionantes sociais da investigação), o que importa evitar são determinadas contaminações, ou melhor, todas aquelas que ao interferirem no processo de produção do conhecimento científico constituam-se como obstáculos epistemológicos. Há sempre, no entanto, que relativizar a situação face a um contexto, em que os estudos sobre a juventude ,(e em particular sobre os valores e representações) estavam ainda a dar os seus primeiros passos em Portugal, com todos os enviesamentos que tal situação traduz. Privilegiou-se, nesta fase inicial dos anos 80, as metodologias de “arroteia”, de aplicação de inquéritos extensivos, partindo de pressupostos teóricos de padronização e homogeneidade de imagens e práticas sociais.

A década de 80 é também profícua nos estudos demográficos / estatísticos sobre a juventude, impulsionados, sobretudo, pelo interesse em contabilizar os fenómenos crescentes de desemprego e precarização do emprego.

Do conjunto de textos e artigos de âmbito sociológico que datam desta altura, realçam-se os cinco primeiros cadernos publicados no âmbito da Colecção Juventude de responsabilidade do I.E.D., com os títulos :

- “ O percurso escolar da geração dos 16 – 24 anos”
- “ Emprego e formação profissional dos jovens.”
- “ Contributo para o estudo dos tempos livres dos jovens.”
- “ Comportamentos desviantes dos jovens – algumas questões”
- “ O ordenamento jurídico português e os jovens. “ ,

cujos propósitos se esgotaram no fornecimento de dossiers monográficos sobre aspectos sectoriais da condição juvenil.

Um título de referência é também o artigo : “ *A condição social da juventude portuguesa.* “, datado de 1984, de responsabilidade de Manuel Braga da Cruz, José Manuel Seruya, Luísa Braula Reis e Luísa Schmidt, fruto do estudo efectuado sobre o comportamento social da juventude em Portugal. Braga de Cruz e seus colaboradores exploraram analítica e teoricamente a tese da juventude enquanto condição histórica e socialmente construída. É de destacar, também, no seu trabalho a preocupação em sistematizar a situação demográfica do grupo alvo em análise, através dos índices: frequência escolar – população activa e desemprego juvenil , criminalidade e delinquência, gestão familiar e crise habitacional, os jovens e a cultura (versus participação social e política).

Ao longo dos anos 80 , a juventude constituiu-se não apenas num campo privilegiado de intervencionismos político-administrativos de várias ordens, como também se revelou um objecto de crescente interesse científico – analítico, ou não fossem os objectos comuns de pesquisa realidades que atraem a atenção da investigação, por justamente serem realidades que se tornam notadas, visíveis, problemáticas.

2.5.1. OS VALORES E AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE

Nunca, como durante a última década, a juventude havia sido tão questionada, tão debatida, tão sondada. O reduzido conhecimento que em “solo português”, até então se tinha sobre a realidade juvenil justificou em certa medida, a adopção de metodologias de “arroteia”, com recurso a arados que melhor proporcionassem um desbravar da realidade, da qual , repita-se, pouco ou nada se conhecia. Essas metodologias de “arroteia” foram os inquéritos extensivos de natureza quantitativa que se realizaram ao longo da última década e os “arados de arroteamento ” foram as sondagens de opinião que serviram de base ao lançamento desses inquéritos. Antes do já referido projecto do I.E.D., já tinha sido realizado um outro em 1982, subsidiado pelo Fundo de Apoio aos Organismos Juvenis.

Em 1987 surgiu o inquérito : “ A juventude portuguesa : situações, problemas, aspirações.” realizado pelo Instituto de Ciências Sociais⁴ com o apoio do Instituto da Juventude. O universo alvo seleccionado era constituído pela totalidade da população portuguesa com idades compreendidas entre os 15 e os 29 anos, residindo em localidades do Continente com mais de 5 fogos, sendo a amostra constituída por 2000 indivíduos. O inquérito, à luz do que acontecera com o do I.E.D., foi dividido por áreas temáticas, o que deu origem a outros tantos cadernos de responsabilidade individual e / ou em colaboração do conjunto significativo de especialistas reunidos para o efeito, assim :

- Nelson Matias explorou os resultados obtidos na dimensão educação e escola;
- Madalena Andrade : *O trabalho, o emprego, a profissão;*
- Pedro Moura Ferreira : *Os jovens e o futuro: expectativas e aspirações;*
- José Machado Pais : *Usos do tempo e espaços de lazer,*
- João Sedas Nunes, José Machado Pais e Luísa Schmidt : *A convivialidade e a relação com os outros;*
- Luísa Schmidt repete a colaboração, mas agora individualmente com o caderno 7 da Colecção intitulado : *Dinheiro e bens materiais,* e
- Idalina Conde fecha a colecção com o título : *A identidade social e nacional dos jovens.*

A equipa responsável do inquérito do I.C.S., preocupou-se em não repetir erros anteriores, daí que os sub-domínios de investigação tivessem sido modificados e diversificados, bem como a perspectiva metodológica. Procurou-se adaptar ao máximo o instrumento de recolha de dados, às reais características interpretativas, cognitivas, simbólicas e representativas perfilhadas pelo grupo alvo. Tal como explícito no capítulo da metodologia, os autores ao utilizarem esta estratégia, *procuraram “garantir a fácil*

⁴ A partir de agora utilizar-se-à apenas as siglas correspondentes I.C.S.

interpretação das questões”, pelo que ainda hoje o inquérito do I.C.S. constitui um bom instrumento de trabalho. Para além de conseguir retirar sugestivas ilações acerca de domínios até aí inexplorados (os usos do tempo, o dinheiro, a convivialidade) este estudo, colocou também em causa uma das principais conclusões do inquérito do I.E.D., a de que os jovens tinham uma participação social e política muito escassa ou quase nula.

Para além destes três inquéritos já referidos, que utilizaram amostras representativas da população jovem residente no Continente, outros dois tiveram lugar, incidindo apenas sobre o universo dos jovens universitários : o inquérito do Observatório Permanente sobre os estudantes universitários, dirigido por João Ferreira de Almeida, e o inquérito : “ Conflito de gerações, conflito de valores.” com coordenação de Eurico Figueiredo.

O primeiro projecto citado nasceu por volta de 1985 /1986, no âmbito da actividade da disciplina de Sociologia das Classes Sociais e Estratificação, integrada na Licenciatura em Sociologia do Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, associando-se a partir de 1990 a um programa mais global em curso no I.C.S., financiado pelo Ministério da Juventude. Um dos objectivos visados pelo levantamento da informação, foi o de “...possibilitar a construção de uma sociografia extensiva sobre os estudantes do ensino superior, de acordo com:

- *a origem social*
- *as expectativas e aspirações quanto à frequência dos respectivos cursos, quanto à futura profissão e quanto à sociedade;*
- *os valores e representações” (Almeida et al., 1989: 12).*

A comparação dos resultados recolhidos junto de uma amostra significativa de alunos de diversos cursos, em diversas Universidades, permitiu, cumulativamente o estudo de questões associadas ao lugar que a Universidade e os seus graduados tomam nos fluxos de mobilidade, bem como nos processos de reprodução ou de transformação da estrutura social e da matriz cultural, nacionais. Alguma da informação recolhida foi cedida a título de colaboração a José Manuel Resende, tendo sido objecto de um

tratamento específico expresso num trabalho deste investigador referente a “Representações, estratégias e práticas sociais no campo universitário”. Os dados estudo do I.C.S. foram analisados também por João Ferreira de Almeida em *Valores e representações sociais*, obra pertencente à Colecção: “Portugal – os próximos 20 anos”. Os resultados obtidos pelo inquérito aos estudantes universitários, permitiram a construção de uma sociografia da população universitária, baseada nos seguintes indicadores: características genéricas dos alunos, origens e trajectórias sociais e redes de sociabilidade, representações que os estudantes são portadores quanto ao seu estatuto social, curso e profissão (avaliações, preferências e escolhas), bem como identidades e orientações que eles se atribuem (pertenças colectivas, futuro pessoal e do país, entre outras).

Cabe ainda nesta parte discriminativa uma atenção especial ao inquérito “Conflito de gerações, conflito de valores” de responsabilidade de Eurico Figueiredo, integrado no projecto “Portugal, ano 2000” conduzido no âmbito do Serviço de Ciência da Fundação Calouste Gulbenkian. Este projecto deu origem à publicação da Colecção: “Portugal – os próximos 20 anos”. O estudo incluiu a aplicação de um questionário a uma amostra de 402 estudantes universitários, e seus respectivos pais, com idades compreendidas entre os 22 e os 25 anos. O questionário aplicado incidiu sobre “... valores dominantes na cultura ocidental: família, trabalho, religião, educação, liberdade, igualdade, justiça, mudança, individualismo, humanitarismo, paz, nacionalidade.” (Figueiredo, 1988: 75). Para o conceber o autor utilizou como referência alguns inquéritos realizados até à altura nos países da Europa Ocidental, nomeadamente: “Les jeunes européennes-étude exploratoire des jeunes agés de 15 à 24 ans dans les Pays de la Communauté européenne, Commission des Communautés Européennes, 1982 e o II Inquérito Geral sobre a Situação e Opinião dos Universitários, efectuado em 1964 sob a responsabilidade da Direcção Geral da Juventude Universitária Católica.

Este despertar de interesse ou de interesses em relação à juventude, que até aqui fica testemunhado pelas citações já feitas aos estudos

elaborados, não foi determinado, muito pelo contrário, por um crescimento do peso relativo da geração demográfica dos jovens. Os anos 80 foram um período marcado por dificuldades demográficas de renovação geracional, que acompanharam, de resto, a acentuação de outros movimentos sócio-demográficos que pautaram o período em questão, como foi o caso da diminuição das taxas de fecundidade, do aumento do n.º de divórcios, do desenvolvimento de novas formas de estruturas familiares. O que na verdade aconteceu ao longo da década de 80, foi uma crescente valorização da juventude em termos sociais e políticos – justificada, sobretudo, pelo alongamento e diversificação das etapas e modalidades de entrada na vida adulta. A comprovar esse interesse está a constituição, com o apoio do Instituto da Juventude, do Observatório Permanente da Juventude no Instituto de Ciências Sociais em 1987. Um dos trabalhos que mais se destaca do Observatório é o relativo à síntese das conclusões retiradas pelos estudos efectuados na década de 80. Achou-se interessante preparar um documento, onde, de forma concisa, se pudesse desenhar um mapa representacional e atitudinal da população jovem dos anos 80, tendo por base os vários inquéritos à juventude que até então tinham sido realizados. Está-se concretamente a falar do texto produzido por Paulo Antunes Ferreira, com coordenação científica de José Machado Pais, intitulado : *Valores dos jovens portugueses nos anos 80*, publicado em 1993, na colecção de Cadernos do Instituto de Ciências Sociais, já aqui referenciada. *“Procurou-se fazer uma busca dos valores dos jovens portugueses dos anos 80, analisando-se e problematizando-se para o efeito, diferentes domínios de valores, tais como : os amigos e a convivialidade; a família; a sexualidade e as relações sexuais; a escola; o trabalho; o emprego; o associativismo e a participação social; o dinheiro e os consumos juvenis, enfim os domínios das práticas sociais mais representativos”* (Ferreira, 1993:5).

O “ tempo curto “ de uma década não lhes permitiu, contudo, contrastar e questionar os resultados dos inquéritos, em termos do que talvez fosse apetecível fazer, ou seja, verificar a evolução ou continuidade do universo de valores partilhado pelos jovens portugueses, ao longo da

década de 80. Esta hipótese de trabalho foi dificultada, primeiro, porque nem todos os inquéritos disponíveis eram representativos da população juvenil portuguesa nem as amostras haviam sido estratificadas de modo semelhante; segundo, porque os inquéritos realizados não operaram com a mesma bateria de indicadores, nem com os mesmos segmentos etários, nem ainda com as mesmas áreas temáticas ou problemáticas, e terceiro, porque nos mesmos algumas variáveis analíticas foram categorizadas de forma diferente o que tornaria abusiva uma comparação descuidada.

Apesar das divergências constatadas, a equipa coordenada por José Machado Pais concluiu que *“..entre os jovens alguns sistemas de representações sociais apresentam uma significativa consistência ao longo da década em análise.”* (Ferreira,1993:5). *“Os jovens portugueses dos anos 80 valorizam os espaços de afirmação e realização pessoal (na escola, no trabalho, na sexualidade e no lazer); privilegiam as microestruturas e as microssolidariedades sociais (a família e os grupos de amigos); manifestam indiferença em relação às instituições centralizadas (os partidos políticos, a Igreja, as organizações sócio-profissionais);rejeitam a participação formal , finalista e dirigida (associações, partidos políticos, sindicatos); manifestam-se a favor das novas tecnologias, do desenvolvimento económico e da iniciativa privada; revelam-se optimistas em relação ao futuro (pessoal e do país), embora também alimentem alguns temores, designadamente em relação às dificuldades de inserção profissional.(...) Estes começam assim, a dar indícios, de abertura aos chamados valores de natureza “ pós-materialista” (em particular aos valores da ecologia, da paz e da liberdade) e cumulativamente dão também mostras de adesão a valores hedonistas ao privilegiarem uma ética convivalista e ao mostrarem-se receptivos a uma socialização através do consumo e do lazer.”* (Ferreira,1993 : 113).

Se é verdade que se pode falar de alguns valores, como estruturas de ideação ou de pensamento colectivo, e neste caso haveria lugar para falar de valores próprios ou específicos dos jovens dos anos 80, também é verdade que a homogeneidade da cultura juvenil é apenas sugerida por conteúdos atitudinais e representacionais, relativamente abrangentes, é

certo, mas que se cristalizaram apenas de modo circunstancial . Quer isto dizer que, fenómenos ou aspectos da vida social abrangentemente valorizados podem sê-lo em função de valores diferentes. Por exemplo os diferentes inquéritos analisados mostram que – ao contrário de algumas teses que nos anos 70 postulavam uma “alergia” dos jovens ao trabalho – os jovens portugueses dos anos 80 valorizam o trabalho. Esta constatação deve ser, no entanto, assumida com precaução já que esse sentido valorativo evidenciado pelos jovens em relação ao trabalho nos anos 80, pode conter diferenças semânticas. De facto, para uns o trabalho pode revelar-se intrinsecamente como um valor, e para outros, pode constituir uma forma de concretização de benefícios instrumentais, em nome de valores de conforto, riqueza, etc.

Embora a imagem de cristalização de certos posicionamentos valorativos possa ser deduzida dos resultados de alguns inquéritos aplicados nos anos 80, há que não esquecer, que por detrás dessa homogeneidade aparente, não pode ser descurada simultaneamente a probabilidade de heterogeneidade. A interpretação dos resultados encontrados pelos inquéritos efectuados nos anos 80 deve ser feita nesta perspectiva. Este mesmo pressuposto foi assumido por Paulo Ferreira, cujo trabalho: *Valores dos jovens portugueses nos anos 80*, tem o mérito de procurar cruzar e sintetizar a diversidade semântica inerentes aos posicionamentos valorativos capturados nos inquéritos efectuados durante a década.

Merece agora especial atenção, e de acordo com os objectivos analíticos que corporizam esta pesquisa, os capítulos dedicados por Paulo Ferreira à caracterização sumária dos perfis valorativos dos jovens acerca das dimensões : família, amigos, escola e dinheiro, e cujas principais conclusões passamos a enunciar .

OS AMIGOS

O convívio com os amigos é um dos traços mais salientes do quotidiano dos jovens e uma das dimensões / aspectos de vida mais valorizados por eles, na medida em que é com estes “...que os jovens encetam maiores

níveis de interacção , de comunicação e de partilha de opiniões” (Ferreira,1993: 20). Estes grandes índices de convivialidade revelados demonstram a importância que os amigos da mesma classe etária têm, quer na respectiva produção das identidades dos jovens, quer na construção das suas referências (Schmidt,1990). Este “ quadro de vivência juvenil”, que é a convivialidade com os amigos, pode e é aplicada a uma substancial maioria dos jovens e atravessa todo o leque de origens sociais. Convivialidade que não se queda pelo seu exclusivo sentido hedonista / lúdico mas que assume também uma importante função de integração social. Com base nos resultados obtidos, os tipos de relacionamento inter-jovens, podem ser agrupados em três áreas fundamentais, *“área expansiva ou ociosa (tempos livres e diversão) ; área de comunicação – afectividade (conversas, partilha de opiniões, sensação de à vontade) ; área de ligação ao futuro e às decisões (apoio na resolução de problemas, conselhos na tomada de decisões)”* (Conde,1985:56).

As conclusões retiradas por Paulo Ferreira, que não se afastam das enunciadas por Fernando Conde, demonstram que *“... a cada uma das áreas corresponde um conjunto de relações predominantes : amizade, vida conjugal e família de origem e associam-se a um tipo determinado de preocupações e actividades na vida dos jovens. A amizade aparece predominantemente associado ao conjunto de actividades de diversão, tempo livre e lazer dos jovens, configurando o domínio de maior relaxação e despreocupação. As relações de natureza conjugal (envolvendo o cônjuge ou a/o namorada/o) aparecem mais vinculadas ao mundo pessoal, íntimo, afectivo; finalmente as relações com os pais inscrevem-se num domínio mais centrado nas preocupações com o futuro , nas vertentes de decisão ligadas a futuras responsabilidades sociais.”* (Ferreira, 1993:21).

A importância dos amigos é também comprovada pela frequência estatística registada, com que os jovens falam de uma série de assuntos com eles. Se os amigos eram as pessoas com quem a maior parte dos jovens mais conversavam, não admira que sejam sempre eles que registam maior índice de interlocução com os jovens, quaisquer que sejam os

assuntos abordados: assuntos pessoais (a vida conjugal , os problemas com os pais, o namoro, as amizades, etc.) , assuntos sexuais, assuntos do trabalho, emprego ou profissão, de desporto, assuntos culturais, ou assuntos sociais e políticos. Vemos assim que os amigos assumem um papel importante na organização social do quadro de vida dos jovens, sendo um *“espaço de verdadeira socialização endogeracional, de partilha de valores comuns.”* (Schmidt,1990: 648).

A associação verificada entre os amigos e a área “ expansiva ou ociosa ” encontra confirmação quando se analisam as actividades de lazer dos jovens. O que maior satisfação proporciona aos jovens, tendência confirmada pelos inquéritos analisados, é *“ conviver com os amigos.* É sobretudo o prazer do convívio – *“ o prazer da convivência ”* – e depois o bem estar que o convívio produz – *“ o ambiente de companheirismo e de solidariedade que se encontra no grupo de amigos ”* – as dimensões mais salientes no perfil valorativo dos jovens face aos amigos, o que aponta para uma atitude expressiva, e não instrumental ou utilitária, face ao convívio com os mesmos (Ferreira, 1993).

A FAMÍLIA

A testemunhar o alargamento do período de não entrada na fase “adulta “, estão os resultados dos inquéritos analisados por Paulo Ferreira. Estes reforçam o papel estratégico que a família mantém enquanto garante do sustento económico por períodos muito mais longos quando comparado com gerações anteriores. Citando os resultados do inquérito do I.C.S., *“80 % dos jovens portugueses, (recorda-se que incluía a faixa etária dos 15 aos 24 anos), vivem com a família, 77 % com os pais, e com outros familiares, 3%. A maioria dos jovens desfrutam da função instrumental da família, quer como primeira fonte de financiamento (47,4%), quer como segunda fonte de financiamento (41,2%), no caso daqueles que já trabalham, quer como principal meio para obter emprego (segundo os dados citados , cerca de 30% dos jovens que trabalham obtiveram emprego “ pedindo ajuda a familiares “)”(Ferreira, 1993:32).* Mesmo entre os jovens que trabalham a

maioria continua a viver com os pais, prolongando, assim, a sua dependência residencial e também monetária pois na sua maioria têm a família como segunda fonte de recursos financeiros. Esta importância funcional / instrumental vai contra a tese de subvalorização da família enquanto instituição social e relacional. A família constitui um dos elementos de referência fundamentais para os jovens, evidenciado pelos resultados dos inquéritos efectuados e que traduzem “...*uma imagem mais positiva do que negativa do lugar e função que é reconhecida a esta instituição social.*” (Ferreira, 1993:33). Segundo este autor, generalizadamente ao nível dos inquéritos analisados, verifica-se uma concordância maioritária com as imagens positivas da família e uma discordância igualmente maioritária com as suas imagens negativas (Ferreira,1993). Quando se analisa os dados mais em pormenor, tendo em atenção os estratos sócio-económicos dos jovens, observa-se que em geral, as atitudes negativas em relação à família tendem a aumentar ligeiramente à medida que se passa dos estratos sócio-económicos altos para o estrato baixo; neste último caso, é maior a propensão para se considerar a família como “*fonte de conflitos* “ e mais facilmente “ *substituível por um grupo de amigos*”, enquanto entre os jovens de estrato alto existe uma propensão ligeiramente maior para considerar a família como “ *local de segurança afectiva*”.

Através da análise do conjunto de questões colocadas nos diversos questionários sobre sentimentos de pertença e práticas de comunicação, foi possível também ver com que grupos e meios sociais mais se identificam os jovens e os que mais contribuem para a construção da sua identidade. Ao longo do quotidiano e das actividades que desenvolve, um jovem mantém ou pode manter uma série de relações com amigos, colegas de escola, colegas de trabalho, membros da família, etc. De entre estas os jovens, nos inquéritos do I.E.D. e I.C.S. escolheram as relações com os membros da família a constituir, como o segundo tipo de relações mais importantes, logo a seguir às relações com os amigos. Neste sentido conclui-se que, “... *em termos de projecção afectiva e posse de forte sentimento de pertença, a*

família não perdeu ainda o lugar que, correntemente se supõe ter perdido.”
(Ferreira, 1993:33).

De acordo com a grelha utilizada foi também possível constatar que é na área do futuro que se verifica um mais intenso relacionamento familiar, embora também aí se note um grande envolvimento com o/a namorado/a ou cônjuge e com os amigos, o que mostra que não é uma área de exclusiva competência familiar. De facto os resultados os inquéritos parecem demonstrar que a cada área corresponde um conjunto de relações predominante, inscrevendo-se as relações com os pais num domínio mais centrado nas preocupações com o futuro, nas vertentes de decisão ligadas a futuras responsabilidades sociais (Ferreira, 1993).

Em síntese, a família desempenha um papel central na vida dos jovens e que é reconhecido explicitamente por estes.

A ESCOLA

A escola é uma instituição com grande influência no campo da construção pessoal dos jovens. A fase da adolescência e da juventude nas sociedades ocidentais tem vindo a caracterizar-se por um alongamento da escolaridade, ou seja, um alongamento do tempo que o jovem dedica a processos de aprendizagem e formação em ambiente escolar. Assim, parte importante do quotidiano de muitos jovens desenrola-se dentro ou em redor das fronteiras da escola, e essa situação marca de forma decisiva o seu modo de vida e tem influência nos seus comportamentos e orientações.

O levantar de questões acerca do papel e valor atribuído à escola sempre constituiu campo frutífero, testemunhado aliás no número significativo de estudos desenvolvidos, nomeadamente aqueles que até ao momento temos vindo a citar, e todos aqueles que se lhes seguiram. Quer o inquérito do I.E.D., quer o inquérito do I.C.S. incluíam questões acerca da valorização de determinados aspectos da escola, da valorização das funções que a escola deveria desempenhar e das aspirações em relação à educação e ao prosseguimento ou abandono dos estudos. Comparar os resultados dos inquéritos nesta área revelou ser, no entanto uma tarefa

impossível já que as questões formuladas direccionavam os inquiridos para respostas bastantes distintas. Refira-se, para além disso, que os inquéritos não abrangeram populações com igual situação escolar. No inquérito do I.E.D. foram abrangidos jovens estudantes, trabalhadores, trabalhadores – estudantes, estudantes que procuravam emprego, que não estudavam, nem procuravam trabalho, e jovens desempregados, enquanto que a amostra base para o inquérito do I.C.S. só abrangeu jovens estudantes, trabalhadores e trabalhadores estudantes. As experiências vividas têm uma influência directa sobre o perfil valorativo atribuído à escola, instituição que ocupa uma posição estratégica no processo de transição para o mundo do trabalho, e construção das aspirações educativas.

Os resultados conduzem, nos casos citados dos inquéritos do I.C.S. e I.E.D., a conclusões contraditórias, relativamente às questões : “ *Se hoje tivesse possibilidade de alterar a sua ocupação, que preferia? Continuar só a estudar; deixar de estudar e ir trabalhar; trabalhar e estudar ao mesmo tempo; não estudar nem trabalhar .*” e “*Terminando os estudos que frequenta, que gostaria de fazer ? Continuar só a estudar; empregar-se / trabalhar; continuar a estudar a tempo inteiro e empregar-se em “part-time”; empregar-se a tempo inteiro e estudar nos tempos livres; nenhuma destas coisas.* ”, respectivamente. Enquanto no Inquérito do I.C.S. é revelado um desejo maioritário de inserção no mundo do trabalho, nos dados do I.E.D. esse desejo é minoritário (Ferreira, 1993). Para este autor, “*estas diferenças não resultam da mudança de opinião mas sim são efeito da forma semântica de cada pergunta.*”(Ferreira, 1993:60).

Passando para o domínio mais específico das aspirações à educação, verifica-se a tendência, mais ou menos generalizada, de obter um diploma de curso superior, sendo isso mais nítido nos jovens que se encontram inseridos na escola (Ferreira,1993). Neste desejo, pensam, maioritariamente, que são acompanhados pelos seus pais, embora o nível de importância percebido diminua dos estratos superiores para os inferiores, enquanto a percepção de uma pouca importância ou indiferença em relação aos estudos dos filhos varia no sentido inverso. Parecem existir

assim dois tipos de socialização, “... *uma mais orientada para os estudos e obtenção de graus académicos, que corresponde aos meios sociais mais favorecidos, e, nos meios sociais mais desfavorecidos, um outro tipo de socialização, em que a importância dos estudos é significativamente menos e a do trabalho será correlativamente maior.*” (Ferreira,1993 : 58). Estes dois tipos de socialização inculcam modelos diferentes de transição da juventude para a vida adulta : uma transição que se fará através da inserção imediata no mundo do trabalho, outra que se fará através do prolongamento dos estudos.

Que aspectos consideram os jovens mais importantes na escola ? Serão aspectos ligados ao ensino, aos programas, etc.; e que poderíamos apelidar de formais, ou aspectos mais informais como por exemplo a convivência com os amigos, ou ainda aspectos mais instrumentais como por exemplo o facto de o ensino proporcionar condições para a mais fácil obtenção de um emprego? Os resultados analisados conduzem a dois tipos de conclusões. O inquérito do I.E.D. revela que os jovens, na sua maioria, valorizam na escola aspectos instrumentais associados à utilidade dos conhecimentos, especialmente para a vida profissional. Os resultados do inquérito do I.C.S., traduzem, por seu turno, uma atitude eminentemente lúdica, traduzida a partir da valorização preferencial dos aspectos do convívio, dos aspectos informais. “*Considera-se a partir daqui que no espaço de tempo que decorreu entre a realização dos dois inquéritos houve mudança de atitude dos jovens em relação à escola, consubstanciada no crescimento de uma ética mais “convivialista”, mais “lúdica.”* (Machado Pais, 1994:20).

O DINHEIRO

O dinheiro é uma das dimensões simbólicas com que decidimos trabalhar, pelo que é de todo o interesse desenvolver , tal como aconteceu para as anteriores dimensões, uma atenção cuidada e pormenorizada, sobre os resultados de outros trabalhos realizados na área, e, nomeadamente, ao perfil equacionado por Paulo Ferreira. Esta dimensão analítica foi

exclusivamente explorada pelo inquérito do I.C.S. , e tal como o autor, é a partir dos seus resultados que sintetizamos os principais aspectos.

A maioria dos jovens inquiridos, *“...cerca de 85 % dão muita importância ao dinheiro, não se registando variações significativas quando se ventilam os dados pelas variáveis de caracterização da amostra. Por outro lado, a possibilidade de ganhar “ muito “ dinheiro é um dos aspectos do trabalho mais valorizados por uma percentagem significativa dos jovens.”*(Ferreira, 1993: 79).

Mas o que significará esta grande importância atribuída ao dinheiro por uma substancial maioria dos jovens? Será que significa uma consciência de que o dinheiro é uma fonte de poder e prestígio na sociedade ? Ou será que se olha para o dinheiro como aquilo que permite uma vida segura, sem privações nem aflições, quer no momento presente, quer pensando no futuro? Ou será ainda que se valoriza o dinheiro apenas por aquilo que ele permite comprar e pelo prazer que se pode obter desfrutando desse consumo ? As principais razões referidas da importância do dinheiro para a maioria dos jovens parecem apontar para um espírito hedonista, comandado pela procura do prazer, o que sugere, que os jovens valorizam o dinheiro pela liberdade que ele proporciona de satisfazer os desejos pessoais (Schmidt, 1990). De relevância é também a dimensão futuro, já que também é significativa a representação do dinheiro como um *“meio de encarar o futuro com maior segurança”* (Ferreira, 1993).

Os valores de prestígio e poder que podem estar associados à posse de dinheiro parecem por seu turno, não encontrar grande adesão entre os jovens, rondando os *“19 % de concordâncias”* (Ferreira, 1993:79). Embora esta percentagem não seja insignificativa, parece revelar no entanto que a maioria dos jovens não valorizaram o dinheiro enquanto fonte de prestígio social ou poder, pelo menos no sentido em que não é considerado um meio de domínio sobre os outros ou de acesso a posições de poder, nem um meio de conferência de signos de respeitabilidade social. Contudo, se o dinheiro não é maioritariamente considerado como um meio de acesso a posições de poder e ou de domínio / ascendente sobre os outros (a sociedade ...), ele é,

no entanto, considerado como um dos meios de libertação pessoal, nomeadamente paterna. Analisando as representações sociais acerca do dinheiro através das variáveis de estratificação social que foram equacionadas, chega-se também à conclusão que as razões da importância do dinheiro predominantes em todos os estratos sociais, nomeadamente nos superiores, são principalmente de carácter hedonista.

O inquérito do I.C.S. também possibilitou ver que percentagem do dinheiro, de que dispõem, gastam os jovens com determinados tipos de despesas. A variedade de despesas registadas foram agregadas em três tipos principais : “...*despesas formativas (gastos relacionados com formação pessoal e a aquisição de conhecimentos), despesas básicas (gastos com a satisfação de necessidades essenciais, como a alimentação, vestuário, habitação e transportes) e despesas lúdicas (gastos com actividades de lazer e de preenchimento de tempos livres).*”(Ferreira, 1993:80). Estas despesas são asseguradas pelos pais, apenas parcialmente substituídos ao nível das despesas lúdicas quando o jovem já está a trabalhar. Neste âmbito destacam-se despesas com as idas ao cinema, teatro e espectáculos musicais; idas a discotecas, bares e pubs, lanches e guloseimas, discos e cassetes, produtos de beleza. Outra das conclusões que merece realçar é o facto de serem as despesas formativas, as menos realizadas pelos jovens, quer com o seu próprio dinheiro, quer com o dinheiro da família. Esta conclusão é significativa, já que a amostra abrangida pelo I.C.S. incluiu um número significativo de jovens estudantes.

Na mesma linha do contributo de Paulo Ferreira, enquadra-se uma outra obra de referência, de pressuposta síntese do perfil valorativo e representacional dos jovens. Publicada em 1990, o Vol. VIII da Colecção: Portugal – Os próximos 20 anos, intitulado : *Valores e Representações sociais*, propõe-se, “...*esboçar um corte transversal no processo de conhecimento do que os jovens pensam e valorizam*”. (Almeida, 1991:14). Ferreira de Almeida dividiu a sua análise em duas partes:

- na primeira, explorou o conteúdo de alguns manifestos políticos,

- na segunda, procurou recensear as tendências de posicionamento assumidas pelos jovens em relação às dimensões: Política, Religião, Trabalho e Família.

Este autor, preocupou-se não apenas em inventariar os principais resultados obtidos nos estudos efectuados, mas também discuti-los a partir do modelo de valores de Inglehart. Para ele, o modelo de Inglehart apresenta uma falha fundamental, o de ser conceptualmente ambíguo. Para este autor, *“os valores não devem ser distinguidos em materialistas e pós-materialistas, mas sim em extrínsecos e intrínsecos”* (Almeida, 1991:125). Os valores intrínsecos estão associados aos elementos: realização pessoal, autonomia, bom relacionamento com os outros, afectividade; e os valores extrínsecos estão associados aos elementos: segurança, dinheiro, status e sucesso. A análise da significância destes valores junto dos jovens portugueses, permite rejeitar as conclusões Inglehart. *“Em Portugal, e em particular junto dos jovens, não é evidente a prevalência de valores pós-materialistas, mas antes a combinação, com ênfase semelhante, destes valores com os materialistas”* (Almeida, 1990:129).

Merece também realce no trabalho de Ferreira de Almeida, a contestação que ele faz de algumas teses vigentes na Sociologia de Família, que defendem a acentuada perda de posição da família nos quadros de valores e representações contemporâneos. *“Os inquéritos que se têm debruçado sobre o tema permitem concluir que, e em particular junto dos jovens, muito provavelmente, a família permanecerá uma referência de valores de grande importância nas configurações culturais das próximas décadas.”* (Almeida, 1990: 101). Se alguns autores se pronunciaram por um *“enfraquecimento da institucionalidade da família”*, outros argumentam que a hipótese de *“desinstitucionalização”* da família não resiste à análise. (Miguel e Vilar, 1987; Roussel, 1989). *“Inscrita na sociedade, organizada por regras de relações, informada por padrões de valores, desdobrada em sistemas de práticas, condicionada pela sociedade em que se insere e dela por sua vez condicionante, estabelecendo relações especificadas com o mercado de trabalho, com o Estado e com as configurações culturais, a família, em*

síntese, não perdeu o carácter de instituição estruturante da sociedade, sujeita como qualquer outra a dinâmicas de continuidade e transformação” (Almeida, 1990 : 107).

Bártolo Paiva Campos é também autor de um interessante artigo de reflexão sobre valores, comportamentos e atitudes da juventude portuguesa. O artigo reporta-se ao ano de 1991, constituindo o 5º capítulo da sua obra : *“Educação e Desenvolvimento Pessoal e Social”*. A perspectiva analítica utilizada vai na linha da discussão da dicotomia valores sociais e valores individuais prevalecentes. Segundo ele, e a partir dos estudos que analisou (inquéritos realizados em Portugal e também citados por Ferreira de Almeida) *“...os jovens assumem um perfil cada vez mais individualista, mais focalizado sobre o seu espaço social próximo do que sobre o espaço social alargado. Perdem assim saliência os valores de igualdade, solidariedade e intervenção social e tomam-se objecto de valor as estratégias individuais de resolução dos problemas vividos”*.(Campos,1991: 120).Este autor, coloca o acento tónico e interrogativo sobre o papel a desempenhar pela escola, face a este perfil prospectivo de acentuação do neo-individualismo, e quando, à luz da reforma curricular derivante da Lei de Bases do Sistema Educativo, se acentua o papel activo da mesma na formação pessoal e social do jovem.

As conclusões a que chegou Ferreira de Almeida , bem como Bártolo Paiva Campos encaixam perfeitamente no quadro geral desenhado por Luís de França, responsável pela equipa que coordenou e explorou os resultados obtidos em Portugal. no Inquérito europeu promovido pelo European Value Systems Study Group. Os resultados constituem ainda, passados que estão cerca de 4 anos sobre a sua inventariação sob a forma de livro : *Valores Europeus – identidade cultural*, um importante instrumento de trabalho que aborda e explora o sentido e representação de alguns dos principais valores constituintes da identidade cultural nacional.

Não poderíamos terminar a inventariação de alguns dos principais estudos realizados sobre a problemática valores, sem fazer uma referência especial ao trabalho desenvolvido por Inglehart. Este interesse reside no

facto de ser o modelo definido por este autor, o quadro teórico-analítico enquadrador deste estudo.

Na década de 70, Inglehart propôs, em resultado de um estudo internacional por si desenvolvido, uma nova taxinomia de valores sócio-políticos. Esta taxinomia distingue 2 grandes grupos de valores : os valores materialistas e os pós-materialistas. Os primeiros, estão associados à satisfação de necessidades básicas elementares, ao bem estar económico e à coesão social; enquanto que os segundos relevam as preocupações de qualidade de vida e envolvimento dos cidadãos nos processos de tomada de decisão no trabalho, nos locais de residência e no sistema político (Inglehart, 1990). Este autor, considera que nas sociedades ocidentais está-se a verificar progressivamente uma prevalência de valores pós-materialistas sobre os valores materialistas. Esta mudança é efeito do desenvolvimento económico e social que decorreu a partir da II Guerra Mundial, e do clima de paz vivido a partir daí na Europa Ocidental, o que possibilitou, respondidos que estavam os objectivos subjacentes aos valores materialistas, a emergência de um novo tipo de valores (Inglehart, 1990). Deduz-se a partir daqui que, quanto maior for o desenvolvimento sociocultural de um país, maior será a saliência dos valores pós-materialistas relativamente aos materialistas. De facto, *“...a emergência do pós-materialismo acompanha a inovação tecnológica, a terciarização, a produção centrada em produtos com grande valor acrescentado, elevados níveis de instrução e forte penetração dos meios de comunicação social”* (Inglehart, 1990: 78). Os estudos efectuados pelo autor parecem confirmar as suas teses.

A escala de valores de Inglehart foi utilizada no Estudo Europeu de Valores, o que permitiu, pela 1ª vez, diagnosticar em Portugal a posição dos valores materialistas face aos pós-materialistas nos quadros valorativos dos portugueses. Os resultados foram comparados com os obtidos em outros países europeus e chegou-se à conclusão que os portugueses têm valores mais materialistas (França, 1994). *“Enquanto em muitos países da Comunidade está em estruturação um conjunto articulado de valores que questiona o crescimento económico e o desenvolvimento tecnológico sem*

regras, o modelo de vida urbano, a massificação das relações sociais, as relações com a natureza assentes na exploração a todo o custo, em Portugal, vive-se ainda predominantemente a oposição entre um modelo centrado na família, nas relações de autoridade e no ruralismo, e um modelo centrado na expressão da autonomia individual e no progresso tecnológico.” (França, 1994: 257). Face a fases diferentes de desenvolvimento dos modelos de organização social, é lógico que as formas de concepção e valorização dos seus efeitos sejam também distintos. Saliencia-se que das conclusões, sobressaiu também, a actual orientação europeia e nacional para o que ficou designado como “*a individualização da vida social*”. “*Indicadores desta orientação são as tendências verificadas entre os portugueses em valorizar mais a liberdade, a competição, a recompensa do esforço e a competência individual.*” (França, 1994: 260). A aplicação do modelo de Inglehart evidenciou assim, o carácter específico dos posicionamentos valorativos dos portugueses.

Na linha genérica de caracterização do universo simbólico juvenil há ainda a realçar o conjunto de artigos reunido no n.º 8 da 5ª série dos Cadernos do Instituto de Ciências Sociais, intitulado: *Jovens Europeus*, com a organização científica a recair mais uma vez sobre José Machado Pais. Esse volume reúne um conjunto de reflexões de investigadores europeus (de Portugal, Finlândia, Grã-Bretanha, Alemanha, Holanda e França) sobre a situação dos jovens em vertentes relacionadas com a mudança social, a educação e os modos de vida. Através desta publicação procurou-se comparar as situações vivenciais dos jovens em alguns países europeus.

Explorando a tradição académica portuguesa e como síntese de enquadramento do que até aqui foi exposto verifica-se que:

- a década de 80 marca a consolidação definitiva do interesse por parte da comunidade científica portuguesa, (à luz do que já acontecia a nível internacional) na exploração das questões associadas à caracterização e análise comportamental dos jovens. A testemunhar esse interesse está o volume significativo de projectos de investigação, desenvolvidos a partir daqui sobre a problemática. A maioria destes projectos mereceram o

“aval” governamental, constituindo-se o Instituto da Juventude um dos principais financiadores dos mesmos.

- os primeiros anos da década de 90 marcam a tendência de sub-especialização analítica, o que conduz à exploração isolada de domínios e áreas de manifestação dos comportamentos e valores juvenis;
- por último, os últimos anos, contrariando a tendência registada até aqui, são marcados pela prevalência “institucional” de considerar a questão/ área da condição social da juventude, como quase totalmente estudada, não sendo assim alvo de análise de qualquer grande projecto patrocinado. Cabe agora a representantes mais ou menos anónimos da Sociologia da Juventude, desenvolver e incentivar, em foro preferencialmente académico, a aventura de descoberta de novos focos de interesse.

Trabalhar no campo da Sociologia da Juventude implica romper com alguns dos “paradoxos” que se cristalizaram, nomeadamente nos anos 80, nos esquemas representativos de ver e conceber a “ cultura juvenil “. Os estudos realizados, por tentativa e erro, foram obrigados a reconhecer a inconsistência de algumas leituras dominantes e que defendiam, nomeadamente, a homogeneidade da condição “ser jovem”. A juventude não é um todo homogéneo, mas sim heterogéneo à luz e à imagem do que é a sociedade. Mais do que fazer uma dedução dos “ modos de vida “ dos jovens a partir de um centro imaginário, normalmente identificado com uma cultura dominante, parece ser preferível estarmos prioritariamente abertos a uma análise que admita o heterogéneo nos modos de ser, pensar e estar dos jovens, partindo dos seus infinitesimais mecanismos de vivência social, tentando perceber como esses mecanismos são investidos, utilizados, transformados, quais são as suas possíveis evoluções ou generalizações. É esta a forma de olhar a sociedade e os jovens, através do quotidiano.

2.5.2. AS ASPIRAÇÕES SOCIAIS E PROFISSIONAIS

A juventude compreende a fase em que se molda, constrói e sonha aquilo que cada um é e quer ser. É de facto uma fase crítica de mutações e provações, em que simultaneamente se aprende a ser, e a viver numa sociedade competitiva e cada vez mais individualista. Esta sociedade, que é extremamente exigente quanto à imagem construída, ao papel desempenhado ao status adquirido, mede preferencialmente os níveis de sucesso e insucesso individual em função de critérios materialistas. De facto é o que se tem, o que se pode ganhar, a classe social a que se pertence, a profissão que se desempenha os principais, quase únicos, critérios que medem a visibilidade individual na sociedade. Constitui ainda hoje a identidade e papel profissional individual um dos elementos estratégicos do ser e viver em sociedade.

Falar de identidade, ou de identidades dos jovens implica a exploração da relação existente entre essa dimensão com as representações, valores e práticas, mas sobretudo com as aspirações e expectativas. De facto *“... as identidades constituem certamente o “ produto de um passado” projectado no presente, mas são também “ produtores e condicionantes de um futuro.”* (Alves, 1996:297).

Falar de identidade ou de identidades dos jovens implica, também, compreender as dimensões básicas em que a mesma se estrutura. Falar de identidade juvenil ou identidades dos jovens é também compreender o seu carácter essencialmente construtivo indissociável do papel e estímulo produtivo e reprodutivo assumido pelos principais agentes de socialização primária. Falar de identidade no universo juvenil é também e por último, reconhecer o ambiente formativo / profissional como a maior fonte de estímulos construtivos e reflexivos, na medida em que, é aqui que é reforçada a noção e sentido do ser e agir em sociedade, no presente e no futuro. A abordagem destas questões, e outras que lhes estão inerentes, é complexa, e à mesma se dedicaram teóricos de referência já aqui citados, no âmbito da Sociologia e da Psicologia, em espaço internacional e nacional.

Um dos troncos fundamentais que constitui a complexa árvore da identidade individual está relacionada com aquilo que ele faz, tem apetência para fazer ou deseja fazer. Esta dinâmica prática envolve por sua vez várias componentes, entre as quais se salienta a dimensão profissional. O que cada indivíduo é ou deseja ser profissionalmente. Em jovem o estatuto profissional é eminentemente, prospectivo, sobretudo se pensarmos nos limites legais para o início do exercício da actividade profissional, e se complementarmos tal com os índices médios etários que compreendem a concretização da escolaridade obrigatória. Inseridos ou não em ambiente escolar a identificação, difusa que seja, daquilo que quer ser, constitui indiscutivelmente um tema de reflexão mais ou menos consciente a todos os jovens. Aqui jogam-se objectivos diferentes, metas distintas e necessariamente trajectórias distintas.

A problemática das escolhas profissionais, e em fase embrionária, as escolhas vocacionais foi palco de discussão interdisciplinar. No seu estudo e mensuração se cruzaram, até aos nossos dias, as mais distintas perspectivas teóricas, mais ou menos “psicologizantes”, mais ou menos “sociologizantes”. Nem sempre, contudo, foi conseguido a eficaz inter-relação e integração de tal questão com a macro análise da identidade social do jovem, e em última instância, da consistência social do ser, agir e pensar de qualquer indivíduo. No relativo ao processo de escolhas vocacionais parece-nos importante realçar o percurso de algumas tentativas de explicação sobre o mesmo; recorreremos para tal a mais um instrumento de trabalho de referência na área, de autoria de Jonh Crites , (1969), *Vocational Psychology*. É interessante, o inventário proposto pelo autor de alguns dos principais estudos desenvolvidos, de caracterização da génese do processo de escolhas vocacionais. Um longo caminho foi percorrido, quebrando fronteiras estanques. Esse processo de escolha tem implicações várias nos domínios biológico, psicológico, económico, cultural, social que identificam o homem numa fase específica de desenvolvimento em sociedade. “ *The basic assumption is that vocational choice is a special aspect of general*

development wich parallels, influences, and is modified by emotional, intellectual and social development. “ (Crites, 1969:113).

É nesse mesmo sentido, que vão algumas das explicações avançadas por alguns dos últimos estudos feitos em Portugal , nesta área. Entre tantos outros, citam-se por exemplo:

- “ Estudo do enquadramento relativo aos problemas de orientação vocacional no contexto das transformações sociais e culturais induzidas pelo processo de desenvolvimento económico”, desenvolvido por Helena Cidade Moura;
- “ As disciplinas do 3º Ciclo do Ensino Básico e as escolhas escolares e vocacionais dos alunos “- estudo de caso de responsabilidade de Antonieta Amaral e António Bustorff apresentado sobre a forma de comunicação no VI Colóquio Nacional da AIPELF;
- “ A identidade vocacional em alunos universitários”, estudo de caso desenvolvido por José Bravo Nico junto de uma amostra aleatória de 40 indivíduos que frequentavam o 1º ano de alguns dos cursos de Licenciatura da Universidade de Évora, no ano lectivo 1995 /1996 ;
- “ As escolas profissionais e a construção da identidade vocacional dos jovens : uma análise de 3 situações”, projecto desenvolvido por Maria da Conceição Pinto da Rocha;
- “ Jovens Licenciados em processo de transição para a vida activa : problemática de construção identitária”, de Mariana Alves;
- “ Estudo da relação das escolhas vocacionais em jovens adolescentes dos Açores “, de Suzana Nunes Caldeira, entre outros...

A questão vocacional está necessariamente associada à construção identitária, e em termos mais concretos, à definição do perfil do futuro profissional. Penetramos assim no não menos dinâmico e complexo campo temático das identidades prospectivas, das aspirações e expectativas individuais. Trata-se não só de perceber o presente mas, com base neste, equacionar os modos e factores envolvidos na “construção” do futuro. Insere-se portanto no estudo do social, a procura da previsão do futuro,

equacionando a condição dos jovens, de adultos potenciais. Uma ampla tradição académica podemos invocar no estudo da complexa génese e caracterização das aspirações sociais. Mais uma vez citam-se contributos das mais distintas áreas científicas, preferencialmente da Psicologia e da Sociologia. Como obra base, cita-se o nome de P.H. Chombart de Lawe, autor do título : *Por une sociologie des aspirations*, (1971). Em território português, a já citada base de estudos / inquéritos realizados junto dos jovens, não descuraram esta dimensão analítica e assim quase todos,(pelo menos aqueles que em espaço oportuno nos mereceram referência especial) também incluíram os desejos, expectativas e aspirações como unidades mensuráveis nos respectivos inquéritos aplicados. Do grupo , e com risco de sermos repetitivos, realçam-se os seguintes títulos:

- *Os jovens e o futuro, expectativas e aspirações*, de Pedro Moura Ferreira;
- *O trabalho, o emprego, a profissão*, de Madalena Andrade;
- *Os sonhos e os futuros*, de Jorge Vala, Luís de França e Fernanda Barros

Em âmbito essencialmente reflexivo, realçam-se principalmente três nomes: Teresa Ambrósio, Helena Cidade Moura e José Azevedo, que procuraram discutir em diversos artigos dedicados à temática, o conceito e noção de aspiração, as suas implicações sociais, e sua projecção em âmbito profissional. Constituindo o emprego e em particular a profissão, um elemento estruturador do processo de desenvolvimento individual, é lógico o interesse pela análise concreta desta sub-área, concretizada a partir do estudo dos factores influenciadores do processo, das suas características e do seu sentido concreto. O que os jovens aspiram ser e porquê, foi, é, e será um campo aberto para acesa discussão teórica e disciplinar. Na tradição académica mais recente destacam-se:

- João Ferreira de Almeida, António Firmino da Costa, Fernando Luís Machado no seu projecto "Família, estudantes e Universidades". Para além da questão valorativa também se

interessaram pela análise dos factores associados às escolhas vocacionais : razões de escolha do Curso, intenções relativas à continuação dos estudos, aspirações e expectativas perfilhadas acerca da profissão a desempenhar após a conclusão do curso, desejos e ambições desenvolvidos acerca do emprego a desempenhar.

- Francisco Carmo, Gilberto Pavão Nunes Rocha, Octávio Medeiros, Helena Ribeiro, co-autores do estudo : *Situação e aspirações da juventude nos Açores*, concretizaram um corte transversal no “status quo “ dos projectos desenhados pelos jovens dos Açores. Como eles encaram o futuro, que aspectos mais valorizam no seu futuro pessoal e social, que objectivos educativos / formativos têm, que perfil / perfis profissionais valorizam, eis algumas das principais questões levantadas. O quadro conclusivo desenhado é pouco animador para o espaço social comunitário dos Açores, já que a maioria dos jovens apresenta-se bastante preocupado e céptico acerca do seu futuro. Tal cepticismo é sobretudo influenciado pela falta de emprego, o que os leva a definir o Continente como o espaço mais provável de destino para a concretização dos seus desejos profissionais. A agricultura ou pesca converteram-se em sectores de destino desagradáveis, preferindo a maioria uma especialização técnica no sector industrial e / ou administrativo. Este é o quadro prospectivo desenhado para os Açores, que invoca bastantes mudanças salvaguardando no entanto, o hiato entre os modos de pensar e fazer, e entre as representações e as práticas.
- Lucília Ramos com o projecto consubstanciado em tese de Mestrado : *A escola na inserção social e profissional dos jovens*. Junto de uma amostra de alunos, professores, pais, sindicalistas, autarcas e empresários no contexto do Distrito de Setúbal procurou não só tipificar o conjunto de aspirações profissionais dos jovens alunos, bem como integrá-las no âmbito micro da escola e

macro do Distrito de Setúbal. Questionou não só o papel da escola no processo, bem como os eventuais ajustamentos / desajustamentos das escolhas relativamente às características do mercado de emprego na região.

- Filipa César : “ O que queres ser quando fores grande ? Valores, representações e aspirações das crianças relativamente ao trabalho e às profissões.” A autora procurou explicar, alguns dos porquês que se colocam na definição das profissões ambicionadas pelas crianças. O estudo reporta-se a uma população de crianças com idades situadas em torno dos 9 anos que frequentam o Ensino Básico em três escolas da cidade do Porto. Situadas no períodos convencionado da socialização primária , estas crianças estão a construir as estruturas e convenções básicas de representar e ver o meio envolvente. Período áureo em que se cruzam estímulos externos e internos, enriquecidos pelos mecanismos efervescentes do imaginário infantil. Nos processos de selecção, identificação do que se quer ser quando for grande, cruzam-se as imagens e as experiências vividas dos outros, que assumem um papel de referência. Partindo também do modelo de análise de Inglehart, Filipa César explora a relação “ umbilical” que existe entre espaços, trajectórias individuais e esquemas de representação presente e futura. O estudo efectuado reporta-se não só à identificação do perfil / perfis profissionais, como também à análise e interpretação do seu significado, enquanto projecto atribuído de valor: escolhem e porque escolhem.

A interpretação valorativa dos projectos e aspirações profissionais leva-nos à análise de outros modelos de investigação que se consolidaram por entre a tradição académica na área. Citamos por exemplo Traxler e McCall, Cantral e Allport, Rosenberg e Ginzeberg, Victor Vroom entre tantos outros que utilizando o modelo de preferências e escolhas profissionais de Kuder, o modelo de Inglehart ou enveredando por modelos próprios, discutiram sobre o valor, imagem e representação atribuída às diversas

opções profissionais, factor considerado legitimador da(s) escolha(s) assumida(s). É bom também não esquecer os resultados dos mais variados estudos já aqui citados, desenvolvidos em Portugal, nomeadamente os de iniciativa do I.E.D. e do I.C.S..

2.5.3. UMA TENTATIVA DE SÍNTESE

Os resultados das investigações que conseguimos reunir reforçam mais uma vez, e neste particular, a ideia subjacente à forma e representação dos problemas e elementos que caracterizam a juventude, isto é, a assumpção da heterogeneidade de perspectivas. Contra alguma tradição interpretativa que defendia a padronização e homogeneização, o posicionamento dos jovens toca os vários pontos de um intervalo que medeia entre uma posição marcadamente pós-materialista, intrínseca, associando a profissão a valores de realização pessoal e social, e uma posição materialista, instrumental, exacerbando o significado de um bom salário, e de uma profissão com prestígio.

Tal como em todas as restantes dimensões em que podemos compreender e analisar a juventude, no capítulo relativo às suas representações, valores e aspirações devemos assumir sempre a riqueza da heterogeneidade como ponto de partida, porque a heterogeneidade é estruturante e estruturador da condição multiforme, inexorável, da sociedade em que participamos.

3. METODOLOGIA DO ESTUDO

3.1 . ABORDAGEM GERAL DO ESTUDO

A construção de um projecto de investigação passa necessariamente por várias etapas, que vão desde o esboço inicial daquilo que se quer estudar, até à operacionalização da matriz de acesso a essa mesma realidade. Todo o projecto de investigação deve ter método e para que as ideias e interesses iniciais possam ter aplicabilidade, é necessário que o seu responsável consiga traduzi-las numa linguagem e em formas que o habilitem a conduzir o trabalho sistemático, de recolha e análise dos dados de observação ou experimentação, que deve seguir-se.

O campo de análise subjacente a este estudo estrutura-se na exploração da inter-relação existente entre sociedade e mundo do trabalho, e fixa-se operacionalmente no plano da dicotomia indivíduo / profissão.

O trabalho e concretamente a actividade profissional constitui um núcleo estruturador da vida social dos indivíduos nas sociedades contemporâneas. O desenvolvimento físico e psicossocial de qualquer indivíduo faz-se à luz dessa relação. Da mesma forma se definem expectativas, aspirações, valorizações, trajectórias e experiências que mais do que testemunhos individuais ajudam a compreender quadros valorativos que justificam maneiras de estar e ser de uma dada sociedade. No plano da dicotomia indivíduo/mundo do trabalho destaca-se a fase de pré-inserção profissional, pelo simbolismo específico que lhe está inerente, quer a nível pessoal, quer a nível social. Esta fase marca operacionalmente a transição individual para um papel activo no processo da produtividade nacional.

Face a esta problemática e de acordo com os objectivos propostos, a estratégia analítica adequada é a do tipo Survey, operacionalizada num corte transversal no desenvolvimento do fenómeno em estudo. O objectivo é determinar as presentes características e implicações do problema equacionado, já que *“aquilo que sabemos do comportamento social (e mesmo da generalidade dos fenómenos sociais) depende dos métodos usados para o estudar, enquanto que os métodos para o estudar depende do*

que sabemos do comportamento social.” (Derek Philips citado por Ferreira, 1986: 172). A escolha da estratégia analítica foi, assim, feita ponderando as características e as possibilidades inerentes às opções metodológicas existentes, e a adequação das mesmas aos objectivos de pesquisa bem como ao conhecimento que se tinha do fenómeno em estudo. Neste âmbito, não existia qualquer tipo de conhecimento prévio da significância social dos objectivos de estudo definidos no espaço em análise. Daí que, a investigadora partiu de um número disperso e insuficiente de indicadores locais relativos ao fenómeno em estudo, aos quais procurou agregar outros que resultaram do processo de investigação desenvolvido. A sua componente exploratória é evidente e fundamenta-se no objectivo geral de pesquisa: *Caracterização das aspirações profissionais dos jovens.*

Em concreto, interessou explorar o universo das aspirações perfilhadas pelos jovens, à luz de um determinado espaço social, (intencionalmente seleccionado) que correspondeu ao Concelho de Beja, e temporal, coincidente com o momento de realização da pesquisa. A análise foi feita não numa perspectiva puramente descritiva e padronizadora, mas enquanto representativa de uma combinação particular e contextual do fenómeno em estudo.

Embora o princípio analítico fosse o de não assumir a informação disponibilizada pelos sujeitos da pesquisa, como substantiva *per si*, isto é, ela tem um significado e significante social que houve que equacionar, no entanto foi junto dos mesmos que a estratégia prática teve que intervir. Partindo de um número insuficiente de elementos definidores do objecto de estudo, a alternativa metodológica que privilegiasse a suscitação, recolha e reconstrução dos mesmos junto da população alvo, constituiria sempre a alternativa correcta. De facto, “ *Survey research involves asking a random sample of individuals to respond to a set of questions about their backgrounds, past experiences, and attitudes.*” (Castetter e Heisler, 1982:16).

Para dar *corpo* ao modelo de análise construído, definiram-se etapas parciais que conduziram em ultima instância à construção do instrumento

fundamental de recolha de informação em que se baseia esta pesquisa : o inquérito por questionário.

3. 2 . POPULAÇÃO E AMOSTRA

Do ponto de vista sócio-económico, Beja é sede de Distrito de uma das regiões mais *deprimidas* do espaço territorial que compreende a União Europeia. Encontramos aqui, uma estrutura empresarial bastante debilitada, dependendo fundamentalmente dos sectores da Agricultura e do Comércio e Serviços. Relativamente à agricultura verifica-se a tendência crescente para o seu abandono. As regras impostas pela P.A.C. e as novas exigências de produtividade e competitividade introduzidas pela crescente globalização dos mercados, aliados a estrutura etária duplamente envelhecida, têm dificultado a sobrevivência económica do sector. Mesmo no Concelho de Beja, que é conhecido pela boa qualidade dos seus solos, a agricultura deixou de ser encarada como fonte alternativa em termos de rendimento económico familiar, e pessoal.

As dificuldades em garantir uma oportunidade de emprego viável estendem-se também aos outros sectores de actividade. De facto, de acordo com informação recolhida, no mês de Outubro de 1997, estimava-se em 13,3% a população desempregada, na área de intervenção do Centro de Emprego de Beja. De referir que nesta população desempregada, os jovens à procura do primeiro emprego representam cerca de 30 %.

Os elementos que compõem e caracterizam o espaço socio-económico de um determinado contexto, são condicionantes de todo o processo de construção do perfil profissional ambicionado. As oportunidades profissionais constatadas e existentes no meio, influenciam a decisão do jovem sobre a profissão ou profissões que mais se ajusta(m) àquilo que ele pretende. Por outro lado, deve notar-se que o enveredar por uma área com poucas soluções profissionais poderá retardar o processo de afirmação e independência face à família.

O Concelho de Beja apresenta no contexto do Distrito, como seria de esperar devido à agregação funcional de serviços e departamentos do Estado e ainda à concentração de vários níveis de ensino, um índice de população juvenil mais elevado do que nos restantes concelhos.

Face às características acima referidas e tomando também em consideração a sensibilidade particular adquirida pela investigadora ao longo da sua vivência no Concelho, consideramos como adequada a escolha deste espaço para a concretização do presente estudo enquanto “*locus*” de uma vivência especial juvenil.

A população alvo deste estudo é constituída por 2586 estudantes do 10º, 11º e 12º ano de escolaridade, Via Geral e Tecnológica das escolas secundárias do Concelho de Beja (Quadro n.º 3.1). A selecção deste universo fundamenta-se no objectivo de explorar as aspirações profissionais dos jovens, numa fase decisiva de tomada de posição face ao percurso de inserção profissional que se avizinha. Cumprida a escolaridade obrigatória, cabe ao jovem decidir quando e por que via pretende iniciar esse mesmo percurso.

Os jovens que optam pela formação secundária, subdividem-se no Concelho de Beja, pelas duas únicas escolas instituídas para os receber. Essa divisão é feita de acordo com a freguesia de residência. Até ao ano lectivo de 1994/1995 essa separação tinha como critério as áreas de opção vocacional, na medida em que, ao contrário do que acontece agora, cada escola apresentava apenas oferta formativa em duas áreas.

Para o alcance dos objectivos propostos, houve a necessidade de, para além de controlar o indicador relativo às áreas vocacionais de opção, ter também em conta a possível influência da via formativa seleccionada, bem como do ano de frequência, sobre as aspirações profissionais identificadas pelos jovens estudantes alvo desta pesquisa.

Assumindo a decisão de continuar a estudar, duas alternativas de via formativa estão disponíveis ao jovem : a via tecnológica, ou a via geral (vulgo – prosseguimento de estudos). Pressupondo a especialização técnica na área de opção, a via Tecnológica constitui uma alternativa *mais*

profissionalizante do que a que caracteriza o Curso Geral. Associada a cada via assim, existem imagens caracterizadoras da sua natureza e conteúdos práticos. Essas mesmas imagens e representações têm subjacente o tipo de disciplinas, o conteúdo das matérias leccionadas e as características formativas das alternativas existentes. A via formativa de opção pode assim ser considerada como um indicador do conteúdo funcional das profissões ambicionadas.

Partindo do pressuposto de que a via formativa constitui um factor de enquadramento das aspirações profissionais e dos valores dos jovens, o ano de frequência pode servir de indicador de reforço ou ajustamento a essas dimensões. O percurso escolar complementa a base informativa e a experiência pessoal, que se traduzem em componentes de re-adequação e enquadramento dos valores, representações e aspirações construídas pelo jovem.

Dada a impossibilidade prática de abarcar todo o universo, o recurso à estratégia de amostragem era a alternativa possível e exequível para a concretização do estudo proposto. Por outro lado através de uma conveniente gestão de tempo e de recursos, uma pesquisa baseada numa amostra adequadamente seleccionada, pode fornecer dados mais precisos e completos do que os obtidos a partir do estudo da população inteira, designadamente quando estamos perante universos grandes.

Para o cálculo e delimitação da amostra recorreu-se à base de dados disponibilizada pelo Centro de Área Educativa do Baixo Alentejo e Alentejo Litoral - Direcção Regional de Educação do Alentejo, referente ao número de alunos matriculados no ano lectivo de 1997/ 1998 nas escolas secundárias do Concelho de Beja. De acordo com as características do universo alvo, dividido por escola, ano e área formativa de opção a amostra representativa por estratos foi a opção que se considerou mais adequada.

A estratificação implica dividir uma população em vários segmentos ou *estratos*, com base numa ou mais características que se presume estarem estritamente associadas com as variáveis em estudo, como é o caso. Com esta divisão em estratos, ganha-se em fiabilidade e pertinência nos

resultados obtidos, na medida em que se controla logo à partida o efeito resultante das variações *entre estratos* e variações *nos próprios estratos* (Scheaffer, Mendenhall e Ott, 1990).

Quadro n.º 3.1

Estudantes que frequentam o ensino secundário do Concelho de Beja

ESCOLA SECUNDÁRIA DIOGO DE GOUVEIA - BEJA									
Ano de escolaridade	10º Ano			11º Ano			12º Ano		
Via Formativa	Curso Geral	Tecn.	Total	Curso Geral	Tecn.	Total	Curso Geral	Tecn.	Total
N.º de Alunos	497	110	607	303	54	357	491	34	525
ESCOLA SECUNDÁRIA D. MANUEL I - BEJA									
Ano de escolaridade	10º Ano			11º Ano			12º Ano		
Via Formativa	Curso Geral	Tecn.	Total	Curso Geral	Tecn.	Total	Curso Geral	Tecn.	Total
N.º de Alunos	254	147	401	207	123	330	311	55	366
Total	751	257	1008	510	177	687	802	89	891

Fonte: Centro de Área Educativa do Baixo Alentejo e Alentejo Litoral – D.R.E.A.

Para a construção do plano de amostragem por estratos assumiu-se como vector básico, o ano de escolaridade. Este tipo de estratificação está de acordo com os objectivos subjacentes a este estudo, apesar da base de dados populacional estar subdividida por escolas. O que está em causa é a análise e caracterização dos valores e aspirações profissionais da população estudantil residente no Concelho de Beja que frequentava, no momento de realização da pesquisa o ensino secundário.

O número total de unidades elementares que compõem a amostra foi calculado em 192 jovens através da fórmula a seguir indicada:

OS VALORES E AS ASPIRAÇÕES PROFISSIONAIS DOS JOVENS:
O CASO DOS ESTUDANTES DO ENSINO SECUNDÁRIO DO CONCELHO DE BEJA

$$n = \frac{\sum Ni^2 \cdot Gi^2 / wi}{N^2 D + \sum Ni Gi}$$

$$N^2 D + \sum Ni Gi$$

Ni = número de elementos do estrato *i*

N = número de elementos total da população

$$D = B^2 / 4$$

G² = variância

(Scheaffer, Ott e Mendenhall, 1990:106)

O número de jovens inquiridos por estratos (ano de escolaridade) foi calculado proporcionalmente ao número total de estudantes dos respectivos anos de escolaridade (Quadro n.º 3.2).

Quadro n.º 3.2

Distribuição da amostra de acordo com a escola, ano de escolaridade e via formativa de opção.

ESCOLA SECUNDÁRIA DIOGO DE GOUVEIA - BEJA								
Ano de esc. Via form.	10º Ano		11º Ano		12º Ano		TOTAL	
	Amostra Calculada	Amostra Real	Amostra Calculada	Amostra Real	Amostra Calculada	Amostra Real	Amostra Calculada	Amostra Real
Curso Geral	34	30	28	24	35	30	97	84
Via Tecnológica	7	5	5	5	2	2	14	12

ESCOLA SECUNDÁRIA D. MANUEL I - BEJA								
Ano de esc. Via form.	10º Ano		11º Ano		12º Ano		TOTAL	
	Amostra Calculada	Amostra Real	Amostra Calculada	Amostra Real	Amostra Calculada	Amostra Real	Amostra Calculada	Amostra Real
Curso Geral	15	13	19	15	23	18	57	46
Via Tecnológica	9	6	11	7	4	2	24	15
Total	65	54	63	51	64	52	192	157

Fonte: Cálculos próprios

A selecção dos jovens inquiridos foi feita aleatoriamente tomando por base os números de inscrição dos alunos. Do grupo inicial de 192 jovens, apenas foi possível recolher informação junto de 157, grupo definitivo com que trabalhamos (Quadro n.º 3.2).

3.3. CONCEPTUALIZAÇÃO DAS VARIÁVEIS

O presente estudo centra-se na análise da inter-relação existente entre dois pólos conceptuais : Valores e Representações Sociais e Aspirações Profissionais. Visa-se com o mesmo identificar, caracterizar e explorar as aspirações profissionais perfilhadas pelos jovens de hoje, tendo em conta os valores e representações sociais partilhados pelos mesmos, relativamente a dimensões / espaços sociais considerados estruturantes do projecto profissional.

Trata-se não mais do que tentar explorar a consistência da relação existente entre valores sociais e aspirações profissionais, isto é, saber em que medida subjacente aos projectos profissionais ambicionados encontramos ou não perfis simbólico-valorativos homogéneos e padronizados. Será que na génese das aspirações profissionais, podemos identificar formas padronizadas de *ver e sentir a sociedade*? Ou será que a identificação daquilo que ambicionamos ser, é fruto de um processo de escolha e selecção não directamente relacionado com a hierarquia de valores e representações que o jovem perfilha acerca da realidade envolvente?

3.3.1. SOBRE O CONCEITO DE ASPIRAÇÃO PROFISSIONAL

As aspirações constituem *“...a explicitação de um desejo à partida inconsciente, em que a avaliação do objecto está integrada no sistema de valores da sociedade, meio ou grupo do qual o indivíduo faz parte.”* (Lawe, 1983:78). De facto, *“... as aspirações têm origem simultaneamente, em matriz psicafectiva do indivíduo e nas influências do seu meio social e*

condições de vida de uma sociedade.” (Ambrósio, 1985: 1025). Isto é, as aspirações representam, assim, a simbiose interactiva entre o plano pessoal e social e são directamente condicionadas pelas condições materiais de existência, pelos valores e representações partilhadas. Esta perspectiva também é válida na construção das aspirações relativas à profissão. A identificação daquilo que se quer ou não ser profissionalmente, tem em conta necessariamente todo o percurso individual e social. Considera-se assim a aspiração profissional como expressão da área e/ou profissão ambicionada, de futuro desempenho.

Embora orientados para o estudo das identidades sociais e profissionais, os trabalhos efectuados por R. D. Enright (1979), Claude Dubar (1993), Michel Crozier (1993), constituem referências indispensáveis para a análise das aspirações profissionais. Contudo, um dos contributos mais importantes para esta área é constituído pela obra “ *Por une sociologie des aspirations*” de P.H. Chombart de Lawe. Por exemplo, não podemos deixar de realçar a implicação conceptual e operacional de que “ *ao contrário do puro desejo a aspiração tem sempre uma dimensão social ao mesmo tempo que tem uma dimensão individual*”.(Lawe, 1983: 76). Ou seja o desejo constitui uma dimensão separada da aspiração. Assim sendo a aspiração é diferente da manifestação individual de um desejo, concretizado na fantasia face ao objecto ambicionado. Neste sentido a aspiração é acima de tudo uma construção individual, condicionada pelo ambiente externo que influencia a relação do sujeito com o objecto, posição ambicionada.

Algumas teorias psicológicas construídas com base em estudos efectuados na área das aspirações profissionais (*occupational aspirations*), também apontam para a pertinência operacional da distinção entre, o que os indivíduos *gostariam de ter* e aquilo que *acham que vão ter*, em termos de profissões. Na primeira expressão o indivíduo implica o seu desejo puro, a sua fantasia, isto é, o que quer ser se pudesse concretizar a sua ocupação ideal; ao nível da segunda expressão está implícito o constrangimento directo de factores externos para a sua resposta. A identificação da *profissão que acha que vai ter*, é feita “ *on the basis of a number of factors, including*

an appraisal of his abilities, an assessment of his personal traits and values, a knowledge of occupational opportunities, etc, as well as a consideration of his preferences. He may predicts that he will be selling in the future because it requires only a high school education and opportunities in it are good, but he may prefer engineering because it offers greater prestige and status.” (Crites, 1969: 124).

Explorar o campo das aspirações profissionais perfilhadas pelos jovens, na perspectiva social, implica portanto a consideração da implicação do objecto de estudo a nível individual e social. Embora seja o sujeito, neste caso o jovem, o personagem principal neste processo construtivo, o mesmo não deve ser isolado do contexto no qual ele aprende a ser, sentir e desejar. A separação operacional entre “*o que gostarias de ser*” e “*o que achas que vais ser*”, procura assim, e na perspectiva dos objectivos propostos, captar em que medida o factor social em sentido lato exerce influência nos planos profissionais construídos pela população alvo. Se quisermos, e de acordo com a terminologia psicológica, exploramos o *id* e o *ego* que existe em cada um de nós- a fantasia e o racional. Ou melhor, “*... a matriz psicafectiva e as influências do meio social e condições de vida de uma sociedade.*” (Ambrósio, 1985: 1025).

Para operacionalizar as aspirações profissionais elaborámos e colocámos à população alvo questões do tipo: “*Se pudesses seguir qualquer profissão que quisesses, qual é a que escolherias?*” e “*Qual é a profissão que achas que vais ter?*”. As respostas foram interpretadas em função do contexto de enquadramento do estudo, que delimita e influencia todo o processo de escolha e construção do projecto profissional ambicionado. São muitos os autores, que defendem que a construção do projecto profissional é um processo que leva aproximadamente 10 anos, e que tem o seu ponto crítico na fase de conclusão dos estudos secundário e universitário (Beilin, 1955; Lazarsfeld, 1931; Crites, 1969). É essencialmente um processo contínuo de ajustamento, entre a fantasia e o que a realidade indica. Processo com crises, com fases de indecisão e retrocesso. Neste sentido, a partir dos resultados obtidos, conseguimos apenas uma análise factual e

transversal do processo por que passam os jovens inquiridos, relativamente a um aspecto estruturante da vida de qualquer indivíduo e da Sociedade em geral, ou seja a profissão – o trabalho.

3.3.2. SOBRE OS CONCEITOS DE VALORES E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Na definição das suas opções, expectativas e / ou aspirações o indivíduo é influenciado pela matriz simbólica e valorativa. *“Os valores constituem conjuntos de atitudes muito gerais, abrangentes, que definem a orientação da pessoa face à vida, em termos das coisas que considera mais importantes”* (Ferreira, 1991:21). De facto, os valores *“ são construções simbólicas que se reportam a sistemas relativamente estruturados de preferências e se caracterizam pelo seu carácter tendencialmente duradouro”*(Garcia *et al.* 1993: 481) , intervindo assim no posicionamento presente e prospectivo de qualquer indivíduo. Estes *sistemas de preferência*, podem ser encontrados no plano social, nas características culturais de uma sociedade, tanto quanto no plano individual, ou seja, nos *sistemas de disposições* que os actores vão interiorizando ao longo da vida e que orientam os seus comportamentos. Os comportamentos dos actores, expressos em termos de acções e/ ou opiniões, são assim os principais indicadores dos valores que os regem e das representações que veiculam já que *“é sempre a partir do conjunto limitado e identificável de regras de um código que se organizam e exprimem os inúmeros comportamentos que desse código dependem.”* (Almeida, 1990:21).

Os sistemas de disposições dependem da contextualização do seu surgimento, nomeadamente do processo de socialização e das condições em que ele ocorre, mas têm também em si, possibilidades de evolução e mudança, cabendo ao indivíduo, no momento em que define as suas estratégias e comportamentos, um papel importante nessa evolução. Evolução contínua e não padronizável que torna qualquer tentativa de exploração do universo simbólico e valorativo um processo analítico

momentâneo e transversal. Os valores e as representações sociais estruturam e são estruturados pelas diversidades contextuais e vivenciais que envolvem cada indivíduo.

No que diz respeito ao conceito de representação social, invoca-se a definição de Serge Moscovici, tendo como ponto de referência a sua obra *“La psychanalyse, son image et son publique”*. Para Moscovici a representação social aparece como um *universo de opiniões* organizado à volta de uma significação central. Constitui um sistema cognitivo de significações e de interpretações da realidade – um aspecto da construção social da realidade, que reflecte as relações sociais e que contribui para as consolidar, elaborando os comportamentos, influenciando a comunicação e a conduta social.

A representação social é exprimida e comunicada por sistemas de referência da linguagem que nos permitem interpretar e categorizar os acontecimentos, ordená-los, na tentativa de interpretar e dominar a realidade. É uma forma de pensamento social, cujo conteúdo manifesta valores socialmente marcados.

Como processo dinâmico, a representação social é o resultado da dupla influência do psicológico e do social, em que estão presentes:

- “ (...) a experiência vivida nas relações sociais, com as quais se recolhem informações, se interiorizam valores e normas;
- os modelos e saberes transmitidos pela educação, tradição, imagens sociais ligadas às categorias a que pertencem.” (Ramos, 1992: 74).

Constitui, assim, um sistema cognitivo de significações e de interpretações da realidade - um aspecto de construção social da realidade, que reflecte as relações sociais e que contribui para as consolidar, elaborando os comportamentos, influenciando a comunicação e a conduta social.

Da análise do acto de representar emanam elementos fundamentais, tais como:

- a representação social é definida por um conteúdo; (informações, imagens, opiniões, atitudes, etc).

- a representação é sempre a representação de um objecto (trabalho a fazer, um acontecimento, uma personagem social);
- a representação é sempre a representação de um sujeito (indivíduo, família, grupo, classe), em relação a um outro sujeito;
- na estrutura de cada representação é inseparável o aspecto figurativo do aspecto simbólico e significante. A cada figura corresponde um sentido e a cada sentido uma figura;
- a representação social não é uma simples reprodução do real, não é um puro reflexo do mundo exterior ou um traço que é mecanicamente imprimido e recolhido no espírito. Comporta uma parte de autonomia e criatividade individual ou colectiva – coloca os processos simbólicos e de conduta em relação, colocando os processos cognitivos e simbólicos na orientação dos comportamentos;
- a representação social refere-se a categorias que a estruturam e a exprimem no âmbito de uma linguagem comum;
- a representação social é tributária das posições que os sujeitos ocupam na sociedade, na economia, na cultura (Jodelet, 1997).

No campo psicossocial dos processos de produção dos pensamentos individuais, de grupo ou de uma comunidade, a representação social tem como funções : a organização significativa do real, a função de explicação e de argumentação, a função de diferenciação social e a função de organização dos comportamentos e relações sociais (Ramos, 1992).

Definindo-se operacionalmente o conceito de representação social enquanto “... *um universo de opiniões organizados à volta de uma significação central*” (Jodelet,1997(1989): 64), foi a partir da expressão dessas mesmas opiniões que construímos o perfil posicional e valorativo assumido pela população alvo face a dimensões consideradas estruturantes da identidade pessoal e profissional.

A exploração do sistema de valores e representações sociais implica, e implicou em concreto no presente estudo, trabalhar com as imagens induzidas e recriadas pelos actores sociais alvo desta pesquisa. Exigiu a

exploração do pólo individual e social, no pressuposto de que os jovens são emissores e produtores de valorizações, e os agentes sociais são *inputs* de modelação desse *sistema produtivo*.

Entre esses agentes destaca-se a família. De facto, a família e as suas redes alargadas desempenham um papel crucial na gestão social da integração juvenil a vários níveis, não só ao nível da formação e da identidade social, mas também naquilo que é hoje a grande preocupação dos jovens (e da sociedade): o acesso ao emprego.

A família enquanto instituição é influenciada pela situação profissional dos seus componentes activos – estes emitem deliberadamente ou não, pareceres valorativos decorrentes da sua identidade profissional, relativamente ao mundo do trabalho e às profissões- assim como da sua relação com determinadas condições de vida e de status ou *visibilidade social*. Este contexto de socialização é determinante na construção das referências valorativas dos jovens, já que estes dependem (se ainda não garantiram a sua independência económica como acontece na maioria dos casos) do nível sócio-económico dela e da sua família. Um contexto sócio-económico difícil é propício a que o jovem discrimine determinado tipo de profissões e demonstre preocupações e valorizações eminentemente materialistas. O papel assumido pela família em todo o processo de *construção social* do indivíduo traduz-se na “acção” construtora e reconstrutora que exerce sobre o quadro simbólico-valorativo de qualquer um dos seus membros. Não discutindo aqui se esse quadro simbólico-valorativo tem ou não uma tendência dissociativa (isto é, as novas gerações tenderão a valorizar e assumir posições que contrastam com as assumidas pelos seus progenitores quer para, pura e simplesmente, marcar um espaço de independência, quer porque o espaço de construção representacional e valorativa é e foi efectivamente diferente), o que o jovem pensa, valoriza e aspira tem, de facto, na família uma coordenada de origem. Ou seja, “ é dentro dos limites estabelecidos pelas potencialidades hereditárias que a personalidade se forma” (Musgrave, 1979:45).

No âmbito dos objectivos definidos para esta pesquisa, considerou-se a construção representacional assumida pelos jovens acerca do papel atribuído à família uma unidade analítica. Isto é, procurou-se suscitar a opinião expressa dos jovens acerca do papel e função que atribuem à família enquanto instituição social, espaço de socialização, de construção identitária, de educação, em suma, de crescimento individual e social.

A concretização da aspiração ou aspirações profissionais em objectivo(s)/ necessidade(s) a satisfazer é resultado de um processo multifásico e dedutivo. Este compreende a indefinição total e/ou simples gosto e interesse superficial anexo a uma imagem difusa da profissão que se quer ter (na maioria dos casos dissociada da realidade), e a sua consolidação como prioridade canalizadora dos esforços pessoais e estruturante das opções e escolhas. Neste processo cabe à escola um papel estratégico. É no seio da mesma que o indivíduo, enquanto criança, exercita a exploração de novos espaços e contactos sociais extra esfera familiar, desenvolve a dimensão de conhecimento e experimenta regras de conduta, e é confrontado com as primeiras situações de competitividade. É em ambiente escolar que a criança, jovem e adulto recebe o mais significativo volume informativo e formativo, relativamente ao mundo do trabalho em geral, e ao profissional em particular. Esse volume informativo /formativo tem uma componente mais profissionalizante à medida que o jovem avança na escolaridade, ganhando uma expressão particular no 10º, 11º e 12º ano de escolaridade. É a partir daqui que são dados passos importantes na formação do projecto profissional exigindo-se “apenas” ao jovem que decida e opte pela área que mais se ajusta aos seus interesses. Essa opção é o primeiro degrau de uma longa escada que o jovem tem de subir e que acompanha todo o processo de construção da sua identidade profissional. A transição do 9º para o 10º ano é assim, um momento chave, que envolve “todo” o futuro pessoal, e o profissional, em particular. Nesta altura, o jovem deve procurar definir o que quer fazer, que rumo tomar e por que via. A escola constitui assim, um espaço social fundamental enquanto componente

estruturante e estruturadora das identidades sociais, em geral, e dos sistemas de valores e aspirações profissionais, em particular.

Se a escola e a família constituem unidades estruturantes no processo de delimitação daquilo que o jovem valoriza e aspira, subjacente ao mesmo não podemos, por outro lado, subvalorizar a componente amigos. O convívio com os amigos é aliás um dos traços mais salientes do quotidiano dos jovens e inclusive uma das dimensões / aspectos de vida mais valorizados pelos mesmos, tal como demonstram os resultados de estudos realizados sobre a temática.

É com os amigos que os jovens encetam maiores níveis de interacção, de comunicação e de partilha de opiniões. Cruzando os espaços da família e da escola, é a eles que, também, os jovens recorrem com objectivos meramente lúdicos e/ou de aconselhamento e partilha. Os amigos desempenham uma função de guia menos formal do que o assumido quer pela família, quer pela escola. A intimidade vai para além das conversas sobre as dificuldades na escola, da organização das saídas e/ou ocupação dos tempos livres; aos amigos, regra geral, se recorre nos *desaires de amor*, nas questões sobre sexualidade, nos *desabafos* sobre conflitos com os pais. Entre eles também se discute sobre as opções escolares, sobre o curso a seguir e até a profissão que se deseja. Os amigos têm, de facto, uma função estratégica “... quer na produção das identidades dos jovens, quer na construção das suas referências” (Schmidt, 1989: 76) .

A juventude é uma fase da vida que também se caracteriza pela frequência e exploração de novos espaços e hábitos. As saídas à noite, as férias em comum, tornam-se cada vez mais frequentes, o que faz disparar o índice de consumo e de gastos diários. Tal constitui inclusivamente um dos focos geradores de conflito com os pais. Os jovens gastam e precisam cada vez mais de dinheiro. Dinheiro enquanto possibilidade de aquisição, dinheiro enquanto elemento influenciador da qualidade e tipo de vida. Ao dinheiro é atribuído não só um valor material, mas cabe-lhe também, um valor social. O dinheiro é um elemento fundamental da vida individual e social, cujo uso e

valor tem cada vez mais importância no quotidiano dos jovens, bem como no processo de decisão das metas e objectivos a alcançar.

Dada a importância e influência das dimensões valorativas atrás citadas no processo de construção da identidade profissional e simbólico-valorativo dos jovens, o modelo de análise do presente estudo assumiu como unidades analíticas elementares a família, os amigos, a escola e o dinheiro. Com base em cada uma destas dimensões foi possível desenhar o perfil valorativo e representacional perfilhado por cada jovem, expressão da sua matriz analítica face à realidade envolvente.

3.4. INSTRUMENTAÇÃO E OPERACIONALIZAÇÃO DAS VARIÁVEIS

Tendo em consideração o contexto e os objectivos do presente estudo, considerou-se o recurso ao questionário directo a estratégia de recolha de dados mais adequada. Em matéria de opinião, atitudes e valorizações qualquer processo de pesquisa deve passar pela inquirição directa dos seus “produtores”, daí que foi com base nas respostas e opiniões expressas dos jovens que conseguimos alcançar os objectivos inicialmente propostos.

Metodologicamente, o diagnóstico das aspirações profissionais perfilhadas, foi feito a partir da análise das manifestações de interesse expressas pelos jovens inquiridos, quando confrontados directamente com a solicitação externa de indicação da sua escolha, da sua opção. Essa mesma escolha foi feita com base numa ampla margem de manobra inerente ao tipo de questões abertas que para o efeito foram delineadas.

A opção de recurso à técnica de inquérito por questionário foi assumida também, como a mais exequível para a exploração dos valores e representações, pelos quais, os sujeitos alvo desta pesquisa se norteiam relativamente a dimensões analíticas consideradas estruturantes do processo de construção do projecto profissional. Em campo de complexa interpretação semântica procurou-se aliar a eficácia à praticabilidade *oferecidas* por este tipo de instrumento de trabalho. Ganhou-se em

homogeneidade, fiabilidade e consistência nas respostas obtidas na medida em que o perfil valorativo de cada jovem foi construído a partir dos indicadores e sub-indicadores previamente delimitados e que foram operacionalizados em outras tantas questões que constam no guião do questionário (ver Anexo).

A estratégia metodológica definida incluiu também a observação directa do contexto em análise, bem como a concretização de uma pesquisa bibliográfica temática, que cruzou duas grandes áreas científicas : Sociologia e Psicologia Social. Em concreto, no campo da Psicologia Social, interessou-nos as orientações teóricas e práticas dos trabalhos de investigação já realizados sobre as representações e valores sociais. A pesquisa bibliográfica operacionalizada permitiu verificar que a proposta de exploração do universo simbólico e representativo juvenil não é inovadora. Aliás, nestas últimas décadas a produção científica nesta área tem sido particularmente *frutífera*. Embora esses inquéritos não sejam substantivamente comparáveis: uns foram realizados à escala nacional, outros são de âmbito geográfico mais restrito; uns foram aplicados a amostras representativas da população nacional, de determinada faixa etária, enquanto outros tiveram como objecto de estudo segmentos específicos da população jovem, como os jovens universitários, apresentam no entanto boas pistas de trabalho, que foram na medida do possível aproveitadas.

Tivemos assim ao dispor vários instrumentos cujos conteúdos internos já haviam sido testados, e que relativos à dimensão valorativa constituíram estratégicos pontos de partida que foram adaptados em função das características da população em estudo.

O perfil valorativo e representacional dos jovens foi construído a partir dos indicadores semânticos correlativos às unidades consideradas estruturantes da identidade social em geral, e profissional em particular. A partir de cada indicador, obtivemos a tendência de posicionamento predominante, entre os jovens, aferida numa escala ordinal de 6 itens, na óptica da escala de atitudes de Likert. Isoladas 4 dimensões valorativas (família, escola, amigos e usos do dinheiro) foi relativamente a cada uma

delas, que se suscitou junto de cada jovem, a indicação expressa do valor e representação pelo mesmo perfilhada. Perceber o que os jovens valorizam, e como se posicionam face ao contexto envolvente, implicou a operacionalização de distintos aspectos em sub-indicadores representativos de diferentes formas de estar, sentir e ser na sociedade. Com esses indicadores procurou-se explorar, em termos explícitos, o papel atribuído a cada um destes espaços, na fronteira da sua valorização enquanto elemento fundamental de realização pessoal e/ou enquanto simples espaço de acesso a meios de realização extrínseca, isto é, status, prestígio social, dinheiro, entre outros. Em suma, o que está em causa são duas formas de posicionamento distinto, ou quiçá complementares, face à sociedade. Um perfil instrumental, e ou materialista, em que os espaços, os recursos sociais funcionam sobretudo como vias de acesso a um fim estratégico, isto é, o reconhecimento social. E um perfil de preferência de valores ditos intrínsecos onde se enquadram os valores da amizade, da harmonia, da paz, da interajuda e do bem estar com os outros. Contrapõem-se assim dois núcleos estratégicos valorativos, e que em termos operacionais se materializaram nas alternativas de valorização das dimensões analíticas, enquanto espaço de comunicação e afectividade, enquanto espaço de convívio e solidariedade, enquanto espaço de aprendizagem mútua, ou enquanto espaço facilitador/ ou impeditivo dos objectivos materiais. Relativamente à escola, aos amigos, à família, ao uso do dinheiro procurou-se, assim, discutir a predominância da hierarquização valorativa ao nível da sua componente extrínseca ou intrínseca.

O esquema de análise proposto para os valores e representações sociais, é inspirado no modelo desenvolvido por Ronald Inglehart em *"The silent revolution, changing values and political styles among western publics"*, 1977, depois melhorado em 1990 em *"Culture shift in advanced industrial society"*, adaptado em Portugal nomeadamente por J. Ferreira de Almeida em *"Valores e Representações sociais: Portugal – os próximos 20 anos"*. A proposta avançada por estes dois autores, socorre-se da teoria de necessidades de Maslow e operacionaliza uma divisão dicotómica dos

valores. Ronald Inglehart fala-nos em valores materialistas e pós-materialistas, J. Ferreira de Almeida prefere : valores intrínsecos, versus valores extrínsecos. Parece-nos o esquema proposto por este último autor mais sustentável na perspectiva terminológica, já que os conceitos de materialismo e pós-materialismo são de discussão ambígua dadas as complexas implicações teóricas inerentes a estes dois termos. Algumas das críticas dirigidas ao trabalho de Inglehart sustêm-se precisamente nessa ambiguidade. Os valores de compensação extrínseca estão relacionados com factores materiais de bem estar físico, com a satisfação de necessidades básicas de segurança e subsistência e com a procura de um nível de vida (ou de consumo) mais elevado, e os valores intrínsecos prendem-se com factores mais subjectivos e expressivos, como a satisfação de necessidades de intelectualidade, pertença e estima (Almeida,1990).

Para cada uma das dimensões consideradas, definiram-se um conjunto de 12 questões interpretadas como representativas, conforme o caso, de um posicionamento valorativo mais intrínseco ou extrínseco.

Relativamente à Família foi construída uma escala de atitude (Quadro n.º 3.3), orientada para a identificação do papel e valor atribuído à mesma, pelos inquiridos. Visou-se com esta escala, captar o sentido intrínseco ou extrínseco predominante no perfil valorativo e representacional partilhado pelo grupo alvo, relativamente a este espaço de socialização fundamental.

Quadro n.º 3.3

VF – Escala do perfil valorativo em relação à família

	1- Discordo totalmente ; 6- Concordo totalmente					
VF1 - Grupo de pessoas que se ajudam mutuamente em todas as circunstancias	1	2	3	4	5	6
VF2 – Garantia de segurança afectiva	1	2	3	4	5	6
VF3 - Meio mais adequado para a formação da personalidade	1	2	3	4	5	6
VF4 – Substituível por um grupo de amigos	1	2	3	4	5	6
VF5 – Espaço de aprendizagem e de preparação para a vida	1	2	3	4	5	6
VF6 – Espaço de controle e privação da liberdade individual	1	2	3	4	5	6
VF7 - Fonte insubstituível de aconselhamento para os projectos e decisões pessoais	1	2	3	4	5	6
VF8 - Meio de obter um emprego com maior facilidade	1	2	3	4	5	6
VF9 -Fonte de conflitos por causa do dinheiro e de outros bens materiais	1	2	3	4	5	6
VF10 – Fonte de prestígio social	1	2	3	4	5	6
VF11 – Espaço condicionante do que aspiramos ser na sociedade	1	2	3	4	5	6
VF12 – Serve para garantir um emprego onde possa ganhar bem	1	2	3	4	5	6

Fonte: Adaptado dos inquéritos: “ Valores e atitudes dos jovens” I.E.D., “ A juventude portuguesa: situações, problemas, aspirações”, I.C.S.

Semelhante processo se repetiu relativamente às restantes dimensões. O princípio analítico foi o mesmo. A escala a partir da qual se procurou definir o perfil valorativo e representacional partilhado pelos jovens em relação aos amigos, ficou organizada na forma que consta no quadro seguinte:

Quadro n.º 3.4

VA – Escala do perfil valorativo em relação aos amigos

	1- Discordo totalmente ; 6- Concordo totalmente					
VA1 – A partilha restringe-se aos momentos de diversão	1	2	3	4	5	6
VA2 – Os amigos servem para nos distrair das preocupações do dia-a-dia	1	2	3	4	5	6
VA3 – Ajudam-nos apenas a ocupar os tempos livres	1	2	3	4	5	6
VA4 – São fonte de prestígio social imprescindível	1	2	3	4	5	6
VA5 – Grupo de pessoas que se ajudam mutuamente em todas as circunstâncias	1	2	3	4	5	6
VA6 - Grupo de pessoas em que se pode sempre confiar	1	2	3	4	5	6
VA7 – Pessoas que nos ajudam a sermos felizes	1	2	3	4	5	6
VA8 – Espaço de controle e privação da liberdade individual	1	2	3	4	5	6
VA9 –Espaço de concorrência pela conquista do melhor emprego	1	2	3	4	5	6
VA10 – Espaço de concretização de interesses e objectivos em comum	1	2	3	4	5	6
VA11 – Meio de obter um emprego com mais facilidade	1	2	3	4	5	6
VA12 – São os melhores conselheiros para projectos e decisões pessoais	1	2	3	4	5	6

Fonte: Adaptado dos inquéritos: “ Valores e atitudes dos jovens” I.E.D., “ A juventude portuguesa: situações, problemas, aspirações”, I.C.S.

A escala que aferiu o papel e valor atribuído pelo grupo-alvo desta pesquisa, à escola, é constituída também por 12 questões, que ficaram da seguinte forma agregadas:

Quadro n.º 3.5

VE – Escala do perfil valorativo em relação à escola

	1- Discordo totalmente ; 6- Concordo totalmente					
VE1 – Possibilita a construção de amizades	1	2	3	4	5	6
VE2 – Espaço básico de formação da personalidade	1	2	3	4	5	6
VE3 – Permite desenvolver aquilo que se gosta e é capaz de fazer	1	2	3	4	5	6
VE4 – Espaço descontextualizado da realidade	1	2	3	4	5	6
VE5 - Ajuda os alunos a arranjar emprego com maior facilidade	1	2	3	4	5	6
VE6 – Espaço determinante do status social que podemos ambicionar	1	2	3	4	5	6
VE7 – Fornece conhecimentos básicos para enfrentar os futuros desafios da vida em sociedade	1	2	3	4	5	6
VE8 – Influencia a escolha da profissão que se deseja	1	2	3	4	5	6
VE9 - Serve para obter um diploma	1	2	3	4	5	6
VE10 - Ajuda as pessoas a subir mais facilmente na vida	1	2	3	4	5	6
VE11 - Serve para garantir um emprego onde possa ganhar bem	1	2	3	4	5	6
VE12 – Espaço de passagem obrigatória para não ser discriminado pela sociedade	1	2	3	4	5	6

Fonte: Adaptado dos inquéritos: “ Valores e atitudes dos jovens” I.E.D., “ A juventude portuguesa: situações, problemas, aspirações”, I.C.S.

A exploração do uso e função atribuída ao dinheiro centrou-se também em duas hipóteses de valorização, uma eminentemente instrumental, isto é, o dinheiro enquanto via de acesso a bens de consumo, e fonte de prestígio e status social, e outra mais centrada nas possibilidades abertas pelo dinheiro, como garantia de uma melhor educação e/ou qualidade de vida. Esta unidade analítica foi também medida a partir de 12 questões.

Quadro n.º 3.6

VD – Escala do perfil valorativo em relação ao dinheiro

	1- Discordo totalmente ; 6- Concordo totalmente					
VD1 – O dinheiro limita a liberdade individual	1	2	3	4	5	6
VD2 – A auto-realização não depende do dinheiro	1	2	3	4	5	6
VD3 – O dinheiro não dá felicidade	1	2	3	4	5	6
VD4 - O dinheiro não é tudo na vida	1	2	3	4	5	6
VD5 – O dinheiro garante o respeito dos outros	1	2	3	4	5	6
VD6 – O dinheiro dá prestígio social	1	2	3	4	5	6
VD7 – Com dinheiro consegue-se tudo	1	2	3	4	5	6
VD8 – O dinheiro que se ganha mede a qualidade do emprego que se tem	1	2	3	4	5	6
VD9 - Quem tem dinheiro pode aspirar a ter tudo o que quiser	1	2	3	4	5	6
VD10 – Quem tem dinheiro é que arranja emprego com mais facilidade	1	2	3	4	5	6
VD11 – Existem objectivos na vida mais importantes do que ganhar muito dinheiro	1	2	3	4	5	6
VD12 – Na escolha de uma profissão, o dinheiro que se ganhará é o factor de menor importância	1	2	3	4	5	6

Fonte: Adaptado dos inquéritos: “ Valores e atitudes dos jovens” I.E.D., “ A juventude portuguesa: situações, problemas, aspirações”, I.C.S.

Cada um destes indicadores foi considerado como variável independente, estruturante do perfil valorativo de cada jovem.

Para completar o trabalho de análise dos valores e representações sociais, foi construída uma *escala controlo*. Esta, de mensuração dos valores sociais gerais, é adaptada de Inglehart, e já fora utilizada, nomeadamente por Jorge Vala, num estudo empírico exploratório realizado em colaboração com António Caetano, junto de 5 empresas, sumariado no texto : “ *Teorias implícitas sobre as organizações*”, 2º capítulo da sua obra conjunta : *Psicologia Social das Organizações*. Esta escala é constituída por

12 itens, desagregada também nas dimensões de valorização intrínseca e extrínseca.

Quadro n.º 3.7

VS – Escala do perfil valorativo em relação à sociedade

	1- Discordo totalmente ; 6- Concordo totalmente					
VS1 – Procurar aumentar o crescimento económico	1	2	3	4	5	6
VS2 – Controlar a estabilidade da economia	1	2	3	4	5	6
VS3 – <i>Dar voz às pessoas</i> , procurar que sejam ouvidas quando o governo tem de tomar decisões	1	2	3	4	5	6
VS4 – Procurar tornar as nossas cidades e aldeias mais belas e agradáveis para viver	1	2	3	4	5	6
VS5 – Proteger a liberdade de expressão	1	2	3	4	5	6
VS6 – Procurar construir uma sociedade menos impessoal, mais pessoal.	1	2	3	4	5	6
VS7 – Lutar contra o crime	1	2	3	4	5	6
VS8 – Manter a ordem no País	1	2	3	4	5	6
VS9 – Controlar a subida dos preços	1	2	3	4	5	6
VS10 – Assegurar umas forças armadas fortes no País	1	2	3	4	5	6
VS11 – Procurar construir uma sociedade onde as ideias sejam mais importantes do que o dinheiro.	1	2	3	4	5	6
VS12 – Procurar fazer com que as pessoas sejam mais ouvidas nas decisões que são tomadas no seu trabalho e nas zonas em que vivem	1	2	3	4	5	6

Fonte: Inglehart, Ronald, 1990

Com a utilização desta escala procurou-se esclarecer a tendência dos perfis valorativos identificados a partir das anteriores.

Assumiram-se também como variáveis independentes do processo de construção das aspirações profissionais, as de identificação:

- biográfica, isto é : sexo, idade, local de nascimento e de residência;

- do contexto escolar: ano escolar e área vocacional de frequência, via formativa de opção, trajecto formativo;
- e, do contexto familiar: habilitações literárias, categoria, estatuto e situação profissional dos pais, rendimento familiar;

A variável dependente do modelo de análise proposto constitui a aspiração profissional identificada a partir das respostas disponibilizadas por cada jovem.

Para a operacionalização do conceito : aspiração profissional utilizou-se como referência os escassos trabalhos de investigação já realizados em Portugal sobre esta temática. Entre esses destacam-se, os realizados por Helena Cidade Moura, Teresa Ambrósio, Luisa Oliveira e Filipa César. Na área afim das expectativas e aspirações sociais destacam-se os nomes dos elementos da equipa de investigação responsável pela Colecção: *A juventude portuguesa: situações, problemas, aspirações*. Para os interessados por esta problemática, realça-se em particular a importância de dois números desta colecção: o n.º 3 de título específico : *O Trabalho, o emprego, a profissão*, de responsabilidade de Manuela Andrade e o n.º 4 : *Os jovens e o futuro – expectativas e aspirações*, de autoria de Pedro Moura Ferreira. É merecedor também de atenção especial o trabalho de equipa de : Fernando Luís Machado, António Firmino da Costa e João Ferreira de Almeida, e que resultou no artigo : *“Identities e Orientações dos estudantes”*, que retrata a especificidade do quadro de valores e correlativos projectos e orientações pessoais, de uma amostra representativa de alunos universitários do 1º e último ano de alguns cursos seleccionados para o efeito.

Trabalhar com as aspirações profissionais implica estar consciente da ambiguidade do conceito, pela implicação dual, individual e social, que lhe está subjacente. Embora um importante caminho já tenha sido percorrido a fim de eliminar alguns desses espaços de ambiguidade, (invoca-se o mérito do trabalho de reflexão feito por Chombart de Lawe) a verdade é que os mesmos projectam-se em termos operacionais ao nível da não homogeneidade de critérios de mensuração. Helena Cidade Moura, por

exemplo, defende o Questionário de Interesses Profissionais de Kunder como o instrumento de recolha de dados mais adequado. Suporta tal ideia com as vantagens resultantes da utilização repetida ao longo dos anos, deste instrumento nos exames de orientação profissional. No entanto, verifica-se que o Questionário de Kunder, ao condicionar a resposta do inquirido a um leque de opções previamente definido, está a limitar a opção, e a enviesar os resultados já que o princípio da livre escolha não é inteiramente respeitado. A estas críticas pode-se acrescentar, ainda o facto de se estar a trabalhar com opções entre profissões, títulos profissionais cujo *conteúdo* e significado partilhado pelo inquirido pode não corresponder ao seu significado real, ou pelo menos aquele que está na mente do *construtor* do questionário.

Para evitar esses enviesamento optou-se pela definição de perguntas abertas. Esta opção é corroborada pelos resultados dos trabalhos de Luísa Oliveira (1994) e Filipa César (1996), e de outros realizados no campo disciplinar da Psicologia Social que também utilizaram esta técnica. A complexidade de análise semântica inerente a uma opção desta natureza, ou seja de aplicação de questões abertas, é contrabalançada pela riqueza de informação assim obtida. Garantida que estava, a total liberdade de manifestação por parte dos jovens do que idealizam e esperam vir a concretizar em termos profissionais, tal traduziu-se num aumento da fiabilidade e fidelidade nas respostas obtidas. Invoca-se aqui o conceito de aspiração como a manifestação expressa de interesse do sujeito face a um determinado objecto. Para operacionalizar essa manifestação de interesse tivemos que necessariamente respeitar e não condicionar, os critérios que estiveram na base da identificação do mesmo, ou mesmos, isto é a matriz psicafectiva e o contexto social que envolve e identifica cada indivíduo. O que cada um pensa, valoriza e aspira constitui um construto social que não pode ser padronizado antecipadamente, o seu significado e significado deve ser em primeiro lugar desmontado.

Ao desdobrar o conceito de aspiração na sua dupla implicação social e individual, procurou-se garantir a separação conceptual do *desejo e/ou*

fantasia, de ambição passível de concretização. O indivíduo aspira cruzando a sua fantasia pura, e a imagem que possui das reais possibilidades de concretização da sua aspiração. Em termos operacionais distingue-se o *que quer ser* do *que acha que vai ser*. A 1ª hipótese implica o ideal mais ou menos irrealístico aferido pela 2ª, que questiona o sujeito sobre a coerência da sua concretização. Embora a fase escolar em que o grupo alvo desta pesquisa se encontra, implicar já uma certa dose de comprometimento quanto à área futura de trabalho, tal não é definitivo nem irreversível – o jovem na maioria dos casos ainda apresenta bastantes dúvidas. A definição dos projectos profissionais traduzem-se na contraposição do desejo pessoal com o exequível, daí que a separação destes dois pólos analíticos não reflecte heterogeneidade inócua, mas sim riqueza de resultados. O reconhecimento do constrangimento social sobre o processo de desenvolvimento pessoal, é assim materializado.

Os dois sentidos em que se subdivide o conceito de aspiração profissional, ficaram operacionalmente garantidos no modelo de análise e no questionário aplicado, através das questões:

AS1- *“ Se tivesses oportunidade de seguir qualquer profissão que quisesses, qual é a que escolherias?”*

e,

AS3- *“Qual é a profissão que achas que vais ter?”*

A complementar cada uma delas, foi também solicitado ao inquirido que justificasse a sua resposta. Conseguiu-se com tal aclarar o significado das escolhas profissionais, já que os inquiridos apresentaram razões, associadas às características práticas e às motivações valorativas subjacentes à profissão pretendida.

O guião final do questionário ficou subdividido em 3 partes. Na primeira parte foi solicitado ao jovem, um conjunto de informações de caracterização individual. Esta parte subdivide-se entre a identificação biográfica do inquirido, o conhecimento de alguns elementos do seu percurso escolar, dos seus hábitos e consumos diários. É também nesta parte que foi solicitada ao

jovem a identificação de alguns elementos caracterizadores do seu agregado familiar.

Com base nos resultados da 2ª Parte construímos o perfil valorativo do jovem. Inclui os indicadores de mensuração dos valores e representações sociais assumidas, acerca dos itens analíticos considerados estruturantes das aspirações profissionais. A 3ª, e última parte é composta pelas questões a partir das quais identificamos as áreas profissionais correspondentes às aspirações dos jovens.

O guião inicial foi sujeito a pré-teste, junto de um subconjunto representativo de 10 % da população. Analisados os resultados obtidos mostrou-se pertinente proceder a algumas alterações no conteúdo das escalas relativas à escola e ao dinheiro, a fim de melhorar a sua validade e fidelidade.

A fidelidade do instrumento foi aferida através do cálculo do coeficiente de alfa de Cronbach, procurando saber " *se cada escala está a medir uma única ideia e se os itens que constituem a escala têm consistência interna*" (Bryman, Cramer, 1992: 92). O coeficiente de alfa de Cronbach é um coeficiente que traduz a estimativa da média de todas as correlações possíveis de cada item da escala em relação à própria dimensão da escala, devendo ser interpretado no sentido de que quanto maior for o valor do alfa obtido, mais forte é a associação do item com a escala. Fixou-se como critério de validação da fiabilidade do instrumento, o valor de alfa de Cronbach maior ou igual a 0,70 (Figueira, 1987; Bryman, Cramer, 1992; Nachmias, Nachmias, 1993).

Os resultados do alfa de Cronbach obtidos na versão final do instrumento de recolha, após as alterações introduzidas em função dos resultados alcançados no pré-teste, não refutam a presença de uma fidelidade interna das diferentes escalas. Os resultados iniciais foram inclusivamente melhorados, fruto das modificações introduzidas em algumas escalas, a partir das sugestões apresentadas pelo painel de especialistas, reunido e convidado especialmente para o efeito. Os resultados definitivos do alfa Cronbach em cada escala são, respectivamente, os seguintes:

Quadro n.º 3.8

Valores do coeficiente de alfa Cronbach das escalas em análise

N.º de casos	Escala	N.º de itens	Alfa Cronbach
20	Família	12	0,8399
20	Amigos	12	0,8530
20	Escola	12	0,8967
20	Dinheiro	12	0,8916
20	Sociedade	12	0,8714

Fonte: Inquérito

Quanto à validade do instrumento, esta foi assegurada por quatro critérios: validade de conteúdo, convergente, discriminante e nomológica. A validade de conteúdo foi aferida por um painel de 10 especialistas convidados, tal como referido anteriormente. A validade convergente (medidas similares), discriminante (medidas dissimilares) e nomológica (medidas teoricamente relacionadas com os construtos), foi avaliada a partir da análise do grau de correlação inter-itens, através do cálculo bivariado do coeficiente de correlação produto-momento de Pearson. A partir destas correlações foi possível aferir se as medidas similares estavam de facto a medir as mesmas questões, se as dissimilares estavam a avaliar medidas distintas, e por outro lado se existia ou não consistência correlacional entre os itens e a escala de modo a permitir a operacionalização conceptual da mesma, tal como previsto aquando da sua construção. Procurou-se com a validação do instrumento verificar se as escalas presentes no mesmo garantem ou não a recolha adequada das informações pretendidas. Para a avaliação das medidas similares, seleccionaram-se os itens mais representativos de cada escala. Ao nível da família, a escolha recaiu sobre: vf8- “Meio de obter um emprego com maior facilidade” e vf11- “Espaço condicionante do que aspiramos ser na sociedade”; ao nível dos amigos : va8- “Espaço de controle e privação da liberdade individual” e va9- “Espaço de concorrência pela conquista do melhor emprego”; ao nível da escola: ve9 – “Serve para obter um diploma” e ve10- “Ajuda as pessoas a subir mais facilmente na vida”; ao nível do dinheiro: vd7 – “Com dinheiro consegue-se

tudo” e vd8 – “O dinheiro que se ganha mede a qualidade do emprego que se tem”; e ao nível da dimensão: aspectos sociais: vs3 – “ Dar voz às pessoas, procurar que sejam ouvidas quando o governo tem de tomar decisões” e vs5 – “ Proteger a liberdade de expressão”.

Para a avaliação das dissimilaridades recorreu-se à variável sexo. A validação do critério nomológico baseou-se na interpretação da análise da correlação entre os itens e as variáveis compósitas resultantes do somatório do total dos scores de cada escala.

Da leitura dos Quadros n.º 3.9, 3.10, 3.11, 3.12 e 3.13, constata-se que a validade convergente foi garantida, na medida em que os itens seleccionados apresentam uma correlação forte com a variável compósita representativa da escala a que os mesmos pertencem.

Quadro n.º 3.9

Matriz de avaliação da validade convergente da escala da família

	VF8	VF11	Sexo	FAMÍLIA	AMIGOS	ESCOLA	DINHEIRO	SOCIEDADE
VF8	1,00							
VF11	0,29	1,00						
Sexo	0,10	0,29	1,00					
FAMÍLIA	<u>0,65</u>	<u>0,76</u>	<u>0,07</u>	1,00				
AMIGOS	0,23	0,08	0,03	0,19	1,00			
ESCOLA	0,12	-0,04	0,04	0,17	0,21	1,00		
DINHEIRO	0,06	0,02	0,03	-0,07	0,15	0,02	1,00	
SOCIEDADE	-0,11	-0,12	0,03	-0,07	-0,24	-0,11	0,05	1,00

Fonte: Inquérito (Pré-teste)

Nota: n = 20

Igualmente da leitura dos Quadros n.º 3.9, 3.10, 3.11, 3.12 e 3.13, é possível constatar que também os critérios que garantem a validade discriminante foram satisfeitos. As correlações entre os itens da mesma escala são mais elevadas, do que as verificadas entre as escalas e as variáveis exógenas. As correlações existentes entre a variável sexo e as variáveis compósitas representativas de cada escala são bastantes fracas, variando entre o valor mínimo de 0,030 relativa à relação com a variável

amigos (Quadro n.º 3.10) e o valor máximo de 0,072, relativa à relação com a variável família (Quadro nº3.9).

Em termos globais, os valores de correlação obtidos permitem sustentar a validade nomológica do instrumento, admitindo assim, a pertinência das escalas para medir e avaliar a coerência operacional dos conceitos e das dimensões a partir das quais construímos o(s) perfil(is) valorativo(s) dos jovens.

Quadro n.º 3.10

Matriz de avaliação da validade convergente da escala dos amigos

	VA8	VA9	Sexo	FAMÍLIA	AMIGOS	ESCOLA	DINHEIRO	SOCIEDADE
VA8	1,00							
VA9	0,59	1,00						
Sexo	0,10	0,12	1,00					
FAMÍLIA	0,28	0,16	0,07	1,00				
AMIGOS	<u>0,79</u>	<u>0,68</u>	<u>0,03</u>	0,19	1,00			
ESCOLA	0,04	-0,15	0,04	0,17	0,21	1,00		
DINHEIRO	-0,04	0,06	0,03	-0,07	0,15	0,02	1,00	
SOCIEDADE	-0,12	-0,12	0,03	-0,07	-0,24	-0,11	0,05	1,00

Fonte: Inquérito (Pré-teste)

Nota: n = 20

Quadro n.º 3.11

Matriz de avaliação da validade convergente da escala da escola

	VE9	VE10	Sexo	FAMÍLIA	AMIGOS	ESCOLA	DINHEIRO	SOCIEDADE
VE9	1,00							
VE10	0,28	1,00						
Sexo	0,24	0,08	1,00					
FAMÍLIA	0,30	0,03	0,07	1,00				
AMIGOS	0,21	0,20	0,03	0,19	1,00			
ESCOLA	<u>0,76</u>	<u>0,74</u>	<u>0,04</u>	0,17	0,21	1,00		
DINHEIRO	0,16	0,05	0,03	-0,07	0,15	0,02	1,00	
SOCIEDADE	0,08	-0,25	0,03	-0,07	-0,24	-0,11	0,05	1,00

Fonte: Inquérito (Pré-teste)

Nota: n = 20

Quadro n.º 3.12

Matriz de avaliação da validade convergente da escala do dinheiro

	VD7	VD8	Sexo	FAMÍLIA	AMIGOS	ESCOLA	DINHEIRO	SOCIEDADE
VD7	1,00							
VD8	0,51	1,00						
Sexo	0,16	0,09	1,00					
FAMÍLIA	0,27	0,09	0,07	1,00				
AMIGOS	0,20	0,21	0,03	0,19	1,00			
ESCOLA	0,08	0,05	0,04	0,17	0,21	1,00		
DINHEIRO	<u>0,72</u>	<u>0,77</u>	<u>0,03</u>	-0,07	0,15	0,02	1,00	
SOCIEDADE	-0,23	-0,20	0,03	-0,07	-0,24	-0,11	0,05	1,00

Fonte: Inquérito (Pré-teste)

Nota: n = 20

Quadro n.º 3.13

Matriz de avaliação da validade convergente da escala da sociedade

	VS3	VS4	Sexo	FAMÍLIA	AMIGOS	ESCOLA	DINHEIRO	SOCIEDADE
VS3	1,00							
VS4	0,64	1,00						
Sexo	-0,06	0,04	1,00					
FAMÍLIA	-0,07	-0,23	0,07	1,00				
AMIGOS	-0,20	-0,34	0,03	0,19	1,00			
ESCOLA	-0,08	0,00	0,04	0,17	0,21	1,00		
DINHEIRO	-0,02	0,08	0,03	-0,07	0,15	0,02	1,00	
SOCIEDADE	<u>0,73</u>	<u>0,78</u>	<u>0,03</u>	-0,07	-0,24	-0,11	0,05	1,00

Fonte: Inquérito (Pré-teste)

Nota: n = 20

3.5. PROCEDIMENTO PARA A ANÁLISE DE DADOS

A partir do pressuposto de que é possível posicionar as diferentes opiniões e representações dos inquiridos em categorias, recorreu-se a técnicas estatísticas que permitissem agregar e relacionar variáveis entre si. Assim, para a identificação dos perfis valorativos e aspiracionais, e correlativa análise da interacção existente entre os mesmos, fez-se recurso de três tipos de estratégias de análise de dados.

Para uma primeira aproximação aos dados, desenvolvemos uma análise estatística descritiva, que nos permitiu definir os perfis sociográficos do grupo alvo, bem como identificar nas dimensões família, amigos, escola, dinheiro e sociedade, os itens ou categorias mais valorizados.

Ao nível das aspirações profissionais, e dada a natureza aberta das questões que as aferiam, tivemos que agregar as profissões indicadas pelos jovens em categorias. Para a construção destas categorias utilizámos como referência o modelo de áreas profissionais definido por Helena Cidade Moura (1987:336). Para a identificação e selecção da categoria em que se enquadrava cada uma das profissões referidas, foram utilizados dois critérios:

1. características práticas da profissão,
2. justificação apresentada para a sua escolha.

Esta estratégia permitiu ajustar a imagem real partilhada pelo inquirido às características genéricas que definem cada agrupamento.

A exploração das justificações das escolhas das profissões foi feita através da análise de conteúdo categorial temática das mesmas. Esta análise permitiu agregar as respostas com conteúdo temático semelhante. Foram construídas 9 categorias de justificação da escolha da profissão que o jovem seguiria se pudesse seleccionar uma qualquer, e 6 ao nível das justificações das profissões que acham que vão ter. Através do cruzamento do tipo de profissões com as categorias de justificação da escolha foi possível identificar os principais factores que estão por detrás da escolha de cada tipo de profissão.

Para a operacionalização dos restantes objectivos de pesquisa foi necessário o desenvolvimento de estratégias estatísticas multivariadas. O tratamento estatístico dos resultados centrou-se fundamentalmente nas medidas de análise factorial, na sua vertente de componentes principais e de correspondências múltiplas. Em termos operacionais procurou-se uma estratégia estatística que permitisse responder aos objectivos da investigação, ou seja, a identificação dos eixos simbólico-valorativos mais importantes, a sua discriminação com base nos indicadores sociográficos

dos inquiridos, a construção dos perfis valorativos e de aspirações profissionais “idílicas” e “concretizáveis” e, por último, a análise da interacção existente entre os perfis valorativos e os perfis de aspirações profissionais, procurando discriminar padrões de homogeneidade ou heterogeneidade.

A fim de concretizar os objectivos, foi operacionalizado um modelo analítico dividido em 4 etapas. Para a sua concretização, houve a necessidade de previamente preparar uma base de dados informáticos, sem a qual obviamente não poderíamos trabalhar. A construção da base de dados exigiu que procedéssemos à recodificação de algumas variáveis, que passaram a ser identificadas com base no número de ordem em que aparecem no *corpo* do questionário. Este imperativo forçou alterações de nomenclatura. Essas alterações incidiram, sobretudo, na designação das variáveis que constam na 2ª parte do questionário, ou seja, as que compõem as escalas das dimensões valorativas e também as identificativas das aspirações profissionais. Para demonstrar a forma como algumas variáveis passaram a ser identificadas (nomenclatura utilizada em todo o capítulo 4) apresenta-se o seguinte exemplo:

VF1 –representativa até aqui do item analítico que identifica a família como um “grupo de pessoas que se ajudam mutuamente em todas as circunstâncias”, passou a ser identificado pela nomenclatura VF37, que identifica a posição de ordem em que o mesmo se encontra no questionário. A alteração foi aplicada a todas as restantes variáveis, de modo que, a questão relativa à justificação da escolha da profissão que acha que vai ter,(a última), passou a ser identificada pela sigla VAP100.

A primeira etapa de análise de dados consistiu no estudo descritivo da distribuição frequencial das respostas obtidas em cada escala de valores. Com este procedimento capturámos as dimensões mais valorizadas em cada escala.

Procedeu-se posteriormente, tendo em vista verificar se alguns factores demográficos teriam influência nos posicionamentos valorativos, à

comparação entre os grupos definidos pelas categorias dessas variáveis com o apoio de testes não paramétricos Mann-Whitney e Kruskal-Wallis.

Em seguida, utilizando a análise factorial por componentes principais, foi possível identificar os eixos simbólicos dos perfis valorativos dos jovens em cada dimensão. Esta 3ª etapa de abordagem dos dados implicou, e ao nível de cada escala de valores, a criação de uma matriz, num total de 5, de correlações entre as variáveis, seleccionadas segundo o critério de *Listwise deletion* (cálculo de todos os casos sem valores omissos em qualquer das variáveis). Só se aceitou a adequação da matriz de correlações para o procedimento de análise factorial por componentes principais (AFCP), após a verificação das condições de aplicabilidade, utilizando como um dos critérios a estatística de Kaiser-Meyer-Olkin (adequação garantida na ordem de + 50%). Foi também verificada a adequação da análise factorial, através do teste de esfericidade de Bartlett, tomando como critério o seu valor de significância, $p < 0,05$. O resultado deste teste é fundamental para a decisão de aplicação ou não da análise factorial, na medida em que a verificação de uma não significância quer dizer que a matriz de correlação pode ser uma matriz de identidade.

Importa acrescentar ainda que a análise factorial eleita seguiu os princípios de tratamento e cálculo normados segundo a estratégia de procedimento oferecida pela aplicação informática utilizada – SPSS for Windows 7.5 . Para a selecção do número de factores a reter seguiu-se o critério de Kaiser. Foram seleccionados apenas aqueles que detinham valores próprios (*eigen value*) superiores a um. Quanto à rotação dos factores, objectivado para a máxima saturação das variâncias, seguiu-se o critério de Varimax (rotação ortogonal da matriz dos factores F), procurando por esta via obter o conjunto de factores que demonstrasse a maior capacidade de explicação da correlação variável –factor. A consistência interna de cada bloco – eixo simbólico foi medida e garantida pelo coeficiente de alfa Cronbach.

Com base na importância de cada eixo simbólico para a explicação da variância, e na comparação da média de respostas obtidas nas variáveis que

o constituem com o ponto médio da escala, foi possível definir os contornos predominantes nos perfis valorativos dos jovens em relação à família, à escola, aos amigos, ao dinheiro e à sociedade. A análise factorial por componentes principais permitiu resumir a informação relativa aos posicionamentos valorativos em 21 blocos factoriais, que estruturam os valores dos jovens em cada dimensão.

Em complemento a esta informação, efectuou-se, por último, uma análise de correspondências múltiplas, afim de identificar os perfis sociográficos que enquadram os eixos valorativos. Explorou-se, assim, o comportamento múltiplo dos eixos simbólicos e das características sociográficas dos jovens. Deste último conjunto fazem parte as variáveis de identificação biográfica, escolar e familiar.

A técnica de correspondência múltiplas é especialmente apropriada em estudos de natureza descritiva, como é o caso. Pretendeu-se com esta estratégia de análise estatística, por um lado, analisar o grau de importância das relações entre os valores dos inquiridos e as suas características sociográficas, e, por outro lado, avaliar as oposições entre os diferentes níveis de grau de valorização dos eixos simbólicos extraídos na AFPC.

A adopção desta estratégia de análise implicou, no entanto, a concretização de algumas etapas prévias que passaram pela construção na base de dados de um novo conjunto de variáveis índice. Estamos a referir-nos, em concreto, às variáveis compósitas representativas dos eixos simbólicos e aos índices de habilitações literárias e estatuto profissional construídos para os pais dos jovens.

Relativamente aos eixos simbólicos, as variáveis-índice são fruto da soma das respostas dadas nas variáveis que compõem o respectivo bloco factorial. Tal como na origem estas 21 novas variáveis, também são ordinais, representativas de uma escala de 6 pontos.

No que diz respeito às variáveis de identificação materna e paterna dos jovens, optou-se por constituir índices para as habilitações literárias e estatuto profissional, sínteses da situação do agregado familiar. No caso das

habilitações, o índice foi calculado com base no número médio de anos de escolaridade registado para o pai e para a mãe em cada categoria. Dada a não existência de nenhuma situação em que a habilitação literária fosse inferior ao ensino primário, conduziu a que os itens 1-“Não sabe ler nem escrever” a 4-“Ensino primário completo” fossem agrupados num só. Estratégia que também se repetiu para o caso das habilitações com mais de 12 anos de escolaridade. A média dos anos de escolaridade do pai, situa-se ao nível do 10º /11º ano, enquanto que a mãe estudou em média 12 anos. A média ponderada é de 11 anos de escolaridade. O índice de habilitações literárias é identificado através da nomenclatura: CFHAG.

Para o estatuto profissional também foi construído um índice compósito da situação familiar a partir do rácio entre a categoria menos significativa, que em ambas as situações era “Patrão”, e os restantes itens em que se dividia a variável. Tomando a situação “Patrão” como a unidade, identificou-se a relação de grandeza existente entre a mesma e as restantes categorias. O índice do estatuto profissional é identificado pela nomenclatura: IESTPAF.

O recurso à análise das correspondências enquanto técnica privilegiada de estudo estatístico numa investigação sociológica, parte do pressuposto, implícito na hipótese de estudo, de que existem relações preferenciais entre variáveis. A operacionalização do processo em termos informáticos, foi feita através do SPSS- Win 7.5, via opção estudo da homogeneidade (*Homals Var*). Através deste tratamento múltiplo procurou-se identificar e quantificar de forma otimizada uma solução discriminante entre as variáveis. Em termos sintéticos, a construção dos resultados na lógica das correspondências do SPSS-Win, processa-se através da medição das distâncias entre as categorias das variáveis, reflectindo estas um sistema de oposições/ disjunções entre as mesmas. É uma técnica estatística que se inscreve na linha da análise multidimensional dos dados, também designada de optimização da escala, segundo a tradição dos estudos anglo-saxónicos, que parte do pressuposto de existência de relações bi e multivariadas entre as variáveis. A leitura dos resultados da análise de correspondências,

segundo a técnica *Homals Var*, incide sobre as contribuições de cada variável para a construção das dimensões obtidas. Para o estudo proposto, procedemos à leitura dos resultados em apenas duas dimensões. A interpretação e análise dos resultados foi, por sua vez dividida em duas etapas. Na primeira, procedemos à leitura do quadro de quantificações por variável e por dimensão, incidindo principalmente nas variáveis cujos scores eram mais relevantes. Quanto maior for o score, a quantificação, mais discriminante é a variável. A 2ª etapa foi dedicada à leitura da projecção gráfica das combinações múltiplas estabelecidas. Para a sua interpretação utilizamos um critério dedutivo, de segmentação do geral para o particular; isto é, analisando em primeiro lugar a tendência de comportamento global das variáveis no espaço, dividindo-o posteriormente nas duas dimensões consideradas, e por último, segmentando-as por quadrantes. Para a construção de cada agrupamento de variáveis, teve-se preferencialmente em conta as categorias cujas projecções se mostraram mais discriminantes para o conjunto. Os resultados das correspondências foram interpretados à luz de um sistema de oposições entre as variáveis que mais caracterizam cada eixo, ou se quisermos, agrupamentos. De certa forma análoga à justificação que alguns autores apresentam para a análise factorial por componentes principais, pode-se afirmar que se procura também através da análise de correspondências, estruturar estatisticamente uma agregação de variáveis em conjuntos de eixos factoriais que têm componentes relacionais, procurando no entanto, no caso das correspondências, encontrar aqueles que permitam traduzir uma dada associação relevante das categorias *qualitativas*.

Para testar a hipótese de que as aspirações profissionais diferem de acordo com os perfis valorativos e as condições sócio-económicas familiares dos jovens, recorreremos novamente à análise de correspondências múltiplas. Para o caso das aspirações profissionais, não houve necessidade de recorrer à análise por componentes principais, porque a informação já estava sintetizada e agregada em categorias, fruto do processo de análise de conteúdo categorial temática previamente efectuado. Através da combinação

múltipla das variáveis relativas à caracterização sociográfica dos inquiridos, com as de identificação das aspirações profissionais, e destas últimas com as variáveis compósitas relativas a cada dimensão valorativa, foi possível identificar os perfis valorativos e sociográficos que preferencialmente se associam aos distintos perfis de áreas profissionais, pelos quais os jovens aspiram. Com tal deu-se resposta à questão de partida.

4. OS JOVENS ESTUDANTES DO ENSINO SECUNDÁRIO DO CONCELHO DE BEJA

4.1. - O CONTEXTO LOCAL : UM FACTOR DE ENQUADRAMENTO

É num determinado contexto ou num determinado espaço que qualquer fenómeno ganha sentido. É nesse âmbito que defendemos o estudo dos valores e aspirações profissionais a partir da assumpção de que os mesmos constituem conceitos charneira entre o indivíduo e o espaço social envolvente. Os valores e as aspirações profissionais surgem como a objectivação do processo interactivo existente entre um espaço sócio-económico específico e os indivíduos portadores de recursos sociais, escolares, técnicos e culturais que se movem nesse espaço. As oportunidades oferecidas pela(s) especificidade(s) do mesmo constituem um leque potencial de escolhas para os indivíduos, cuja percepção e selecção depende, em cada momento do tempo, da sua identidade vocacional e simbólico-valorativa. Do ponto de vista metodológico torna-se então necessário compreender as aspirações profissionais e perspectivas simbólicas, não apenas através do modo como os jovens as testemunham, mas por relação ao contexto pertinente de socialização em que esses percursos tomaram forma. Esse espaço de socialização definido num sentido mais amplo corresponde ao contexto geográfico que enquadra esta investigação, ou seja, o concelho de Beja, um dos 14 concelhos que constituem o Distrito de Beja.

Beja é a capital de distrito e tem uma população estimada de mais de 35 mil habitantes, segundo dados do último censo de 1991. Neste concelho concentra-se cerca de 25% da população do Distrito. Este mesmo distrito estende-se por uma área de 8503km², o que corresponde a 9,3% da superfície total do continente português, cheios de história e especificidades que merecem ser realçadas.

4.1.1. A ESPECIFICIDADE DEMOGRÁFICA LOCAL

Os movimentos migratórios com destaque especial para os registados nos anos 60 resultantes da atracção exercida, em particular, pelas regiões mais industrializadas provocaram um acentuado efeito de desertificação nesta região. A descontinuidade populacional, com a existência de vastas áreas despovoadas que alternam com pequenos núcleos urbanizados, e com casas isoladas no meio de terrenos agrícolas (os montes onde residem trabalhadores rurais) é provavelmente a dimensão mais conhecida do povoamento desta região. A segunda dimensão mais divulgada é possivelmente a tendência para o decréscimo populacional. Há no entanto aspectos associados a estas duas dimensões, menos frequentemente abordados, que nos parece relevante analisar, podem auxiliar na compreensão dos dinamismos económicos e sociais deste espaço estruturante e estruturador dos perfis valorativos e aspiracionais, perfilhados pelos jovens que de aqui são naturais.

A recessão populacional é uma marca característica da evolução recente do Alentejo, do distrito de Beja, e do concelho em particular, mas o estado da curva da população residente, numa tendência longa que abrange todo o século XX revela uma clara fractura em dois períodos. Um primeiro que vai até 1950, em que toda a região, inclusivamente o concelho em análise, registou um aumento populacional, que ultrapassou em certos casos a própria média do Continente. Esse crescimento, particularmente acentuado entre 1920 e 1940, deixa de verificar-se a partir de 1950 para se transformar em recessão acentuada a seguir ao recenseamento de 1960.

O decréscimo populacional teve consequências na estrutura de povoamento da região. Entre 1960 e 1991, a densidade populacional no concelho de Beja passou de 26 para 18,2 hab/km². No mesmo período, o distrito de Beja na sua globalidade, desceu de 27 para 16 hab/km² e o Continente, inversamente, subiu de 93 para 105,5 hab/km². Estes números expõem com crueza quer a baixíssima densidade populacional da região, quer a acentuada tendência para o decréscimo dessa densidade.

Para compreendermos a incidência das quebras populacionais procurámos explorar também a hipótese de existência de relação entre a dimensão dos aglomerados e o dinamismo populacional. Esta relação fora já constatada noutros contextos em que se verificou um fenómeno de fixação da população em pequenos centros locais, num processo que leva ao progressivo desaparecimento da população disseminada pelo território (Majos, 1985:93).

Ao tomarmos como indicador a percentagem da população residente na zona em estudo, verificamos que a evolução do indicador nas últimas quatro décadas permite identificar comportamentos distintos. As freguesias de povoamento concentrado vêm aumentado o seu peso relativo na população da zona, numa tendência acompanhada, entre 1970 e 1991, pelas freguesias de povoamento misto. Em contrapartida, a população residente nas freguesias de povoamento predominantemente disperso ou com pequenos núcleos têm vindo a perder peso percentual na região. Como complemento deste processo múltiplo verifica-se também o aumento do peso populacional e funcional da sede de concelho, Beja, o que a torna o principal polo urbanístico de todo o distrito. Tem-se acentuado nestes últimos anos o processo de migração de residentes das freguesias rurais para a cidade.

A tendência recessiva da evolução populacional é elucidada de forma reforçada pelo recurso a dois indicadores complementares dos já abordados, a estrutura etária e a capacidade de substituição demográfica, que ampliam a imagem de envelhecimento e de recessão.

A forma gráfica das pirâmides etárias, quer para o distrito, quer para o concelho, deixou de ser piramidal a partir de 1960. A configuração actual é, antes, mais próxima da cúpula bizantina, com um estreitamento na base (sensivelmente abaixo dos 15 anos), um alargamento posterior (que corresponde ao grupo dos 15-25 anos) e de um novo alargamento que tende a estreitar-se (nos grupos etários acima dos 60 anos). A evolução das pirâmides etárias reflecte a diminuição do peso relativo dos estratos etários inferiores e o aumento dos superiores. Esse fenómeno é bem evidenciado

pela consideração das percentagens de residentes com idade inferior a 15 anos e com idade igual ou superior a 65 anos. O envelhecimento acentuado da população no concelho em estudo (e na globalidade do distrito de Beja) é de tal forma expressivo que no Recenseamento de 1991 a população presente com mais de 65 anos era superior em termos absolutos à que tinha menos de 15 anos. O envelhecimento acentuado tem efeitos cumulativos sobre a evolução geral da população, nomeadamente nas condições de reprodução demográfica nos concelhos. Com efeito a recessão do Alentejo, tendo começado por ser devida essencialmente aos fenómenos migratórios, começa a ser também função da estrutura da população.

Quadro n.º 4.1

Proporção da população residente com menos de 15 e com mais de 64 anos (1970 – 1991)

Região	% da pop. com menos de 15 anos			% da pop. com mais de 64 anos		
	1970	1981	1991	1970	1981	1991
Concelho de Beja	25,1	21,51	18,7	10,9	16,93	19,0
Distrito de Beja	24,14	21,12	17,41	11,42	16,74	20,2
Continente	28,47	25,56	19,71	9,67	11,48	13,7

Fonte: Recenseamentos Geras da População

A evolução do saldo fisiológico revela que, a partir de meados dos anos 70 e decididamente a partir de meados dos anos 80, o declínio populacional entrou numa fase em que a população residente já não consegue manter positivos o saldo entre nados-vivos e óbitos.

Quadro n.º 4.2

Indicadores demográficos (1991)

Região	Nascimentos	Óbitos	Saldo fisiológico	Tx. bruta de mortalidade
Concelho de Beja	1670	2137	-467	13,1%
Distrito de Beja	1408	2130	-722	16,1%
Continente	108985	98722	+10263	10,6%

Fonte: Estatísticas demográficas

Dado este facto, o decréscimo populacional passou ser função de uma variável endógena, o crescimento natural, a qual, ao apresentar valores negativos, acentua as características da região como um espaço deprimido. Esta observação revela, por outro lado, a consistência da tendência para a redução da população, que apenas poderia ser invertida no curto prazo por movimentos de imigração ou de retorno de emigrantes.

4.1.2. O SISTEMA DE EMPREGO A NÍVEL LOCAL

Neste ponto abordamos um dos eixos referenciadores fundamentais da construção por parte dos jovens, dos seus projectos profissionais.

Como é natural a recessão populacional que marca a história desta região nestas últimas décadas, teve consequências na estrutura de origem dos rendimentos da população da zona em estudo. Na última década, assistiu-se neste domínio a um processo de progressão do Estado social concomitante do referido envelhecimento. A comparação entre os dados dos Recenseamentos Gerais da População de 1981 e 1991 permite verificar a existência de uma tendência para o aumento da percentagem da população maior de 12 anos que depende de pensões, ou seja, dos dispositivos de bem-estar social. Com efeito, verifica-se que as pensões são a fonte principal de rendimentos que mais progrediu de importância relativa em todos os concelhos da zona. Em dez anos, a percentagem da população dependente dos rendimentos próprios manteve-se quase inalterada, em volta dos 40% da população. Em contrapartida, a percentagem de população residente dependente da família contraiu-se significativamente, passando os dependentes desta fonte de rendimento do segundo para o 3º grupo mais numeroso. Esta observação parece-nos ser directamente influenciada pelo agravamento do processo de envelhecimento populacional combinado com a extensão das prestações sociais de apoio à 3ª idade.

A expansão da percentagem da população que depende principalmente das pensões compensou a retracção do número de dependentes da família, o que deve derivar da combinação da extensão dos

níveis de protecção social com a diminuição de proporção de jovens (que aumentariam a proporção de dependentes da família). A evolução registada quanto ao principal meio de vida da população aponta, por outro lado, para uma íntima associação entre a variação total da população e a variação da população dependente de rendimentos próprios. A análise das taxas de variação da população residente com mais de 12 anos segundo o principal meio de vida permite constatar uma tendência consistente para que a variação da população total seja de uma ordem de grandeza aproximada da variação da população dependente dos rendimentos próprios (e, dentro desta, da residente que depende do seu próprio trabalho).

Quadro n.º4.3

Percentagem da população residente com mais de 12 anos segundo o principal meio de vida

Meio de vida		Concelho de Beja		Distrito de Beja	
		1991	(%) var 81-91	1991	(%) var 81-91
Rend. próprios	Trabalho	38,96	- 5,45	36,91	-10,61
	Propriedade	0,57	5,36	1,19	-30,87
	Total	3,00	-5,30	38,10	-10,91
Disp. da Seg. social	Subsídio de des.	1,16	-10,29	1,19	86,31
	Subsídio de acidentes de trabalho	0,66	590,00	0,48	321,43
	Outros sub.	0,16	-51,43	0,16	-51,32
	Pensão	34,43	16,37	32,16	14,14
	Apoio social	0,46	276,92	0,60	525,00
	Total	36,87	14,99	34,59	13,77
Família	A cargo da fam.	23,22	-25,77	23,16	-34,12
Outros casos		3,40	301,14	4,93	291,75
TOTAL		100,0	-2,47	100,0	-8,01

Fonte: Recenseamentos Gerais da População

A leitura que fazemos da informação referente ao principal meio de vida é corroborada pela análise de um conjunto de indicadores que permitem, sinteticamente observar a configuração local do sistema de emprego.

Quadro n.º 4.4

Indicadores básicos da situação local do sistema de emprego

Região	Taxa de actividade			Taxa de desemprego			% de procura do 1º emp. no total do desemp.		
	M	F	TOTAL	M	F	TOTAL	M	F	TOTAL
Concelho de Beja	49,1	24,4	36,7	8,8	32,5	14,9	25,4	36,1	32,4
Distrito de Beja	51,7	26,2	38,9	7,5	24,0	13,1	17,1	34,4	27,9

Fonte: Recenseamentos Gerais da População

Escolhemos três indicadores que nos parecem constituir boas aproximações do problema: a taxa de actividade, que permite verificar a relação activos / dependentes; a taxa de desemprego, que torna possível constatar as dificuldades locais de absorção da força de trabalho disponível; e a importância da procura do primeiro emprego na procura total de emprego, que permite verificar a facilidade /dificuldade de inserção na actividade profissional de novos contingentes gerados, de força de trabalho. Quer o concelho quer o distrito apresentam, e no relativo ao índice de actividade, taxas bastante baixas; situação mais acentuada no caso das mulheres do que nos homens. A baixa de actividade pode, como é sabido, corresponder à existência de contingentes relativamente importantes de desemprego oculto, e que neste paralelo é particularmente acentuado no caso das mulheres. Mesmo verificando-se este fenómeno, que não podemos quantificar, o desemprego visível é elevado, o que é fruto de uma dificuldade grave de absorção dos contingentes de força de trabalho gerados localmente, mesmo estando estes contingentes rarefeitos pelo envelhecimento da população. Essa dificuldade é maior para o caso feminino, que também são as que mais sofrem no processo inicial de procura do 1º emprego.

A observação da informação sobre o desemprego segundo o sexo e a idade, através do Quadro n.º 4.5, amplia a visibilidade da questão da dificuldade diferenciada de absorção da força de trabalho. Enquanto o desemprego masculino se concentra particularmente entre os jovens, o desemprego feminino tem uma distribuição mais homogénea ao longo dos

grupos etários, o que nos parece vir a corroborar a hipótese de que existe dificuldade de absorção da força de trabalho, que se verifica para as mulheres independentemente do grupo etário e para os homens com particular acuidade entre os jovens. Em nossa opinião é esta diferença que explica que as mulheres desempregadas sejam sensivelmente o dobro dos homens.

Quadro n.º 4.5

Desemprego registado segundo o sexo e a idade (1991)

Indicadores	- de 25 anos	25-34 anos	35-54 anos	+ de 54 anos	TOTAL
Desemprego masculino (%)	42,58	18,75	23,83	14,84	100,0
Desemprego feminino(%)	32,78	34,03	30,27	2,92	100,0
Rácio homens/mulheres	0,7	0,3	0,4	2,7	0,5

Fonte: Recenseamento Geral da População

Outros indicadores também são pertinentes de invocar, e que continuam a mostrar carência importantes em termos da estrutura da população activa, principalmente quando comparados com a média do país. Em 1991, 22,9% da população activa do concelho de Beja, tinha mais de 50 anos (no Continente 20,7%) e 68,4% da população residente com mais de 12 anos só tinham o primário como habilitações máximas (no Continente 62,4%). Estas diferenças acentuam-se quando comparamos os valores nacionais aos valores distritais.

Quadro n.º 4.6

População activa com actividade económica com mais de 50 anos e com o primário elementar como habilitação máxima em 1991

Região	% pop. com mais de 50 anos	% pop. com primário elementar como habilitações literárias
Concelho de Beja	22,9	68,4
Distrito de Beja	26,7	77,4
Continente	20,7	66,8

Fonte: Recenseamento Geral da População

Uma análise discriminativa da distribuição da população activa, evidencia que, e apesar das graves dificuldades por que tem passado o sector agrícola, e o facto de a estrutura económica concelhia ser fortemente influenciada pelo domínio exercido pelo sector terciário – administração, serviços e comércio, é ainda bastante importante o peso percentual evidenciado pelo mesmo. Para este contribuem essencialmente a população residente nas freguesias rurais que compõem o concelho de Beja, aproveitando a qualidade extra dos terrenos neste espaço. O concelho de Beja contraria no entanto a lógica distrital na medida em que é o sector agrícola que nos restantes concelhos continua a envolver o maior percentual da população activa. A posição secundária é ocupada pelos ramos de actividade que se englobam no sector que ocupa o maior volume de população activa no Concelho de Beja, ou seja, o terciário. Os valores percentuais registados no sector secundário expressam o vazio industrial que caracteriza toda a região, apenas alimentado por uma pequena indústria transformadora alimentar, ou em representantes isolados da indústria extractiva no concelho de Aljustrel, (que tem passado nomeadamente nos últimos tempos por graves dificuldades de manutenção) e de Castro Verde, constituindo a Somincor o principal pólo empregador desta zona.

Quadro n.º 4.7

População residente activa a exercer profissão, por ramos de actividade económica no concelho de Beja em 1991

Ramo de actividade	Concelho de Beja	Ramo de actividade	Concelho de Beja
Agricultura, pecuária, silvicultura e pesca	16,9	Serviços financeiros e às empresas	4,51
Indústrias extractivas	0,6	Administração pública, defesa e Seg. social	7,87
Indústrias alimentares e das bebidas	2,16	Saúde e serviços sociais	6,78
Produção e distribuição de electricidade, gás e água	2,87	Ensino	8,76
Construção	12,93	Associações sindicais, patronais e outras	0,51
Comércio por grosso e a retalho: reparação de veículos automóveis, motocicletas e bens de uso pessoal e doméstico	15,3	Act. artísticas, recreativas e desportivas	0,63
Hotelaria e parques de campismo	3,91	Outras act. e serviços	0,78
Restaurantes, bares, cantinas e cafés	4,81	Famílias com empr. domésticas	1,75
Transportes, armazenagem e comunicações	3,35		

Fonte: Perfil empresarial do Alentejo, Eurogabinete PME, 1991

A análise do quadro reforça a já referenciada concentração da população activa essencialmente nos subagrupamentos associados ao comércio, prestação de serviços às populações, ou seja, a administração pública, o ensino e os serviços sociais e à colectividade. A importância destes últimos subagrupamentos no emprego local parece-nos estar associada à absorção pela administração pública, nomeadamente via camarária, da força de trabalho com empregabilidade difícil, assumindo-se como uma das estratégias locais à absorção do desemprego.

A complementar estes indicadores importa ainda analisar com algum pormenor os dados relativos ao estatuto profissional da população activa. Segundo os dados de 1991, mais de metade da população activa são trabalhadores administrativos e ou comerciais por conta de outrém, e quadros médios, o que reforça o peso destes sectores de actividade para a economia local. É também de salientar o número significativo de trabalhadores independentes, valor que dada a legislação actual no sector público, será sensivelmente menor, e os que exercem profissões agregadas sob a categoria das especialidades científicas. É também de destacar o baixo índice de Operários, e bem como assim o nível ainda significativo de assalariados agrícolas. No topo da lista contrastam os percentuais pouco significativos das categorias Empresários e Pequenos patrões.

Quadro n.º4.8

População activa segundo a categoria profissional (1991)

Categorias profissionais	% de trabalhadores
Empresário	1,34
Pequenos patrões	5,09
Trabalhadores independentes	15,33
Dirigentes	0,23
Quadros médios	10,16
Especialistas de profissões intelectuais	8,04
Pessoal administrativo	17,08
Trabalhadores comércio e serviços	23,73
Operários	7,08
Trabalhadores agrícolas	6,51
Trabalhadores não qualificados	5,41
TOTAL	100,0

Fonte: Recenseamento Geral da População

4.1.3. A REDE ESCOLAR LOCAL

Para a caracterização da situação escolar local fizemos recurso de dois tipos de indicadores, por um lado a caracterização da oferta formativa

disponibilizada aos alunos que querem prosseguir estudos após o 9º ano, e, por outro, para enquadramento e tipificação do perfil destes, achámos também conveniente a análise dos números relativos à situação local em termos de abandono escolar.

O sistema educativo português construiu uma lógica de ensino básico de 9 anos antes mesmo de ter 9 anos de escolaridade obrigatória. Assim todos aqueles que abandonam a escola sem completarem este ciclo de 9 anos, não só saem do sistema educativo sem terem tido acesso a qualquer tipo de formação de carácter profissional, como sem terem tido acesso aos saberes escolares básicos. Há hoje uma vasta produção teórica a propósito do tema do abandono escolar precoce. A principal linha de investigação sobre o problema parte do pressuposto de que a escola básica funciona efectivamente como instância diferenciadora dos grupos sociais. Durut – Bellat e Henriot- Van Zanten reportam este problema à existência de uma acomodação da escola face aos modelos de transmissão social. Nesta formulação, a escola “(...) *deve transmitir conhecimentos de base a todas as crianças e favorecer o sucesso de uma pequena elite escolar: as crianças que são dotadas para os estudos*” (Durut- Bellat e Henriot e Van Zanten, 1992: 88).

Como a construção da “dotação” para os estudos é em grande parte social, a escolha dos dotados corresponde à relegação dos que estão mais distantes dos saberes escolares. Em Portugal, Raul Iturra (1990a; 1990b) citado por Rui Santiago (1996), vem desenvolvendo a hipótese de que a escola básica procede por subordinação da lógica de pensamento oral e pragmática a uma lógica de pensamento letrada e abstracta, o que estará na origem de processos de fuga a uma ou outra (uns fogem à escola para trabalhar a terra e outros vão à escola para fugir da terra).

Seria necessário ter informação que não possuímos sobre o abandono escolar por grupos sociais de forma especializada para sustentar ou infirmar directamente a aplicabilidade desta tese ao espaço que estudamos. É no entanto possível verificar que existe uma acção selectiva global da instituição escolar a partir da análise dos índices de

abandono escolar. O abandono no 1º ciclo do ensino básico, seja na 1ª fase (os primeiros dois anos curriculares), seja na 2ª fase (os dois anos seguintes), revela-se residual, o que aponta para a universalização da frequência do 1º ciclo do ensino básico. O momento de ruptura entre ciclos do ensino básico é localmente o 1º grande momento de filtragem do sistema escolar. Com efeito a taxa média de abandono do 2º ciclo apresenta valores significativos que implicam que entre um décimo a um quinto dos jovens abandonem o ensino antes da conclusão desse ciclo, segundo dados não oficiais disponibilizados pela Direcção Regional de Educação do Alentejo. Essa mesma filtragem consolida-se sobretudo na transição entre o 3º ciclo e o ensino secundário. A mesma, conduz a que só cheguem a esta fase um perfil tipo de jovens porventura mais "dotados", ou que conseguiram ultrapassar os esquemas de triagem social.

Quadro n.º 4.9

Taxas de abandono escolar no ensino básico (1996)

Concelho	1º ciclo			2º/ 3º ciclo	3º ciclo/ ens.sec.
	1ª fase	2ª fase	1º ciclo		
Beja	2,27	1,26	1,79	19,9	25,5

Fonte: D.R.E.A. (1996)

Para quem chega ao 10º ano, a oferta formativa disponível está infraestruturalmente garantida por duas escolas que apresentam em simultâneo e de acordo com o novo plano curricular a possibilidade de formação, via prosseguimentos dos estudos ou via tecnológica, em diversas áreas específicas no âmbito dos quatro agrupamentos vocacionais existentes para escolha, são elas:

- Agrupamento 1 (Científico- Natural)

Geral

Tecnológico : Química, Electrotecnia/ Electrónica, Mecânica, Informática

- Agrupamento 2 (Artes)
Geral
Tecnológico: Artes
- Agrupamento 3 (Económico – Social)
Geral
Tecnológico: Administração, Serviços comerciais
- Agrupamento 4 (Humanidades)
Geral
Tecnológico: Animação Social, Comunicação.

Desde a remodelação curricular e institucional procurou-se garantir uma mais ampla e completa oferta de alternativas o que acabou com a divisão da responsabilidade formativa das escolas por determinado grupo de áreas, tal como até 1994/1995 se verificava. Ambas as escolas oferecem a possibilidade de opção em todos os agrupamentos.

Do cruzamento destes indicadores caberá agora perguntar em que medida os mesmos implícita ou explicitamente induzem uma certa forma de estar sentir e perspectivar dos jovens que partilham “in loco” e no dia-a-dia este quadro real panorâmico.

4.2 – OS JOVENS: ELEMENTOS DE CARACTERIZAÇÃO SOCIOGRÁFICA

É certo que qualquer terreno, qualquer paisagem, se apresenta, à primeira vista, como uma desordem imensa que deixa o investigador à vontade para escolher o sentido que quer dar à sua análise. E o sentido pretendido é o de perceber as “escolhas” valorativas e profissionais a partir de alguns elementos que estruturam a trajectória de cada indivíduo, neste caso o jovem, bem como aquilo que ele é. Referimo-nos neste âmbito às tradicionais variáveis de identificação física: sexo, idade, bem como às que tipificam a situação escolar (presente e passada), o ambiente familiar, e os hábitos de ocupação dos tempos livres, dos jovens inquiridos.

O grupo de jovens com que trabalhamos são na maior parte raparigas, e com idades compreendidas entre os 15 e 18 anos(Quadro n.º 2/ Anexo). Estes limites etários, entre os quais se situa 94,3% do grupo alvo deixam antever indirectamente um baixo índice de reprovação. Este é por sua vez confirmado, de uma forma indirecta, pela análise ponderada do número de alunos de cada classe etária em cada ano lectivo, e de uma forma directa pelo registo do número de reprovações: 84,1% dos jovens manifestaram que até à data, ainda não tinham reprovado (Quadro n.º17/Anexo). No que respeita à trajectória escolar outros elementos merecem ser salientados. As opções vocacionais assumidas no 10º ano recaíram essencialmente em duas áreas: Científico-Natural e Económico-Social (Quadro n.º 14 /Anexo). De uma forma quase equitativa cerca de 73% dos jovens optaram por estas áreas, diga-se, mais tradicionais. Os motivos invocados para tais opções estruturam-se essencialmente em dois vectores; por um lado, o gosto pelas matérias e disciplinas tratadas(manifestado por 28% dos jovens) e por outro lado, a qualidade/quantidade das saídas formativas e profissionais que a área proporciona (manifestado por 30,6% de jovens). É também importante registar o facto de 14,6% dos mesmos reconhecerem que a orientação e o conselho de outros constituiu o principal motivo que justifica a escolha efectuado(Quadro n.º15/Anexo).Nessa missão de aconselhamento destacam-se sobretudo as figuras materna e paterna, cuja influência foi reconhecida por 40% dos jovens. A influência do professor neste período decisivo de construção da identidade vocacional e prospectiva identidade profissional, é também admitida por 8% dos inquiridos. Em contraposição regista-se que 22% dos jovens admitiram ter feito o processo de escolha individualmente, sem qualquer tipo de ajuda(Quadro n.º 16 /Anexo).

No relativo às preferências disciplinares, estas recaem maioritariamente, sem distinção de área vocacional, sobre as disciplinas de formação específica ou especializada, sendo preteridas para segundo plano as de

formação geral. É importante salientar, que dada a natureza aberta desta questão, foi possível recolher interessantes comentários de justificação da escolha, embora tal não fosse directamente solicitado.

A maioria dos comentários vão no sentido de considerarem as disciplinas de formação geral mais "*fastidiosas*" e "*aborrecidas*", bem como com menor sentido prático e capacidade de preparação para a vida real.

Quanto ao futuro caminho escolar que estes jovens antevêem para si, ele deverá passar, tal como desejado em 80% dos casos, pela continuação dos estudos ao nível da licenciatura (71,% dos jovens manifestaram esse desejo) e/ou bacharelato (8,9% dos jovens escolheram esta opção). Mais cépticos ou porventura mais imediatistas, são os 9,6% de jovens que definiram, como meta escolar futura, somente a conclusão do 12º ano. A continuação dos estudos até arranjar emprego e deixar de estudar, são "futuros possíveis" para apenas 6,4% dos jovens inquiridos (Quadro n.º 17 /Anexo).

No capítulo do desejo e da imaginação, mais realidade exequível para uns do que para outros, verificamos que as escolhas relativamente aos cursos pretendidos são bastante diversificadas, e englobam campos tão distintos como: Antropologia e Teatro, Jornalismo ou Contabilidade, Sociologia ou Veterinário. Numa análise puramente frequencial destacam-se os cursos de Engenharia, Arquitectura; Psicologia, Direito, Contabilidade e Medicina como os mais escolhidos. Num quadro formativo local ainda deficitário, os caminhos futuros que se antevêem para estes jovens concretizarem os seus desejos, passarão necessariamente pela opção de migração para regiões onde as estruturas universitárias existem em quantidade e diversidade. Esta continua a ser aliás uma das maiores evidências que testemunha e estrutura os desfasamentos de desenvolvimento regional existentes no País(Quadro n.º 18 /Anexo).

O desejo manifestado por alguns jovens de continuação dos estudos, é maioritariamente acompanhado pelos pais já que 46,5% dos inquiridos parecem estar convictos que os mesmos não querem que eles deixem de estudar enquanto não tirarem um curso. Opção que é complementada pela

hipótese de continuar a estudar até arranjar emprego, que traduz a opinião que melhor se adequa ao pensamento dos pais, segundo 20,4% dos jovens. A situação de indiferença implícita na opção: “A escolha só depende de mim”, foi seleccionada por 27,4% dos jovens(Quadro n.º 19/Anexo).

Os objectivos que cada indivíduo se propõe são mais ou menos exequíveis dependendo da força individual canalizada para a sua concretização, e sobretudo do contexto envolvente. Nesta fase em que os jovens ainda estão na exclusiva dependência do agregado familiar, qualquer tipo de projecto, nomeadamente escolar, tem que necessariamente contar com a comparticipação financeira dos pais. Sem qualquer tipo de rendimento económico fixo, os desejos, gostos e aspirações estão limitados ao plano dos “monetariamente exequíveis”. É possível assumir que certos jovens poderão estar mais conscientes deste tipo de limitações do que outros, no entanto, o conhecimento dos indicadores relativos à profissão, à situação laboral, ao rendimento económico etc..., permitir-nos-á tipificar o ambiente familiar, bem como, e de acordo com o mesmo, interpretar algumas das escolhas e opiniões manifestadas.

O ambiente familiar é influenciado pela vivência habitacional. Segundo os dados obtidos, os jovens, na sua maioria, compartilham a casa apenas com os pais e os irmãos. O modelo de família alargada, está por sua vez recuperado em 22% das situações, com base na partilha do espaço residencial com o avô ou avó, preferencialmente materna (Quadro n.º 22/ Anexo).

No relativo às habilitações escolares dos pais, elas situam-se maioritariamente no nível do ensino secundário (até ao 9º ano e 11º ano). Comparativamente são as mães que possuem um maior nível médio de habilitações literárias e que inclui bacharelato, licenciatura e inclusivamente pós-graduação (Quadros n.º 2 e n.º 3 /Anexo).

De acordo com a tipologia inserida na Classificação Nacional de Profissões, verificamos que as profissões desempenhadas pelos pais situam-se maioritariamente nas classes: “Pessoal administrativo”, e

“Pessoal de serviços e vendas”, o que é consentâneo com a importância estrutural que o sector terciário tem na conjuntura económica concelhia. Destacam-se ainda com algum significado, as categorias: “Técnicos e profissionais de nível intermédio” e “Especialistas de profissões intelectuais”(Quadros n.º 4 e n.º 5 /Anexo).

O desemprego é realidade que quase não afecta o agregado familiar destes jovens, não se registando nenhum caso ao nível do elemento paterno, e apenas 26,8% a nível materno (Quadros n.º 6 e n.º 7 /Anexo). O retrato profissional do agregado familiar é ainda enriquecido a partir dos resultados encontrados sobre a situação laboral e rendimento médio mensal. Assim, quer para o pai, quer para a mãe a situação mais geral é a de trabalhador por conta de outrem (69,4% no caso dos pais e 60,5% das situações no caso da mãe). Foi ainda possível verificar que quando o elemento feminino do agregado familiar é patrão ou trabalhador por conta própria partilha tal estatuto com o seu cônjuge, nomeadamente através de uma pequena empresa familiar(Quadros n.º 8 e n.º 9/Anexo). O rendimento mensal modal auferido pelo agregado está compreendido entre os 250.000\$00 e os 300.000\$00 (Quadro n.º 10/ Anexo). Contudo 29,3% de jovens afirmam que o rendimento mensal dos pais ultrapassa os 300.000\$00 e 28,7% indicam o rendimento se situa entre os 200.000\$00 e os 250.000\$00. A partir destes resultados, complementados com a informação relativa ao nível habilitacional e profissional dos pais, parece ser admissível concluir que a classes social de origem destes jovens se situa no denominado nível médio. De facto 75,8% dos jovens vivem em casa própria, 91,1% têm carro e 80,3% julgam que a classe social a que pertencem se situa entre o nível 5 e 8 numa escala de 1 a 10 (Quadros n.º 11, n.º 12 e n.º13/ Anexo). Comparados estes valores com os evidenciados no capítulo referente à caracterização sócio-económica local constatam-se facilmente diferenças significativas. Existe ao nível do grupo alvo, particularmente nos seus pais, uma sobrerrepresentatividade de certas categorias, que testemunham a sua realidade profissional, relativamente ao que é a

tendência média real local. Destaca-se nomeadamente, o baixo índice de desemprego, o que apoiado noutros indicadores mais implícitos nos conduz a um retrato sócio-económico um pouco distinto do retirado quando abordámos esta mesma questão no sentido macro – concelho de Beja. É, portanto, específico o perfil/perfis dos estudantes que chegam ao ensino secundário, nomeadamente, e neste particular, no sentido sócio-económico.

Para completar a caracterização possível do grupo alvo falta-nos apenas analisar os dados referentes aos hábitos e formas de ocupação dos tempos livres. A maioria dos jovens (72,6%) ocupa preferencialmente os seus tempos livres a ver TV (Quadro n.º 22/ Anexo). Na lista das opções "hedonistas" preferidas, seguem-se: "Sair com os amigos"(65,0%), "Passear"(61,8%), "Ir ao cinema/teatro e espectáculos musicais"(56,7%) e "Ouvir música" (54,1%). Na lista das opções preteridas, destaca-se a actividade: estudar, apenas referida por 23,6% dos jovens. Merece também destaque a posição, bastante baixa na hierarquia, ocupada pela opção: "Trabalhar no computador", apenas indicaram esta opção 35,0% dos jovens. Tal não se coaduna com o aumento registado, principalmente nesta última década, de utilizadores frequentes de computadores pessoais. Com base neste score, podemos indirectamente deduzir que ainda não é generalizada, de uma forma maioritária, a posse de computadores pessoais junto do grupo alvo. Interrogados sobre a forma como preferencialmente obtêm informação acerca da realidade que os rodeia, 63,1% dos jovens revelaram que a mesma lhes chega preferencialmente via TV. Os jornais/revistas e a família são a 2ª fonte informativa, referenciada por 13,4% e 15,3% dos jovens, respectivamente. É também de registar o facto de apenas 3,2% de jovens terem identificado a escola como a sua fonte informativa preferencial (Quadro n.º 26 /Anexo).

No capítulo das despesas e consumos o volume mensal de gastos varia entre os 1.000\$00 e os 10.000\$00, em 78,4% dos casos registados, destacando-se a subclasse entre os 5.000\$00 e os 10.000\$00 que por si só representa 44,6% do total(Quadro n.º 24/ Anexo). Esse mesmo dinheiro é preferencialmente gasto em lanches e guloseimas (85,4% dos jovens

confirmam este tipo de despesas), em idas a discotecas, bares e pubs, idas ao cinema/teatro e espectáculos musicais, tabaco e aquisição de discos e cassetes. Estes 4 últimos itens foram referidos por um grupo de jovens cuja representatividade oscilou entre os 66,2% e os 48,4%. O que menos pesa, no "cabaz de compras" apresentado, são os livros escolares, que é decorrente da sua situação de dependência económica em relação aos pais, sendo destes a responsabilidade do pagamento das despesas formativas. O dinheiro que é atribuído aos jovens tem por isso um fim essencialmente lúdico (Quadro n.º 25/ Anexo).

Com base nestes dados possuímos já uma boa base de trabalho, que caracteriza em elementos fundamentais o ambiente familiar, trajectória escolar, hábitos e consumos que enquadram e estruturam aquilo que o jovem é, valoriza e aspira.

4.3. OS JOVENS : POSICIONAMENTOS E PERFIS VALORATIVOS

Tendo em vista compreender o processo de construção da identidade profissional e social dos jovens residentes no Concelho de Beja, em particular dos estudantes do ensino secundário (10º, 11º e 12º anos), considerou-se pertinente analisar e compreender os quadros simbólico-valorativos em que esses jovens se movem. Neste sentido os posicionamentos e os perfis valorativos dos estudantes do ensino secundário relativamente a um conjunto de dimensões sociais tais como, família, amigos, escola, dinheiro e sociedade, foram estimados com o recurso a diversas técnicas de análise estatística aplicadas em cada dimensão a uma matriz constituída por 12 indicadores aferidos por 157 indivíduos numa escala ordinal de 6 pontos. Inicialmente, e através da estatística descritiva, foi possível identificar os itens mais valorizados. Seguidamente, tendo em vista verificar se alguns factores demográficos teriam influência nos posicionamentos valorativos, recorreu-se ao uso dos testes não-paramétricos Mann Whitney e Kruskal- Wallis. Em seguida, utilizando a análise factorial por componentes principais, foi possível

identificar os eixos simbólicos dos perfis valorativos dos jovens. Por último através da análise por correspondências múltiplas explorou-se a homogeneidade das imagens atribuídas à família, aos amigos, à escola, ao dinheiro e à sociedade de acordo com as características individuais e sócio-económicas familiares dos jovens.

4.3.1. A FAMÍLIA

Quadro n.º 4.10

Representações assumidas pelos jovens em relação à família

	Discordância (%)			Concordância (%)			Total (%)
	1- Discordo Totalmente	2- Discordo	3-Discordo Pouco	4- Concordo Pouco	5-Concordo	6- Concordo Totalmente	
VF 37			8,9	44,6	26,8	19,7	100,0
VF 38			0,6	7,0	59,2	33,1	100,0
VF 39		1,9		49,0	38,9	10,2	100,0
VF 40	29,9	65,6	1,3	3,2			100,0
VF 41		15,9	1,9	42,0	38,9	1,3	100,0
VF 42		32,5	24,8	22,3	20,4		100,0
VF 43		15,3	0,6	49,7	29,9	4,5	100,0
VF 44	0,6	7,6	24,2	35,0	32,5		100,0
VF 45	2,5	62,4	3,8	5,7	25,5		100,0
VF 46			2,5	45,9	29,9	21,7	100,0
VF 47	3,2	31,8	21,7	33,8	9,6		100,0
VF 48	2,5	9,6	24,8	36,3	24,8	1,9	100,0

Fonte : Inquérito; Total de casos = 157

Legenda:

- VF 37 – Grupo de pessoas que se ajudam mutuamente em todas as circunstâncias
- VF 38 – Garantia de segurança afectiva;
- VF39 - Meio mais adequado para a formação da personalidade,
- VF40 - Substituível por um grupo de amigos;
- VF41 - Espaço de aprendizagem e preparação para a vida;
- VF42 - Espaço de controle e privação da liberdade individual;
- VF43 - Fonte insubstituível de aconselhamentos para os projectos e decisões pessoais;
- VF44 - Meio de obter um emprego com maior facilidade;
- VF45 - Fonte de conflitos por causa do dinheiro e de outros bens materiais;
- VF46 - Fonte de prestígio social;
- VF47 - Espaço condicionante do que aspiramos ser na sociedade;
- VF48 - Serve para garantir um emprego onde se possa ganhar bem.

A entidade familiar é vista pela maioria dos jovens como um espaço de inter-ajuda, de aprendizagem e preparação para a vida que garante a

segurança afectiva e possibilita uma adequada formação da personalidade. Para além disto, os jovens consideram que a família desempenha um papel importante no aconselhamento dos seus projectos e decisões pessoais, e na procura e obtenção de um emprego. Por outro lado, a maioria dos jovens consideram que a família não é substituível por um grupo de amigos e não constitui fonte de conflitos por causa de dinheiro e outros bens materiais (Quadro n.º 4.10). Isto é, os valores pós-materialistas parecem predominar na imagem valorativa construída pelos jovens em relação à família.

O posicionamento acima descrito parece não diferir em função do sexo, da idade e da via formativa seguida pelos jovens (Quadros n.ºs 4.11, 4.12 e 4.14). Ou seja, o sexo e a idade dos jovens assim como a via formativa que frequentam parecem não estar associados à forma como os jovens vêem a família. O mesmo já não se pode dizer em relação ao ano de escolaridade e à área vocacional de opção (Quadros n.ºs 4.13 e 4.15). De facto, quer o ano de escolaridade quer a área vocacional que os jovens frequentam parecem discriminar os jovens na forma como estes vêem a família ao nível de algumas dimensões consideradas no perfil. Consoante o ano de escolaridade que frequentam, os jovens atribuem à família papel e imagem diferentes em termos de segurança afectiva, formação da personalidade, espaço de controle, fonte de conflitos e apoio no emprego. Os jovens que se encontram a frequentar o 10º ano valorizam mais que os seus colegas do 11º e 12º anos, o papel da família como espaço de segurança afectiva e formação da personalidade. Por outro lado, os jovens que frequentam o 11º e 12º anos atribuem maior valor do que os seus colegas do 10º ano à imagem da família como fonte de conflitos e espaço de controle e privação da liberdade individual. Isto é, os jovens que frequentam o 10º ano de escolaridade no Concelho de Beja parecem apresentar maior tendência para um perfil pós-materialista.

OS VALORES E AS ASPIRAÇÕES PROFISSIONAIS DOS JOVENS:
O CASO DOS ESTUDANTES DO ENSINO SECUNDÁRIO DO CONCELHO DE BEJA

Quadro n.º 4.11

Representações assumidas pelos jovens em relação à família

Comparação de acordo com o sexo

	Masculino (N=68)	Feminino (N=89)	Mann-Whitney U	Z	Sig.
VF 37	78,49	81,17	1840,0	0,309	0,758
VF 38	77,53	85,22	1718,5	-0,958	0,338
VF 39	79,31	77,68	1865,5	-0,194	0,846
VF 40	77,56	85,12	1721,5	-0,986	0,324
VF 41	79,93	75,08	1787,5	-0,565	0,572
VF 42	79,44	77,12	1848,5	-0,261	0,794
VF 43	78,44	81,38	1833,5	-0,347	0,729
VF 44	76,56	89,35	1594,5	-0,455	0,146
VF 45	78,76	80,00	1875	-0,156	0,876
VF 46	76,00	81,29	2822,00	-0,776	0,43
VF 47	74,54	81,64	2791,00	-0,869	0,385
VF 48	79,39	78,70	2999,5	-0,098	0,922

Fonte: Inquérito

Nota: Teste Mann-Whitney para duas amostras independentes (significância $p < 0,05$)

Quadro n.º 4.12

Representações assumidas pelos jovens em relação à família

Comparação de acordo com a via formativa frequentada

	Via Geral (N=130)	Via Técn. (N=27)	Mann-Whitney U	Z	Sig.
VF 37	82,34	76,45	2799	-0,855	0,392
VF 38	81,07	77,42	2885,5	-0,573	0,567
VF 39	76,10	81,21	2829	-0,770	0,442
VF 40	80,39	77,94	2931,5	-0,347	0,729
VF 41	74,83	82,19	2742,5	-1,081	0,280
VF 42	77,98	79,78	2956,5	-0,296	0,767
VF 43	76,86	80,63	2880,5	-0,560	0,575
VF 44	79,90	78,31	2964,5	-0,229	0,819
VF 45	81,79	76,87	2836	-0,782	0,434
VF 46	80,11	74,30	1764	-0,676	0,499
VF 47	79,12	78,48	1889,5	-0,072	0,942
VF 48	77,37	85,90	1698	-0,963	0,335

Fonte: Inquérito

Nota: Teste Mann-Whitney para duas amostras independentes (significância $p < 0,05$)

No que se refere à área vocacional de opção, as diferenças entre os jovens em termos dos papéis atribuídos à família não são tão evidentes. Isto é, apenas em termos de a família ser vista como fonte de conflitos e desempenhar papel relevante na garantia de um bom emprego, a área vocacional produz alguma discriminação. Assim, a imagem da família como fonte de conflitos é principalmente assumida pelos jovens que frequentam a área Científico –Natural enquanto a família como meio para a garantia de bom emprego é tomada pelos jovens que se enquadram nas áreas das Artes e Científico- Natural.

Quadro n.º 4.13

Representações assumidas pelos jovens em relação à família

Comparação de acordo com o ano de escolaridade

	12º ano (N=52)	11ºano (N=51)	10ºano (N=54)	Chi-Square	Sig.
VF 37	76,38	71,09	89,48	5,077	0,079
VF 38	70,30	69,54	97,32	16,714	0,000
VF 39	73,53	72,08	91,47	7,146	0,028
VF 40	78,85	86,05	72,24	3,439	0,179
VF 41	75,42	71,82	89,76	5,235	0,073
VF 42	91,33	93,79	51,68	30,235	0,000
VF 43	79,98	73,22	83,65	1,648	0,439
VF 44	88,87	87,79	60,13	14,772	0,001
VF 45	85,71	85,00	66,14	8,409	0,015
VF 46	84,41	81,90	70,54	3,2	0,202
VF 47	82,08	83,44	71,44	2,365	0,306
VF 48	90,56	88,76	57,42	19,065	0,000

Fonte : Inquérito

Nota: Análise de variância de Kruskal- Wallis (significância $p < 0,05$)

OS VALORES E AS ASPIRAÇÕES PROFISSIONAIS DOS JOVENS:
O CASO DOS ESTUDANTES DO ENSINO SECUNDÁRIO DO CONCELHO DE BEJA

Quadro n.º 4.14

Representações assumidas pelos jovens em relação à família

Comparação de acordo com a idade

	< 15 anos (N=6)	15 – 16 anos (N=89)	17 – 18 anos (N=59)	> 18 anos (N=3)	Chi-Square	Sig.
VF 37	76,58	81,99	73,72	99,00	2,011	0,570
VF 38	107,33	81,72	71,80	83,17	5,501	0,139
VF 39	76,50	83,49	72,03	88,00	2,908	0,406
VF 40	108,33	77,00	80,56	49,00	5,856	0,119
VF 41	66,33	82,38	73,92	103,83	2,999	0,392
VF 42	56,00	73,21	90,61	68,33	7,508	0,057
VF 43	74,92	79,04	77,97	106,17	1,358	0,715
VF 44	51,58	75,98	84,55	114,33	5,799	0,122
VF 45	70,83	78,34	80,69	81,50	0,410	0,938
VF 46	44,5	79,04	82,07	73,83	4,483	0,214
VF 47	91,58	76,03	81,05	101,5	1,844	0,605
VF 48	60,50	73,73	87,00	103,00	4,683	0,197

Fonte : Inquérito

Nota: Análise de variância de Kruskal- Wallis (significância $p < 0,05$)

Quadro n.º 4.15

Representações assumidas pelos jovens em relação à família

Comparação de acordo com a área vocacional

	Científico Natural (N=56)	Artes (N=19)	Económico Social (N=59)	Humanidades (N=23)	Chi-Square	Sig.
VF 37	85,47	81,50	70,16	83,85	4,168	0,244
VF 38	80,25	79,16	74,50	87,37	1,853	0,603
VF 39	76,07	86,00	79,13	80,02	0,845	0,839
VF 40	79,23	75,32	78,91	81,72	0,302	0,960
VF 41	76,95	91,47	74,73	84,65	2,805	0,423
VF 42	77,84	72,00	82,90	77,61	1,012	0,798
VF 43	83,88	81,50	72,75	81,09	2,206	0,531
VF 44	82,36	71,71	83,62	65,00	3,946	0,267
VF 45	91,56	78,79	69,92	71,89	9,721	0,021
VF 46	88,24	75,21	72,25	76,93	4,375	0,224
VF 47	72,09	96,00	82,75	72,17	5,303	0,151
VF 48	86,23	89,53	76,67	58,67	7,807	0,050

Fonte: Inquérito

Nota: Análise de variância de Kruskal- Wallis (significância para $p < 0,05$)

Em síntese podemos concluir que, em geral, o perfil valorativo da família não difere significativamente em função do sexo, a idade, o ano de escolaridade, a via formativa e a área vocacional dos jovens. Ou seja, as principais características biográficas dos jovens não os discriminam relativamente às representações que no momento possuem da família. Podemos assim dizer que existe homogeneidade nos perfis valorativos assumidos pelos jovens em relação à família.

Com base nos factores definidos pela análise factorial por componentes principais ($KMO= 0,625$; $p= 0,000$) e ainda no teste de consistência interna dos factores ($\alpha=0,812$) podemos dizer que o perfil valorativo da família assumido pelos jovens do ensino secundário (10º, 11º e 12º anos) do Concelho de Beja assenta fundamentalmente em quatro eixos simbólicos : (1) A família como espaço de segurança afectiva e de aconselhamento, (2) a família como meio de aquisição de uma posição na sociedade, (3) a família como espaço de preparação dos jovens para a vida e (4) a família como meio de acesso a benefícios materiais (Quadros n.ºs 4.16, 4.17, 4.18 e 4.19). De facto, o primeiro eixo simbólico, a família como espaço de segurança afectiva e de aconselhamento (1º factor), indicando a natureza afectiva e de orientação do papel da família, é formado pelos indicadores que apontam a entidade familiar como sendo um grupo de pessoas que se ajudam mutuamente em todas as circunstâncias (vf37), garante de segurança afectiva (vf38), fonte insubstituível de aconselhamento (vf43), e não substituível por um grupo de amigos (vf40). O segundo eixo simbólico, a família como meio de aquisição de uma posição na sociedade (2º factor), de natureza utilitarista enquanto via de obtenção de uma posição na sociedade, tem por base a imagem de que a família, embora se comporte como um espaço condicionante do papel social e profissional dos jovens (vf47), é fundamentalmente um meio de obter(vf44) e garantir (vf48) um emprego.

Quadro n.º 4.16

Comunalidades das variáveis de percepção da valorização da família

Total Variance Explained

Component	Initial Eigenvalues			Extraction Sums of Squared Loadings		
	Total	% of Variance	Cumulative %	Total	% of Variance	Cumulative %
1	3,938	32,820	32,820	3,938	32,820	32,820
2	2,423	20,188	53,008	2,423	20,188	53,008
3	1,259	10,495	63,502	1,259	10,495	63,502
4	1,138	9,487	72,989	1,138	9,487	72,989
5	,811	6,760	79,750			
6	,624	5,200	84,950			
7	,459	3,829	88,779			
8	,445	3,711	92,490			
9	,336	2,801	95,291			
10	,276	2,297	97,588			
11	,155	1,289	98,877			
12	,135	1,123	100,000			

Extraction Method: Principal Component Analysis.

O terceiro eixo simbólico, a família como espaço de preparação dos jovens para a vida (3º factor), mostrando a função da família como entidade orientadora na formação e preparação individual do jovem, assenta nas representações da família como meio mais adequado para a formação da personalidade (vf39), espaço de preparação para a vida (vf41) e de controle(vf42). o quarto e último eixo simbólico, a família como meio de acesso a benefícios materiais (4º factor), de natureza materialista, é fruto da associação de duas imagens: a família como fonte de conflitos por causa do dinheiro e outros bens materiais (vf45) e como fonte de prestígio social (vf46).

Quadro n.º 4.17

Pesos factoriais da percepção da valorização da família

Rotated Component Matrix

	Component			
	1	2	3	4
vf40	-,821			
vf37	,789			
vf38	,789			
vf43	,592			
vf47		,802		
vf48		,798		
vf44		,794		
vf39			,780	
vf41			,740	
vf42			-,693	
vf45				,852
vf46				,821

Extraction Method: Principal Component Analysis.
Rotation Method: Varimax with Kaiser Normalization.

a. Rotation converged in 9 iterations.

Quadro n.º 4.18

Estatística de Kaiser-Meyer-Olkin e Alpha de Cronbach

Kaiser-Meyer-Olkin	0,625
Teste Bartlett	Sig.= 0,000
Eixos valorativos	Alpha se o item for eliminado
FAM1	0,644
FAM2	0,722
FAM3	0,767
FAM4	0,787
GERAL	0,812

Fonte: Inquérito

Tomando por base a explicação da variância de cada eixo simbólico (Quadro n.º 4.16) e o ponto médio da escala em que foram medidos os diversos indicadores que integram cada eixo (Quadro n.º 4.19) foi possível estimar o sentido valorativo predominante na representação da família. De facto, com base no índice de explicação da variância identificámos a contribuição e a importância de cada eixo para a explicação da distribuição dos posicionamentos assumidos pelos jovens. Quanto maior é o valor da

variância explicada mais importante é o papel do eixo para a estruturação do perfil valorativo predominante. Por outro lado, a análise e comparação da média das respostas obtidas em cada eixo com o ponto médio da escala permite identificar qual é a tendência de posicionamento, concordante ou discordante, predominante.

Quadro n.º 4.19

Perfil das representações da família

BLOCO FACTORIAL	VARIÂNCIA EXPLICADA (%)	MÉDIA		D.P	VALOR MÍNIMO		VALOR MÁXIMO		EIXOS SIMBÓLICOS
		ESCALA	OBS.		POSSÍVEL	OBS.	POSSÍVEL	OBS.	
FAM1	32,82	14	15,88	1,83	4,00	10,00	24,00	19,00	Espaço de segurança afectiva e de aconselhamento
FAM2	20,18	10,5	10,83	2,53	3,00	4,00	18,00	16,00	Espaço de aquisição de uma posição na sociedade
FAM3	10,49	10,5	11,94	1,43	3,00	8,00	18,00	15,00	Espaço de preparação para a vida
FAM4	9,487	7	7,60	1,93	2,00	4,00	12,00	11,00	Espaço de acesso a benefícios materiais

Fonte: Inquérito

Face aos resultados (Quadro n.º 4.19), pode dizer-se que o perfil valorativo relativo às representações que os jovens têm da entidade familiar parece concentrar-se na imagem de que a família constitui um espaço fundamental para a formação individual e preparação dos jovens para a vida futura. Ou seja, os jovens vêem a família como um meio de fazer a sua construção pessoal e traçar as grandes orientações para o seu futuro social e profissional. Além disso, tomando em consideração que a natureza dos eixos simbólicos mostram uma predominância dos valores intrínsecos sobre os extrínsecos, parece evidente que a estruturação dos posicionamentos valorativos em relação à família dos jovens que frequentam os 10º, 11º e 12º anos no Concelho de Beja aponta para um perfil predominantemente pós-materialista.

Tendo em vista explorar a homogeneidade do perfil valorativo assumido pelos jovens, analisou-se, com o recurso à análise de correspondências

múltiplas, a relação existente entre a distribuição dos diferentes graus de valorização que os mesmos atribuem à família, concretizada pelos eixos simbólicos, e as suas características sociográficas. Esta estratégia estatística possibilita a agregação significativa e coerente das variáveis num número reduzido de factores, representativos de combinações preferenciais entre as variáveis.

O tratamento de correspondências múltiplas dos eixos simbólicos que compõem o perfil valorativo da família com as oito variáveis de caracterização sociográfica, permitiu identificar duas dimensões que enquadram e discriminam as diferentes categorias das variáveis projectadas (Quadro n.º 4.20).

Quadro n.º 4.20

As duas dimensões do comportamento das características de identificação pessoal e do posicionamento valorativo sobre a família

Dimensão	Valor próprio
Condições familiares (1)	,2554
Características individuais (2)	,1987

Fonte: Inquérito

A primeira dimensão é composta pelas variáveis que caracterizam as condições sócio-económicas da família: (1) habilitações literárias médias do agregado familiar (CFHAG), (2) categoria profissional do pai (cif16pa), (3) categoria profissional da mãe (cif17ma), (4) rendimento mensal do agregado familiar (cif25a) e (5) índice do estatuto profissional do agregado familiar (IESTPAF). A segunda dimensão agrega as representações da família assumidas pelos jovens acrescidas de três das suas características: (1) espaço de aquisição de uma posição na sociedade (fam2b), (2) espaço de preparação para a vida (fam3b), (3) espaço de acesso a benefícios materiais (fam4b), (4) espaço de segurança afectiva e de aconselhamento (fam1b), (5) área vocacional (cie29), (6) ano de escolaridade (ano) e (7) sexo (ci1). Face a estes resultados pode dizer-se que as dimensões que

discriminam as representações da família assumidas pelos jovens são essencialmente as características da família e as suas próprias características. Assim, a primeira dimensão pode ser designada por Condições familiares e a segunda por Características dos jovens (Quadro n.º 4.21). Com base nestas dimensões foi possível discriminar perfis em função das condições familiares e construir sub-conjuntos de posicionamentos valorativos.

Quadro n.º 4.21

Valores das discriminações de cada variável em cada dimensão

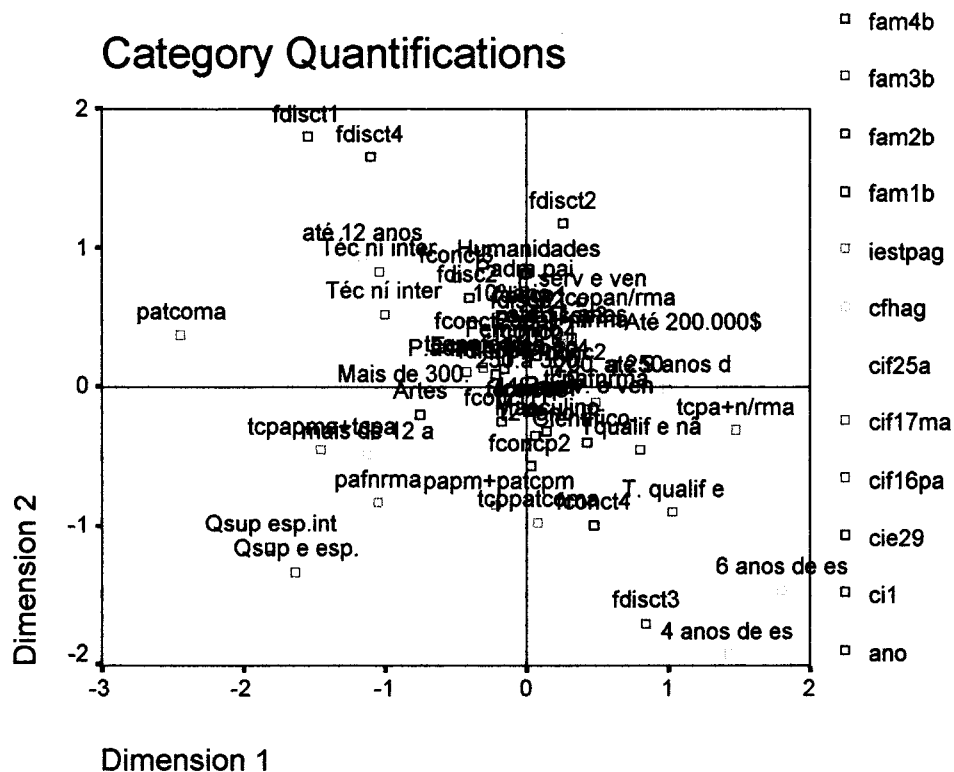
Variável	Dimensão	
	1	2
ANO	,006	,139
CI1	,014	,079
CIE29	,141	,167
CIF16PA	,579	,109
CIF17MA	,622	,200
CIF25A	,405	,007
CFHAG	,718	,158
IESTPAF	,397	,183
FAM1B	,025	,117
FAM2B	,033	,500
FAM3B	,049	,309
FAM4B	,076	,185

Fonte: Inquérito

Como é visível no Gráfico n.º 4.1 verifica-se uma significativa concentração de valores junto da origem dos quatro quadrantes construídos a partir das duas dimensões acima referidas. Fazem parte desse núcleo central as variáveis: sexo (ci1), ano de escolaridade (ano), área vocacional (cie29) e rendimento mensal (cif25a), o que confirma o seu fraco poder discriminativo constatado no Quadro n.º 4.21. Uma leitura mais atenta das projecções permite, no entanto, identificar quatro subgrupos de jovens que se discriminam pelos seus posicionamentos valorativos e pelas suas condições sócio-económicas familiares.

Gráfico n.º 4.1

Projecção das variáveis do perfil valorativo da família nas dimensões 1 e 2



<p>2º Quadrante:</p> <p>fconc1- concordância com imagem da família como espaço de enriquecimento pessoal e segurança afectiva; fdiscp2- discordância parcial com o reconhecimento da família como espaço condicionante do papel social e profissional ambicionado; fcon3- concordância com a imagem da família como espaço de influência na construção pessoal e preparação para a vida; fdisc4- discordância com a imagem da família como espaço de acesso a benefícios de natureza material; "Até 12 anos"; "Patrão pai e trabalhador por conta de outrém mãe"; "Técnico de nível intermédio-pai e mãe"</p>	<p>1º Quadrante:</p> <p>fdisct1- discordância total relativamente à identificação da família como espaço de enriquecimento pessoal e segurança afectiva; fdiscp- discordância parcial com a imagem da família como espaço condicionante do papel social e profissional ambicionado; fconcp4- concordância parcial com a imagem da família como espaço de acesso a benefícios de natureza material. "Até 11 anos"; "Trabalhador por conta de outrém pai e desempregada ou doméstica mãe"(tcopafnrma); "Pessoal de serviços e vendas"-pai e mãe</p>
<p>3º quadrante:</p> <p>fconct2- concordância total com a imagem da família como espaço condicionante do papel social e profissional ambicionado; fconc4- concordância com a consideração da família como espaço de acesso a benefícios de natureza "material"; "Mais de 12 anos"; "Patrão pai e patrão ou familiar não remunerado mãe" e "Trabalhador por conta de outrém pai e mãe"; "Quadro superior e especialista de profissões intelectuais- pai e mãe"</p>	<p>4º Quadrante:</p> <p>fconp2- concordância parcial com a imagem da família como espaço condicionante do papel social e profissional ambicionado; fdisct3- discordância total com a imagem da família como espaço de construção pessoal; fconct4- concordância total com a consideração da família como espaço de acesso a benefícios de natureza "material"; "4", "6" e "9anos de escolaridade" dos pais; "Trabalhador por conta própria pai e doméstica ou desempregada mãe"; "Trabalhador não qualificado-pai e mãe"</p>

No 1º quadrante situam-se os jovens com um ambiente sócio-económico familiar enquadrado nos parâmetros da classe média, e com um perfil valorativo onde se realçam as posições de discordância total relativamente às imagens da família como espaço condicionante do papel social e profissional e de acesso a benefícios de natureza material. Em função desta leitura podemos concluir que os jovens enquadrados na classe média/média baixa têm um perfil predominante pós-materialista.

O 2º quadrante traduz um perfil valorativo em que a família é vista preferencialmente em função das compensações intrínsecas que esta lhes garante. Isto é, a família é considerada fundamentalmente como espaço de segurança afectiva, de construção pessoal e preparação para a vida. Pelo contrário, as imagens da família como espaço condicionante do papel social e profissional e facilitador da concretização de benefícios instrumentais são pouco valorizados pelos jovens que assumem este perfil. Os jovens que apresentam este perfil pertencem essencialmente a família da classe média-alta.

Um terceiro grupo de jovens, localizado no 3º e 4º quadrantes, destaca-se pelo seu perfil valorativo eminentemente materialista. Este 3º grupo é constituído quer por jovens que partilham de um ambiente familiar de nível médio-alto quer por jovens pertencentes à classe média-baixa.

Em síntese, pode concluir-se que os jovens com ambientes sócio-económicos médio têm um perfil valorativo predominantemente pós-materialista em relação à família. O sentido extrínseco e utilitário predomina, pelo contrário, nas imagens dos jovens oriundos da classe média alta e média baixa.

4.3.2. OS AMIGOS

A maioria dos jovens valoriza os amigos em função do papel que desempenham enquanto espaços de convívio e de ocupação dos tempos livres, bem como de inter-ajuda e de concretização de objectivos em comum.

Quadro n.º 4.22

Representações assumidas pelos jovens em relação aos amigos

	Discordância (%)			Concordância (%)			Total (%)
	1- Discordo Totalmente	2- Discordo	3-Discordo Pouco	4- Concordo Pouco	5-Concordo	6- Concordo Totalmente	
VA 49	6,4	63,7	7,6	15,9	5,7	0,6	100,0
VA 50		1,9		14,0	58,0	26,1	100,0
VA 51	3,2	38,9	25,5	17,8	14,6		100,0
VA 52		12,7	10,2	41,4	33,8	1,9	100,0
VA 53		5,1	16,6	45,2	23,6	9,6	100,0
VA 54	3,2	22,3	14,6	41,4	18,5		100,0
VA 55		3,2		43,9	34,4	18,5	100,0
VA 56	10,2	43,9	5,1	33,8	7,0		100,0
VA 57	1,9	26,8	8,3	21,7	41,4		100,0
VA 58	0,6	15,9	0,6	56,7	24,2	1,9	100,0
VA 59	2,5	14,6	12,7	56,7	13,4		100,0
VA 60	1,9	30,6	18,5	43,9	5,1		100,0

Fonte: Inquérito; Total de casos = 157

Legenda:

- | | |
|---|--|
| VA 49- A partilha restringe-se aos momentos de diversão | VA55- Pessoas que nos ajudam a sermos felizes |
| VA 50- Os amigos servem para nos distrair das preocupações do dia-a-dia | VA 56- Espaço de controle e privação da liberdade individual |
| VA 51- Ajudam-nos apenas a ocupar os tempos livres | VA 57- Espaço de concorrência pela conquista do melhor emprego |
| VA52- São fonte de prestígio social imprescindível | VA 58- Espaço de concretização de interesses e objectivos em comum |
| VA 53- Grupo de pessoas que se ajudam mutuamente em todas as circunstâncias | VA 59- Meio de obter um emprego com maior facilidade |
| VA 54- Grupo de pessoas em que se pode sempre confiar | VA 60- São os melhores conselheiros para projectos e decisões pessoais |

Assim, no perfil valorativo dos amigos assumido pelos jovens, a componente lúdica é importante, mas não é a principal. Efectivamente, são as imagens que restringem o papel dos amigos aos momentos de diversão aquelas com que a maioria dos jovens manifestou discordar. Pelo contrário, são as imagens dos amigos enquanto grupo de pessoas que promovem a felicidade individual e facilitam a obtenção de um emprego, ou enquanto fonte de prestígio social e de concorrência pela conquista do melhor emprego, as que registaram maiores níveis de concordância.

Os posicionamentos valorativos assumidos pelos estudantes do 10º, 11º e 12º anos do Concelho de Beja em relação aos amigos evidenciam

componentes intrínsecas, subjacentes ao reconhecimento destes como espaços de garantia afectiva, de inter-ajuda mútua e de partilha não restrita aos momentos de diversão, e também componentes extrínsecas inerentes ao papel atribuído aos amigos no processo de conquista de um emprego. A ponderação da importância atribuída a cada uma dessas componentes permitiu concluir que são os valores pós-materialistas os predominantes, já que são as imagens que os estruturam, as mais valorizadas.

O perfil valorativo encontrado apresenta algumas diferenças em função do sexo e da via formativa frequentada pelos jovens (Quadros n.ºs 4.23 e 4.24). Assim, são as jovens do sexo feminino e os que frequentam a via formativa Geral que mais reconhecem nos amigos, comparativamente com os restantes colegas, um papel influente na felicidade individual. Por outro lado, são os jovens rapazes e os que frequentam a via formativa Tecnológica, que atribuem maior valor à imagem dos amigos como espaço de controle e privação da liberdade individual.

Quadro n.º 4.23

Representações partilhadas pelos jovens sobre os amigos

Comparação de acordo com o sexo

	Masculino (N=68)	Feminino (N=89)	Mann- Whitney U	Z	Sig.
VA 49	79,19	78,85	3013	-0,054	0,957
VA 50	81,27	77,26	2871,5	-0,618	0,537
VA 51	83,32	75,70	2732	-1,088	0,277
VA 52	80,74	77,67	2907,5	-0,446	0,656
VA 53	77,27	80,32	2908,5	-0,441	0,659
VA 54	74,29	82,60	2706	-1,189	0,234
VA 55	68,57	86,97	2317	-2,696	0,007
VA 56	87,49	72,52	2449	-2,185	0,029
VA 57	83,35	75,67	2730	-1,106	0,269
VA 58	79,62	78,53	2984	-1,166	0,868
VA 59	75,03	82,03	2756	-1,063	0,288
VA 60	84,17	75,05	2674,5	-1,327	0,184

Fonte: Inquérito

Nota: Teste Mann-Whitney para duas amostras independentes (significância $p < 0,05$)

Quadro n.º 4.24

**Representações partilhadas pelos jovens sobre os amigos
Comparação de acordo com a via formativa frequentada**

	Via Geral (N=130)	Via Técn. (N=27)	Mann- Whitney U	Z	Sig.
VA 49	78,24	82,22	1808,5	-0,502	0,616
VA 50	79,40	77,30	1854	-0,257	0,797
VA 51	75,25	94,87	1429	-0,221	0,026
VA 52	76,05	91,5	1530	-1,777	0,076
VA 53	79,99	74,8	1779	-0,597	0,551
VA 54	80,90	70,97	1664	-1,129	0,259
VA 55	82,37	64,75	1477,5	-2,049	0,041
VA 56	74,27	99,02	1304,5	-2,866	0,004
VA 57	76,15	91,05	1543,5	-1,702	0,089
VA 58	80,19	73,97	1754	-0,754	0,451
VA 59	78,48	81,22	1838,5	-0,330	0,742
VA 60	77,88	83,73	1763	-0,676	0,499

Fonte: Inquérito

Nota: Teste Mann-Whitney para duas amostras independentes (significância $p < 0,05$)

De acordo com o ano de escolaridade, ao contrário do verificado em função do sexo e a via formativa, o posicionamento valorativo dos jovens em relação aos amigos é bastante heterogéneo (Quadro n.º 4.25). Os jovens estudantes do 10º, 11º e 12º anos do Concelho de Beja apenas valorizam de forma semelhante as imagens dos amigos enquanto grupo de pessoas que servem para nos distrair das preocupações do dia-a-dia e para ocupar os tempos livres, bem como, enquanto espaço de controle e privação a liberdade individual e de aconselhamento para projectos e decisões pessoais. Relativamente às imagens que representam os amigos como grupo de pessoas onde existe inter-ajuda , partilha de interesses e objectivos comuns , e que ajudam na conquista de felicidade individual, são os jovens do 10º ano que, comparativamente com os seus colegas do 11º e 12º ano, mais concordam com as mesmas. Os jovens do 10º ano destacam-se, assim, pelos seus posicionamentos predominantemente pós-materialistas em relação aos amigos. Pelo contrário, são os jovens do 12º ano que assumem um posicionamento mais concordante com as representações dos

amigos enquanto espaços, de partilha restritos aos momentos de diversão, de concorrência pela conquista do melhor emprego, ou de obtenção de um emprego com maior facilidade e de prestígio social. Os jovens do 12º ano revelam assim, posicionamentos valorativos predominantemente centrados em valores extrínsecos ou materialistas.

Quadro n.º 4.25

Representações assumidas pelos jovens em relação aos amigos

Comparação de acordo com o ano de escolaridade

	12º ano (52)	11ºano (51)	10ºano (54)	Chi-Square	Sig.
VA 49	86,31	84,54	65,98	8,708	0,013
VA 50	82,19	80,20	74,52	1,026	0,599
VA 51	80,40	80,85	75,73	0,442	0,802
VA 52	86,79	84,02	65,99	7,283	0,026
VA 53	66,95	69,16	101,16	20,854	0,000
VA 54	72,19	73,06	91,90	6,904	0,032
VA 55	71,34	68,33	97,41	14,823	0,001
VA 56	79,33	82,90	74,83	0,933	0,627
VA 57	88,14	86,97	61,69	12,550	0,002
VA 58	70,87	72,97	93,36	9,764	0,008
VA 59	88,05	85,67	63,07	11,873	0,003
VA 60	74,94	76,23	85,93	2,078	0,354

Fonte : Inquérito

Nota: Análise de variância de Kruskal- Wallis (significância $p < 0,05$)

Se o ano de escolaridade parece ser uma variável influente sobre o perfil valorativo assumido pelos jovens em relação aos amigos, conclusão distinta devemos retirar em função da idade. De facto, os resultados demonstram (Quadro n.º 4.26) a não existência de diferenças significativas entre os posicionamentos valorativos assumidos em relação aos amigos. Conclusão diferente devemos assumir em relação à área vocacional de opção, na medida em que a comparação dos posicionamentos evidenciou algumas diferenças (Quadro n.º 4.27). São os jovens de Humanidades que menos concordam com as imagens dos amigos como simples parceiros de diversão ou como concorrentes pela conquista do melhor emprego. Pelo

contrário, são os jovens das áreas Económico –Social e Científico- Natural que mais concordam com este perfil. É ainda de destacar que são também os jovens da área Económico-Social que mais concordam com a imagem dos amigos como espaço de controle e privação da liberdade individual. Em função dos resultados parece poder concluir-se que os jovens da área Económico – Social têm um perfil valorativo em relação aos amigos predominantemente centrado em valores materialistas e os jovens de Humanidades, em valores pós-materialistas.

Em síntese, os resultados encontrados parecem demonstrar que o perfil valorativo dos jovens em relação aos amigos é em geral homogêneo, predominantemente pós-materialista, registando apenas algumas diferenças significativas em função da área vocacional frequentada.

Quadro n.º 4.26

Representações assumidas pelos jovens em relação aos amigos

Comparação de acordo com a idade

	< 15 anos (N=6)	15 – 16 anos (N=89)	17 – 18 anos (N=59)	> 18 anos (N=3)	Chi-Square	Sig.
VA 49	63,75	76,63	83,81	85,33	2,218	0,528
VA 50	52,17	78,11	83,31	74,17	3,426	0,330
VA 51	106,42	78,08	77,06	89,50	2,713	0,438
VA 52	55,58	74,35	87,91	88,67	5,547	0,136
VA 53	79,92	84,04	71,22	80,50	3,182	0,364
VA 54	71,67	85,60	68,88	97,00	5,967	0,113
VA 55	78,42	83,72	71,14	94,83	3,558	0,313
VA 56	97,25	79,49	77,38	59,83	1,811	0,613
VA 57	66,75	77,99	81,14	91,50	0,930	0,818
VA 58	93,17	81,47	74,10	73,83	1,961	0,581
VA 59	52,08	74,35	88,03	92,00	6,903	0,075
VA 60	98,67	78,98	77,51	69,50	1,497	0,683

Fonte : Inquérito

Nota: Análise de variância de Kruskal- Wallis (significância $p \ll 0,05$)

Quadro n.º 4.27

Representações assumidas pelos jovens em relação aos amigos

Comparação de acordo com a área vocacional

	Científico Natural (N=56)	Artes (N=19)	Económico Social (N=59)	Humanidades (N=23)	Chi-Square	Sig.
VA 49	77,57	75,26	81,52	79,11	0,495	0,920
VA 50	83,92	72,00	77,03	77,85	1,569	0,666
VA 51	82,00	76,00	88,26	50,41	12,956	0,005
VA 52	78,36	75,05	79,96	81,37	0,274	0,965
VA 53	81,34	85,45	73,58	81,87	1,641	0,650
VA 54	78,61	76,11	81,22	76,65	0,312	0,958
VA 55	78,73	94,13	73,22	81,98	3,638	0,303
VA 56	76,65	57,97	92,93	66,35	13,180	0,004
VA 57	84,02	82,84	82,52	54,59	8,677	0,034
VA 58	78,59	83,68	72,80	92,04	3,999	0,262
VA 59	75,66	89,84	79,69	76,41	1,815	0,612
VA 60	80,19	72,45	81,57	74,93	0,915	0,822

Fonte: Inquérito

Nota: Análise de variância de Kruskal- Wallis (significância para $p < 0,05$)

De acordo com os resultados obtidos na análise factorial por componentes principais (KMO= 0,666; $p=0,000$) e no teste de consistência interna dos factores ($\alpha=0,845$) foi possível identificar os eixos simbólicos que estruturam o perfil valorativo dos amigos assumidos pelos jovens.

O 1º eixo simbólico, interpretado como representativo da imagem dos amigos como *espaço de inter-ajuda e enriquecimento pessoal* (AMI1) é fruto da combinação dos indicadores que apontam para o reconhecimento do papel influente que os amigos desempenham na felicidade (va55) e na liberdade individual (va56), bem como enquanto grupo de pessoas em que se pode sempre confiar (va54) e em que existe inter-ajuda mútua em todas as circunstâncias (va53).

Quadro n.º 4.28

Comunalidades das variáveis de percepção da valorização dos amigos

Total Variance Explained

Component	Initial Eigenvalues			Extraction Sums of Squared Loadings		
	Total	% of Variance	Cumulative %	Total	% of Variance	Cumulative %
1	4,112	34,263	34,263	4,112	34,263	34,263
2	1,525	12,707	46,971	1,525	12,707	46,971
3	1,500	12,503	59,473	1,500	12,503	59,473
4	1,126	9,383	68,857	1,126	9,383	68,857
5	,866	7,213	76,070			
6	,838	6,981	83,051			
7	,614	5,115	88,166			
8	,441	3,677	91,843			
9	,325	2,709	94,551			
10	,265	2,208	96,759			
11	,215	1,791	98,550			
12	,174	1,450	100,000			

Extraction Method: Principal Component Analysis.

O 2º eixo simbólico (AMI2), identificado é representativo do sentido lúdico e utilitarista atribuído aos amigos. São os valores hedonistas e lúdicos que predominam nas imagens que constituem este eixo, representativas da consideração dos amigos como grupo de pessoas que servem para nos distrair das preocupações do dia-a-dia (va50), e como espaços em que a partilha restringe-se aos momentos de diversão (va49) e de ocupação dos tempos livres (va51).

O 3º eixo simbólico (AMI3) assenta nas representações dos amigos como conselheiros para projectos e decisões pessoais (va60) e concorrentes pelas conquistas do melhor emprego (va57). Em função destes indicadores este eixo simbólico é representativo da consideração dos amigos como espaço de influência sobre os projectos profissionais e pessoais.

O quarto e último eixo simbólico, os amigos como meio de aquisição de uma posição na sociedade (AMI4), de natureza extrínseca, é fruto da associação de duas imagens: os amigos são fonte de prestígio social (va52) e são um meio de obter um emprego com mais facilidade (va59).

Quadro n.º 4.29

Pesos factoriais da percepção da valorização dos amigos

Rotated Component Matrix

	Component			
	1	2	3	4
va55	,863			
va56	,750			
va54	,718			
va53	,538			
va50		,827		
va49		,739		
va58		,633		
va51		,595		
va60			,824	
va57			,727	
va52				,795
va59				,766

Extraction Method: Principal Component Analysis.
Rotation Method: Varimax with Kaiser Normalization.

a. Rotation converged in 7 iterations.

Quadro n.º 4.30

Estatística de Kaiser-Meyer-Olkin e Alpha de Cronbach

Kaiser- Meyer- Olkin	0,666
Teste Bartlett	Sig. = 0,000
Eixos valorativos	Alpha se o item for eliminado
AMI1	0,652
AMI2	0,671
AMI3	0,692
AMI4	0,745
Geral	0,845

Fonte: Inquérito

Tendo em atenção o índice de explicação da variância de cada eixo simbólico (Quadro n.º 4.28) e o ponto médio da escala em que foram medidos os diversos indicadores que integram cada eixo (Quadro n.º 4.31), foi possível estimar o sentido valorativo predominante na representação dos amigos.

Quadro n.º 4.31

Perfil das representações dos amigos

BLOCO FACTORIAL	VARIÂNCIA EXPLICADA (%)	MÉDIA		D.P	VALOR MÍNIMO		VALOR MÁXIMO		EIXOS SIMBÓLICOS
		ESCALA	OBS.		POSSÍVEL	OBS.	POSSÍVEL	OBS.	
AMI1	34,26	14,00	18,14	2,01	4,00	14,00	24,00	22,00	Espaço de inter-ajuda e enriquecimento pessoal
AMI2	12,70	10,5	14,55	1,28	3,00	10,00	18,00	16,00	Espaço de concretização de interesses lúdicos e hedonistas
AMI3	12,50	7,00	6,94	1,35	2,00	3,00	12,00	10,00	Espaço influente sobre os projectos profissionais e pessoais
AMI4	9,38	7,00	7,65	1,65	2,00	3,00	12,00	10,00	Espaço de aquisição de uma posição na sociedade

Fonte: Inquérito

Face aos resultados (Quadro n.º 4.31) podemos concluir que o perfil valorativo dos amigos assumido pelos jovens estudantes do ensino secundário do Concelho de Beja, concentra-se fundamentalmente na imagem representativa dos mesmos como espaço de inter-ajuda e enriquecimento pessoal. Os amigos são espaços fundamentais para a construção pessoal bem como para a segurança afectiva destes jovens. Em suma, a interpretação combinada dos eixos simbólicos identificados evidencia que no perfil valorativo dos amigos são predominantes os valores intrínsecos ou pós-materialistas. São o 1º e o 3º eixos simbólicos representativos de imagens valorativas intrínsecas, os que, em conjunto, mais contribuem para a estruturação sintética dos posicionamentos valorativos.

A exploração da homogeneidade do perfil valorativo assumido pelos jovens, foi feita com base na análise de correspondências múltiplas. Com esta técnica analisou-se a relação existente entre os diferentes graus de valorização atribuídos aos eixos simbólicos que estruturam o perfil valorativo dos amigos, e as características sociográficas dos jovens. A análise de correspondências múltiplas possibilitou a agregação das variáveis num número reduzido de factores, tradutores de combinações preferenciais entre as mesmas.

O tratamento de correspondências múltiplas dos eixos simbólicos que estruturam o perfil valorativo dos amigos com as oito variáveis de caracterização sociográfica, permitiu identificar duas dimensões que enquadram e discriminam as diferentes categorias das variáveis projectadas.

Quadro n.º 4.32

As duas dimensões do comportamento das características de identificação pessoal e do posicionamento valorativo sobre os amigos

Dimensão	Valor próprio
Condições familiares (1)	,2663
Características dos jovens (2)	,2399

Fonte: Inquérito

A 1ª dimensão, (Quadro n.º 4.33), é composta pelas variáveis que caracterizam as condições sócio-económicas da família de origem dos jovens: (1) habilitações literárias médias do agregado familiar (CFHAG), (2) categoria profissional da mãe (cif17ma), (3) categoria profissional do pai (cif16pa), (4) estatuto profissional do agregado familiar (IESTPAF) e (5) rendimento mensal do agregado familiar (cif25a). A 2ª dimensão agrega, por sua vez, as representações dos amigos assumidas pelos jovens: (1) espaço de influência sobre os projectos profissionais e pessoais (ami3b), (2) espaço de concretização de interesses lúdicos e hedonistas (ami2b), (3) espaço de aquisição de uma posição na sociedade (ami4b), e (4) espaço de inter-ajuda e enriquecimento pessoal (ami1b), bem como, alguns elementos biográficos dos jovens, tais como: (1) ano de escolaridade (ano), (2) área vocacional (cie29) e (3) sexo (ci1).

Quadro n.º 4.33

Valores das discriminações de cada variável em cada dimensão

Variáveis	Dimensões	
	1	2
ANO	,027	,176
CI1	,008	,104
CIE29	,102	,147
CIF16PA	,476	,360
CIF17MA	,518	,258
CIF25A	,338	,094
CFHAG	,647	,277
IESTPAF	,371	,271
AMI1B	,152	,181
AMI2B	,175	,334
AMI3B	,175	,418
AMI4B	,207	,261

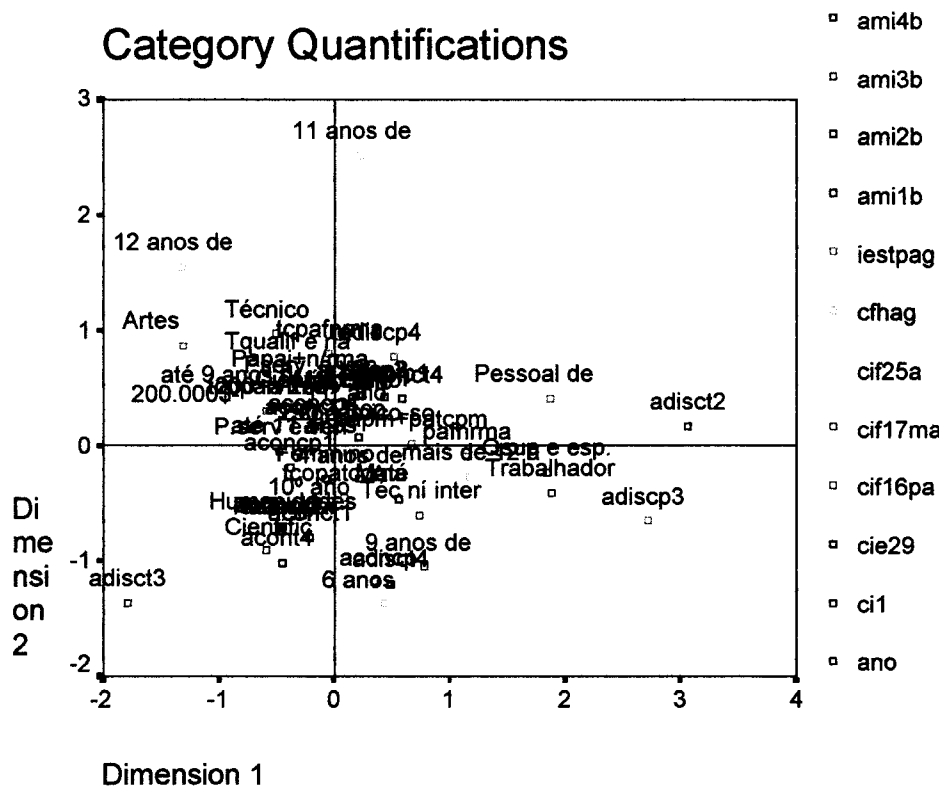
Fonte: Inquérito

Numa primeira leitura do Gráfico n.º 4.2 realça-se a significativa concentração das variáveis junto da origem dos quatro quadrantes construídos a partir das duas dimensões acima referidas. Fazem parte desse núcleo central as variáveis: sexo (ci1), ano de escolaridade (ano), e área vocacional (cie29), o que confirma o fraco poder discriminativo das mesmas, constatado no Quadro n.º 4.33.

Uma leitura mais exhaustiva e pormenorizada das projecções que constam em cada um dos quadrantes, permite no entanto, identificar elementos pertinentes para análise. São as categorias relativas às variáveis de identificação da categoria profissional do pai (cif16pa) e da mãe (cif17ma), e sobretudo as de identificação dos anos de escolaridade e estatuto profissional do agregado familiar, as que mais se evidenciam na projecção gráfica obtida. Por outro lado, e no que se refere aos posicionamentos valorativos, são o 3º eixo simbólico: amigos: espaço de influência sobre os projectos profissionais e pessoais, e o quarto eixo: amigos: espaço de aquisição de uma posição na sociedade, os que apresentam um comportamento mais discriminante.

Gráfico n.º 4.2

Projectão das variáveis do perfil valorativo dos amigos nas dimensões 1 e 2



<p>2º Quadrante: aconc3- concordância total com a representação dos amigos como espaço influente sobre os projectos profissionais e pessoais; adisc4 – discordância total com a representação dos amigos como espaço de aquisição de uma posição na sociedade; “Até 12 anos”; “Patrão pai e trabalhador por conta de outrem mãe”; “Técnico de nível intermédio-pai e mãe”; “Artes”</p>	<p>1º Quadrante: adisc2- discordância total com a representação dos amigos como espaço de concretização de interesses lúdicos e hedonistas; aconcp3- concordância parcial com a representação dos amigos como espaço influente sobre os projectos profissionais e pessoais; adiscp4 – discordância parcial com a representação dos amigos como espaço de aquisição de uma posição na sociedade; “Até 11 anos”; “Trabalhador por conta de outrepai e desempregada ou doméstica mãe”(tcofapnrma); “Pessoal de serviços e vendas”-pai e mãe; “Humanidades”</p>
<p>3º quadrante: adisc3- discordância total com a representação dos amigos como espaço influente sobre os projectos profissionais e pessoais; aconct4 – concordância total com a representação dos amigos como espaço de aquisição de uma posição na sociedade; “Mais de 12 anos”; “Patrão pai e patrão ou familiar não remunerado mãe” e “Trabalhador por conta de outrem pai e mãe”; “Quadro superior e especialista de profissões intelectuais- pai e mãe”; “Científico- Natural”</p>	<p>4º quadrante: adip3- discordância parcial com a representação dos amigos como espaço influente sobre os projectos profissionais e pessoais; aconcp4 – concordância parcial com a representação dos amigos como espaço de aquisição de uma posição na sociedade; “4”, “6” e “9anos de escolaridade” dos pais; “Trabalhador por conta própria pai e doméstica ou desempregada mãe”; “Trabalhador não qualificado- pai e mãe”; “Económico-Social”</p>

A análise das projecções contidas no Gráfico n.º 4.2, permite identificar dois grandes subgrupos que se discriminam pelos seus posicionamentos valorativos e pelas condições sócio-económicas familiares.

No 1º e 2º quadrantes situam-se os jovens com ambientes familiares enquadrados nos parâmetros da classe média e com um perfil valorativo onde se realçam as posições de concordância relativamente às representações dos amigos como espaços de influência sobre os projectos profissionais e pessoais, e de discordância relativamente à representação dos mesmos como espaço de aquisição de uma posição na sociedade.

No 3º e 4º quadrantes situam-se os jovens que desvalorizam o papel dos amigos nos projectos profissionais e pessoais, considerando-os antes como forma de aquisição de uma posição na sociedade. Os jovens que assumem este tipo de posicionamento, têm ambientes familiares de nível médio baixo e médio alto. As diferenças de posicionamento valorativo em relação aos amigos colocam-se, assim, essencialmente ao nível do reconhecimento, ou não, dos mesmos como espaço influente na aquisição de uma posição na sociedade. Em síntese, da leitura do Gráfico n.º 4.2, identificámos dois tipos de perfis, um mais extrínseco, partilhado pelos jovens cujo ambiente sócio-económico familiar se enquadra no nível médio alto e médio baixo, e outro mais intrínseco tradutor do reconhecimento do papel dos amigos no processo individual de integração social, partilhado pelos jovens com ambientes sócio-económicos familiares de nível médio.

4.3.3. A ESCOLA

A escola é associada pela maioria dos jovens estudantes do Concelho de Beja, a imagens e representações onde predominam valores extrínsecos ou materialistas. De facto, para a maioria dos jovens a escola é um espaço de passagem obrigatória para não ser discriminado pela sociedade, que permite a obtenção de um diploma, e que eventualmente pode constituir um boa forma de garantir um emprego onde se possa ganhar bem, bem como uma mais fácil ascensão social. O posicionamento maioritariamente concordante assumido pelos jovens relativamente a estas imagens permite

OS VALORES E AS ASPIRAÇÕES PROFISSIONAIS DOS JOVENS:
O CASO DOS ESTUDANTES DO ENSINO SECUNDÁRIO DO CONCELHO DE BEJA

concluir que, associado à escola está um sentido valorativo centrado em valores utilitaristas. Ou seja, a escola é preferencialmente vista como um meio facilitador da concretização de fins de natureza extrínseca, associados nomeadamente aos desejos de fácil ascensão social e de conquista de um emprego bem remunerado.

Quadro n.º 4.34

Representações assumidas pelos jovens em relação à escola

	Discordância (%)			Concordância (%)			Total (%)
	1- Discordo Totalmente	2- Discordo	3-Discordo Pouco	4- Concordo Pouco	5-Concordo	6- Concordo Totalmente	
VE 61		1,3		15,3	46,5	36,9	100,0
VE 62		7,0		34,4	41,4	17,2	100,0
VE 63	3,8	21,7	8,9	42,7	22,9		100,0
VE 64	0,6	28,0	16,6	24,8	28,7	1,3	100,0
VE 65	0,6	33,8	34,7	30,8			100,0
VE 66		15,3	12,7	40,8	30,6	0,6	100,0
VE 67	0,6	24,2	35,7	34,4	5,1		100,0
VE 68		29,9	29,9	38,9	1,3		100,0
VE 69		3,8	12,1	49,7	33,1	1,3	100,0
VE 70	1,9	9,6	29,9	42,7	15,3	0,6	100,0
VE 71		10,8	28,0	47,8	12,7	0,6	100,0
VE 72		10,8	24,8	52,9	11,5		100,0

Fonte: Inquérito, Total de casos = 157

Legenda:

VE 61- Possibilita a construção de amizades;

VE 62- Espaço básico de formação da personalidade;

VE 63- Permite desenvolver aquilo que se gosta e é capaz de fazer;

VE 64- Espaço descontextualizado da realidade;

VE 65- Ajuda os alunos a arranjar emprego com maior facilidade;

VE 66- Espaço determinante do status social que podemos ambicionar;

VE 67- Fornece conhecimentos básicos para enfrentar os futuros desafios da vida em sociedade;

VE 68- Influência a escolha da profissão que se deseja;

VE 69- Serve para obter um diploma;

VE 70- Ajuda as pessoas a subir mais facilmente na vida;

VE 71- Serve para garantir um emprego onde possa ganhar bem;

VE 72- Espaço de passagem obrigatória para não ser discriminado pela sociedade.

Para estes jovens as compensações intrínsecas extraídas no espaço escolar são mínimas, já que a maioria subvaloriza o papel da escola no processo de formação e desenvolvimento das capacidades individuais. Face aos posicionamentos assumidos podemos concluir que os jovens estudantes

do ensino secundário do Concelho de Beja, têm um perfil valorativo da escola predominantemente centrado em valores utilitários e materialistas.

Com base no perfil geral dos posicionamentos valorativos assumidos procurámos saber se o mesmo apresenta diferenças significativas em função de algumas características biográficas e formativas dos jovens. Os resultados obtidos demonstram que em termos gerais não existem diferenças significativas. Existem no entanto algumas excepções à regra. É o caso do sexo em que verificamos heterogeneidade de opiniões nas representações da escola como espaço de aquisição de uma posição na sociedade, de construção de amizades e de passagem obrigatória para não ser discriminado pela sociedade. Estas representações são preferencialmente valorizadas pelas jovens do sexo feminino, o que parece evidenciar um sentido mais materialista na forma de ver e representar os amigos, do que o partilhado pelos rapazes.

Quadro n.º 4.35

Representações assumidas pelos jovens em relação à escola

Comparação de acordo com o sexo

	Masculino (N=68)	Feminino (N=89)	Mann- Whitney U	Z	Sig.
VE 61	70,72	85,33	2463	-2,169	0,030
VE 62	84,36	74,90	2661,5	-1,374	0,169
VE 63	78,66	79,26	3003	-0,086	0,932
VE 64	74,43	82,49	2715,5	-1,138	0,255
VE 65	76,99	80,53	2889,5	-0,504	0,615
VE 66	69,6	86,19	2386,5	-2,391	0,017
VE 67	77,24	80,35	2906	-0,448	0,654
VE 68	79,98	78,25	2959,5	-0,250	0,803
VE 69	80,00	78,24	2958	-0,263	0,793
VE 70	77,57	80,10	2928,5	-0,366	0,714
VE 71	76,02	81,28	2823,5	-0,771	0,441
VE 72	71,25	84,92	2499	-2,044	0,041

Fonte: Inquérito

Nota: Teste Mann-Whitney para duas amostras independentes (significância $p < 0,05$)

OS VALORES E AS ASPIRAÇÕES PROFISSIONAIS DOS JOVENS:
O CASO DOS ESTUDANTES DO ENSINO SECUNDÁRIO DO CONCELHO DE BEJA

A discriminação de posicionamentos valorativos predominantes e heterogéneos não é exequível, por seu turno, se tomarmos em consideração a via formativa e a idade dos jovens, o que permite concluir que estas variáveis não estão associadas à forma como os jovens vêem os amigos (Quadros n.º s 4.36 e 4.37).

Quadro n.º 4.36

Representações partilhadas pelos jovens sobre a escola

Comparação de acordo com a via formativa frequentada

	Via Geral (N=130)	Via Técn. (N=27)	Mann- Whitney U	Z	Sig.
VE 61	78,12	82,73	1793	-0,544	0,587
VE 62	75,94	91,97	1516	-1,848	0,065
VE 63	81,33	69,13	1609	-1,394	0,163
VE 64	80,98	70,63	1654	-1,159	0,246
VE 65	81,25	69,48	1619,5	-1,327	0,184
VE 66	81,22	69,58	1622,5	-1,331	0,183
VE 67	80,04	74,60	1773	-0,621	0,534
VE 68	80,65	72,00	1695	-0,995	0,320
VE 69	81,84	66,97	1544	-1,759	0,079
VE 70	80,58	72,32	1704,5	-0,948	0,343
VE 71	82,25	65,23	1492	-1,982	0,147
VE 72	82,28	65,10	1488	-2,038	0,142

Fonte: Inquérito

Nota: Teste Mann-Whitney para duas amostras independentes (significância $p < 0,05$)

Quadro n.º 4.37

Representações assumidas pelos jovens em relação à escola

Comparação de acordo com a idade

	< 15 anos (N=6)	15 – 16 anos (N=89)	17 – 18 anos (N=59)	> 18 anos (N=3)	Chi-Square	Sig.
VE 61	87,67	76,76	82,31	63,00	1,324	0,74
VE 62	43,00	81,20	78,38	98,00	5,101	0,165
VE 63	68,33	81,22	76,50	83,67	0,836	0,841
VE 64	106,58	78,37	78,19	58,50	3,054	0,383
VE 65	86,50	85,66	69,54	50,33	6,251	0,100
VE 66	95,17	75,87	84,37	33,83	5,528	0,137
VE 67	95,00	77,31	80,51	67,50	1,248	0,741
VE 68	64,33	82,85	75,88	55,33	2,652	0,448
VE 69	78,08	74,88	86,04	64,50	2,923	0,404
VE 70	55,83	78,97	82,08	65,83	2,334	0,506
VE 71	96,75	78,10	80,58	39,00	3,862	0,277
VE 72	104,67	73,78	86,31	38,67	8,358	0,39

Fonte : Inquérito

Nota: Análise de variância de Kruskal- Wallis (significância $p \ll 0,05$)

De acordo com o ano de escolaridade e a área vocacional de opção (Quadros n.ºs 4.38 e 4.39) os resultados também demonstram a tendência maioritária de não existência de diferenças, apenas contrariada em alguns casos pontuais. Ao nível do ano de escolaridade, as diferenças constatadas verificam-se nas representações da escola como espaço que serve para a obtenção de um diploma, e que influencia a inserção social e profissional. Estas representações são mais valorizadas pelos jovens do 10º ano. Pelo contrário, são os jovens do 12º anos que menos valorizam o papel da escola nesta componente, o que deixa transparecer o cepticismo e descrença com que vêem o futuro profissional, e em particular, o papel da escola no processo de inserção profissional.

Tendo em atenção a área vocacional, destaca-se o posicionamento mais materialista assumido pelos alunos da área Científico-Natural e menos materialista, dos alunos de Humanidades. Isto é, são os de Científico – Natural que mais valorizam a escola como espaço influente na aquisição de

um emprego, e menos reconhecem que esta fornece conhecimentos básicos para enfrentar os futuros desafios da vida em sociedade. Pelo contrário, os jovens de Humanidades assumem posicionamentos opostos.

Combinados os resultados podemos concluir que, e apesar das divergências assinaladas, o perfil valorativo dos amigos não difere significativamente em função do sexo, da idade, do ano de escolaridade, da via formativa e da área vocacional dos jovens. Ou seja, estas características não discriminam representações dos amigos significativamente distintas. Existe portanto homogeneidade nos posicionamentos valorativos assumidos, o que permite a construção de um perfil valorativo onde predominam os valores extrínsecos sobre os intrínsecos.

Quadro n.º 4.38

Representações assumidas pelos jovens em relação à escola

Comparação de acordo com o ano de escolaridade

	12º ano (N=52)	11ºano (N=51)	10ºano (N=54)	Chi-Square	Sig.
VE 61	78,94	77,30	80,73	0,173	0,917
VE 62	77,92	80,24	78,91	0,078	0,962
VE 63	78,23	82,21	76,65	0,453	0,797
VE 64	76,22	72,12	88,63	3,964	0,138
VE 65	65,24	78,20	94,08	11,579	0,003
VE 66	66,81	84,69	85,04	6,044	0,049
VE 67	78,51	73,23	85,17	1,987	0,370
VE 68	77,69	80,75	78,65	0,139	0,933
VE 69	63,22	84,65	88,86	11,427	0,003
VE 70	84,52	82,12	70,21	3,342	0,188
VE 71	78,51	80,96	77,59	0,175	0,916
VE 72	82,45	74,96	79,38	0,860	0,650

Fonte : Inquérito

Nota: Análise de variância de Kruskal- Wallis (significância $p < 0,05$)

Quadro n.º 4.39

Representações assumidas pelos jovens em relação à escola

Comparação de acordo com a área vocacional

	Científico Natural (56)	Artes (19)	Económico Social (59)	Humanidades (23)	Chi-Square	Sig.
VE 61	75,39	75,13	76,52	97,35	5,218	0,157
VE 62	72,06	76,08	84,85	83,30	2,904	0,407
VE 63	81,04	73,84	75,01	88,52	2,025	0,567
VE 64	66,16	83,58	85,48	89,85	7,669	0,053
VE 65	91,87	79,58	88,35	63,67	11,608	0,009
VE 66	81,47	54,50	84,70	78,59	7,364	0,061
VE 67	66,78	77,87	86,79	89,72	7,857	0,049
VE 68	81,99	68,26	77,33	84,87	1,988	0,575
VE 69	76,79	80,79	79,97	80,41	0,252	0,969
VE 70	85,72	78,16	68,91	89,22	5,948	0,114
VE 71	74,93	88,87	79,41	79,72	1,565	0,667
VE 72	82,98	67,08	82,09	71,22	3,216	0,359

Fonte: Inquérito

Nota: Análise de variância de Kruskal- Wallis (significância para $p \ll 0,05$)

Para operacionalizar a agregação das variáveis equacionadas em factores ou eixos simbólicos constituídos a partir da inter-intracorelação entre as mesmas, desenvolveu-se, tal como para as anteriores dimensões, o método de análise factorial por componentes principais. A adequação do método foi testada e confirmada através da estatística KMO =0,657 e do Teste de Bartlett com significância = 0,000, e a consistência interna dos factores comprovada através do cálculo do Alpha de Cronbach ($\alpha = 0,874$).

O perfil valorativo da escola assumido pelos jovens do ensino secundário do Concelho de Beja assenta fundamentalmente em cinco eixos simbólicos: (1) a escola como espaço de passagem para usufruto futuro de compensações materialistas, (2) a escola como meio de aquisição de uma posição na sociedade, (3) a escola como espaço de aprendizagem e desenvolvimento das capacidades do “saber-fazer”, (4) a escola como espaço estruturador do desempenho social dos indivíduos, e (5) a escola como espaço de enriquecimento pessoal.

O 1º eixo simbólico (ESC1), a escola como espaço de passagem obrigatória para usufruto futuro de compensações materialistas, de natureza utilitarista, tem por base as imagens de que a escola serve para obter um diploma (ve69) e portanto ajuda as pessoas a subir mais facilmente na vida (ve70) e a garantir um emprego bem remunerado (ve71).

Para a construção do 2º eixo simbólico (ESC2) contribuíram apenas dois indicadores: escola- espaço de passagem obrigatória para não ser discriminado pela sociedade (ve72) e determinante do status que podemos ambicionar (ve66). Com raiz interpretativa de certa forma comum ao 1º eixo simbólico, a correlação das variáveis que constróem o 2º eixo, é representativa da escola da imagem da escola de aquisição de uma posição na sociedade.

Quadro n.º 4.40

Comunalidades das variáveis de percepção da valorização da escola

Total Variance Explained

Component	Initial Eigenvalues			Extraction Sums of Squared Loadings		
	Total	% of Variance	Cumulative %	Total	% of Variance	Cumulative %
1	2,703	22,527	22,527	2,703	22,527	22,527
2	2,106	17,551	40,078	2,106	17,551	40,078
3	1,908	15,900	55,978	1,908	15,900	55,978
4	1,307	10,891	66,869	1,307	10,891	66,869
5	1,037	8,645	75,514	1,037	8,645	75,514
6	,803	6,688	82,202			
7	,728	6,065	88,267			
8	,526	4,383	92,650			
9	,349	2,905	95,555			
10	,206	1,720	97,275			
11	,167	1,388	98,663			
12	,160	1,337	100,000			

Extraction Method: Principal Component Analysis.

O 3º eixo simbólico (ESC3), a escola como espaço de aprendizagem e desenvolvimento das capacidades do "saber- fazer", mostrando a função da escola como entidade orientadora na formação e preparação do jovem, assenta nas representações da escola como espaço condicionante do que

se gosta e é capaz de fazer (ve63) e influente na escolha da profissão desejada (ve68).

O 4º eixo simbólico (ESC4) é fruto da agregação de três variáveis que representam a escola como: um espaço descontextualizado da realidade (ve64), fornecedora de conhecimentos básicos para enfrentar os futuros desafios da vida (ve67) e que ajuda os alunos a arranjar emprego com mais facilidade (ve65). Este eixo simbólico é representativo da influência da escola no processo de integração social do indivíduo.

O quinto e último eixo simbólico (ESC5), a escola como espaço de enriquecimento pessoal, de natureza pós-materialista, é fruto da associação de duas imagens: a escola é um espaço básico para a formação da personalidade (ve62) e facilita a construção de amizades (ve61).

Quadro n.º 4. 41

Pesos factoriais da percepção da valorização da escola

Rotated Component Matrix

	Component				
	1	2	3	4	5
ve70	,921				
ve69	,877				
ve71	,784				
ve72		,877			
ve66		,877			
ve63			,938		
ve68			,932		
ve64				,750	
ve67				,704	
ve65				,689	
ve62					,802
va61					,581

Extraction Method: Principal Component Analysis.

Rotation Method: Varimax with Kaiser Normalization.

a. Rotation converged in 8 iterations.

Quadro n.º 4.42

Estatística de Kaiser-Meyer-Olkin e Alpha de Cronbach

Kaiser- Meyer- Olkin	0,657
Teste Bartlett	Sig. = 0,000
Eixos valorativos	Alpha se o item for eliminado
ESC1	0,644
ESC2	0,678
ESC3	0,692
ESC4	0,734
ESC5	0,789
Geral	0,874

Fonte: Inquérito

Tomando por base a explicação da variância de cada eixo simbólico (Quadro n.º 4.40) e a comparação do ponto médio da escala com a média dos indicadores que integram cada eixo (Quadro n.º 4.43), foi possível estimar o sentido valorativo predominante na representação da escola. Face aos resultados pode dizer-se que o perfil valorativo dos jovens face à escola assenta na representação da mesma como espaço de passagem obrigatória para usufruto de compensações materialistas, isto é, condicionante da imagem e status social que o jovem pode ambicionar. Assim, o perfil valorativo assenta numa visão utilitarista da escola enquanto espaço facilitador da integração do indivíduo, e em particular de aquisição de uma posição na sociedade. A escola parece ser vista pelos jovens estudantes do 10º, 11º e 12º anos do Concelho de Beja, mais como um meio para atingir determinados fins, do que como um fim em si mesma. A estrutura dos posicionamentos valorativos traduz um perfil predominantemente materialista.

OS VALORES E AS ASPIRAÇÕES PROFISSIONAIS DOS JOVENS:
O CASO DOS ESTUDANTES DO ENSINO SECUNDÁRIO DO CONCELHO DE BEJA

Quadro n.º 4.43

Perfil das representações da escola

BLOCO FACTORIAL	VARIÂNCIA EXPLICADA (%)	MÉDIA		D.P	VALOR MÍNIMO		VALOR MÁXIMO		EIXOS SIMBÓLICOS
		ESCALA	OBS.		POSSÍVEL	OBS.	POSSÍVEL	OBS.	
ESC1	22,53	10,5	10,22	2,93	3,00	8,00	18,00	17,00	Espaço de passagem para usufruto futuro de compensações materialistas
ESC2	17,55	7,00	7,54	1,73	2,00	4,00	12,00	8,00	Espaço de aquisição de uma posição na sociedade
ESC3	15,90	7,00	6,7	1,92	2,00	3,00	12,00	10,00	Espaço de aprendizagem e desenvolvimento das capacidades do "saber-fazer"
ESC4	10,89	10,5	11,42	1,93	3,00	7,00	18,00	16,00	Espaço estruturador do desempenho social dos indivíduos
ESC5	8,65	7,00	5,79	1,15	2,00	3,00	12,00	10,00	Espaço de enriquecimento pessoal

Fonte: Inquérito

O tratamento de correspondência múltiplas dos eixos simbólicos que compõem o perfil valorativo da escola com as oito variáveis de caracterização sociográfica permitiu identificar duas dimensões que enquadram e discriminam as diferentes categorias das variáveis projectadas (Quadro n.º 4.44).

Quadro n.º 4.44

As duas dimensões do comportamento das características de identificação pessoal e do posicionamento valorativo sobre a escola

Dimensão	Valor próprio
Condições familiares (1)	,2754
Características dos jovens (2)	,2017

Fonte: Inquérito

A 1ª dimensão é composta pelas variáveis que caracterizam as condições sócio-económicas da família: (1) habilitações literárias médias do agregado familiar (CFHAG), (2) categoria profissional da mãe (cif17ma), (3)

categoria profissional do pai (cif16pa), (4) índice do estatuto profissional do agregado familiar e (5) rendimento mensal do agregado familiar.

Quadro n.º 4.45

Valores das discriminações de cada variável em cada dimensão

Variáveis	Dimensões	
	1	2
ANO	,007	,124
CI1	,011	,155
CIE29	,134	,169
CIF16PA	,512	,020
CIF17MA	,605	,077
CIF25A	,312	,075
CFHAG	,750	,065
IESTPAF	,329	,060
ESC1B	,046	,292
ESC2B	,119	,344
ESC3B	,319	,117
ESC4B	,097	,046
ESC5B	,173	,277

Fonte: Inquérito

A 2ª dimensão agrega as representações da escola como (1) espaço de aquisição de uma posição na sociedade (esc2b), (2) de passagem para usufruto futuro de compensações instrumentais (esc1b) e (3) de enriquecimento pessoal (esc5b), e ainda as características sociográficas: (4) área vocacional de opção (cie29), (5) sexo (ci1) e (6) ano de escolaridade(ano). Face a estes resultados pode dizer-se que as dimensões que discriminam as representações da escola assumidas pelos jovens são essencialmente as características da família e as suas próprias características. Assim a 1ª dimensão pode ser designada por Condições familiares e a 2ª dimensão, por Características dos jovens. Com base nestas dimensões foi possível discriminar perfis em função das condições familiares e construir subconjuntos de posicionamentos valorativos.

Apesar da significativa concentração de projecções junto do núcleo das dimensões consideradas (Gráfico n.º4.3), é possível, no entanto, e fruto das análise exhaustiva dos posicionamentos de cada categoria de cada variável, identificar 3 subgrupos , projectados no 1º, 2º, 3º e 4º quadrantes. Estes 3

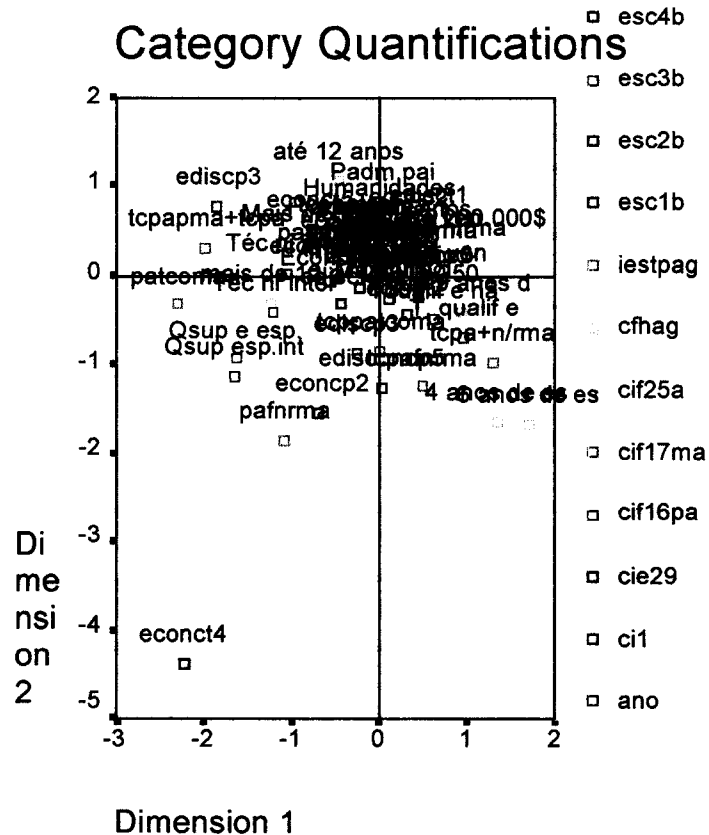
subgrupos discriminam posicionamentos valorativos distintos de acordo com as condições sócio-económicas da família de origem dos jovens.

No 1º e 2º quadrantes situam-se os jovens com um ambiente familiar enquadrado nos parâmetros da classe média e com um perfil valorativo onde se realçam as posições de discordância relativamente às imagens da escola como espaço de passagem obrigatória para usufruto futuro de compensações materialistas, bem como, de aprendizagem e desenvolvimento das capacidades do “saber-fazer”, e de concordância com o reconhecimento da escola como espaço que permite a construção de amizades e o enriquecimento pessoal. Em função desta leitura podemos concluir que os jovens enquadrados na classe média perfilham uma lógica valorativa centrada em tudo aquilo que está subjacente ao papel desempenhado pela escola para além do puramente formativo, nomeadamente a componente relacional. Este perfil valorativo é representativo da valorização da escola como um espaço de construção relacional e de preparação para a integração social futura.

O 3º quadrante tipifica uma situação sócio-económica familiar coadunante com os parâmetros da classe média alta. Este 3º quadrante é também representativo de um perfil eminentemente extrínseco em relação à escola, na medida em que estruturado em função da valorização da imagem representativa da mesma, como espaço de passagem para usufruto futuro de compensações de natureza instrumental e de aquisição de uma posição na sociedade, e de desvalorização da representação da mesma como espaço de desenvolvimento das capacidades de “saber-fazer” individuais.

Gráfico n.º 4.3

Projecção das variáveis do perfil valorativo da escola nas dimensões 1 e 2



<p>2º Quadrante: edisct1 – discordância total com a representação da escola como espaço de passagem obrigatória para usufruto futuro de compensações materialistas; ediscp3 – discordância parcial com a representação da escola como espaço de aprendizagem e desenvolvimento das capacidades do “saber-fazer”; econct5- concordância total com a representação da escola como espaço de enriquecimento pessoal; “Até 12 anos” ;”Patrão pai e trabalhador por conta de outrém mãe”; “Técnico de nível intermédio-pai e mãe”; “Artes”</p>	<p>1º Quadrante: edisip1 – discordância parcial com a representação da escola como espaço de passagem obrigatória para usufruto futuro de compensações materialistas; econp3 – concordância parcial com a representação da escola como espaço de aprendizagem e desenvolvimento das capacidades do “saber-fazer”; econc5- concordância com a representação da escola como espaço de enriquecimento pessoal; “Até 11 anos”; “Trabalhador por conta de outrémpai e desempregada ou doméstica mãe”(tcopafnrma); “Pessoal de serviços e vendas”-pai e mãe; “Humanidades”</p>
<p>3º quadrante: econct1- concordância total com a representação da escola como espaço de passagem obrigatória para usufruto futuro de compensações materialistas; econcp2 –concordância parcial com a representação da escola como espaço de aquisição de uma posição na sociedade;ediscp3 – discordância total com a representação da escola como espaço de aprendizagem e desenvolvimento das capacidades do “saber-fazer”;</p>	<p>4º quadrante: econp1- concordância parcial com a representação da escola como espaço como espaço de passagem obrigatória para usufruto futuro de compensações materialistas;econt2- concordância parcial com a representação da escola como espaço de aquisição de uma posição na sociedade; edisct4- discordância total com a representação da escola como espaço estruturador da relação indivíduo – sociedade, edisct5-</p>

<p>econct4- concordância total com a representação da escola como espaço de passagem para usufruto futuro de compensações materiais; "Mais de 12 anos"; "Patrão pai e patrão ou familiar não remunerado mãe" e "Trabalhador por conta de outrém pai e mãe"; "Quadro superior e especialista de profissões intelectuais- pai e mãe"; "Científico- Natural"</p>	<p>discordância total com a representação da escola como espaço de enriquecimento pessoal; "4", "6" e "9anos de escolaridade" dos pais; "Trabalhador por conta própria pai e doméstica ou desempregada mãe"; "Trabalhador não qualificado- pai e mãe"; "Económico- Social"</p>
---	--

Com base nas projecções do 4º quadrante é possível identificar um 3º tipo de perfil valorativo enquadrado por parâmetros sócio-económico familiares coadunantes com o nível médio baixo. Os jovens inseridos neste tipo de ambiente discordam com a representação da escola como espaço estruturador do desempenho social do indivíduo e de enriquecimento pessoal e concordam com as imagens que representam a entidade escolar como um meio de aquisição de uma posição na sociedade e de passagem para usufruto futuro de compensações materialistas. Se cruzarmos os posicionamentos valorativos situados no 3º e 4º quadrantes podemos concluir que a escola para os jovens da classe média alta e média baixa é essencialmente um meio e não um fim em si mesma. A formação escolar para estes jovens coloca-se essencialmente nos pressupostos da obrigatoriedade social, isto é, frequentar a escola para ter acesso a um diploma e/ou para não ser discriminado pela sociedade.

Em síntese, podemos concluir que existem diferenças no perfil valorativo da escola assumido pelos jovens estudantes do ensino secundário do Concelho de Beja, em função das condições sócio-económicas familiares. Os jovens da classe média valorizam preferencialmente a componente relacional da escola e os das classes média alta e média baixa, a componente extrínseca, enquanto forma de aquisição de uma posição na sociedade.

4.3.4. O DINHEIRO

A maioria dos jovens parece rejeitar o sentido puramente instrumental que o dinheiro mesmo pode adquirir. De facto, a maioria dos jovens considera que a auto-realização e a felicidade não dependem,

fundamentalmente, do dinheiro. Ou seja, os jovens assumem que o dinheiro não é tudo na vida e que existem outros objectivos na vida mais importantes do que ganhar muito dinheiro. No entanto, o dinheiro é um factor que limita a liberdade individual na medida em que é um indicador do prestígio social. Além disso, o dinheiro facilita a procura de emprego e constitui um indicador da sua qualidade. Em síntese, a maioria dos jovens estudantes do 10º, 11º e 12º anos do Concelho de Beja parece assumir um perfil valorativo predominantemente pós-materialista em relação ao dinheiro, embora conscientes do prestígio e do valor material que o mesmo detém.

Quadro n.º 4.46

Representações assumidas pelos jovens em relação ao dinheiro

	Discordância (%)			Concordância (%)			Total (%)
	1- Discordo Totalmente	2- Discordo	3-Discordo Pouco	4- Concordo Pouco	5-Concordo	6- Concordo Totalmente	
VD 73	5,1	22,3	3,2	49,7	15,9	3,8	100,0
VD 74	5,7	17,2	27,4	15,3	34,4		100,0
VD 75	1,9	13,4	31,8	26,8	22,9	3,2	100,0
VD 76		13,4	8,3	33,1	38,2	7,0	100,0
VD 77		14,0	8,3	48,4	29,3		100,0
VD 78			3,2	45,2	49,0	2,5	100,0
VD 79	1,3	48,4	19,7	22,9	7,6		100,0
VD 80		14,0	0,6	44,6	38,9	1,9	100,0
VD 81	3,2	43,3	24,2	24,2	5,1	0,6	100,0
VD 82		19,7	4,5	29,9	39,5	6,4	100,0
VD 83		14,6	12,1	33,1	35,7	4,5	100,0
VD 84		30,6	21,7	45,2	2,5		100,0

Fonte: Inquérito; Total de casos = 157

Legenda:

VD 73- O dinheiro limita a liberdade individual;

VD 74- A auto-realização não depende do dinheiro;

VD 75- O dinheiro não dá felicidade;

VD 76- O dinheiro não é tudo na vida;

VD 77- O dinheiro garante o respeito dos outros;

VD 78- O dinheiro dá prestígio social;

VD 79- Com dinheiro consegue-se tudo na vida;

VD 80- O dinheiro que se ganha mede a qualidade do emprego que se tem;

VD 81- Quem tem dinheiro pode aspirar a ter tudo o que quiser;

VD 82- Quem tem dinheiro é que arranja emprego com maior facilidade;

VD 83- Existem objectivos de vida muito mais importantes do que ganhar muito dinheiro;

VD 84- Na escolha de uma profissão, o dinheiro que se ganhará é o factor de menor importância.

Analisando as representações do dinheiro através de algumas variáveis de caracterização biográfica dos jovens, constatámos a não existência de diferenças significativas. De facto, e exceptuando as diferenças pontuais constatadas ao nível do ano de escolaridade e da área vocacional dos jovens, os posicionamentos valorativos descritos parecem não diferir em função do sexo (Quadro n.º 4.47), da via formativa seguida (Quadro n.º 4.48) e da idade (Quadro n.º 4.49).

Quadro n.º 4.47

Representações assumidas pelos jovens em relação ao dinheiro

Comparação de acordo com o sexo

	Masculino (N=68)	Feminino (N=89)	Mann-Whitney U	Z	Sig.
VD 73	83,87	75,28	2695	-1,263	0,207
VD 74	68,33	87,15	2300,5	-2,665	0,008
VD 75	76,62	80,82	2864	-0,594	0,553
VD 76	72,30	84,12	2570,5	-1,697	0,090
VD 77	85,01	74,41	2617,5	-1,562	0,118
VD 78	79,17	78,87	3014,5	-0,046	0,963
VD 79	83,85	75,30	2696,5	-1,254	0,210
VD 80	82,76	76,13	2770,5	-0,982	0,326
VD 81	81,67	76,96	2844,5	-0,681	0,496
VD 82	75,63	81,58	2796,5	-0,855	0,392
VD 83	71,68	84,59	2528,5	-1,844	0,065
VD 84	80,73	77,68	2908,5	-0,447	0,655

Fonte: Inquérito

Nota: Teste Mann-Whitney para duas amostras independentes (significância $p < 0,05$)

OS VALORES E AS ASPIRAÇÕES PROFISSIONAIS DOS JOVENS:
O CASO DOS ESTUDANTES DO ENSINO SECUNDÁRIO DO CONCELHO DE BEJA

Quadro n.º 4.48

Representações partilhadas pelos jovens sobre o dinheiro

Comparação de acordo com a via formativa frequentada

	Via Geral (N=130)	Via Técn. (N=27)	Mann- Whitney U	Z	Sig.
VD 73	78,48	81,2	1839	-0,317	0,751
VD 74	84,27	56,7	1236	-3,097	0,102
VD 75	79,45	77,10	1848	-0,263	0,792
VD 76	81,39	68,87	1601	-1,427	0,154
VD 77	77,66	84,67	1735	-0,819	0,413
VD 78	75,74	92,8	1491	-2,080	0,138
VD 79	78,41	81,48	1830,5	-0,357	0,721
VD 80	78,25	82,10	1809,5	-0,462	0,644
VD 81	77,83	83,97	1756	-0,705	0,481
VD 82	79,41	77,28	1853,5	-0,242	0,809
VD 83	81,33	69,15	1609,5	-1,381	0,167
VD 84	79,07	78,68	1895,5	-0,046	0,964

Fonte: Inquérito

Nota: Teste Mann-Whitney para duas amostras independentes (significância $p < 0,05$)

Quadro n.º 4.49

Representações assumidas pelos jovens em relação ao dinheiro

Comparação de acordo com a idade

	< 15 anos (N=6)	15 – 16 anos (N=89)	17 – 18 anos (N=59)	> 18 anos (N=3)	Chi-Square	Sig.
VD 73	49,58	82,04	77,14	84,17	3,534	0,316
VD 74	117,50	76,59	77,99	93,33	5,247	0,155
VD 75	92,00	76,09	81,35	93,17	1,396	0,707
VD 76	97,83	77,51	77,77	109,67	2,8	0,423
VD 77	42,50	81,72	78,90	73,17	4,937	0,177
VD 78	90,33	76,38	83,73	41,00	4,309	0,230
VD 79	55,00	78,88	81,20	87,33	2,207	0,531
VD 80	27,17	81,19	82,62	46,67	11,641	0,109
VD 81	36,17	81,70	80,36	57,67	7,136	0,148
VD 82	63,42	78,81	81,74	62,00	1,483	0,686
VD 83	115,00	76,93	78,68	74,67	4,353	0,226
VD 84	93,08	79,93	75,76	86,93	1,153	0,764

Fonte : Inquérito

Nota: Análise de variância de Kruskal- Wallis (significância $p < 0,05$)

De acordo com o ano de escolaridade registam-se diferenças de posicionamento em relação às imagens que representam o dinheiro como elemento do qual não depende a auto-realização, que não é tudo na vida, e que exerce pouca influência na escolha da profissão desejada. Os resultados permitem concluir que são os jovens que frequentam o 12º ano, os que menos valorizam, comparativamente com os colegas do 10º e 11º anos, a influência condicionante do dinheiro na realização e vida pessoal, e que simultaneamente mais discordam com a ideia de que na escolha de uma profissão o dinheiro que se ganhará é o factor de menor importância. Estes resultados reforça o sentido da interpretação geral até aqui feita, ou seja, os jovens desvalorizam o dinheiro como objectivo primordial de vida mas reconhecem a sua importância enquanto elemento estruturador da mesma.

Quadro n.º 4.50

Representações assumidas pelos jovens em relação ao dinheiro

Comparação de acordo com o ano de escolaridade

	12º ano (N=52)	11ºano (N=51)	10ºano (N=54)	Chi-Square	Sig.
VD 73	78,49	79,75	78,80	0,025	0,988
VD 74	71,40	66,96	98,70	15,968	0,000
VD 75	77,31	71,35	88,26	3,934	0,140
VD 76	78,61	68,08	90,12	6,693	0,035
VD 77	78,79	81,85	76,42	0,430	0,807
VD 78	84,94	81,02	70,85	3,415	0,181
VD 79	85,86	70,35	80,36	3,602	0,165
VD 80	79,34	81,78	75,91	0,511	0,775
VD 81	84,18	72,11	80,38	2,157	0,340
VD 82	86,50	77,70	72,49	2,852	0,240
VD 83	76,13	75,74	85,18	1,576	0,455
VD 84	71,85	73,00	92,31	7,686	0,021

Fonte : Inquérito

Nota: Análise de variância de Kruskal- Wallis (significância $p < 0,05$)

OS VALORES E AS ASPIRAÇÕES PROFISSIONAIS DOS JOVENS:
O CASO DOS ESTUDANTES DO ENSINO SECUNDÁRIO DO CONCELHO DE BEJA

É em função da área vocacional frequentada pelos jovens que registamos maior heterogeneidade nos posicionamentos valorativos assumidos. Os valores de prestígio e poder que podem estar associados à posse de dinheiro tais como: “O dinheiro dá prestígio social”, “O dinheiro garante o respeito dos outros”, “Com dinheiro consegue-se tudo”, “Quem tem dinheiro é que arranja emprego com maior facilidade”, são mais valorizados pelos jovens que frequentam a área Científico- Natural. Ou seja, estes jovens parecem ter um perfil mais materialista do que os seus colegas de Humanidades, Artes ou de Económico-Social. Esta conclusão é confirmada pelos resultados, que demonstram que são os jovens da área de Humanidades e Artes que mais concordam com as representações que subvalorizam a influência do dinheiro na auto-realização pessoal. Assim, podemos concluir que os jovens das áreas de Humanidade e Artes têm um perfil mais pós-materialista, e os de Científico-Natural mais materialista em relação ao dinheiro.

Quadro n.º 4.51

**Representações assumidas pelos jovens em relação ao dinheiro
Comparação de acordo com a área vocacional**

	Científico Natural (N=56)	Artes (N=19)	Económico Social (N=59)	Humanidades (N=23)	Chi-Square	Sig.
VD 73	76,53	90,50	79,74	73,63	1,992	0,574
VD 74	78,81	94,03	68,54	93,87	8,234	0,041
VD 75	77,06	90,08	74,77	85,41	2,353	0,502
VD 76	81,61	93,66	71,02	81,02	4,448	0,217
VD 77	78,43	55,16	87,36	78,63	8,428	0,038
VD 78	74,77	62,37	80,49	99,22	9,675	0,022
VD 79	73,52	59,87	91,20	76,85	9,788	0,020
VD 80	71,49	80,16	88,36	72,30	5,343	0,148
VD 81	75,53	58,74	89,28	77,83	8,011	0,046
VD 82	74,01	55,92	89,03	84,48	9,715	0,021
VD 83	92,04	82,53	64,36	81,87	11,967	0,107
VD 84	75,04	82,64	73,79	89,24	2,615	0,455

Fonte: Inquérito

Nota: Análise de variância de Kruskal- Wallis (significância para $p < 0,05$)



Em síntese, e combinados os resultados, pudemos concluir que o perfil valorativo assumido pelos jovens estudantes do ensino secundário do Concelho de Beja em relação ao dinheiro, assenta fundamentalmente em valores pós-materialistas. Ou seja, são rejeitadas maioritariamente as representações do dinheiro como objectivo fundamental de vida.

Com base nos factores definidos pela análise factorial por componentes principais ($KMO = 0,738$; $p = 0,000$) e ainda no teste de consistência interna dos mesmos ($\alpha = 0,894$), podemos concluir que o perfil valorativo do dinheiro assumido pelos jovens do ensino secundário (10º, 11º e 12º anos) do Concelho de Beja assenta fundamentalmente em quatro eixos simbólicos: (1) o dinheiro como elemento não determinante da auto-realização, (2) o dinheiro como via de concretização e alcance de benefícios materiais, (3) o dinheiro como elemento influente da escolha da profissão e do emprego desejados e (4) o dinheiro como meio de aquisição de uma posição na sociedade. De facto o primeiro eixo simbólico, o dinheiro como elemento não determinante da auto-realização (DIN1), indicando a desvalorização do mesmo como objectivo fundamental de vida, é formado pelos indicadores que apresentam o dinheiro como não dando felicidade (vd75), do qual não depende a auto-realização (vd74), não constituindo tudo na vida (vd76), limitando a liberdade individual (vd73) e como tal, existem objectivos de vida mais importantes do que ganhar muito dinheiro (vd83).

O segundo eixo simbólico, o dinheiro como via de concretização e alcance de benefícios materiais (DIN2), de natureza extrínseca, tem por base as imagens que defendem que quem tem dinheiro pode aspirar a ter tudo o que quiser (vd81), com o mesmo consegue-se tudo (vd79), nomeadamente o respeito dos outros (vd77).

Quadro n.º 4.52

Comunalidades das variáveis de percepção da valorização do dinheiro

Total Variance Explained

Component	Initial Eigenvalues			Extraction Sums of Squared Loadings		
	Total	% of Variance	Cumulative %	Total	% of Variance	Cumulative %
1	3,999	33,329	33,329	3,999	33,329	33,329
2	1,792	14,932	48,261	1,792	14,932	48,261
3	1,358	11,321	59,582	1,358	11,321	59,582
4	1,000	8,334	67,916	1,000	8,334	67,916
5	,799	6,662	74,578			
6	,739	6,155	80,733			
7	,642	5,353	86,086			
8	,540	4,497	90,583			
9	,475	3,955	94,538			
10	,308	2,568	97,106			
11	,197	1,644	98,750			
12	,150	1,250	100,000			

Extraction Method: Principal Component Analysis.

Quadro n.º 4.53

Pesos factoriais da percepção da valorização do dinheiro

Rotated Component Matrix

	Component			
	1	2	3	4
vd75	,796			
vd74	,713			
vd76	,626			
vd73	-,581			
vd83	,544			
vd81		,824		
vd79		,749		
vd77		,597		
vd84			,803	
vd80			,780	
vd78				,801
vd82				,591

Extraction Method: Principal Component Analysis.
Rotation Method: Varimax with Kaiser Normalization.

a. Rotation converged in 6 iterations.

O terceiro eixo simbólico, o dinheiro como elemento influente da escolha da profissão e do emprego desejados (DIN3), mostrando o valor do dinheiro na auto-realização profissional, assenta nas representações que defendem que na escolha de uma profissão, o dinheiro que se ganhará é o factor de maior importância (vd84) e que o mesmo mede a qualidade do emprego que se tem (vd80)..

O quarto e último eixo simbólico, o dinheiro como meio de aquisição de uma posição na sociedade (DIN4), de natureza materialista, é fruto da associação de duas imagens: o dinheiro dá prestígio social (vd78) e permite a conquista mais rápida de um emprego (vd82).

Quadro n.º 4.54

Estatística de Kaiser-Meyer-Olkin e Alpha de Cronbach

Kaiser- Meyer- Olkin	0,738
Teste Bartlett	Sig. = 0,000
Eixos valorativos	Alpha se o item for eliminado
DIN1	0,741
DIN2	0,758
DIN3	0,788
DIN4	0,814
Geral	0,894

Fonte: Inquérito

Tomando por base a explicação da variância de cada eixo simbólico (Quadro n. 4.52), e a comparação da média dos posicionamentos valorativos com a média de cada escala em que foram medidos os diversos indicadores de cada eixo (Quadro n.º 4.55), foi possível estimar o sentido valorativo predominante na representação do dinheiro.

Quadro n.º 4.55

Médias dos eixos valorativos do dinheiro

BLOCO FACTORIAL	VARIÂNCIA EXPLICADA (%)	MÉDIA		D.P	VALOR MINIMO		VALOR MAXIMO		EIXOS SIMBÓLICOS
		ESCALA	OBS		POSSÍVEL	OBS	POSSÍVEL	OBS	
DIN1	33,33	17,5	20,98	2,76	5,00	12,00	30,00	26,00	Elemento não determinante da auto-realização
DIN2	14,93	10,5	9,68	1,88	3,00	4,00	18,00	12,00	Via de concretização e alcance de benefícios "materiais"
DIN3	11,32	7,00	8,64	1,09	2,00	7,00	12,00	11,00	Elemento influente na escolha da profissão e emprego desejados
DIN4	8,33	7,00	7,28	1,11	2,00	5,00	12,00	10,00	Meio de aquisição de uma posição na sociedade

Fonte: Inquérito

Face aos resultados pode dizer-se que o perfil valorativo assumido pelos jovens em relação ao dinheiro concentra-se na imagem de que é um elemento importante da vida, mas não determinante da auto-realização pessoal. Tomando em consideração o perfil específico de cada eixo simbólico e a importância do mesmo, parece poder concluir-se que as representações assumidas do dinheiro, pelos jovens que frequentam o 10º, 11º e 12º ano no Concelho de Beja, centram-se fundamentalmente em valores pós-materialistas.

O tratamento de correspondências múltiplas dos eixos simbólicos identificados e de oito variáveis de caracterização sociográfica dos jovens permitiu analisar e explorar a homogeneidade do perfil valorativo assumido. Através desta estratégia estatística identificámos duas dimensões que enquadram e discriminam as diferentes categorias das variáveis projectadas.

Quadro n.º 4.56

As duas dimensões do comportamento das características de identificação pessoal e do posicionamento valorativo sobre o dinheiro

Dimensão	Valor próprio
Condições familiares (1)	,2582
Características dos jovens (2)	,2077

Fonte: Inquérito

A 1ª dimensão é composta pelas variáveis que caracterizam as condições sócio-económicas da família: (1) habilitações literárias médias do agregado familiar (CFHAG), (2) categoria profissional da mãe (cif17ma), (3) categoria profissional do pai (cif16pa), (4) índice do estatuto profissional do agregado familiar (IESTPAF) e (5) rendimento mensal do agregado familiar (cif25a).

Quadro n.º 4.57

Valores das discriminações de cada variável em cada dimensão

Variáveis	Dimensões	
	1	2
ANO	,005	,135
CI1	,013	,116
CIE29	,036	,204
CIF16PA	,563	,181
CIF17MA	,602	,031
CIF25A	,412	,017
CFHAG	,711	,076
IESTPAF	,439	,046
DIN1B	,084	,419
DIN2B	,031	,260
DIN3B	,055	,438
DIN4B	,049	,168

Fonte: Inquérito

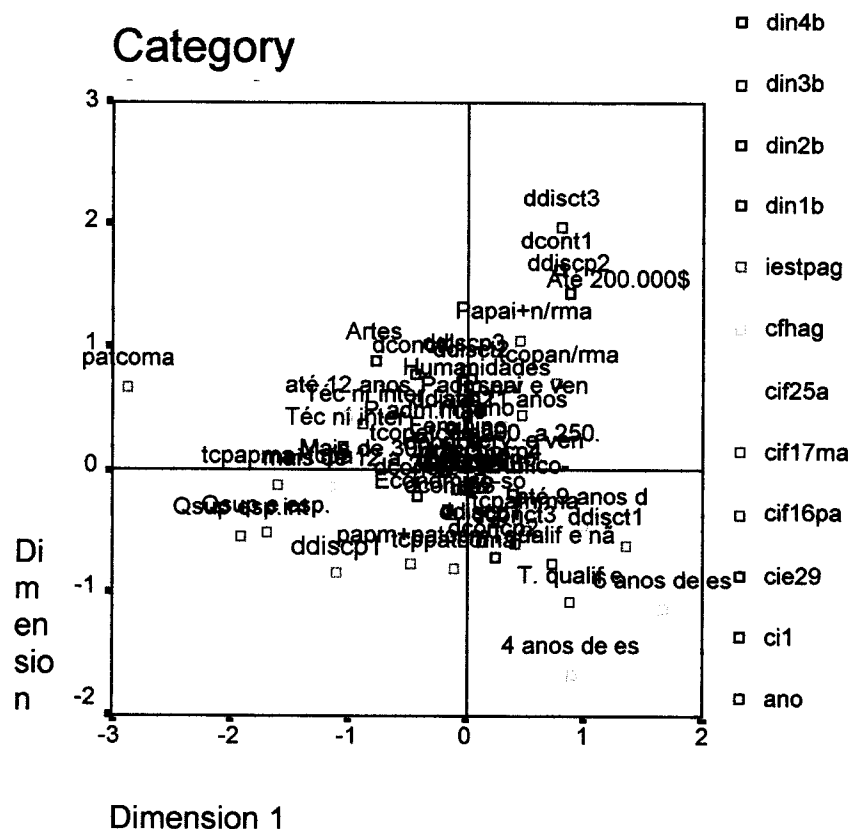
A 2ª dimensão agrega as representações do dinheiro assumidas pelos jovens e 3 das suas características: (1) elemento influente na escolha da profissão e emprego desejados (din3b), (2) não determinante da auto-realização (din1b), (3) via de concretização de benefícios materiais (din2b), (4) meio de aquisição de uma posição na sociedade (din4b), (5) área

vocacional (cie29), (6) sexo (ci1) e (7) ano de escolaridade (ano). Face a estes resultados pode dizer-se que as dimensões que discriminam as representações do dinheiro assumidas pelos jovens são essencialmente as características da família e as características individuais dos jovens. Assim, a 1ª dimensão pode ser designada por *Condições familiares* (1) e a segunda por *Características dos jovens* (2). Com base nestas dimensões foi possível discriminar perfis em função das condições familiares e construir subconjuntos de posicionamentos valorativos.

A leitura do Gráfico n.º4.4, evidencia novamente uma significativa aglomeração de projecções junto das duas dimensões identificadas. No entanto, a análise discriminativa das posições das categorias das variáveis com maior poder discriminante revelou diferenças nos posicionamentos valorativos que merecem ser realçadas.

Gráfico n.º 4.4

Projecção das variáveis do perfil valorativo do dinheiro nas dimensões 1 e 2



OS VALORES E AS ASPIRAÇÕES PROFISSIONAIS DOS JOVENS:
O CASO DOS ESTUDANTES DO ENSINO SECUNDÁRIO DO CONCELHO DE BEJA

Legenda:

<p>2º Quadrante: dconcp1- concordância parcial com o reconhecimento que o dinheiro não condiciona a auto-realização; ddisc2- discordância total com a valorização do dinheiro como via de alcance e concretização de benefícios materiais; ddisc3 – discordância parcial com a representação do dinheiro como elemento influente da escolha da profissão e conquista do emprego desejados; “Até 12 anos”; “Patrão pai e trabalhador por conta de outrém mãe”; “Técnico de nível intermédio-pai e mãe”; “Artes”</p>	<p>1º Quadrante: dconct1- concordância total com o reconhecimento que o dinheiro não condiciona a auto-realização; ddiscp2- discordância parcial com a valorização do dinheiro como via de alcance e concretização de benefícios materiais; ddisc3 – discordância total com a representação do dinheiro como elemento influente da escolha da profissão e conquista do emprego desejados; “Até 11 anos”; “Trabalhador por conta de outrém pai e desempregada ou doméstica mãe”(tcofapnrma); “Pessoal de serviços e vendas”-pai e mãe; “Humanidades”</p>
<p>3º quadrante: ddiscp1- discordância parcial com o reconhecimento que o dinheiro não condiciona a auto-realização; dconct2- concordância total com a valorização do dinheiro como via de alcance e concretização de benefícios materiais; dconcp3 – concordância parcial com a representação do dinheiro como elemento influente da escolha da profissão e conquista do emprego desejados; “Mais de 12 anos”; “Patrão pai e patrão ou familiar não remunerado mãe” e “Trabalhador por conta de outrém pai e mãe”; “Quadro superior e especialista de profissões intelectuais- pai e mãe”; “Científico-Natural”</p>	<p>4º quadrante: ddisc1- discordância total com o reconhecimento que o dinheiro não condiciona a auto-realização; dconcp2- concordância parcial com a valorização do dinheiro como via de alcance e concretização de benefícios materiais; dconct3 – concordância total com a representação do dinheiro como elemento influente da escolha da profissão e conquista do emprego desejados; “4”, “6” e “9anos de escolaridade” dos pais; “Trabalhador por conta própria pai e doméstica ou desempregada mãe”; “Trabalhador não qualificado- pai e mãe”; “Económico- Social”</p>

Os resultados permitiram discriminar 4 subgrupos que tendo em atenção o perfil valorativo, podem ser agregados em apenas dois. Assim, no 1º e 2º quadrantes situam-se os jovens com ambientes familiares enquadrados nos parâmetros da classe média cujos pais têm entre 10 a 11 anos de escolaridade média e desempenham profissões no sector comercial e administração pública. O perfil valorativo destes jovens em relação ao dinheiro centra-se na desvalorização das representações deste como elemento influente da escolha da profissão e conquista do emprego desejados, e de desvalorização parcial da representação do mesmo como meio de concretização de benefícios materiais, bem como determinante da auto-realização. Para estes jovens, o dinheiro não objectivo fundamental de vida, embora reconheçam o seu papel enquanto forma de aquisição de alguns benefícios materialistas. Assim, podemos concluir que o perfil valorativo destes jovens em relação ao dinheiro centra-se em valores pós-materialistas.

O 2º grupo identificado é representativo dos jovens que estão enquadrados em ambientes familiares de nível médio alto e médio baixo. Este grupo foi identificado a partir das categorias sócio-económicas familiares projectadas no 3º e 4º quadrantes. Nos posicionamentos valorativos assumidos por estes jovens destacam-se as suas posições de concordância relativamente às representações do dinheiro como elemento influente da escolha de uma profissão e conquista de um emprego, e determinante na auto-realização e alcance de benefícios de natureza material. Assim, estes jovens distinguem-se pelo seus posicionamentos mais materialistas.

Em síntese, a valorização dada ao dinheiro pelos jovens estudantes do ensino secundário do Concelho de Beja discrimina-se, essencialmente, em função de dois grupos de ambiente familiares. Um que inclui os perfis sócio-económicos de maior e menor nível, em que os jovens evidenciam uma relação mais instrumental com o dinheiro, e um segundo representativo dos jovens da classe média cujos posicionamentos valorativos evidenciam, por oposição, a rejeição do dinheiro como objectivo de vida, já que este não dá felicidade, não é tudo na vida e não deve condicionar a liberdade individual.

4.3.5. A SOCIEDADE

A maioria dos jovens estudantes do ensino secundário do Concelho de Beja têm preocupações e interesses sociais predominantemente pós-materialistas. De facto, os jovens concordam maioritariamente com a necessidade de protecção da liberdade de expressão, de construção de uma sociedade menos impessoal, mais pessoal, onde as ideias sejam mais importantes do que o dinheiro, o que implica, nomeadamente, que as pessoas sejam mais ouvidas no seu trabalho e nas zonas em que vivem e, quando o governo tem que tomar decisões. Embora os jovens, na sua maioria, concordem também, com a necessidade de manutenção da ordem no País e de umas forças armadas fortes, bem como, com o controle e aumento da estabilidade e crescimento económico, o peso percentual destes

OS VALORES E AS ASPIRAÇÕES PROFISSIONAIS DOS JOVENS:
O CASO DOS ESTUDANTES DO ENSINO SECUNDÁRIO DO CONCELHO DE BEJA

indicadores é, no entanto, menos significativo. Com base nos resultados obtidos, pode dizer-se que o perfil valorativo dos jovens face à sociedade parece centrar-se em valores pós-materialistas.

Quadro n.º 4.58

Representações assumidas pelos jovens em relação à sociedade

	Discordância (%)			Concordância (%)			Total (%)
	1- Discordo Totalmente	2- Discordo	3-Discordo Pouco	4- Concordo Pouco	5-Concordo	6- Concordo Totalmente	
VS 85				7,6	43,3	49,0	100,0
VS 86				3,2	40,8	56,1	100,0
VS 87		15,3	13,4	39,5	16,6	15,3	100,0
VS 88			4,5	19,7	47,8	28,0	100,0
VS 89				8,9	45,2	45,9	100,0
VS 90				17,2	48,4	34,4	100,0
VS 91				12,1	28,0	59,9	100,0
VS 92				24,8	41,4	33,8	100,0
VS 93			1,9	26,8	58,6	12,7	100,0
VS 94	3,8	11,5	15,9	22,3	37,6	8,9	100,0
VS 95			7,0	39,5	35,0	18,5	100,0
VS 96				35,7	49,0	15,3	100,0

Fonte: Inquérito; Total de casos = 157

Legenda:

- | | |
|--|---|
| <p>VS 85- Procurar aumentar o crescimento económico</p> <p>VS 86- Controlar a estabilidade da economia</p> <p>VS 87- <i>Dar voz às pessoas</i>, procurar que sejam ouvidas quando o governo tem de tomar decisões</p> <p>VS 88- Procurar tornar as nossas cidades e aldeias mais belas e agradáveis para viver</p> <p>VS 89- Proteger a liberdade de expressão</p> <p>VS 90- Procurar construir uma sociedade menos impessoal, mais pessoal.</p> | <p>VS 91- Lutar contra o crime</p> <p>VS 92- Manter a ordem no País</p> <p>VS 93- Controlar a subida dos preços</p> <p>VS 94- Assegurar umas forças armadas fortes no País</p> <p>VS 95- Procurar construir uma sociedade onde as ideias sejam mais importantes do que o dinheiro</p> <p>VS 96- Procurar fazer com que as pessoas sejam mais ouvidas nas decisões que são tomadas no seu trabalho e nas zonas em que vivem.</p> |
|--|---|

Comparados os posicionamentos valorativos em função do sexo (Quadro n.º 4.59), da idade (Quadro n.º 4.60), da via formativa (Quadro n.º 4.61) e do ano de escolaridade (Quadro n.º 4.62) dos jovens concluiu-se que não existem diferenças significativas entre eles. Ou seja, estas variáveis biográficas e formativas não discriminam posicionamentos valorativos distintos.

OS VALORES E AS ASPIRAÇÕES PROFISSIONAIS DOS JOVENS:
O CASO DOS ESTUDANTES DO ENSINO SECUNDÁRIO DO CONCELHO DE BEJA

Quadro n.º 4.59

Representações assumidas pelos jovens em relação à sociedade

Comparação de acordo com o sexo

	Masculino (N=68)	Feminino (N=89)	Mann- Whitney U	Z	Sig.
VS 85	82,05	76,67	2818,5	0-0,822	0,411
VS 86	79,46	78,65	2994,5	-0,128	0,898
VS 87	83,07	75,89	2749	-1,021	0,307
VS 88	77,49	80,16	2923	-0,393	0,107
VS 89	89,13	71,26	2337	-2,711	0,694
VS 90	79,51	78,61	2991	-0,135	0,892
VS 91	76,44	80,96	2852	-0,706	0,480
VS 92	80,03	78,21	2956	-0,265	0,791
VS 93	83,97	75,20	2688	-1,358	0,175
VS 94	69,99	85,89	2413	-2,252	0,124
VS 95	82,47	76,35	2790	-0,887	0,375
VS 96	85,84	73,78	2561	-1,805	0,071

Fonte: Inquérito

Nota: Teste Mann-Whitney para duas amostras independentes (significância $p < 0,05$)

Quadro n.º 4.60

Representações partilhadas pelos jovens sobre a sociedade

Comparação de acordo com a via formativa frequentada

	Via Geral (N=130)	Via Técn. (N=27)	Mann- Whitney U	Z	Sig.
VS 85	81,34	69,08	1607,5	-1,485	0,138
VS 86	79,83	75,5	1800	-0,539	0,590
VS 87	77,09	87,08	1662,5	-1,126	0,260
VS 88	73,56	102,02	1241,5	-3,322	0,101
VS 89	76,39	90,07	1573	-1,647	0,100
VS 90	77,67	84,63	1736	-0,823	0,411
VS 91	78,53	81,00	1845	-0,307	0,759
VS 92	78,76	80,00	1875	-0,143	0,886
VS 93	77,71	84,45	1741,5	-0,828	0,408
VS 94	84,59	55,32	1194,5	-3,290	0,101
VS 95	76,38	90,08	1572,5	-1,575	0,115
VS 96	78,07	82,93	1787	-0,557	0,564

Fonte: Inquérito

Nota: Teste Mann-Whitney para duas amostras independentes (significância $p < 0,05$)

OS VALORES E AS ASPIRAÇÕES PROFISSIONAIS DOS JOVENS:
O CASO DOS ESTUDANTES DO ENSINO SECUNDÁRIO DO CONCELHO DE BEJA

Quadro n.º 4.61

Representações assumidas pelos jovens em relação à sociedade

Comparação de acordo com a idade

	< 15 anos (N=6)	15 – 16 anos (N=89)	17 – 18 anos (N=59)	> 18 anos (N=3)	Chi-Square	Sig.
VS 85	94,83	76,75	79,97	94,83	1,669	0,644
VS 86	100,83	80,28	74,39	88,17	2,886	0,410
VS 87	41,33	79,83	80,54	99,5	5,220	0,156
VS 88	47,42	81,21	79,03	76,00	3,622	0,305
VS 89	54,83	82,01	76,69	83,5	2,795	0,424
VS 90	67,75	78,15	78,81	430,5	5,053	0,168
VS 91	77,00	80,96	75,82	87,5	0,747	0,862
VS 92	64,5	80,94	77,78	74,33	0,968	0,809
VS 93	99,00	80,61	77,31	24,5	7,284	0,063
VS 94	98,33	75,38	80,28	122,67	4,802	0,187
VS 95	46,17	78,67	84,69	42,5	6,743	0,081
VS 96	72,83	80,89	76,24	89,67	0,776	0,855

Fonte : Inquérito

Nota: Análise de variância de Kruskal- Wallis (significância $p \ll 0,05$)

Quadro n.º 4.62

Representações assumidas pelos jovens em relação à sociedade

Comparação de acordo com o ano de escolaridade

	12º ano (N=52)	11ºano (N=51)	10ºano (N=54)	Chi-Square	Sig.
VS 85	79,79	78,90	78,28	0,037	0,982
VS 86	77,04	76,38	83,61	1,062	0,588
VS 87	82,47	78,76	75,63	0,652	0,722
VS 88	81,15	77,95	77,80	0,214	0,899
VS 89	80,49	78,08	78,36	0,110	0,946
VS 90	81,94	80,36	74,61	0,902	0,637
VS 91	78,31	77,76	80,93	0,189	0,910
VS 92	80,24	77,25	79,42	0,137	0,934
VS 93	77,45	76,63	82,93	0,759	0,684
VS 94	79,74	77,80	79,40	0,058	0,972
VS 95	80,85	78,02	78,04	0,154	0,926
VS 96	82,19	78,46	76,22	0,560	0,756

Fonte : Inquérito

Nota: Análise de variância de Kruskal- Wallis (significância $p \ll 0,05$)

O mesmo não se pode dizer em relação à área vocacional frequentada pelos jovens (Quadro n.º 4.63). De facto, as áreas vocacionais de opção estão associadas a posicionamentos distintos relativamente aos indicadores: "Dar voz às pessoas, procurar que sejam ouvidas quando o governo tem que tomar decisões", "Procurar tornar as nossas cidades e aldeias mais belas e agradáveis para viver", "Proteger a liberdade de expressão", "Procurar construir uma sociedade menos impessoal, mais pessoal", "Manter a ordem no País", "Procurar construir uma sociedade onde as ideias sejam mais importantes do que o dinheiro" e "Procurar fazer com que as pessoas sejam mais ouvidas nas decisões que são tomadas no seu trabalho e nas zonas em que vivem".

Quadro n.º 4.63

Representações assumidas pelos jovens em relação à sociedade

Comparação de acordo com a área vocacional

	Científico Natural (N=56)	Artes (N=19)	Económico Social (N=59)	Humanidades (N=23)	Chi-Square	Sig.
VS 85	78,02	82,55	77,52	82,26	0,404	0,939
VS 86	85,00	87,68	74,39	69,04	4,467	0,215
VS 87	61,61	76,42	70,55	95,92	14,301	0,003
VS 88	65,72	71,11	75,10	91,24	8,162	0,043
VS 89	66,80	71,16	67,98	98,28	19,436	0,000
VS 90	67,85	69,05	73,75	92,48	9,518	0,023
VS 91	87,87	79,79	74,75	67,65	5,360	0,147
VS 92	92,89	77,32	69,37	71,26	9,787	0,020
VS 93	80,15	59,18	83,58	80,83	5,504	0,138
VS 94	80,13	83,29	72,24	90,04	3,083	0,379
VS 95	60,30	88,58	72,25	90,54	10,851	0,013
VS 96	54,52	81,13	74,48	93,00	15,206	0,002

Fonte: Inquérito

Nota: Análise de variância de Kruskal- Wallis (significância para $p < 0,05$)

A interpretação dos resultados permite concluir que são os jovens da área de Humanidades que assumem posicionamentos valorativos mais pós-materialistas. De facto, são estes os que mais valorizam os indicadores associados a valores intrínsecos tais como: a liberdade de expressão, a

estética, a participação e a inter-ajuda social. Pelo contrário, são os jovens que frequentam a área Científico- Natural que menos valorizam esses mesmos indicadores e que, por sua vez mais valorizam a necessidade de manutenção da ordem no País.

De acordo com os resultados obtidos podemos concluir que os jovens estudantes do ensino secundário do Concelho de Beja têm valores predominantemente pós-materialistas, perfil que tem uma expressão reforçada entre os jovens que frequentam Humanidades.

Com base nos factores definidos pela análise factorial por componente principais ($KMO= 0,739$; $p= 0,000$) e ainda no teste de consistência interna dos factores ($\alpha=0,845$) podemos concluir que o perfil valorativo da sociedade assumidos pelos jovens do ensino secundário do Concelho de Beja assenta em quatro eixos simbólicos: (1) maior participação social e "humanização" dos processos que regulam a sociedade, (2) ordem e coesão nacional, (3) estabilidade social e (4) estabilidade económica. De facto, o primeiro eixo simbólico, valorização da necessidade de uma maior participação social e "humanização" dos processos que regulam a sociedade (SOC1), tradutora de valores pós-materialistas, é formado pelos indicadores que apontam para a necessidade de: construir uma sociedade menos impessoal, mais pessoal (vs90), tornar as nossas cidade e aldeias mais belas e agradáveis para viver (vs88), proteger a liberdade de expressão (vs89), *dar voz* às pessoas, procurar que sejam ouvidas quando o governo tem de tomar decisões (vs87) e, de procurar fazer com que as pessoas sejam mais ouvidas nas decisões que são tomadas no seu trabalho e nas zonas em que vivem (vs96).

O segundo eixo simbólico representativo da necessidade de manutenção da ordem e coesão nacional (SOC2), de natureza materialista ou extrínseca, tem por base as imagens : manter uma forças armadas fortes (vs94), manter a ordem no País (vs92) e procurar construir uma sociedade onde as ideias sejam mais importantes do que o dinheiro (vs95).

Quadro n.º 4.64

Comunalidades das variáveis de percepção da valorização atribuída aos aspectos sociais

Total Variance Explained

Component	Initial Eigenvalues			Extraction Sums of Squared Loadings		
	Total	% of Variance	Cumulative %	Total	% of Variance	Cumulative %
1	3,178	26,482	26,482	3,178	26,482	26,482
2	1,778	14,819	41,301	1,778	14,819	41,301
3	1,241	10,342	51,644	1,241	10,342	51,644
4	1,147	9,556	61,200	1,147	9,556	61,200
5	,966	8,051	69,251			
6	,859	7,155	76,406			
7	,726	6,048	82,454			
8	,659	5,491	87,945			
9	,504	4,200	92,146			
10	,377	3,141	95,287			
11	,286	2,385	97,671			
12	,279	2,329	100,000			

Extraction Method: Principal Component Analysis.

O terceiro eixo simbólico, representativo da valorização da estabilidade social (SOC3), é fruto da agregação dos indicadores representativos da necessidade de controle da estabilidade económica (vs86) e de luta contra o crime (vs91). Este eixo é interpretado como reflexo da valorização de aspectos relacionados com a estabilidade social na sua componente económica e criminal.

O quarto e último eixo simbólico é fruto da combinação de indicadores representativos da necessidade de controle da estabilidade económica (SOC4), ou seja, procurar aumentar o crescimento económico (vs85) e controlar a subida dos preços (vs93). Este eixo simbólico assenta em valores materialistas.

Quadro n.º 4.65

Pesos factoriais da percepção da valorização atribuída aos aspectos sociais

Rotated Component Matrix

	Component			
	1	2	3	4
vs90	,736			
vs88	,715			
vs89	,707			
vs87	,641			
vs96	,472			
vs94		,736		
vs92		,570		
vs95		,569		
vs86			,806	
vs91			,668	
vs85				,837
vs93				,638

Extraction Method: Principal Component Analysis.
Rotation Method: Varimax with Kaiser Normalization.

a. Rotation converged in 8 iterations.

Com base nos índices de explicação da variância de cada eixo simbólico (Quadro n.º 4.64) e nas médias dos indicadores associados a cada um (Quadro n.º 4.67), foi possível estimar o sentido valorativo predominante assumido em relação à sociedade. Confirmando a tendência geral já constatada ao nível dos posicionamentos valorativos podemos, em função dos resultados, reafirmar que os jovens estudantes do 10º, 11º e 12º anos do Concelho de Beja têm um perfil valorativo da sociedade predominantemente pós-materialista. De facto, os eixos simbólicos associados a este tipo de valores contribuem mais, em conjunto, para a explicação da variância e têm médias de respostas mais elevadas, do que os eixos associados a valores materialistas.

Quadro n.º 4.66

Estatística de Kaiser-Meyer-Olkin e Alpha de Cronbach

Kaiser- Meyer- Olkin	0,739
Teste Bartlett	Sig. = 0,000
Eixos valorativos	Alpha se o item for eliminado
SOC1	0,644
SOC2	0,682
SOC3	0,711
SOC4	0,725
Geral	0,845

Fonte: Inquérito

Quadro n.º 4.67

Médias dos blocos factoriais da valorização dos aspectos sociais

BLOCO FACTORIAL	VARIÂNCIA EXPLICADA (%)	MÉDIA		D.P	VALOR MÍNIMO		VALOR MÁXIMO		EIXOS SIMBÓLICOS
		ESCALA	OBS		POSSÍVEL	OBS	POSSÍVEL	OBS	
SOC1	26,48	17,5	24,46	2,88	5,00	18,00	30,00	30,00	Maior participação social na "humanização" dos processos que regulam a sociedade
SOC2	14,82	10,5	13,69	1,69	3,00	10,00	18,00	18,00	Ordem e coesão nacional
SOC3	10,34	7,00	11,00	1,04	2,00	9,00	12,00	12,00	Estabilidade social
SOC4	9,56	7,00	10,24	1,02	2,00	7,00	12,00	12,00	Estabilidade económica

Fonte: Inquérito

O tratamento múltiplo dos eixos simbólicos que estruturam o perfil valorativo da sociedade e das oito variáveis de caracterização familiar e individual permitiu identificar duas dimensões que enquadram e discriminam as categorias das variáveis projectadas.

Quadro n.º 4.68

As duas dimensões do comportamento das características de identificação pessoal e do posicionamento valorativo sobre o dinheiro

Dimensão	Valor próprio
Condições familiares (1)	,2556
Características dos jovens (2)	,2123

Fonte: Inquérito

A 1ª dimensão é composta pelas variáveis que caracterizam o ambiente familiar dos jovens : (1) habilitações literárias médias do agregado familiar (CFHAG), (2) categoria profissional da mãe (cif17ma), (3) categoria profissional do pai (cif16pa), (4) índice do estatuto profissional do agregado familiar (IESTPAF) e (5) rendimento mensal do agregado familiar (cif25a).

A 2ª dimensão agrega as representações da sociedade assumidas pelos jovens e o indicador da área vocacional frequentada: (1) valorização da necessidade uma maior participação social e “humanização” dos processos que regulam a sociedade (soc1b), (2) valorização da necessidade de ordem e coesão nacional (soc2b), (3) área vocacional (cie29) e (4) valorização da estabilidade económica (soc4b). Face a estes resultados pode dizer-se que as dimensões que discriminam as representações da sociedade assumidas pelos jovens, são as características da família e a área vocacional frequentada por estes. Com base nestas dimensões foi possível discriminar perfis em função das condições familiares e construir subconjuntos de posicionamentos valorativos.

Quadro n.º 4.69

Valores das discriminações de cada variável em cada dimensão

Variáveis	Dimensões	
	1	2
ANO	,000	,010
CI1	,015	,052
CIE29	,110	,215
CIF16PA	,576	,109
CIF17MA	,612	,098
CIF25A	,435	,084
CFHAG	,712	,048
IESTPAF	,452	,038
SOC1B	,102	,443
SOC2B	,133	,385
SOC3B	,100	,027
SOC4B	,119	,138

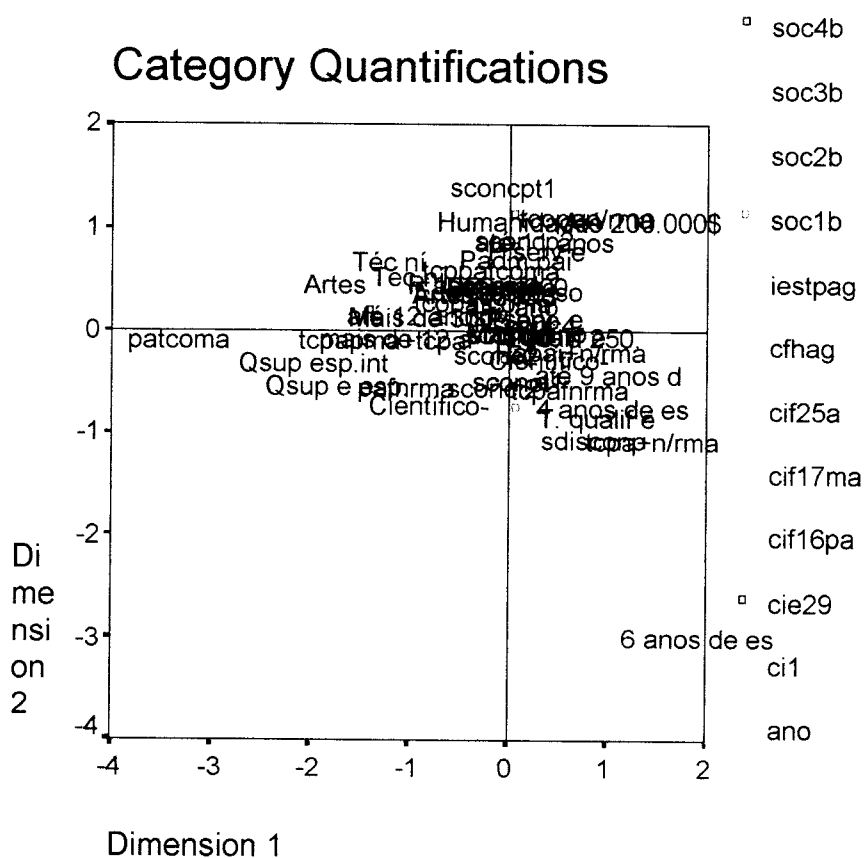
Fonte: Inquérito

Como é visível no Gráfico n.º 4.5 verifica-se uma significativa concentração de valores junto da origem dos quatro quadrantes construídos a partir das dimensões referidas. Fazem parte desse núcleo central as

variáveis: sexo (ci1), ano de escolaridade (ano) e valorização da necessidade de estabilidade social (soc3b) o que confirma os seus fracos poderes discriminativos constatados no Quadro n.º 4.69. Uma leitura mais atenta das projecções permite, no entanto, identificar subgrupos de jovens que se discriminam pelos seus posicionamentos valorativos e pelas condições sócio-económicas familiares.

Gráfico n.º 4.5

Projecção das variáveis do perfil valorativo da sociedade nas dimensões 1 e 2



OS VALORES E AS ASPIRAÇÕES PROFISSIONAIS DOS JOVENS:
O CASO DOS ESTUDANTES DO ENSINO SECUNDÁRIO DO CONCELHO DE BEJA

Legenda:

<p>2º Quadrante: sconct1- concordância total com a valorização da necessidade de uma maior participação social e “humanização” dos processos que regulam a sociedade; sdisct2- discordância total com a necessidade de ordem e coesão nacional; sdict4 – discordância total com a valorização da necessidade de estabilidade económica; “Até 12 anos”; “Patrão pai e trabalhador por conta de outrém mãe”; “Técnico de nível intermédio-pai e mãe”; “Artes”</p>	<p>1º Quadrante: sconp1- concordância parcial relativamente à valorização da necessidade de uma maior participação social e “humanização” dos processos que regulam a sociedade; sdiscp2- discordância parcial com a necessidade de ordem e coesão nacional; sdiscp4 – discordância parcial com a valorização da necessidade de estabilidade económica; “Até 11 anos”; “Trabalhador por conta de outrém pai e desempregada ou doméstica mãe”(tcofapnrma); “Pessoal de serviços e vendas”-pai e mãe, “Humanidades”</p>
<p>3º quadrante: sdisct1- discordância total com a valorização da necessidade de uma maior participação social e “humanização” dos processos que regulam a sociedade; scont2- concordância total com a necessidade de ordem e coesão nacional; sconct4 – concordância com a valorização da necessidade de estabilidade económica; “Mais de 12 anos”; “Patrão pai e patrão ou familiar não remunerado mãe” e “Trabalhador por conta de outrém pai e mãe”; “Quadro superior e especialista de profissões intelectuais- pai e mãe”; “Científico- Natural”</p>	<p>4º quadrante: sdisc1- discordância com a valorização da necessidade de uma maior participação social e “humanização” dos processos que regulam a sociedade; sconp2- concordância parcial com a necessidade de ordem e coesão nacional; scont4 – concordância total com a valorização da necessidade de estabilidade económica “4”, “6” e “9anos de escolaridade” dos pais; “Trabalhador por conta própria pai e doméstica ou desempregada mãe”; “Trabalhador não qualificado- pai e mãe”; “Económico- Social”</p>

As diferenças entre os posicionamentos valorativos permite a estruturação de dois grandes grupos. O 1º e 2º quadrantes são representativos dos jovens cujos ambientes sócio-económicos familiares se ajustam aos parâmetros da classe média, e que frequentam as áreas de Humanidades e Artes. Estes jovens valorizam a necessidade de uma maior participação social e desvalorizam as representações associadas à ordem e coesão nacional e estabilidade económica.

No 3º e 4º quadrantes situam-se os jovens com ambientes sócio-económicos familiares de nível médio alto e médio baixo e que frequentam as áreas Científico –Natural e Económico- Social. Estes jovens subvalorizam a necessidade de uma maior participação social e, pelo contrário, valorizam as representações associadas à ordem e coesão nacional e estabilidade económica.

A construção de apenas dois grupos é efeito directo da homogeneidade constatada nos posicionamentos valorativos o que apenas permitiu a

identificação de diferenças com base nas categorias parcialmente mais discriminantes.

A partir do exposto pode-se dizer que o perfil valorativo, em relação à sociedade, assumido pelos jovens estudantes do ensino secundário do Concelho de Beja subdivide-se em dois sentidos. Um mais “instrumental” ou menos pós-materialista, identificado junto dos jovens com ambientes familiares de maiores e menores recursos, e outro onde os valores pós-materialistas ou extrínsecos são centrais, partilhado pelos jovens pertencentes à classe média.

4.3.6. OS PERFIS VALORATIVOS DOS JOVENS: UMA TENTATIVA DE SÍNTESE

O percurso analítico desenvolvido permitiu identificar os perfis valorativos assumidos pelos jovens em relação à família, aos amigos, à escola, ao dinheiro e à sociedade bem como explorar a distinta expressividade destes, em função das características sociográficas dos jovens. De facto, detectaram-se, em função destas características, subgrupos de jovens com posicionamentos valorativos específicos. Esta constatação confirma a hipótese de que os valores e as representações sociais são construções simbólicas influenciadas pelo contexto de vivência e referência dos indivíduos, e em particular, pelo contexto sócio-económico familiar, no caso dos jovens.

A família constitui para maioria dos jovens estudantes do ensino secundário do Concelho de Beja, um espaço fundamental para a formação individual e preparação para a vida futura. Ou seja, os jovens vêem a família como um meio proporcionador da construção pessoal e que os auxilia a traçar as grandes orientações para o seu futuro social e profissional. Assim, ao contrário das teses que defendem a tendência crescente para a subvalorização do papel da família (Galland, 1991, Harding, Phipps e Fogarty, 1986), constatamos que o perfil valorativo assumido pelos jovens estudantes do ensino secundário do Concelho de Beja assenta,

fundamentalmente, nas imagens que representam a entidade familiar como um espaço de pertença e de referência fundamental do desenvolvimento pessoal e, em particular, da identidade profissional. Este perfil assume, no entanto, contornos específicos de acordo com as condições sócio-económicas familiares dos jovens. Assim, são os jovens da classe média que mais valorizam as compensações intrínsecas garantidas pela família. Isto é, para estes jovens a família é um espaço de segurança afectiva, de construção pessoal e preparação para a vida. Pelo contrário, os jovens das classes média alta e média baixa vêem preferencialmente a entidade familiar como um espaço de aquisição de uma posição na sociedade e de acesso a benefícios de natureza material.

No que respeita aos amigos verificamos que são preferencialmente vistos pelos jovens como espaços de inter-ajuda, de afectividade, de convívio e lazer. São com eles que encetam os maiores níveis de interacção e partilha dos tempos livres, assumindo, assim, um papel importante na organização social do quadro de vida dos jovens. Ao contrário dos resultados obtidos noutros estudos, e recorde-se, em concreto, os inquéritos do I.E.D. e do I.C.S., os amigos para os jovens estudantes do 10º, 11º e 12º anos do Concelho de Beja, representam muito mais do que simples companheiros de diversão e ocupação dos tempos livres. Os amigos são espaços fundamentais para a construção pessoal bem como para a segurança afectiva. No entanto, este perfil geral adquire contornos específicos em função dos ambientes familiares. Tal como em relação à família, também são os jovens das classes média alta e média baixa que ao nível desta dimensão têm um perfil menos pós-materialista do que os da classe média, já que valorizam os amigos como espaços de aquisição de uma posição na sociedade e subvalorizam a representação dos mesmos como grupo de pessoas que promovem o enriquecimento pessoal.

A escola é, preferencialmente, vista como um meio facilitador da concretização de fins de natureza extrínseca, associados nomeadamente aos desejos de ascensão social e de conquista de um emprego bem remunerado. Efectivamente, a maioria dos jovens estudantes do ensino

secundário do Concelho de Beja vêem a escola como um espaço de passagem obrigatória a fim de garantir um diploma que lhes facilitará, virtualmente, a conquista de um emprego. Este tipo de perfil, essencialmente materialista, tem maior expressividade junto dos jovens das classes média alta e média baixa. Por seu turno, os jovens da classe média, embora desvalorizando o papel da escola como espaço de desenvolvimento das capacidades individuais, reconhecem no entanto que esta tem um papel influente no processo de construção identitária, nomeadamente na vertente profissional. As diferenças de expressividade constatadas no perfil valorativo da escola em função das condições sócio-económicas conduzem à identificação de dois tipos de socialização familiar. Um tipo mais orientado para o reconhecimento dos estudos como componente estruturante do desenvolvimento social e profissional, e outro tipo em que a escola é essencialmente vista como meio para atingir fins materiais, nomeadamente a conquista de um emprego bem remunerado. Estes dois tipos de socialização inculcam modelos diferentes de transição da juventude para a vida adulta: uma onde predominam valores associados ao desenvolvimento e enriquecimento pessoal, ou segundo Ferreira de Almeida, valores de recompensa sociocêntrica e intrínseca, e outra a que correspondem valores de subsistência económica e de usufruto de benefícios materiais, ou seja valores de recompensa egocêntrica e extrínseca.

A segmentarização dos jovens em função da prevalência de valores materialistas ou pós-materialistas também se verifica ao nível das representações do dinheiro. De facto, e embora o perfil valorativo identificado permita concluir que em termos gerais, os valores pós-materialistas são predominantes, foi possível identificar subgrupos de jovens para os quais o dinheiro representa um objectivo fundamental de vida. Para os jovens oriundos das classes média alta e média baixa o dinheiro é determinante da auto-realização, bem como facilita a conquista de um emprego e de outros benefícios de natureza material. Estes jovens valorizam o dinheiro, essencialmente, pelo seu significado de prestígio e poder. Pelo contrário, os jovens da classe média desvalorizam o dinheiro como objectivo

de vida e remetem-no para uma função hedonista pela liberdade que proporciona de satisfazer alguns desejos pessoais.

Como princípios fundamentais de organização da sociedade, os jovens valorizam preferencialmente a necessidade de uma maior participação social. É particularmente importante a preservação e aumento dos direitos dos cidadãos, garantindo, assim, uma sociedade menos impessoal, mais pessoal e participativa. O perfil valorativo assumido pelos jovens estudantes do 10º, 11º e 12º anos do Concelho de Beja em relação à sociedade é, assim, predominantemente pós-materialista.

A análise combinada dos perfis valorativos em relação aos espaços e elementos analisados permite concluir que os valores pós-materialistas são os predominantes. No entanto, estes, como vimos, têm expressividades distintas em função das dimensões analisadas e das características sócio-económicas familiares dos jovens. Foi possível, por isso, discriminar sub-tendências mais pós-materialistas e menos pós-materialistas nos perfis identificados. Os valores representam códigos simbólicos que podem e devem ser medidos em função de uma escala “*contínua*” e não *polarizada* (Offe:1985). A escala valorativa tem, tal como constatado, posições intermédias entre os pólos materialista e pós-materialista. Foi em função dessa escala que identificámos, em geral, perfis mais pós-materialistas junto dos jovens da classe média e menos pós-materialistas entre os jovens das classes média alta e média baixa. O ambiente familiar constitui, assim, o principal factor discriminante dos perfis valorativos encontrados.

Apesar de todas as alterações que se registraram ao longo da evolução da vida em sociedade, a relação pais-filhos continua a ser a base da construção e estruturação da identidade de qualquer jovem. A construção da identidade e dos referenciais simbólico-valorativos é assim um processo eminentemente relacional e referencial (Dubar, 1996 (1991)).

4.4. AS ASPIRAÇÕES PROFISSIONAIS DOS JOVENS

As aspirações profissionais são elementos estruturantes e estruturadores do processo de construção da identidade social e profissional. Daí que, a sua análise e exploração tivesse sido considerada dimensão fundamental do presente estudo. Para operacionalização desse objectivo utilizámos como suporte instrumental o inquérito por questionário, e em concreto, as quatro questões que “mediram” as aspirações. Os procedimentos analíticos dividiram-se em 3 fases. Numa 1ª fase, foram construídas, com base nas respostas dos jovens às questões: “*Se tivesses oportunidade de seguir uma profissão qualquer, qual é a que escolherias?*” e “*Qual é a profissão que achas que vais ter?*”, as categorias profissionais correspondentes às aspirações. Para a construção dessas categorias utilizou-se a análise de conteúdo categorial temática. Seguidamente, e através da estatística descritiva, foi possível identificar os tipos de profissões e razões adjacentes mais significativas. Por último, e com recurso à análise por correspondências múltiplas, explorou-se a homogeneidade das aspirações profissionais em função das características sociográficas e dos perfis valorativos dos jovens.

4.4.1. AS PROFISSÕES DESEJADAS E OS SEUS MOTIVOS

A 1ª fase de tratamento dos resultados que consistiu na análise de conteúdo sob a forma categorial e temática das profissões e das razões de escolha apresentadas pelos jovens, procurou encontrar os “elos” de ligação entre as 91 profissões “virtuais”, e as 63 profissões “concretizáveis”, registadas. Ou seja, procurou-se construir uma tipologia ajustada às escolhas e ao tipo de razões invocadas pelos jovens. Os resultados obtidos conduziram à seguinte tipologia:

Quadro n.º 4.70

Os perfis das aspirações profissionais

CATEGORIAS	CÓDIGO	PERFIL PRÁTICO
Ar livre	1	Desejo de aventura, desafio. Gostar de viajar. Profissão sem rotina e ritmos de trabalho fixos.
Contabilidade	2	Controlar e gerir o meu negócio e o dos outros. Trabalhar com questões económicas /contabilísticas.
Esp. Científicas	3	Profissões de carácter técnico-científico. Especialização profissional numa determinada área onde existe apetência pelas matérias, assuntos.
Persuasivas/Rel. Públicas	4	Gosto pelo contacto com o público, implica capacidade de persuasão.
Artísticas	5	Oportunidade de desenvolver a capacidade artística.
Sociais	6	Oportunidade de ajudar e zelar pelos interesses de outros.
Administrativos	7	Gosto pelas tarefas de apoio à gestão.
Outros	8	Diversos tipos sem denominador prático comum.

Fonte: Inquérito

Questionados sobre a profissão que escolheriam se pudessem seguir uma qualquer (Quadro n.º 4.71), os jovens fazem recair as suas preferências sobre as profissões artísticas (19,7%), científicas(16,6%), sociais(15,9%), contabilísticas (13,4%) e as enquadradas na categoria Ar Livre (12,7%). Não existe assim nenhuma categoria profissional particularmente desejada, já que existe uma quase equidistribuição das escolhas pelas categorias definidas. Pelo contrário, são as profissões inseridas nas categorias: especialidades científicas e contabilísticas as que a maioria dos jovens considera exequíveis (Quadro n.º 4.71). Profissões como: *engenheiro civil, engenheiro mecânico, professor de sociologia, arquitecto de interiores, programador de informática, bióloga, juiz, engenheiro bioquímico, farmacêuta*, foram indicadas por 44,6% dos jovens. Em posições bastante modestas no “ranking” das profissões “concretizáveis” encontram-se as inseridas nas categorias: “Ar Livre”, “Persuasivas/ Relações Públicas” e “Artísticas”. Conclui-se a partir daqui que, para a maioria dos jovens estudantes do ensino secundário do Concelho de Beja, estas profissões têm poucas probabilidades de concretização, pelo que são remetidas para o campo dos sonhos e dos desejos “idílicos”. Ou seja, existem factores anexos à ponderação da exequibilidade de profissões como: *pintor, actor, piloto de*

aviões, cantor ou comerciante, que levam os jovens a abandonar essas opções quando confrontados com a necessidade de indicação das profissões que acham que vão ter.

Quadro n.º 4.71

As aspirações profissionais “idílicas” e “concretizáveis”

Profissões “Virtuais”	Prof. que escolheria se pudesse seguir uma qualquer % coluna	Prof. que acha que vai ter % coluna
1- Ar livre	12,7	5,7
2- Contabilidade	13,4	12,1
3- Esp. Científicas	16,6	44,6
4- Persuasivas/Rel. Públicas	6,4	5,7
5- Artísticas	19,7	5,7
6- Sociais	15,9	4,5
7- Administrativas	1,9	2,5
8- Outras	8,3	5,2
9- Nenhuma / Desempregado		1,3
10- Não respondeu	5,1	10,2
Total	100,0	100,0

Fonte: Inquérito

Entre esses factores destacam-se os imperativos materialistas. De facto, são as razões inerentes a benefícios formais e instrumentais, tais como: “ *profissão onde vai ser mais fácil arranjar emprego, onde a taxa de desemprego é baixa, ou para qual é necessário estudar pouco...*” os mais invocados pelos jovens para justificação das escolhas das profissões que acham que vão ter (Quadro n.º 4.72). Este resultado evidencia que os jovens parecem estar preocupados e um pouco cépticos com os seus futuros profissionais. Face a um contexto sócio-económico local/ regional nada animador, e em que a taxa de desemprego é das mais significativas a nível nacional, é natural que os jovens tentem precaver-se contra possíveis imprevistos que afectem os seus trajectos profissionais, optando por profissões que “virtualmente” têm maior aceitabilidade no mercado e que lhes possibilitem, prospectivamente, um maior nível económico de vida.

OS VALORES E AS ASPIRAÇÕES PROFISSIONAIS DOS JOVENS:
O CASO DOS ESTUDANTES DO ENSINO SECUNDÁRIO DO CONCELHO DE BEJA

Quadro n.º 4.72

As razões das escolhas profissionais

	Prof. que escolheria se pudesse seguir uma qualquer % coluna	Prof. que acha que vai ter % coluna
1-Poder/ prestígio que permite	8,3	
2-Forma de ser útil	7,0	
3-Possibilidade de trabalhar naquilo que se gosta	40,6	11,5
4-Desafio/ enriquecimento pessoal	15,9	
5-Possibilidade de trabalhar naquilo que se sabe fazer	18,5	12,1
6-Benefícios instrumentais	3,9	22,1
7-Benefícios formais	3,8	33,9
8-Influência externa	1,3	
9-Não sabe explicar		7,7
10-Não respondeu	0,4	12,7
Total	100,0	100,0

Fonte: Inquérito

Legenda:

Categorias	Perfil	Categorias	Perfil
Poder/ prestígio que permite	Escolha motivada pela imagem e status da profissão.	Benefícios instrumentais	Escolha justificada a partir de aspectos instrumentais da profissão, tais como: "ganha-se bem", "tem prestígio", "permite-me ser conhecida e reconhecida pelos outros", ...
Forma de ser útil	Profissão que permite ser útil à sociedade.	Benefícios formais	Escolha justificada a partir dos aspectos formais da profissão, tais como: "é fácil arranjar emprego", "ascende-se facilmente na carreira", "não tem horário rígido",...
Possibilidade de trabalhar naquilo que se gosta	Interesse em trabalhar numa área por cujas matérias práticas e teóricas se nutre um gosto e interesse especial.	Influência externa	Escolha correspondente a sugestões ou conselhos externos
Desafio/ enriquecimento pessoal	Interesse em trabalhar numa área cujo desempenho prático implica o desafio	Não sabe explicar	Não existem razões conscientes, ou não as sabe explorar e explicar
Possibilidade de trabalhar naquilo que se sabe fazer	Profissão para a qual se tem apetência prática		

Esta constatação tem confirmação no resultado do cruzamento dos perfis de aspirações profissionais com as razões adjacentes apresentadas (Quadro n.º 4.73). Ao nível das profissões “concretizáveis”, em geral, e em concreto, ao nível das profissões científicas, verificamos que a maioria dos jovens invoca motivações instrumentais para a sua escolha. Esta tendência apenas é infirmada ao nível das profissões artísticas e sociais, já que os jovens que as indicaram justificam-nas com base em factores de natureza intrínseca. De facto, é o interesse em realizar o gosto e a capacidade pessoal a motivação preferencial invocada por estes jovens.

Quadro n.º 4.73

As profissões “concretizáveis”

Comparação de acordo com as razões apresentadas

	Ar livre	Admin./ Contab.	Espec. Cientificas	Persuasivo relações públicas	Artísticas	Sociais	Outra	Nenhuma Desem.	Não resp.	Total
Realização do gosto e capacidade pessoal	9 10,2% 100,0%	9 9,1% 34,8%	47 53,4% 17,1%	7 8,0% 77,8%	9 10,2% 100,0%	5 5,7% 81,4%	3 3,4% 50,0%			88 100% 23,6%
Benefícios instrumentais		15 34,1% 64,2%	22 50,0% 81,5%	2 4,5% 22,2%		1 2,3% 4,3%	3 6,8% 50,0%	1 2,3% 50,0%		44 100% 56,1%
N/ sabe N/r			1 4,0% 1,4%			1 4,0% 14,3%		1 4,0% 50,0%	22 88,0% 100,0%	25 100% 20,4%
Total	9 5,7% 100%	24 14,6% 100%	70 44,6% 100%	9 5,7% 100%	9 5,7% 100%	7 4,5% 100%	6 3,8% 100%	2 5,2% 100%	22 10,2% 100%	157 100% 100%

Fonte: Inquérito

Em relação às profissões “idílicas”, ou seja as que os jovens escolheriam se pudessem seguir uma qualquer, a motivação preferencial está associada aos benefícios intrínsecos que estas lhes podem proporcionar. Efectivamente, é a possibilidade de trabalhar naquilo que se

gosta e no que se sabe fazer, a principal razão apresentada pelos jovens para justificação das escolhas efectuadas ao nível das profissões “idílicas” (Quadro n.ºs 4. 72 e 4.74). Os factores materialistas associados ao poder/prestígio ou facilidades instrumentais e formais que as profissões podem proporcionar, têm, assim, e independentemente do título profissional, pouca expressividade neste campo.

Quadro n.º 4.74

As profissões “idílicas”

Comparação de acordo com as razões apresentadas

	Ar livre	Admin./ Contab.	Espec. Científicas	Persuasivo relações públicas	Artísticas	Sociais	Outra	Não sabe Não resp.	Total
Benefícios instrumentais		20 60,6%	6 18,2%	1 3,0%	1 3,0%	2 6,1%	2 6,1%	1 3,0%	33 100,0%
		27,2%	24,0%	10,0%	3,2%	8,0%	15,4%	33,3%	7,7%
Características práticas da profissão	12 30,0%	2 5,0%	1 2,5%	1 2,5%	10 25,0%	12 30,0%	2 5,0%		40 100,0%
	31,6%	8,3%	4,0%	10,0%	32,3%	40,0%	15,4%		15,3%
Realização do gosto e capacidade pessoal	6 8,2%	2 2,7%	16 21,9%	8 11,0%	20 27,4%	10 13,7%	9 12,3%	2 2,7%	73 100,0%
	63,2%	64,5%	64,0%	80,0%	64,5%	48,0%	69,2%	66,7%	75,0%
Influência externa, N/r , Não sabe	1 25,0%		2 50,0%			1 25,0%			4 100,0%
	5,3%		8,0%			4,0%			1,7%
TOTAL	19 12,7%	24 15,3%	25 16,6%	10 6,4%	31 19,7%	25 15,9%	13 8,3%	3 5,1%	157 100,0%
	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Inquérito

Em síntese, podemos concluir que as aspirações profissionais dos jovens estudantes do ensino secundário do Concelho de Beja têm contornos distintos em função do seu sentido “idílico” ou “concretizável”. Assim, ao nível das profissões que escolheriam se pudessem seguir uma qualquer, os jovens utilizam como critério fundamental de escolha o gosto e a capacidade de trabalho na área. Esta motivação preferencial influenciou as escolhas apresentadas, que cruzam áreas tão distintas como : *a pintura, o desporto, o*

cinema, o aeromodelismo, a aviação, as finanças, o serviço social, as especialidades financeiras. Pelo contrário, a escolha da profissão "exequível" é feita em função das condições salariais, do mercado de emprego, bem como, do prestígio social que esta pode proporcionar. Não é portanto de estranhar que a maioria dos jovens estudantes do ensino secundário do Concelho de Beja ache que vá ter (ou deseje ter) profissões científicas e técnicas, ou seja, as que "virtualmente" parecem inspirar, no actual mercado de trabalho, maior confiança para encarar o futuro profissional com mais segurança.

4.4.2. AS PROFISSÕES DESEJADAS: PERFIS SOCIOGRÁFICOS

A exploração da homogeneidade das aspirações profissionais dos jovens estudantes do ensino secundário do Concelho de Beja foi feita em duas fases. Na primeira fase procurou-se analisar o comportamento conjunto das variáveis de identificação sociográfica, com a representativa das escolhas efectuadas pelos jovens relativamente à profissão que queriam se pudessem seguir uma qualquer. Na segunda fase, o mesmo tipo de análise foi operacionalizado, mas em relação ao indicador representativo da profissão que os jovens acham que vão ter. A opção por este procedimento separado, justifica-se dada a evidência de diferenças entre o sentido das respostas apresentadas, numa e noutra situação, o que legitima a hipótese de identificação de perfis distintos de acordo com as opções profissionais ditas "idílicas" ou mais "exequíveis".

4.4.2.1. AS PROFISSÕES "ÍDILICAS"

O tratamento de correspondências múltiplas das variáveis relativas: ao sexo (ci1), ao ano de escolaridade (ano), à área vocacional (cie29), à via formativa (viaform), à profissão do pai (cif16pa) e da mãe (cif17ma), às habilitações literárias do pai e da mãe (CFHAG), ao seu estatuto profissional (IESTPAF) e ao rendimento mensal (cif25a) e, à representativa das

profissões ou categorias profissionais seleccionadas pelos jovens perante uma situação de pressuposta liberdade de escolha (vap97a), permitiu identificar duas dimensões que enquadram e discriminam as diferentes categorias das variáveis projectadas (Quadro n.º 4.75).

Quadro n.º 4.75

As duas dimensões de leitura do comportamento das características de identificação pessoal e familiar, e da profissão que o jovem escolheria se pudesse seguir uma qualquer

Dimensão	Valor próprio
Condições familiares (1)	,3076
Características dos jovens (2)	,2405

Fonte: Inquérito

Quadro n.º 4.76

Valores das discriminações de cada variável em cada dimensão

Variáveis	Dimensões	
	1	2
ANO	,001	,013
CI1	,028	,162
CIE29	,162	,262
CIF16PA	,557	,195
CIF17MA	,610	,164
CIF25A	,392	,002
CFHAG	,717	,125
IESTPAF	,434	,183
VIAFORM	,019	,215
VAP97A	,257	,458

Fonte: Inquérito

A primeira dimensão (Quadro n.º 4.76) é composta pelas variáveis que caracterizam as condições sócio-económicas da família: (1) habilitações literárias médias do agregado familiar (CFHAG), (2) categoria profissional da mãe (cif17ma), (3) categoria profissional do pai (cif16pa), (4) índice do

estatuto profissional do agregado familiar (cif25a) e (5) rendimento mensal dos pais.

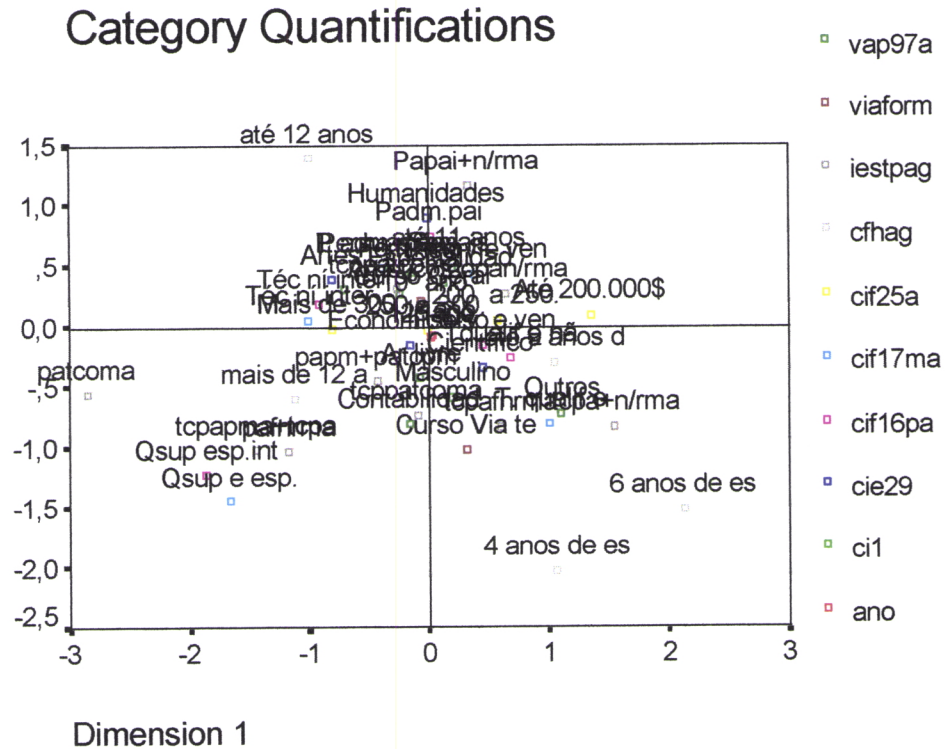
A 2ª dimensão agrega os indicadores (1) das aspirações profissionais “idílicas”, e das características dos jovens: (2) área vocacional de opção (cie29), (3) via formativa (viaform) e (4) sexo (ci1).

Face a estes resultados pode dizer-se que as dimensões que discriminam as aspirações profissionais “idílicas” assumidas pelos jovens são as características familiares e as suas próprias características. Assim, a primeira dimensão pode ser designada por Condições familiares e a 2ª dimensão por Características dos jovens (Quadro n.º 4.75). Com base nestas dimensões foi possível discriminar perfis de aspirações profissionais em função das condições familiares e das características dos jovens.

No Gráfico n.º4.6 estão projectadas sob duas dimensões, cada uma delas dividida por sua vez em dois quadrantes, as categorias das variáveis dispostas para análise. Face à significativa concentração de valores num curto espaço, a leitura do gráfico foi complementada com a análise discriminativa das coordenadas de cada categoria em cada dimensão.

Gráfico n.º 4.6

Projectção das variáveis do perfil sociográfico das aspirações profissionais “idílicas” nas dimensões 1 e 2



Fonte: Inquérito

Legenda:

<p>2º quadrante: “Artísticas”; “Sociais”; “Especialidades científicas”- aspirações profissionais “idílicas”; “Pessoal administrativo” e “Técnico de nível intermédio”-mãe e pai; “Até 12 anos de escolaridade”; “Trabalhador por conta de outrém pai e familiar não remunerado mãe”-representativo do estatuto profissional do pai e da mãe; “Artes”, “Curso Geral”, “Feminino”</p>	<p>1º quadrante: “Persuasivas/Relações públicas”- aspiração profissional “idílica”; “Pessoal de serviços e vendas”- representativo da categoria profissional da mãe e do pai; “11 anos de escolaridade”- média dos anos de escolaridade dos pais; “Trabalhador por conta de outrém pai e trabalhador por conta de outrém mãe, ou desempregada ou doméstica”, indicador do estatuto profissional dos pais, “Entre 200.000\$00 a 250.000\$00” de rendimento mensal; “Humanidades”</p>
<p>3º quadrante: “Ar livre”; “Administrativas/Contabilísticas”- aspirações profissionais “idílicas”; “Mais de 12 anos de escolaridade”- média dos anos de escolaridade dos pais; “Quadro superior ou especialista de profissões intelectuais”- categoria profissional do pai e da mãe, “Mais de 300.000\$00” de rendimento mensal; “Cien-Nat”</p>	<p>4º quadrante: “Outras”; “Não sabe / Não respondeu”- aspirações profissionais “idílicas”; “4”, “6”, “9 anos de escolaridade” média dos pais; “Até 200.000\$00” de rendimento mensal; “Económico – Social”; “Masculino”; “Via Tecnológica”.</p>

Os resultados demonstram combinações interessantes entre as variáveis que enquadram a dispersão das categorias profissionais seleccionadas pelos jovens, por cada um dos 4 quadrantes identificados.

A ideia prévia com que já se tinha ficado, aquando da construção dos perfis valorativos, de que o ambiente familiar constitui um factor de enquadramento e de discriminação estratégico para a análise do comportamento e das opiniões dos jovens, é reforçada a partir da leitura do Gráfico n.º 4.9. De facto, os distintos perfis de aspirações profissionais são enquadrados por ambientes sócio-económicos familiares específicos.

No 1º quadrante situam-se os jovens com um ambiente familiar enquadrado nos parâmetros da classe média, cujos pais cumpriram em média 11 anos de escolaridade e desempenham profissões no âmbito da categoria Pessoal de serviços e vendas, por iniciativa própria ou por conta de outrém. Estes jovens que frequentam Humanidades, têm como aspirações profissionais idílicas o desenvolvimento de uma carreira comercial por conta própria ou por conta de outrém, nomeadamente a de viajante ou delegado comercial.

O 2º quadrante é representativo dos jovens que definem como metas profissionais desejáveis, o desempenho de profissões artísticas, sociais ou de carácter científico, nomeadamente: *arquitecto ou estilista*. Este tipo de desejos profissionais “idílicos” é preferencialmente manifestado por jovens do sexo feminino que frequentam Artes em Via Geral, e que têm um quadro sócio-económico familiar ajustado aos parâmetros da classe média.

A combinação de variáveis disposta no 3º quadrante parece demonstrar que são os jovens com maiores recursos económicos e culturais, os que preferencialmente, seguiriam profissões contabilísticas ou as inseridas na categoria “Ar Livre” se pudessem escolher uma qualquer. De facto, os parâmetros relativos aos anos de escolaridade dos pais, às suas profissões e ao seu rendimento mensal assim o indicam

Por último, os desejos profissionais dos jovens que frequentam a Via Tecnológica e originários de ambientes familiares de poucos recursos (interpretado em função da combinação de variáveis de caracterização

profissional, económica e habilitacional dos pais) vão, preferencialmente, para profissões do tipo: *jogador de futebol, atleta, tratador de animais, doméstica, etc.*, inseridas na categoria “Outras”. São também estes jovens que revelam maior indecisão relativamente aos seus futuros profissionais. Esta é a leitura feita das projecções inseridas no 4º quadrante.

Em síntese, a discriminação dos perfis aspiracionais é efeito da combinação das condições familiares e de algumas características biográficas dos jovens. À família cabe um papel estratégico no processo de construção da identidade profissional do jovem, na medida em que é em função das condições implícitas e explícitas que a mesma fornece, que o jovem limita ou operacionaliza as suas opções profissionais e, conseqüentemente, o percurso formativo para as concretizar. A confirmação dessa influência é particularmente paradoxal se ponderarmos a relação implícita existente entre as profissões dos pais e as escolhas profissionais dos filhos. De facto, os perfis que desenhámos para o 1º quadrante e para o 4º quadrante parecem ser fruto dessa relação. Assim, os pais dos jovens que manifestaram o desejo “idílico” de desempenhar profissões comerciais, são também eles profissionais deste sector. Por outro lado, os pais dos jovens que se mostram mais indecisos são os que têm as profissões com mais baixo nível de qualificação. Os seus perfis profissionais estão, regra geral, associados a situações de emprego precário, e até de desemprego, o que projecionalmente influencia a forma como os filhos encaram o futuro, e o futuro profissional em particular. Este tipo de ambiente familiar é propício ao desinvestimento formativo e ao abandono escolar que parece estar implícito nas escolhas e indecisão reveladas por estes jovens.

4.4.2.2. AS PROFISSÕES “CONCRETIZÁVEIS”

O tratamento múltiplo das variáveis de identificação sociográfica e da profissão que o jovem acha que vai ter (vap99a), permitiu identificar duas dimensões de leitura dos resultados.

Quadro n.º 4.77

As duas dimensões de leitura do comportamento das características de identificação pessoal e da profissão que o jovem acha que vai ter

Dimensão	Valor Próprio
Condições familiares (1)	,3145
Características dos jovens (2)	,2437

Fonte: Inquérito

Da leitura das quantificações das discriminações por variável em cada dimensão (Quadro n.º 4.78), verifica-se que, e no relativo à 1ª (tal como verificado na análise precedente), são as variáveis de “construção” do ambiente familiar as que apresentam maior poder discriminante, isto é: (1) habilitações literárias médias do agregado familiar (CFHAG), (2) categoria profissional da mãe (cif17ma), (3) categoria profissional do pai (cif16pa), (4) índice do estatuto profissional (IESTPAF) e (5) rendimento mensal dos pais (cif25a).

A 2ª dimensão agrega as variáveis de caracterização individual e a de identificação das aspirações profissionais “concretizáveis”: (1) aspiração profissional “concretizável” (vap99a), (2) área vocacional de opção (cie29) e (3) sexo (ci1).

A leitura das quantificações por variável também permite constatar que, não existem diferenças significativas entre os perfis de aspirações profissionais de acordo com o ano de escolaridade e a via formativa, já que estas apresentam fraco ou quase nulo poder discriminativo. Face a estes resultados pode dizer-se que as dimensões que discriminam as aspirações profissionais “concretizáveis” dos jovens são, essencialmente, as características familiares, o sexo e a área vocacional dos jovens.

Quadro n.º 4.78

Valores das discriminações de cada variável em cada dimensão

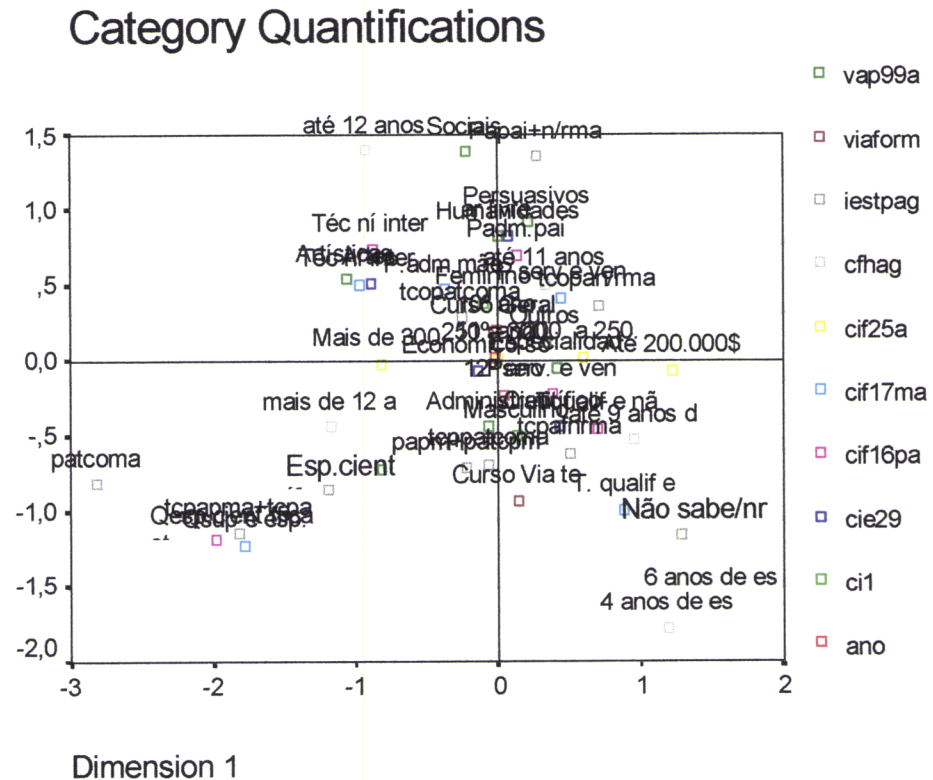
Variável	Dimensão	
	1	2
ANO	,001	,032
CI1	,014	,211
CIE29	,072	,232
CIF16PA	,577	,162
CIF17MA	,622	,164
CIF25A	,384	,001
CFHAG	,707	,194
IESTPAF	,412	,112
VIAFORM	,004	,078
VAP99A	,152	,300

Fonte: Inquérito

A leitura das projecções que constam no Gráfico n.º 4.7 permitiu identificar quatro subgrupos de combinações de variáveis. Estes quatro subgrupos foram construídos, essencialmente, em função de combinações específicas entre o tipo de profissões desejado e os elementos de caracterização do ambiente familiar, já que em relação ao sexo e à área vocacional de opção só foram discriminadas diferenças ao nível da 2ª dimensão. No relativo aos ambientes familiares, o “design” projecional é em tudo semelhante ao concretizado na análise precedente, isto é, no 1º quadrante estão associadas as categorias que estruturam um ambiente familiar de origem de nível médio/ médio baixo; no 2º quadrante, de nível médio, no 3º quadrante de nível médio alto, e no 4º quadrante, de nível baixo.

Gráfico n.º 4.7

Projectção das variáveis do perfil sociográfico das aspirações profissionais
“concretizáveis” nas dimensões 1 e 2



Fonte: Inquérito

Legenda:

<p>2º quadrante: “Sociais”, “Artísticas”- aspirações profissionais “concretizáveis”; “Pessoal administrativo” e “Técnico de nível intermédio”-mãe e pai; “Até 12 anos de escolaridade”; “Trabalhador por conta de outrém pai e familiar não remunerado mãe”- representativo do estatuto profissional do pai e da mãe; “Feminino”,</p>	<p>1º quadrante: “Ar livre”; “Persuasivas/Relações públicas”-aspirações profissionais “idílicas”; “Pessoal de serviços e vendas”- representativo da categoria profissional da mãe e do pai; “11 anos de escolaridade”- média dos anos de escolaridade dos pais; “Trabalhador por conta de outrém pai e trabalhador por conta de outrém mãe, ou desempregada ou doméstica”, indicador do estatuto profissional dos pais, “Entre 200.000\$00 a 250.000\$00” de rendimento mensal.</p>
<p>3º quadrante: “Especialidades científicas”; “Administrativas/Contabilísticas”-aspirações profissionais “idílicas”; “Mais de 12 anos de escolaridade”- média dos anos de escolaridade dos pais; “Quadro superior ou especialista de profissões intelectuais”- categoria profissional do pai e da mãe, “Mais de 300.000\$00” de rendimento mensal</p>	<p>4º quadrante: “Nenhuma/ Desempregado”; :”Outras”; “Não sabe / Não respondeu”- aspirações profissionais “idílicas”; “4”, “6”, “9 anos de escolaridade” média dos pais; “Até 200.000\$00” de rendimento mensal; “Masculino”</p>

A leitura do 1º quadrante permite concluir que são os jovens inseridos num ambiente familiar com parâmetros sócio-económicos consentâneos com os níveis da classe média / média baixa, os que preferencialmente, apresentaram como aspirações “concretizáveis” profissões na área “Relações públicas/ Persuasivas”. Tal como constatado ao nível das profissões “idílicas”, o ambiente familiar parece exercer para a construção deste perfil um papel estratégico, já que os pais destes jovens também exercem profissões nesta área. São também estes jovens que agora, preferencialmente, invocam profissões inseridas na categoria “Outras”, tais como: *tratador de animais, carpinteiro, doméstica*.

O 2º quadrante é representativo dos jovens que acham que vão ter profissões sociais e artísticas. O desejo de concretização deste tipo de profissões é preferencialmente manifestado por jovens do sexo feminino que frequentam Artes e originários de famílias da classe média.

As profissões inseridas nas categorias “Especialidades científicas” e as “Administrativas e Contabilísticas”, são por sua vez escolhidas pelos jovens da classe média alta/ alta. Esta constatação feita a partir da leitura do 3º quadrante, ajusta-se ao prestígio social inerente a este tipo de profissões, bem como, parece demonstrar a influência do ambiente familiar, já que os pais destes jovens são “Quadros superiores e especialistas de profissões intelectuais”, em ramos e actividades bastante semelhantes às escolhidas pelos seus filhos.

As respostas “Não sei/ não respondeu” e “Nenhuma” estão projectadas no 4º quadrante, enquadradas num ambiente familiar em que os pais têm os mais baixos índices de escolaridade, bem como desempenham profissões com baixos ou nenhum tipo de qualificação. Conclui-se então, que os jovens mais indecisos e mais cépticos, tal como verificado para as profissões idílicas, pertencem à classe baixa.

4.4.2.3. UMA TENTATIVA DE SÍNTESE

Os resultados encontrados e acima referenciados, corroboram a hipótese de que as aspirações profissionais dos jovens estudantes do ensino secundário do Concelho de Beja diferem em função dos ambientes

familiares. De facto, a discriminação dos perfis aspiracionais foi feita, essencialmente, em função das variáveis de caracterização familiar. As variáveis biográficas e formativas parecem, assim, não influenciar significativamente as opções profissionais.

Os resultados permitem também concluir que o poder *implícito* que a família tem sobre as aspirações profissionais dos jovens manifesta-se mais na componente concretizável do que na componente idílica das mesmas. Efectivamente, no primeiro nível, foi possível identificar uma correspondência mais evidente entre as profissões dos pais e as aspirações profissionais dos filhos:

- Pais: Quadros superiores e especialistas de profissões intelectuais – filhos: acham que vão ser : *médico, gestor, engenheiro, contabilista, bancário, etc...*
- Pais: Pessoal de serviços e vendas – filhos: acham que vão ser: *vendedores, agentes de seguro, comerciantes, guia, viajante, etc...*
- Pais: Trabalhador não qualificado, operário, doméstica – filhos: acham que vão ser: *atleta, jogador de futebol, doméstica ou não sabe, não respondeu.*

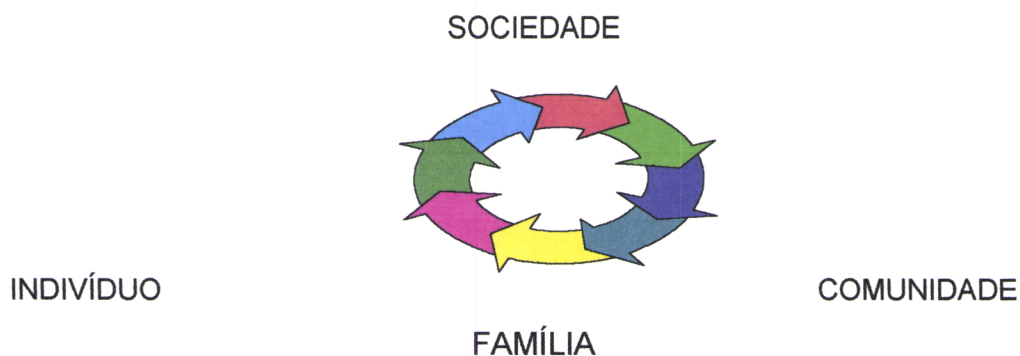
A componente mais independente, ou digamos menos pragmática, já que as escolhas não recaíram em áreas onde a missão de concretização de um emprego é à partida supostamente mais fácil, (profissões na área artística e social) parece ser assumida pelos jovens com um ambiente familiar cujos indicadores são consentâneos com o estatuto da classe média.

Tomando em consideração o prestígio das profissões escolhidas pelos jovens, podemos também concluir que as apresentadas ao nível da opção “concretizável” têm regra geral menor prestígio, do que as “idílicas”. Este desnível que se traduz na compressão das aspirações, é assumido como efeito da consciência, existente em muitos jovens, da dificuldade em garantir um emprego. De facto, são bastantes claros para alguns, os obstáculos que no futuro terão que enfrentar, inseridos que estão num espaço económico, estruturalmente deficitário. A estrutura local do emprego não é, como vimos, de molde a satisfazer algumas das aspirações apresentadas, pelo que, os

jovens, se não surgirem alternativas, terão que inevitavelmente abandoná-las ou “comprimi-las”. Num contexto macro de dificuldade generalizada na procura do 1º emprego, e num contexto micro em que a estrutura formativa e económica deixa antever um caminho difícil, senão impossível, na concretização de alguns dos projectos profissionais, o caminho preferencialmente escolhido pelos jovens (se é que existe escolha) é o de comprimir alguns desses desejos e inclusivamente transferi-los para o campo do puro sonho e fantasia. Na área do sonho e da fantasia, as limitações são muito mais “invisíveis” do que “visíveis”, daí que o campo das escolhas seja maior. De facto, e recorde-se, as profissões idílicas referidas pelos jovens superaram em género, tipo e número, as apresentadas para o sentido concretizável. Pelo contrário, quando confrontados com a questão: “Qual é a profissão que achas que vais ter?”, os jovens limitaram as suas escolhas aos tipos e exemplares “tradicionais”, tais como : *bancário, carpinteiro, arquitecto, militar, técnico de contas, oficial de justiça, professor, advogado...*

Em síntese, a leitura dos resultados permite concluir que as disposições aspiracionais são, sobretudo, efeito da interacção do jovem com a família – com a estrutura comunitária – com a estrutura social, ou se quisermos, construídas e seleccionadas de acordo com a matriz de opções formada em função da trilogia micro-meso-macro espaço social.

Figura 1 : O espaço social como factor estruturante e estruturador da construção identitária



4.4.3. ASPIRAÇÕES PROFISSIONAIS: PERFIS VALORATIVOS

A última etapa de análise de dados procurou explorar o comportamento inter-relacional dos eixos simbólicos que estruturam os perfis valorativos, e das categorias profissionais subjacentes às aspirações partilhadas pelos jovens, no sentido idílico ou concretizável. Através desta estratégia procurou-se corresponder a um dos objectivos do estudo, ou seja, analisar se as aspirações profissionais diferem em função dos quadros simbólico-valorativos dos jovens.

A análise de correspondências múltiplas foi dividida em duas fases. Na primeira fase procurou-se encontrar o perfil ou perfis valorativos subjacentes às aspirações profissionais no sentido “idílico”, e na segunda fase, concretizar o mesmo objectivo, mas em função das aspirações profissionais “concretizáveis”.

4.4.3.1. AS PROFISSÕES “IDÍLICAS”

O tratamento de correspondências múltiplas dos eixos simbólicos que compõem os perfis valorativos da família, dos amigos, da escola, do dinheiro e da sociedade, e do indicador das aspirações profissionais “idílicas” assumidas pelos jovens, permitiu identificar duas dimensões que enquadram e discriminam as diferentes categorias das variáveis projectadas (Quadro n.º4.79).

Quadro n.º 4.79

As duas dimensões de leitura do comportamento dos indicadores dos perfis valorativos e das aspirações profissionais “idílicas” dos jovens

Dimensão	Valor Próprio
Valores pós-materialistas (1)	,2813
Valores materialistas (2)	,2119

Fonte: Inquérito

A 1ª dimensão (Quadro n.º 4.80) é composta pelos indicadores dos eixos simbólicos dos perfis valorativos da família, dos amigos, da escola, do dinheiro e da sociedade centrados em valores pós-materialistas: (1) Maior participação social e “humanização” dos processos que regulam a sociedade (soc1a), (2) amigos: espaço influente sobre os projectos profissionais e pessoais (ami3a), (3) amigos: espaço de inter-ajuda e enriquecimento pessoal (ami1a), (4) família: espaço de preparação para a vida (fam3a), (5) família: espaço de segurança afectiva e de aconselhamento (fam1a), (6) estabilidade social (soc3a), (7) escola: espaço de aprendizagem e desenvolvimento das capacidades do “saber-fazer” individuais (esc3a) e (8) dinheiro: elemento não determinante da auto-realização.

A 2ª dimensão agrega as representações predominantemente materialistas das dimensões valorizadas: (1) ordem e coesão nacional (soc2a), (2) família: espaço de aquisição de uma posição na sociedade, (3) dinheiro: via de concretização e alcance de benefícios materiais (din2a), (4) dinheiro: meio de aquisição de uma posição na sociedade (din4a), (5) amigos: espaço de concretização de interesses lúdicos e hedonistas (ami2a), (6) escola: espaço de passagem obrigatória para usufruto futuro de compensações instrumentais (esc1a), (7) escola: espaço de aquisição de uma posição na sociedade (esc2a), (8) família: espaço de acesso a benefícios materiais (fam4a), (9) escola: espaço estruturador da relação indivíduo-sociedade (esc4a) e (10) amigos: espaço de aquisição de uma posição na sociedade. Face a estes resultados pode dizer-se que as aspirações profissionais “idílicas” discriminam-se em função do perfil valorativo mais materialista ou pós-materialista assumido pelos jovens. Assim, a 1ª dimensão pode ser designada por Valores pós-materialistas e a segunda por Valores materialistas (Quadro n.º 4.79). Com base nestas dimensões foi possível discriminar perfis de aspirações profissionais “idílicas” em função dos valores predominantes assumidos pelos jovens.

Quadro n.º 4.80

Valores das discriminações de cada variável em cada dimensão

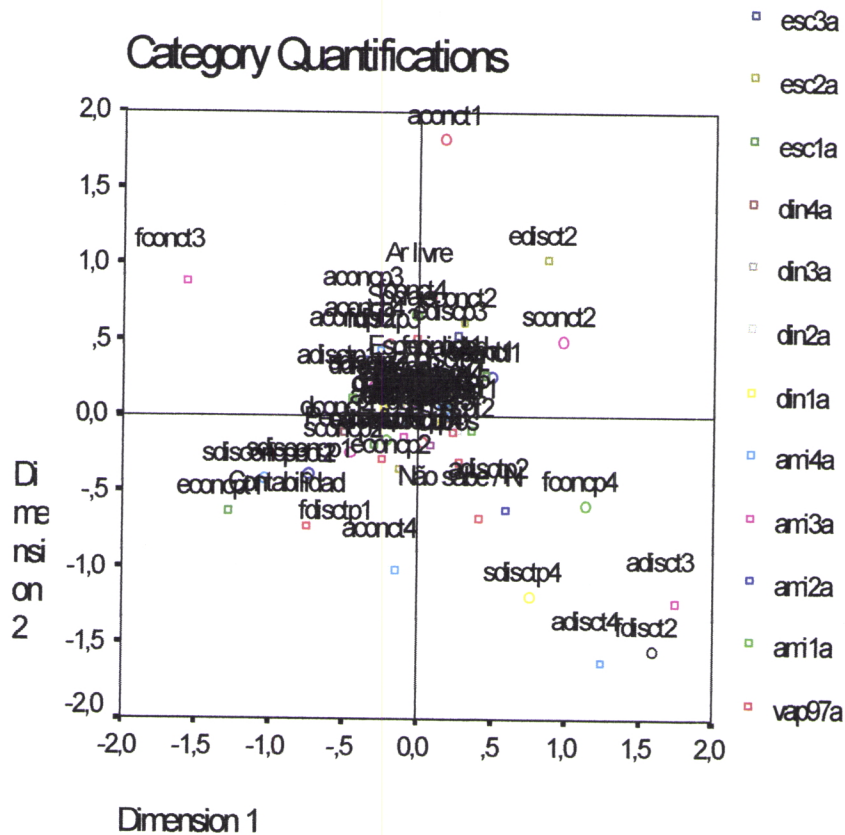
Variável	Dimensão	
	1	2
VAP97A	,245	,124
AMI1A	,205	,011
AMI2A	,119	,205
AMI3A	,315	,018
AMI4A	,113	,163
DIN1A	,138	,002
DIN2A	,037	,215
DIN3A	,016	,004
DIN4A	,092	,210
ESC1A	,092	,202
ESC2A	,069	,180
ESC3A	,192	,029
ESC4A	,003	,170
ESC5A	,014	,094
FAM1A	,198	,157
FAM2A	,128	,237
FAM3A	,208	,116
FAM4A	,185	,175
SOC1A	,449	,099
SOC2A	,116	,239
SOC3A	,166	,027
SOC4A	,023	,130

Fonte: Inquérito

Apesar da significativa concentração de valores junto da origem dos quatro quadrantes (Gráfico n.º 4.8) construídos a partir das duas dimensões acima referidas, foi possível identificar quatro sub-grupos de perfis valorativos das aspirações profissionais “idílicas”.

Gráfico n.º 4.8

Projectação das variáveis do perfil valorativo das aspirações profissionais
“idílicas” nas dimensões 1 e 2



<p>2º quadrante: “Artísticas”; “Sociais”, “Especialidades científicas”; fdisct2- discordância total com a imagem da família como espaço condicionante do papel social e profissional; fconct3- concordância total com a representação da família como espaço de preparação para a vida; fdisct4- discordância com a imagem da família como espaço de concretização de benefícios “materialistas”; adiscp2- discordância parcial com a imagem dos amigos como espaço condicionante da imagem social ambicionada; aconcp3- concordância parcial com a consideração dos amigos como espaço de influência sobre os projectos profissionais e pessoais; econcp3- concordância parcial com a imagem da escola como espaço de aprendizagem e desenvolvimento das capacidades do saber-fazer; sdiscp2- discordância parcial sobre o reconhecimento da necessidade dos mecanismos associados a elementos de coesão e ordem social; sconcp3- concordância parcial com a necessidade de estabilidade social</p>	<p>1º quadrante: “Persuasivas/Relações Públicas” fconpt1 – concordância parcial a total sobre a consideração da família como espaço de enriquecimento pessoal e segurança afectiva; edisc2 e econcp2 – discordância total a concordância parcial com a imagem de que a escola é um espaço de aprendizagem e preparação para a vida; aconct1- concordância total com a representação da escola como espaço de inter-ajuda e enriquecimento pessoal; dconct1 – concordância com a representação do dinheiro como elemento não determinante da auto-realização; sconcp1- concordância com a necessidade da participação social na sociedade.</p>
---	--

OS VALORES E AS ASPIRAÇÕES PROFISSIONAIS DOS JOVENS:
O CASO DOS ESTUDANTES DO ENSINO SECUNDÁRIO DO CONCELHO DE BEJA

<p>3º quadrante: “Ar livre”, “Administrativas/Contabilísticas”; fdisctp1- discordância total a parcial sobre o reconhecimento da família como espaço de enriquecimento pessoal e segurança afectiva; fdisct3- discordância total com a imagem da família como espaço de construção pessoal; econcpt1- concordância parcial a total acerca da representação da escola como espaço de passagem obrigatória para usufruto de benefício materiais; econcp2- concordância parcial sobre o reconhecimento da escola como espaço de aquisição de uma posição na sociedade; aconct4- concordância total sobre a identificação dos amigos como espaços de influência sobre o papel e status social ambicionado; sdisconcp1- discordância a discordância parcial com a necessidade de uma maior participação social e “humanização” dos processos que regulam a sociedade</p>	<p>4º quadrante: “Outras”, “Não sabe/ Não respondeu”; fconct2- concordância com o reconhecimento da família como espaço condicionante do papel social ambicionado; fconct4- concordância total com a imagem da família como espaço de acesso a benefícios de natureza “material”; aconct2- concordância total com a representação dos amigos como espaço de concretização de interesses lúdicos e hedonistas; adisct3 e adisct4- discordância total com o reconhecimento dos amigos como espaços de influência sobre os projectos pessoais e profissionais, bem como sobre o papel e status ambicionado; edisct3- discordância total com a imagem da escola como espaço de aprendizagem e desenvolvimento das capacidades do “saber-fazer”; sconct2- concordância total com a necessidade de ordem e coesão social; sconctp4- concordância total com a necessidade do controle de aspectos sociais associados à estabilidade económica.</p>
--	--

No 1º quadrante situam-se os jovens que escolheriam profissões inseridas na categoria Persuasivas/ Relações Públicas se pudessem seguir uma qualquer. Estes jovens distinguem-se também pelos seus perfis valorativos, predominantemente, pós-materialistas. De facto, estes jovens valorizam o papel da família e dos amigos na construção pessoal, discordam parcialmente com as imagens da escola como espaço de aprendizagem e do dinheiro como objectivo de vida e assumem claramente a necessidade de uma maior participação social na sociedade.

As aspirações profissionais associadas às componentes : “Artística” e “Social”, e à técnica, representada pela categoria: “Especialidades científicas”, projectadas no 2º quadrante, são enquadradas por um perfil valorativo predominantemente pós-materialista. De facto, são os valores intrínsecos os que predominam nos eixos simbólicos mais discriminantes neste quadrante. No perfil valorativo dos jovens que assumem estas opções, destacam-se as posições de concordância com a imagem da família como espaço de construção pessoal e preparação para a vida e de discordância com a imagem de ser esta um espaço de concretização de benefícios materiais. Para a concretização e alcance destes, contam, também, estes

jovens com a ajuda dos amigos, aos quais simultaneamente reconhecem as funções de aconselhamento e colaboração para a definição dos projectos profissionais e pessoais. A necessidade de manter a ordem no país e umas forças armadas fortes são componentes sociais que desvalorizam.

As combinações valorativas que se evidenciam no 3º quadrante, parecem demonstrar o espírito tendencialmente materialista dos jovens que escolheram profissões “idílicas” no âmbito da administração e contabilidade ou inseridas na categoria “Ar Livre”. As categorias valorativas que se discriminam neste espaço, estão essencialmente associadas aos objectivos: imagem e status social, e em particular à consideração da escola ou dos amigos como espaços para a sua concretização. Ao considerarem a escola, tal como os amigos, espaços de influência sobre o processo de integração social e de aquisição de uma posição na sociedade, estes jovens revelam o sentido utilitário com que vêem as relações que desenvolvem com estas “instituições sociais”. Consentâneo com tal, destaca-se também, o não reconhecimento da família como espaço de enriquecimento pessoal e segurança afectiva. Os “focus” de atenção destes jovens, vão sobretudo para os fins e não para os meios, numa lógica de utilização dos últimos (meios) para alcançar os primeiros (fins).

A partir da leitura do 4º quadrante podemos assumir que os jovens mais indecisos ou cépticos relativamente ao futuro profissional assumem valores predominantemente materialistas. Estes jovens não valorizam o papel colaborador da família ou dos amigos na concretização dos projectos pessoais, e profissionais em particular, e consideram-os, preferencialmente, espaços de concretização de benefícios de natureza “extrínseca”. Para estes jovens, os amigos servem fundamentalmente para ocupar os tempos livres. No perfil valorativo destes jovens também se destacam as suas posições de concordância relativamente à necessidade de manter a ordem e coesão nacional, bem como a estabilidade económica.

A análise por quadrantes permitiu a construção de perfis valorativos específicos em função das aspirações profissionais. Evidencia-se assim a importância dos posicionamentos valorativos na construção da identidade

profissional. Associado a determinados tipo de aspirações profissionais “idílicas” encontrámos perfis valorativos mais ou menos materialistas. Os valores materialistas enquadram as profissões administrativas, contabilísticas, científicas e outras, e os valores pós-materialistas, as profissões sociais, artísticas e as inseridas na categoria “Persuasivas/Relações públicas”.

4.4.4.2. AS PROFISSÕES “CONCRETIZÁVEIS”

Nesta fase do tratamento múltiplo das variáveis procurou-se identificar os perfis valorativos subjacentes às aspirações profissionais “concretizáveis”. O tratamento efectuado conduziu à delimitação de duas dimensões de leitura.

Quadro n.º 4.81

As duas dimensões de leitura do comportamento dos indicadores dos perfis s valorativos e das aspirações profissionais “concretizáveis” dos jovens

Dimensão	Valor Próprio
Valores pós-materialistas (1)	,2369
Valores materialistas (2)	,2103

Fonte: Inquérito

A primeira dimensão (Quadro n.º 4.82) é composta pelos indicadores dos eixos simbólicos pós-materialistas: (1) amigos: espaço influente sobre os projectos profissionais e pessoais (ami3a), (2) maior participação social e “humanização” dos processos que regulam a sociedade (soc1a), (3) estabilidade social (soc3a), (4) família: espaço de preparação para a vida (fam3a), (5) família: espaço de segurança afectiva e de aconselhamento (fam1a), (6) amigos: espaço de inter-ajuda e enriquecimento pessoal (ami1a), (7) dinheiro: elemento não determinante da auto-realização (din1a), (8) escola: espaço de aprendizagem e desenvolvimento das capacidades do “saber-fazer” (esc3a) e (9) amigos: espaço de aquisição de uma posição na sociedade (ami4a).

A 2ª dimensão é composta, por sua vez, pelos indicadores dos eixos simbólicos materialistas: (1) escola: espaço de passagem obrigatória para usufruto de compensações “instrumentais” (esc1a), (2) ordem e coesão nacional (soc2a), (3) família: espaço de aquisição de uma posição na sociedade (fam2a), (4) amigos: espaço de concretização de interesses lúdicos e hedonistas (ami2a), (5) amigos: espaço de aquisição de uma posição na sociedade (din4a), (7) escola: espaço de aquisição de uma posição na sociedade (esc2a), (8) dinheiro: via de concretização e alcance de benefícios materiais (din2a) e (9) família: espaço de acesso a benefícios materiais (fam4a). Em face destes resultados, as aspirações profissionais “concretizáveis” discriminam-se em função dos posicionamentos mais materialistas ou pós-materialistas dos jovens.

Quadro n.º 4.82

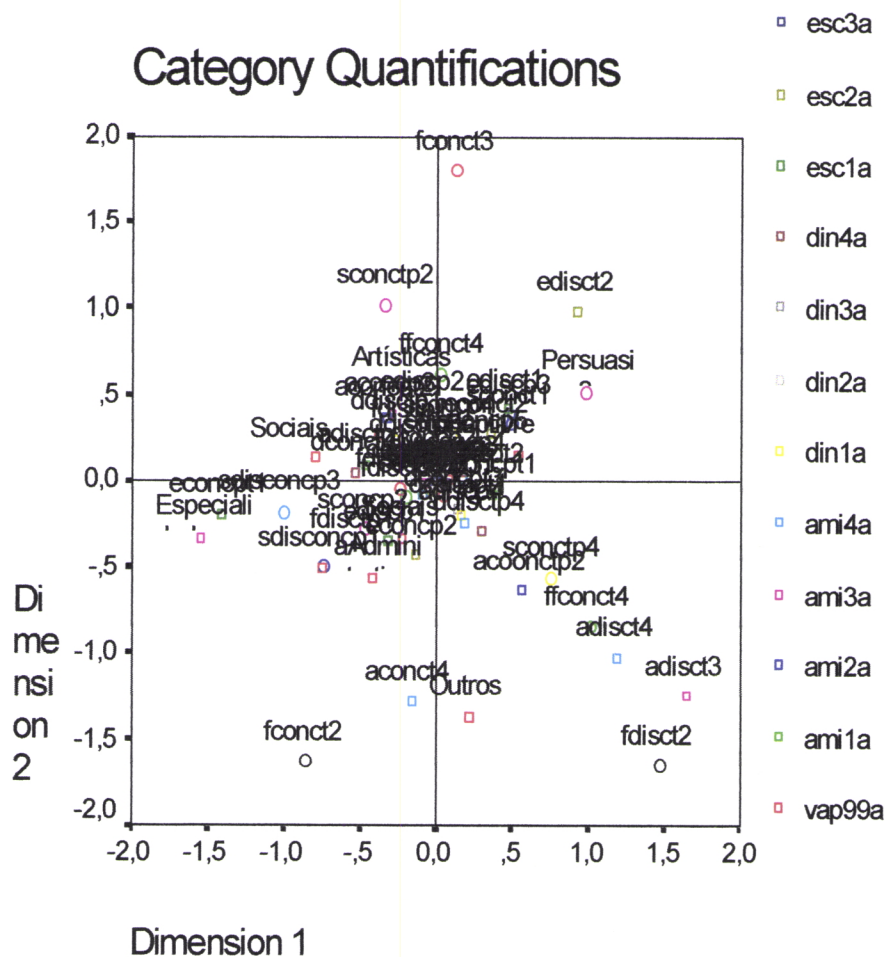
Valores das discriminações de cada variável em cada dimensão

Variável	Dimensão	
	1	2
VAP99A	,332	,229
AMI1A	,169	,007
AMI2A	,018	,235
AMI3A	,385	,086
AMI4A	,141	,223
DIN1A	,142	,055
DIN2A	,040	,200
DIN3A	,017	,024
DIN4A	,107	,215
ESC1A	,044	,316
ESC2A	,081	,213
ESC3A	,141	,002
ESC4A	,001	,100
ESC5A	,019	,014
FAM1A	,207	,059
FAM2A	,054	,250
FAM3A	,211	,129
FAM4A	,051	,192
SOC1A	,365	,163
SOC2A	,053	,257
SOC3A	,257	,005
SOC4A	,014	,122

Fonte: Inquérito

Gráfico n.º 4.9

Projecção das variáveis do perfil valorativo das aspirações profissionais
“concretizáveis” nas dimensões 1 e 2



Legenda:

<p>2º quadrante: “Artísticas”; “Sociais”, fdisct2- discordância total com a imagem da família como espaço condicionante do papel social e profissional; fdisct4- discordância com a imagem da família como espaço de concretização de benefícios “materialistas”; aconst3 e aconcp3- concordância parcial a total sobre a consideração dos amigos como espaço de influência sobre os projectos profissionais e pessoais; econcp3- concordância parcial com a imagem da escola como espaço de aprendizagem e desenvolvimento das capacidades do saber-fazer; sdiscp2- discordância parcial sobre o reconhecimento da necessidade dos mecanismos associados a elementos de coesão e ordem social; sconcp3- concordância parcial com a necessidade de estabilidade social</p>	<p>1º quadrante: “Persuasivas/Relações Públicas” “Ar livre”; fconpt1 – concordância parcial a total sobre a consideração da família como espaço de enriquecimento pessoal e segurança afectiva; fconct3- concordância com o reconhecimento da família como espaço de enriquecimento pessoal; edisct2 e econcp2 – discordância total a concordância parcial com a imagem de que a escola é um espaço condicionante da imagem social ambicionada; edisc4- discordância com a imagem da escola como espaço de passagem para usufruto de compensações instrumentais; sconcp1- concordância com a necessidade da participação social na sociedade.</p>
---	--

OS VALORES E AS ASPIRAÇÕES PROFISSIONAIS DOS JOVENS:
O CASO DOS ESTUDANTES DO ENSINO SECUNDÁRIO DO CONCELHO DE BEJA

<p>3º quadrante: "Administrativas/Contabilísticas"; "Especialidades científicas"; fdisctp1- discordância total a parcial sobre o reconhecimento da família como espaço de enriquecimento pessoal e segurança afectiva; fconct2- concordância total com a imagem da família com espaço condicionante do papel social do indivíduo; econcp2- concordância parcial sobre o reconhecimento da escola como espaço condicionante da imagem social ambicionada; aconct4- concordância total sobre a identificação dos amigos como espaços de influência sobre o papel e status social ambicionado; sdisconcp1- discordância a discordância parcial com a mensagem de reconhecimento da necessidade de aspectos associados à participação social na sociedade e maior "humanização" dos processos</p>	<p>4º quadrante: "Outras", "Nenhuma/ Desempregado" "Não respondeu"; fdisct2- discordância com o reconhecimento da família como espaço condicionante do papel social ambicionado; fconct4- concordância total com a imagem da família como espaço de acesso a benefícios de natureza "material"; aconctp2- concordância total com a representação dos amigos como espaço de concretização de interesses lúdicos e hedonistas; adisct3 e adisct4- discordância total com o reconhecimento dos amigos como espaços de influência sobre os projectos pessoais e profissionais, bem como sobre o papel e status ambicionado; edisct3- discordância total com a imagem da escola como espaço de aprendizagem e desenvolvimento das capacidades do "saber-fazer"; sconct2- concordância total com a necessidade de ordem e coesão social; sconctp4- concordância total com a necessidade do controle de aspectos sociais associados à estabilidade económica.</p>
--	---

Como é visível no Gráfico n.º 4.9, verifica-se uma significativa concentração de valores junto da origem dos quatro quadrantes construídos a partir das duas dimensões acima referidas. Uma leitura mais atenta das projecções permite, no entanto, identificar 4 sub-grupos de jovens que se discriminam pelos seus posicionamentos valorativos e pelas suas aspirações profissionais "concretizáveis". Entre esses 4 sub-grupos verifica-se uma maior interligação entre os construídos a partir do 1º, 2º e 3º quadrantes, já que o 4º quadrante é interpretado como representativo do conjunto de jovens que "assumem" uma posição "marginal" em relação ao processo de construção da identidade profissional. Essa marginalidade porventura sinónimo de alienação, é identificada a partir do posicionamento, definido como mais céptico, assumido pelos jovens que indicaram a opção: "Nenhuma / Desempregado" como a que melhor respondia à profissão que acham que vão ter (vap99a). São, portanto, marginais face a uma tendência maioritária, demonstrada pelo grupo alvo em estudo de apresentação de pelo menos uma profissão "exequível". Os jovens que assumem este tipo de posicionamento caracterizam-se também pela valorização preferencial que atribuem à família e aos amigos, como espaços de acesso a benefícios de

natureza material ou de concretização de interesses lúdicos e hedonistas. A dimensão - participação e colaboração na definição dos projectos pessoais e profissionais futuros, não é considerada como relevante na relação que mantêm com estes espaços. Caberá perguntar se este posicionamento resulta, pura e simplesmente, da sub-valorização da acção da escola e da família neste campo, ou se o mesmo é reflexo do cepticismo com que vêem o futuro, nomeadamente o profissional, que os leva a menosprezar qualquer tipo de ajuda . Entre a opção pessoal e opção social forçada, se joga a lógica implícita dos posicionamentos valorativos e aspiracionais assumidos como específicos deste grupo, identificado no 4º quadrante.

Nos espaços que compreendem o 1º, 2º e 3º quadrantes estão representadas, lógicas de posicionamento diferentes em relação ao futuro profissional. Esta interpretação resulta do facto de aqui estarem representadas as opções profissionais assumidas, o que contrasta com a dúvida e incerteza identificada na leitura das projecções do 4º quadrante. As combinações entre os grupos profissionais escolhidos são exactamente as mesmas do que as registadas aquando da exploração do perfil sociográfico subjacente a essas escolhas. Assim, no 1º quadrante constam as categorias profissionais “concretizáveis” : “Ar Livre” e “Persuasivas/Relações Públicas”, no 2º quadrante, as profissões artísticas e sociais e no 3º quadrante as profissões administrativas/ contabilísticas e as especialidades científicas.

Os jovens que acham que vão ter profissões artísticas e sociais (2º quadrante) têm valores predominantemente pós-materialistas. De facto, no perfil valorativo destes jovens destaca-se o reconhecimento de que a família e a escola são espaços de construção pessoal e preparação para a vida, bem como estruturantes da relação indivíduo – sociedade.

O conjunto de projecções que compõem o 3º quadrante é por sua vez interpretado como representativo de um perfil valorativo predominantemente instrumental ou materialista. Destacam-se do conjunto, as valorizações da família como via de acesso a benefícios de natureza material, e dos amigos como espaço de aquisição de uma posição na sociedade. Os jovens que

acham que vão ter profissões administrativas, contabilísticas ou inseridas na categoria das especialidades científicas, caracterizam-se e distinguem-se, assim, por assumirem valores predominantemente materialistas.

Ao nível do 1º quadrante discrimina-se uma relação preferencial entre as escolhas: profissões de carácter comercial e persuasivo e as inseridas na categoria: “Ar livre”, e os posicionamentos valorativos que representam a família e os amigos como espaços condicionantes do papel social e profissional ambicionado. Este tipo de posicionamento valorativo parece evidenciar que os jovens que os assumem vêem com apreensão o futuro profissional, daí que reconheçam a família e os amigos como espaço de ajuda no processo de integração e projectem neles o papel de colaboradores no processo de aquisição de uma posição na sociedade. Esta constatação vai ao encontro da relação implícita existente, já oportunamente realçada, entre as escolhas profissionais e as profissões dos pais, que recorde-se era particularmente paradoxal ao nível dos jovens que acham que vão ter profissões comerciais. Os pais destes jovens também desempenham profissões nesta área.

4.4.3.3. UMA TENTATIVA DE SÍNTESE

Sem procurar uma padronização hermética, parece exequível, a partir dos resultados alcançados, afirmar que subjacente a determinado tipo de escolhas profissionais (ou não escolhas) estão perfis valorativos e representacionais relativamente distintos. A condição cultural e simbólica do jovem tem de facto, um papel determinante no processo de construção da sua identidade.

Em função desta constatação foi possível discriminar as profissões onde a lógica de compensação intrínseca /pós-materialista é mais importante e onde é menos importante. Assim, podemos concluir que os jovens que escolhem profissões inseridas nas categorias: “Sociais” e “Artísticas” têm, predominantemente, valores pós-materialistas ou intrínsecos. Pelo contrário, os jovens que escolhem profissões de carácter administrativo e

contabilístico, ou inseridas na categoria das “Especialidades científicas”, têm valores predominantemente materialistas. Apesar desta tipificação existe um sentido de continuidade que cruza todos os perfis valorativos encontrados para as aspirações profissionais “concretizáveis” e “idílicas”. De facto, esses perfis demonstram apenas a prevalência mais acentuada de certos valores materialistas ou pós-materialistas, daí que a sua interpretação no sentido puramente dicotómico é necessariamente redutora. Os perfis valorativos são sínteses dos posicionamentos onde se cruzam valores mais pós-materialistas e mais materialistas.

4.5. OS VALORES E AS ASPIRAÇÕES PROFISSIONAIS DOS JOVENS

Partiu-se para a execução deste estudo de uma hipótese de *expressividade*, isto é, que as aspirações profissionais estão associadas a quadros valorativos e familiares específicos. Associação com expressividade e sentidos próprios de acordo com o contexto social em que esta se materializa. Para além disso, também considerou-se a família, os amigos, a escola e o dinheiro espaços estruturantes e estruturadores das aspirações profissionais. Foi em função desses mesmos espaços que interpretamos os perfis aspiracionais e os valorativos. À medida que estas associações de *expressividade* ou simbólicas foram operacionalizadas procurou-se explorar tendências de conjunto que nos permitiram identificar diferenças e aproximações. Foi a partir destas que construímos a matriz de posicionamentos tipo assumidos pelo grupo alvo em estudo, ou seja os jovens estudantes do ensino secundário do Concelho de Beja, junto dos quais procuramos captar a expressividade local e situacional da inter-relação valores e aspirações profissionais.

Os jovens que estudámos passam, neste momento, por uma fase fundamental no processo de desenvolvimento biológico, psicológico e social. A fase que compreende os 15/16 anos, e que em termos formativos coincide com o fim da escolaridade obrigatória, é um momento chave de

comprometimento do jovem consigo e com os outros (Rappaport, 1982). É nesta fase que o jovem abre o *leque* das experiências pessoais, na área social, através da consolidação dos laços de amizade e de convívio, na área sexual, através das primeiras experiências, e na área profissional através da estruturação mais objectiva daquilo que pretende ser e da selecção das áreas profissionais de preferência. Os resultados dessas experiências são para os jovens, indicadores avaliativos das práticas sociais presentes e futuras.

Nesse processo de tentativa e erro, o jovem é fortemente influenciado pelos seus referenciais identitários. Entre esses, destaca-se a família cuja influência, directa e indirecta sobre os valores e aspirações profissionais é reflectida pelos resultados obtidos neste estudo. De facto, e contra algumas teorias que defendem a perda de valor do papel e influência da família (Galland, 1991, Harding, Phillips e Fogarty, 1986), para os jovens estudantes do 10º, 11º e 12º anos de escolaridade do Concelho de Beja ela constitui um espaço de referência e pertença fundamental. É a família a única fonte monetária destes jovens, é a ela que preferencialmente recorrem para aconselhamento e apoio nos projectos e decisões pessoais, constituindo assim, um espaço de enriquecimento pessoal e segurança afectiva. Este é, aliás, o sentido predominante do perfil valorativo assumido em relação à família, espaço fundamental de construção e crescimento pessoal.

Enquanto espaço de construção e crescimento pessoal, a família exerce também influência significativa sobre as aspirações profissionais dos jovens. De facto, os resultados deste estudo permitem concluir que existem ambientes familiares mais propícios e menos propícios a determinado tipo de objectivos profissionais. Assim, as aspirações profissionais de maior nível são preferencialmente assumidas por jovens oriundos das classes média e média alta. Pelo contrário, as profissões com baixo nível de qualificação são preferencialmente desejadas pelos jovens inseridos nos ambientes sócio-económicos familiares de menores recursos. Para além disso, são também estes jovens que apresentam mais dúvidas e incertezas em relação ao futuro profissional. Este tipo de posicionamento que J. Marcia (1982) define

de difuso, é típico daqueles jovens que ainda não se comprometeram verdadeiramente com o processo de construção da identidade profissional, interessando-lhes, apenas viver o momento. Existe portanto um processo de relegação ou auto-relegação dos jovens *menos dotados socialmente*, para posições de dúvida e desinteresse em relação ao projecto profissional. Esta constatação vai de encontro às teorias que defendem que o processo de formação escolar e de construção da identidade profissional é altamente selectivo, levando a que os jovens que chegam a fases avançadas do mesmo, tenham perfis específicos de aspirações “*moldados*” em função dos ambientes sócio-económicos de origem (Jégouzo e Brangeon, 1976).

Essa selectividade influencia também a separação do sentido “concretizável” do “idílico” nas aspirações profissionais. De facto, pudemos também concluir que a escolha de uma profissão tem implicações distintas em função da liberdade “social” que o jovem dispõe nessa escolha. Assim, ao serem inquiridos sobre a profissão que desejariam ter se pudessem seguir uma qualquer, os jovens *deram largas* à sua imaginação e apresentaram profissões que em género e número ultrapassaram as registadas ao nível da aspiração profissional “*concretizável*”. Pelo contrário, quando interrogados sobre a profissão que acham que vão efectivamente ter, os jovens evidenciaram mais dúvidas e incertezas e mostraram-se mais “*comedidos*” no nível de aspirações apresentadas. Existe, assim um processo de compressão das aspirações profissionais, cuja origem está fortemente associada aos contextos subjectivos e objectivos da identidade profissional (Madureira Pinto, 1991). De facto, são os condicionamentos associados à falta de emprego, ao desejo de um emprego bem remunerado e à conveniência de opção por uma área profissional cuja formação possa ser feita no Concelho, os mais invocados pelos jovens estudantes do ensino secundário do Concelho de Beja para justificação das suas opções profissionais “concretizáveis”.

Os resultados permitem ainda configurar a hipótese de que os jovens, no quadro geral das dimensões analisadas, assumem valores predominantemente pós-materialistas ou intrínsecos. Assim, ao contrário dos

resultados de outros estudos que apontam para a crescente importância dos valores materialistas junto dos jovens, pudemos constatar que entre os estudantes do ensino secundário do Concelho de Beja, os valores de partilha, inter-ajuda, amizade, cooperação têm ainda bastante significado. Aliás, são estes os valores predominantes nos perfis valorativos assumidos pelos jovens em, relação à família, aos amigos, ao dinheiro e à sociedade. Cabe ainda salientar, que a escola para estes jovens desempenha uma função eminentemente utilitária, representação que está, aliás, ajustada ao espírito eminentemente materialista com que vêem o futuro profissional. Embora a realidade destes jovens estruture-se essencialmente em função de valores pós-materialistas, estes parecem, pelo contrário, ter pouco significado nas esferas associadas ao futuro profissional.

O último aspecto para o qual interessa chamar a atenção é o do que associado aos tipos de profissões desejadas encontram-se perfis valorativos e familiares específicos. Assim, os jovens que manifestam interesse em seguir uma carreira no âmbito das “Especialidades científicas” e da “Administração /Contabilidade” têm um perfil valorativo predominantemente centrado em valores materialistas e estão enquadrados em ambientes familiares de nível médio alto.

Subjacente às escolhas profissionais enquadradas nas categorias “Artísticas” e “Sociais”, está, por sua vez, um perfil valorativo tipificado como predominantemente pós-materialista, já que os jovens que as assumem valorizam preferencialmente os valores de compensação intrínseca e auto – realização. Estes valores prevalecem nas imagens associadas à família, aos amigos, ao dinheiro e na representação da necessidade de certos aspectos sociais. Os jovens que têm este tipo de perfil são preferencialmente oriundos da classe média.

No que respeita às profissões de carácter comercial /persuasivo, conclui-se que são preferencialmente escolhidas pelos jovens cujos pais também exercem profissões na área. Denota-se, aqui, algum sentido utilitário, já que alguns dos pais exercem a actividade por conta própria. Esse mesmo sentido utilitário está, também, presente na forma como os

jovens que assumem este tipo de aspirações vêem a família e os amigos como espaços de aquisição de uma posição na sociedade.

A análise dos posicionamentos assumidos face ao futuro profissional permitiu, ainda, identificar um 4º perfil. Este é representativo dos jovens que ainda não se comprometeram verdadeiramente com o processo de construção da identidade profissional. Estão ainda bastante confusos, não sabem qual a profissão que querem ou que acham que vão ter, e em geral o que lhes importa é viver o momento. Este perfil *difuso* é enquadrado por uma certa forma de estar e valorizar centrada em critérios hedonistas e utilitaristas, presentes, nomeadamente nos papéis e funções que reconhecem à família e aos amigos. Este quadro juvenil está preferencialmente associado a ambientes familiares de nível médio baixo / baixo.

A partir do exposto, e como corolário, podemos concluir que os perfis sociográficos e valorativos influenciam as aspirações profissionais, ou seja constituem factores estruturadores e estruturantes do processo de construção da identidade profissional dos jovens estudantes do ensino secundário no Concelho de Beja. É no âmbito das condições familiares e dos códigos simbólicos que partilha, que o indivíduo, o jovem cresce e desenvolve-se enquanto actor social. A realidade juvenil é assim reflexo e testemunha das diversidades estruturadas que a constroem e lhe dão significado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tarefa penosa é esta a de tentar fazer um balanço, uma síntese, uma conclusão, por provisória ou parcial que seja, do itinerário de uma investigação que procurou contribuir para uma mais clara compreensão da relação existente entre duas dimensões fundamentais da realidade humana em geral, e da juvenil em particular, ou seja, os valores e as aspirações profissionais.

Os valores e as aspirações profissionais constituem referências explicativas, comunicacionais e operatórias que estruturam e são estruturadas por imagens que condensam significados, que atribuem sentido e que ajudam nas suas diversidades estruturadas a reproduzir identidades sociais e culturais. É nesse âmbito que os consideramos códigos interpretativos do presente e indicadores prospectivos do futuro. A compreensão e análise da realidade juvenil comporta esta dupla componente, enquanto estruturante e estruturada pelo presente e enquanto construtora das potencialidades do futuro. Os valores e as aspirações profissionais, visto-lo, são *construtos* socialmente engendrados e partilhados, com funcionalidades práticas diversas na interpretação e no controlo da realidade. Enquanto objectos de prospectiva, apresentam, no entanto, dificuldades específicas, já que sendo eles tributários dos processos do seu próprio autodesenvolvimento, existem outros factores igualmente condicionantes das suas características e da sua dinâmica (Almeida, 1991). É certo que o conhecimento dos valores e aspirações profissionais dos jovens constitui dimensão essencial da construção colectiva do futuro e do modo como as sociedades pensam e se pensam. Mas os modos e os conteúdos do pensar social, embora dotados de protocolos, não deixam de ser também condicionados pela evolução da sociedade noutros planos, isto é, por características extra-representacionais que ela vai assumindo.

Portugal é um país de desenvolvimento intermédio, não num sentido de equidistância entre países ricos e pobres, mas sobretudo no da especificidade de algumas das suas características e também dos seus

problemas (Rodrigues e Neves, 1994). Aqui, encontram-se desiguais níveis de modernização do sistema económico e produtivo, bem como acentuadas diferenciações regionais de dinamismos económicos e demográficos. Aqui, verifica-se também a insuficiência dos padrões de escolaridade e qualificação profissional, o carácter estrutural dos fluxos migratórios internos e para os espaços internacionais, a escassez de capacidade financeira do Estado, o seu excesso de centralização e o seu défice de eficácia, tudo com efeitos negativos, nomeadamente nas políticas sociais capazes de minorar a reprodução das assimetrias (Lopes, 1995).

Mais decisivas do que a fotografia da situação são as suas tendências evolutivas. No plano demográfico há que contar com a acentuação do envelhecimento, quer no topo, quer na base, da respectiva pirâmide. No plano da qualificação podem esperar-se melhorias globais de escolaridade e formação profissional, mas com a ameaça de aumento do analfabetismo funcional. Em termos económicos só o sector de serviços parece ser capaz de continuar a crescer, única *salvaguarda* para aqueles que num futuro próximo tentem a inserção profissional. As evoluções e modificações tecnológicas e económicas determinarão as condições do mercado de trabalho, acentuando os desajustamentos qualificacionais entre oferta e procura de trabalho. Estes mecanismos reflectir-se-ão também no aumento das situações de subemprego, emprego precário, desemprego e de dificuldades de inserção profissional, e que, tal como até agora, afectarão preferencialmente as mulheres, os mais jovens, os menos qualificados. A urbanização, bem como a litoralização das *gentes* e das actividades, devem prolongar, por outro lado, tendências já inscritas na dinâmica actual. A par delas continuará a assistir-se “...a *recomposições profissionais e classistas, nomeadamente através do contínuo crescimento da pequena burguesia assalariada, e em geral, das classes médias urbanas.*” (Lopes, 1995:98).

Estes são naturalmente alguns exemplos, muito genéricos, de evoluções previsíveis capazes de afectar a sociedade portuguesa em geral, e a realidade local /regional, em particular. Evoluções que funcionam como condicionantes directas e indirectas, mas em todo o caso evidentes, do ser,

estar e perspectivar estar, presente e futuro, isto é, dos valores e das aspirações profissionais. Os valores e as aspirações profissionais fazem, portanto, parte do complexo conjunto de elementos a partir do qual compreendemos o presente e o futuro do indivíduo, de uma região e de um país.

Ao longo do estudo desenvolvido foi possível destacar alguns dos traços mais salientes do sistema de valores e aspirações profissionais dos jovens a partir do caso particular dos estudantes do ensino secundário do Concelho de Beja.

Como primeira característica a salientar encontramos a privilegiada valorização das *microestruturas* e das *microssolidariedades*. Para a maioria dos jovens abrangidos pelo estudo as relações com os amigos e com a família são os tipos de relações mais valorizados. Serão estes valores indícios de uma mentalidade que alguns apelidam de “*recentramento*” caracterizada por uma retracção dos indivíduos sobre si mesmos, sobre a convivialidade e a família enquanto espaços de autodefesa e de protecção? Com efeito a maioria dos jovens considera a família como um local de segurança económica e beneficiam da sua função instrumental, do apoio financeiro que ela proporciona. Por outro lado, o relacionamento com os pais privilegia, sobretudo, o apoio e conselho para a resolução de problemas e tomada de decisões a respeito de futuras responsabilidades sociais dos jovens.

Os amigos parecem corresponder predominantemente a funções de lazer, convívio e afectividade, sendo com eles que os jovens encetam maiores níveis de interacção, de comunicação e partilha de opiniões, ao nível das práticas quotidianas, assumindo, assim, um papel importante na organização social do quadro de vida dos jovens. O privilégio dado a estas *microestruturas* e *microssolidariedades* tem o contraponto num 3º traço característico das valorizações dos jovens estudantes do ensino secundário do Concelho de Beja: uma atitude de rejeição do papel formativo e socializador da escola. De facto, a maioria dos jovens vê a escola como espaço de passagem obrigatória para usufruto futuro de compensações

materiais, subvalorizando as componentes intrínsecas do espaço escolar enquanto influente na formação e desenvolvimento das capacidades individuais. A escola é assim, preferencialmente, vista como um meio facilitador da concretização de fins de natureza extrínseca, associados nomeadamente aos desejos de ascensão social e de conquista de um emprego bem remunerado. Este tipo de perfil embora geral, tem no entanto uma expressividade maior junto dos jovens das classes média alta e média baixa. De facto, são estes jovens que mais associam a escola a valores exclusivamente utilitaristas. Pelo contrário, os jovens da classe média, embora desvalorizando o papel da escola como espaço de desenvolvimento das capacidades individuais, reconhecem, no entanto, que a mesma tem um papel influente no processo de construção identitária, nomeadamente na vertente profissional. As diferenças de expressividade constatadas no perfil valorativo da escola em função das condições sócio-económicas conduzem à identificação de dois tipos de socialização familiar. Um tipo mais orientado para o reconhecimento dos estudos como componente estruturante do desenvolvimento social e profissional, e outro tipo em que a escola é essencialmente vista como um meio para atingir fins materiais, nomeadamente a conquista de um emprego bem remunerado. Estes dois tipos de socialização inculcam modelos diferentes de transição da juventude para a vida adulta: uma onde predominam valores associados ao desenvolvimento e enriquecimento pessoal, ou segundo Ferreira de Almeida, valores de recompensa sociocêntrica e intrínseca, e outra a que correspondem valores de subsistência económica e de usufruto de benefícios materiais, ou seja valores de recompensa egocêntrica e extrínseca.

Um quarto traço importante do sistema de valores da maioria dos jovens estudantes do ensino secundário do Concelho de Beja, será aquilo que podemos apelidar de ética de diversão que inclui valores de natureza hedonista e práticas de natureza convivial. Com base nos resultados obtidos parece verificar-se entre os jovens a existência de uma ética convivial, quer no plano dos desejos e das valorizações quer no plano das práticas

integrantes dos seus modos de vida. Esta ética convivial traduz-se principalmente na valorização do convívio em grupo com objectivos lúdicos e não instrumentais, convive-se pelo prazer de conviver. Segundo Galland (1991), os grupos de amigos recebem, acima de tudo, o aborrecimento, o tédio e todas as acções vão no sentido de evitá-lo a qualquer preço. A própria escola é apreciada por a sua função lúdica proporcionar amizades e convívio. A valorização do dinheiro também inclui a sua representação como elemento que facilita a concretização dos gostos e necessidades pessoais de diversão.

No sistema de valores dos jovens estudantes do ensino secundário do Concelho de Beja, é ainda possível notar indícios de uma atitude pragmática em relação ao futuro pessoal que resultam da importância dada às representações da família, dos amigos, e nomeadamente da escola como espaços de aquisição de uma posição na sociedade e, sobretudo, do tipo de aspirações profissionais apresentadas na componente “concretizável”. De facto, quando confrontados com a necessidade de ponderar sobre a profissão “concretizável” a maioria dos jovens limita as suas aspirações para os títulos profissionais tradicionais entre os quais se destacam: *“as engenharias, a medicina, a advocacia, a gestão, a economia, a enfermagem, a arquitectura”*. Ou seja, áreas profissionais onde tradicionalmente existem maiores probabilidades de sucesso na procura de emprego e na garantia de uma vida futura sem grandes preocupações económicas. Na definição das metas profissionais “concretizáveis” são efectivamente os desejos de assegurar as condições de inserção profissional e de garantir uma vida económica sem grandes percalços, os factores mais invocados pelos jovens.

Poder-se-à questionar como será possível articular esta atitude pragmática com a valorização da realização pessoal e com uma ética da diversão, por exemplo. É preciso não esquecer a própria natureza da condição juvenil. A condição juvenil compreende uma fase da vida em que os indivíduos, os jovens começam a libertar-se de uma estrita determinação familiar na formação das suas opiniões e na adopção de determinadas atitudes, mas ainda não estão verdadeiramente orientados, nem pela defesa

de interesses pessoais associados a uma posição estável, nem por uma identidade sócio-profissional, que acaba por confundir-se quase totalmente com a imagem que se faz de si próprio. Em conjunto com este aspecto, o prolongamento do tempo de experimentações dos vários papéis sociais, contribui também para adiar o momento em que se forma um conjunto estável de opiniões e atitudes sociais (Galland, 1991). A este período de experimentação de situações e papéis sociais diversificados corresponde também a experimentação de ideias e opiniões, de atitudes e posturas.

É este o espírito com que os jovens encaram o presente e o futuro em geral, e em particular, o futuro profissional. De facto, o período juvenil é frutífero em projectos e desejos que se cruzam na delimitação das aspirações profissionais. Assim, se por um lado os jovens estudantes do ensino secundário do Concelho de Beja parecem estar conscientes dos constrangimentos objectivos e subjectivos da exequibilidade de algumas profissões, por outro lado não deixam de manifestar os seus sonhos, as suas fantasias. As aspirações profissionais são a súpula dessas duas componentes, a “idílica” e a “concretizável”. A análise pormenorizada dessas componentes, para além de testemunhar a origem pessoal do processo de construção da identidade profissional é também reveladora do papel desempenhado pela família, enquanto espaço de referência. Enquanto espaço de construção e crescimento pessoal a família exerce uma influência decisiva nos objectivos profissionais dos jovens, de tal forma que em função dos resultados obtidos pudemos identificar ambientes mais propícios e menos propícios ao desenvolvimento de certo tipo de aspirações. Assim, as aspirações de maior nível e que implicam o prosseguimento dos estudos, nomeadamente a obtenção de uma licenciatura, são preferencialmente assumidas por jovens oriundos da classe média e média alta. Pelo contrário, as profissões com baixo nível de qualificação são preferencialmente desejadas por jovens inseridos em ambientes sócio-económicos familiares de menores recursos. Para além disso, são também estes jovens que apresentam mais dúvidas e incertezas em relação ao futuro profissional. Este tipo de posicionamento que J. Marcia (1982) define de difuso, é típico

daqueles jovens que ainda não se comprometeram verdadeiramente com o processo de construção da identidade profissional, interessando-lhes apenas viver o momento. Existe portanto um processo de relegação ou auto-relegação dos jovens *menos dotados socialmente* para posições de dúvida e desinteresse em relação ao projecto profissional. Esta constatação parece confirmar as teorias que defendem que o processo de formação escolar e de construção da identidade profissional é altamente selectivo levando a que os jovens que chegam a fases avançadas do mesmo tenham perfis específicos de aspirações “moldados” em função do ambiente sócio-económico de origem (Jégouzo e Brangeon, 1976).

Se a situação sócio-económica da família é um “roteiro” referenciador do processo de construção da identidade profissional de qualquer jovem, os seus quadros simbólicos e valorativos são, por sua vez, a matriz de “*triagem*”. De facto, a forma como cada jovem vê e valoriza a realidade envolvente influencia o processo de selecção dos objectivos profissionais, isto é, as suas aspirações. Assim, subjacentes a determinado tipo de escolhas e não escolhas profissionais encontramos valores e códigos simbólicos específicos tradutores da forma como os jovens se posicionam na sociedade e, em particular, dos critérios de justificação das profissões desejadas. Desta forma, as profissões científicas ou administrativas/contabilísticas são preferencialmente escolhidas por jovens com valores materialistas. De facto, os jovens que assumem este tipo de aspirações invocam, como em nenhum outro caso, razões materialistas para justificação das suas escolhas, bem como valorizam mais as compensações extrínsecas do que as intrínsecas retiradas das relações com os outros, nomeadamente com a família e com os amigos. Pelo contrário, a escolha de profissões sociais ou artísticas é preferencialmente assumida por jovens com valores pós-materialistas. É este o sentido valorativo que predomina nas razões invocadas por estes jovens para justificação das suas escolhas, bem como na forma como valorizam as dimensões de inter-ajuda, amizade, enriquecimento pessoal identificadas, nomeadamente, nos perfis valorativos da família e dos amigos.

Os jovens que se distinguem pelo seu posicionamento difuso em relação à identidade profissional são por sua vez os que revelam os níveis mais altos de valorizações hedonistas. É nesse espírito que vêem os seus futuros profissionais e valorizam os espaços de convívio e diversão. Para estes jovens o que importa é viver o momento, daí que assumam uma posição de “alienação” em relação ao seus futuros profissionais.

No final de todas as análises mais ou menos minuciosas, a ideia global que fica e que marca a conclusão final deste estudo é a de que as aspirações profissionais são construções simbólico-valorativas cujo significado estrutura e é estruturado pela diversidade cultural e vivencial juvenil. Este estudo permitiu-nos também concluir que embora as configurações valorativas e aspiracionais sejam sempre, e em última instância, fruto do fenómeno de reprodução social, elas não deixam de se constituir nalguns casos, em divergência à ordem social e por isso, possivelmente, em fundamento de evolução e mudança. De facto, os jovens estudantes do ensino secundário do Concelho de Beja, contra os impulsos culturais e económicos que privilegiam uma ética materialista, têm valores predominantemente pós-materialistas, e valorizam mais as compensações intrínsecas do que as extrínsecas resultantes das relações com os outros. Para além disso, e apesar dos condicionamentos estruturais locais existentes que dificultarão a sua concretização, para os jovens estudantes do ensino secundário do Concelho de Beja são as profissões e especialidades científicas as que mais se ajustam às suas aspirações.

Como corolário, não pudemos esquecer que os jovens estudantes do ensino secundário do Concelho de Beja são a nova geração da população activa desta região daí que seja importante e estratégico que estejamos conscientes dos seus valores e aspirações profissionais para que, a até agora, condição “*virtual*” converta-se efectivamente em real. Nas condições estratégicas actuais defendemos, por isso, a imperiosidade do aumento da visão prospectiva no processo de concepção e dinamização do desenvolvimento local. Este não se concretizará sem a adequação efectiva das condições existentes aos interesses, necessidades e aspirações das

gerações presentes e vindouras. O desenvolvimento é feito pelas e para as pessoas, há que portanto torná-lo mais *consciente* e mais *participado*. Mais consciente da realidade juvenil, para que se possa corrigir a tempo fenómenos de selectividade individual e grupal baseados apenas em critérios de capacidade económica. Mais consciente da realidade juvenil, para que se possa também, detectar e corrigir a tempo, alguns dos condicionamentos que impossibilitam ser o desenvolvimento um processo onde a participação dessa geração nova está garantido. Sugere-se assim que as reflexões sobre os jovens, particularmente no que respeita às suas formas de estar, ser e valorizar, sejam investidas de valor não só académico, mas sobretudo estratégico e operacional. Os problemas sociais e sociológicos são problemas que emergem de uma realidade material e social para cuja solução é forçoso pensar uma realidade distinta. A reflexão sobre os problemas de hoje deverão servir-nos para preparar o amanhã, de modo a permitir que o trabalho científico seja um exercício aplicado e aplicável.

BIBLIOGRAFIA:

- ABRIC, J. Claude
1994 Pratiques sociales et representations, Paris: Puf.
- ALMEIDA, Ana Nunes
1986 “ Perspectiva dos jovens sobre a família e o casamento – notas críticas”, in Análise Social, vol. XXII, n.º 90, Lisboa: Instituto de Ciências Sociais, pp. 157 – 164.
- ALMEIDA, João F.
1990 Portugal: os próximos 20 anos - Valores e Representações sociais, vol. VIII, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- ALMEIDA, João F. *et al.*
1989 “ Família, Estudantes e Universidade – painéis de observação sociográfica”, in Sociologia, Problemas e Práticas, nº4, Lisboa: Publicações Europa- América, pp. 11-44.
1990 “ Identidades e Orientações dos Estudantes – classes, convergências, especificidades”, in Revista Crítica de Ciências Sociais, n.º 27/28, Coimbra : Centro de Estudos Sociais, pp. 189-209.
1991 “ Estudantes e Amigos – Trajectórias de classes e redes de sociabilidade”, in Análise Social, vol. XXV, n.º 105/106, Lisboa: Instituto de Ciências Sociais, pp. 193 – 221.
- ALVES, Mariana
1996 “ Jovens Licenciados em Processo de Transição para a Vida Activa : Problemática da Construção Identitária”, in Actas do VI Colóquio Nacional da APELF/ AFIRSE, Lisboa: APELF, pp. 293 – 309.
- ALVES, Natália
1993 “ Os jovens e o mundo do trabalho: desemprego e inserção profissional”, in Estruturas Sociais e Desenvolvimento. Actas do II Congresso Português de Sociologia, vol. I, Lisboa: Editorial Fragmentos, pp.647 – 658.

AMARAL, Antonieta *et al.*

- 1996 “ As Disciplinas do 3º Ciclo do Ensino Básico e as Escolhas Escolares e Vocacionais dos Alunos – estudo de caso”, in Actas do VI Colóquio Nacional da AIP ELF/ AFIRSE, Lisboa: AIP ELF, pp.145 – 154.

AMBRÓSIO, Teresa

- 1985 “ Aspirações sociais e políticas de educação”, in Análise Social, n.º 87-88-89, Lisboa: Instituto de Ciências Sociais, pp. 1023 – 1039.

- 1986 “ Efeitos da socialização escolar nos valores e comportamentos dos jovens”, in Desenvolvimento, n.º especial, Lisboa: Instituto de Estudos para o Desenvolvimento, pp. 145-162.

AMBRÓSIO, Teresa *et al.*

- 1985 Situação, Problemas e Perspectivas da Juventude em Portugal – Inserção dos Jovens : abordagem de uma realidade complexa (estudo preliminar), vol. VII, Lisboa: Instituto de Estudos para o Desenvolvimento

- 1986 “ Efeitos da socialização escolar nos valores e comportamentos dos jovens” in Desenvolvimento, n.º especial, Lisboa: Instituto de Estudos para o Desenvolvimento, pp. 145 - 162.

ANDRADE, Madalena

- 1989 A Juventude Portuguesa: situações, problemas e aspirações – O trabalho, O emprego, A profissão, vol. III, Lisboa: Instituto de Ciências Sociais e Instituto da Juventude.

BABBIE, Earl *et al.*

- 1995 Adventures In Social Research. Data Analysis Using SPSS for Windows, Thousand Oaks, California: Pine Forge Press.

BARDIN, Laurence

- 1991 Análise de conteúdo, Lisboa: Editorial Presença

- BARROS, Fernanda
1986 “ Os jovens e os projectos de futuro”, in Desenvolvimento, n.º especial, Lisboa: Instituto de Estudos para o Desenvolvimento, pp. 47 – 64.
- BERGER, Peter *et al.*
1976 A construção social da realidade, Petrópolis: Editora Vozes.
- BIDWELL, Charles E.
1970 “ A juventude na sociedade moderna”, in Sociologia Americana, São Paulo: Cultrix, pp.285 – 314.
- BOURDIEU, Pierre
1977 Reproduction in education, society and culture, Londres: Sage.
1980 Questions de Sociologie, Paris: Édition Minuit.
1989 O poder simbólico, Lisboa: Difel.
1997 Razões Práticas, Oeiras: Celta Editora.
- BRAGA DA CRUZ, Manuel
1985 “ A participação política da juventude em Portugal”, in Análise Social, vol. XXI, n.º 87/ 88 / 89, Lisboa: Instituto de Ciências Sociais, pp. 1067 – 1088.
1995 “ A evolução da condição juvenil, do comportamento dos jovens e das políticas de juventude”, in Instituições Políticas e Processos Sociais, Venda Nova: Bertrand Editora, pp. 319 – 332.
- BRAGA DA CRUZ, Manuel *et al.*
1984 “ A condição social da juventude portuguesa”, in Análise Social, vol. XX, pp. 285 – 308.
1985 Os jovens e a política – Políticas de juventude e juventudes políticas em Portugal, Cadernos do ICS, N.º 12, Lisboa: Instituto de Ciências Sociais.
- BREAKWEEL, Glynis M. *et al.*
1993 Empirical Approaches to Social Representations, Oxford: Clarendon Press.

OS VALORES E AS ASPIRAÇÕES PROFISSIONAIS DOS JOVENS:
O CASO DOS ESTUDANTES DO ENSINO SECUNDÁRIO DO CONCELHO DE BEJA

- BRYMAN, Alan e CRAMER, Duncan
1991 Análise de dados em ciências sociais. Introdução às técnicas utilizando o SPSS, Oeiras: Celta Editora.
- CALDEIRA, Suzana Nunes
1992 Estudo da Relação entre os Valores e a Expressão das Escolhas Vocacionais em Jovens Adolescentes dos Açores – provas de Aptidão Pedagógica, Ponta Delgada: Universidade dos Açores.
- CÂMARA MUNICIPAL DE BEJA
1987 Caracterização do Concelho de Beja, Beja: Associação de Municípios do Distrito de Beja.
- CAMPOS, Bártolo Paiva
1990 Psicologia do Desenvolvimento e educação de jovens, 2 vol., Lisboa: Universidade Aberta
1991 Educação e Desenvolvimento Pessoal e Social, Lisboa: Edições Afrontamento, Biblioteca das Ciências do Homem.
- CAMPOS, Bártolo Paiva *et al.*
1992 “ Percepção das interações familiares e conceito de si próprio na adolescência”, in Cadernos de Consulta Psicológica, nº8, Porto: Instituto de Consulta Psicológica, Formação e Desenvolvimento, pp. 69 – 78.
- CARRILHO, Maria José, *et al.*
1993 Alterações demográficas nas regiões portuguesas entre 1981 – 1991, Lisboa: Instituto Nacional de Estatística.
- CASANOVA, Luís
1993 Estudantes Universitários – Composição social, representações e valores, Cadernos de Juventude, n.º 5, Lisboa: Instituto de Ciências Sociais e Instituto da Juventude.
- CASTETTER, William e HEISLER, William
1982 Developing and Defending a dissertation proposal, Philadelphia, Pennsylvania: Center for Field studies (policopiado)

OS VALORES E AS ASPIRAÇÕES PROFISSIONAIS DOS JOVENS:
O CASO DOS ESTUDANTES DO ENSINO SECUNDÁRIO DO CONCELHO DE BEJA

- CÉSAR, Filipa
1996 “ O que queres ser quando fores grande? Valores, representações e aspirações das crianças relativamente ao trabalho e às profissões”, in Caderno de Ciências Sociais, n.º 15/ 16, Porto: Edições Afrontamento, pp.157 – 187.
- C.C.R.A.
1991 Perfil Empresarial do Alentejo, Évora: Edição do Eurogabinete P.M.E.
1992 Estatísticas e Indicadores Regionais, Évora: C.C.R.A.
- CONDE, Fernando
1985 Las Relaciones Personales y Familiares de los Jovenes, Madrid: Informe Juventud en España, Publicaciones de Juventud Y Sociedad, S.A. , Ministerio de Cultura, Instituto de la Juventud.
- CONDE, Idalina
1990 A Juventude Portuguesa: Situações, Problemas e Aspirações – A identidade social e nacional dos jovens, vol. VIII, Lisboa: Instituto de Ciências Sociais e Instituto da Juventude.
- CRITES, Jonh O.
1969 Vocational Psychology, New York : McGraw- Hill.
- CROZIER, M.
1993 Motivation, project personnel, apprentissages, Paris: ESF Editeur.
- CURADO, Ana Paula e RAMOS, Lucília
1995 “ A participação da comunidade na construção do currículo na escola secundária”, in Estado actual da investigação na formação. Actas do Colóquio da Sociedade Portuguesa de Ciências de Educação, Porto: Edições Afrontamento, pp.127 – 139.
- DE VANS, D.A.
1986 Survey in Social Research, London: Allen & Unwin.

OS VALORES E AS ASPIRAÇÕES PROFISSIONAIS DOS JOVENS:
O CASO DOS ESTUDANTES DO ENSINO SECUNDÁRIO DO CONCELHO DE BEJA

- DESROSIERES, Alain *et al.*
1983 “L’identité sociale dans le travail statistique. La nouvelle nomenclature des professions et catégories professionnelles”, in Economie et Statistique, n.º 152, pp. 55 – 81.
- DIRECÇÃO REGIONAL DE EDUCAÇÃO DO ALENTEJO
1996 Reajustamento da rede escolar, Évora: ME/DGAE.
- DOISE, W. *et al.*
1992 Representations sociales et analyses de donnés, Grenoble: Presses Universitaires.
- DUBAR, Claude
1994 “ L’insertion comme articulation temporelle du biographique et du structurel”, in Revue Française de Sociologie, XXXV, Paris: CNRS, pp. 283 – 291.
1996(1991) La Socialization – construction des identités sociales et professionnelles, Paris: Armind Colin.
- DURUT- BELLAT, Marie e HENRIOT- VAN ZATEN, Agnés
1992 Sociologie de l’école, Paris: Armand Colin.
- FERREIRA, Paulo Antunes
1993 Valores dos Jovens Portugueses nos Anos 80, Cadernos de Juventude, n.º 3, Lisboa: Instituto de Ciências Sociais e Instituto da Juventude.
- FERREIRA, Pedro Moura
1991 Os jovens e o futuro – Expectativas e Aspirações, Lisboa: Instituto da Juventude / Instituto de Ciências Sociais – Colecção: Juventude Portuguesa : Situações, Problemas, Aspirações.
- FERREIRA, Virgínia
1986 “ O inquérito por questionário na construção de dados sociológicos”, in Metodologia das Ciências sociais, Porto: Edições Afrontamento.
- FIGUEIRA, Eduardo
1987 Communication in the cooperative extension service, University of Wisconsin (Tese de Doutoramento).

FIGUEIREDO, Eurico

1985 No Reino de Xantum. Os jovens e o conflito de gerações,
Porto: Edições Afrontamento.

1988 Portugal. Os próximos 20 anos – Conflito de Gerações,
Conflito de Valores, vol. II, Lisboa: Fundação Calouste
Gulbenkian.

FLEMING, E.

1993 Adolescência e Autonomia, Porto: Edições Afrontamento.

FRANÇA, Luís de

1993 Portugal. Valores Europeus. Identidade Cultural, Lisboa:
Instituto de Estudos para o Desenvolvimento.

GALLAND, Olivier

1970 “ Qu’est que ce l’enfance?”, in Traité de Psychologie de
l’enfant, Tome I, Paris: Puf, pp. 124 – 186.

1985 “ Formes et transformations de l’entrée dans la vie adulte”,
in Sociologie du Travail, pp. 74 – 98.

1991 Sociologie de la jeunesse, Paris: Armand Colin.

GARCIA, Luís, SEABRA, Teresa e VALA, Jorge

1991 “ O pós-materialismo: problemas conceptuais e
metodológicos”, in Estruturas sociais e Desenvolvimento,
Actas do II Congresso Português de Sociologia, vol. II,
Lisboa: Editorial Fragmentos, pp. 479 – 488.

GHIGLIONE, Rodolphe e MATALON, B.

1992 O Inquérito: Teoria e Prática, Oeiras: Celta Editora.

GIACAGLIA, A. *et al.*

1982 *Como escolher uma profissão*, Lisboa: Básica Editora.

GIDDENS, Anthony

1994 Modernidade e Identidade Pessoal, Oeiras: Celta Editora.

GROOTINGS, Peter

1985 “Les jeunes, le travail et l’emploi en Europe”, in Revue
Internationale des Sciences Sociales, vol. XXXVII, nº4, pp.
515 – 530.

HAKIM, Catherine

1992(1987) Research Design, London: Routledge.

OS VALORES E AS ASPIRAÇÕES PROFISSIONAIS DOS JOVENS:
O CASO DOS ESTUDANTES DO ENSINO SECUNDÁRIO DO CONCELHO DE BEJA

- HARDING, David, PHILIPS, Stephen e FOGARTY, Michael
1986 Contrasting Values in Western Europe – Unity, Diversity and Chang, Londres: The Macmillan Press
- INGLEHART, Ronald
1977 The silent revolution : changing values and political styles among western publics, Princeton: Princeton University Press.
1990 Culture shift in advanced industrial society, Princeton: Princeton University Press.
- INSTITUTO DE EMPREGO E FORMAÇÃO PROFISSIONAL
1994 Classificação Nacional das Profissões, Lisboa: I.E.F.P.
- INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA
1994 Anuário Estatístico. Região Alentejo, Lisboa: I.N.E.
1996 Estatísticas Demográficas, Lisboa: I.N.E.
1997 Anuário Estatístico de Portugal, Lisboa: I.N.E.
- ITURRA, Raul
1990 a Fugirás à Escola para trabalhar a terra. Ensaios de Antropologia Social sobre o Insucesso escolar, Lisboa : Escher.
1990 b A construção social do insucesso escolar, Lisboa : Escher.
- JÉGOUZO, Guenhael e BRANGEON, Jean Louis
1976 Les paysans et l'école, Paris: Cujas.
- JESUÍNO, Correia
1983 A Motivational Approach to Portuguese Cultural Traits, Varne, East- West Conference, European Association Of Experimental Social Psychology
- JODELET, Denise
1997(1989) Les Representations Sociales , Paris: Presses Universitaires de France.
- LAWE, P . H. Chombart de
1983(1969) Por une sociologie des aspirations. Éléments pour une nouvelle science humaine, Paris: Donoel Gauthier.
1970 Sistèmes de valeurs et aspirations culturelles. Images de la culture, Paris: Payot.

OS VALORES E AS ASPIRAÇÕES PROFISSIONAIS DOS JOVENS:
O CASO DOS ESTUDANTES DO ENSINO SECUNDÁRIO DO CONCELHO DE BEJA

- LAVILLE, Jean Louis
1996 “ Jeunesse, travail et identité sociale”, in Sociologie et sociétés, vol. XXVIII, pp. 63 – 71.
- LIMA, Marinús Pires de
1987 Inquérito sociológico, Lisboa: Editorial Presença.
- LOPES, Margarida Chagas
1995 Estratégias de qualificação e Metodologias de avaliação, Lisboa: Celta Editora
- YIN, Robert K.
1994 Case study research. Design and methods, London: Sage Publications.
- MACHADO PAIS, José
1989 Juventude Portuguesa : Situações, Problemas e Aspirações – Uso do tempo e espaços de lazer, vol. V, Lisboa: Instituto de Ciências Sociais e Instituto da Juventude.
- 1990 a “ A construção sociológica da juventude – alguns contributos”, in Análise Social, vol. XXV, N.º 105/106, Lisboa: Instituto de Ciências Sociais, pp. 139 – 165.
- 1990 b “ Lazeres e sociabilidades juvenis – um ensaio de análise etnográfica”, in Análise Social, vol. XXV, n.º 108/109, Lisboa: Instituto de Ciências Sociais, pp. 591 – 644.
- 1991 “ Emprego juvenil e mudança social : velhas teses, novos modos de vida”, in Análise Social, vol. XXVII, n.º 114, Lisboa: Instituto de Ciências Sociais, pp. 945 – 987.
- 1993 Culturas Juvenis , Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- 1994 Jovens Europeus, Cadernos de Juventude, n.º 8, Lisboa: Instituto de Ciências Sociais e Instituto Português da Juventude.
- 1995 Inquérito aos artistas jovens portugueses (coordenação científica), Lisboa: Edições do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, Estudos e Investigações, 3.

- MADUREIRA PINTO, José
1991 “Escolarização, relação com o trabalho e práticas sociais”, in Educação, Ciências Sociais e realidade portuguesa – uma abordagem pluridisciplinar, Porto: Edições Afrontamento, pp. 15 – 32.
- MAJOS, Joan Mauri
1984 “Juventud y medio rural”, in Revista de Estudios de Juventud, n.º 18, pp. 23 – 65.
- MARSHALL, Catherine e ROSSMAN, Gretchen B.
1995 Designig qualitative research, London: Sage Publications.
- MEAD, Margaret
1935 Sex and Temperament in three primitive societies, London: Routledge & Kegan Paul.
- MOSCOVICI, S. *et al.*
1985 Social Representations, Cambridge: Cambridge University Press.
- MOURA, Helena Cidade
1967 “O problema das aspirações profissionais”, in Análise Social, nº19, Lisboa: Instituto de Ciências Sociais, pp. 34 – 58.
1987 a “O difícil acesso à génese das aspirações profissionais”, in Psicologia, vol. V, nº2, Lisboa: Associação Portuguesa de Psicologia, pp. 78 – 102.
1987 b “Aspirações sociais dos adolescentes”, in Análise Social, vol. XXIII, nº96, Lisboa: Instituto de Ciências Sociais, pp. 333 – 350.
- MULLET, E., NETO, F.
1988 Tomada de Consciência dos determinantes das Preferências Profissionais: Teoria e Método, Lisboa: Universidade Aberta.
- MUSGRAVE, P. W.
1979 Sociologia da Educação, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

- NACHAMIAS, Chava Frankfort e NACHAMIAS, David
1992 Research methods in the social sciences, London:
Edward Arnold.
- OFFE, Claus
1985 “ New social movements: challenging the boundaries of
institucional politics”, in Social Research, vol. 52, nº4, pp.98
– 124.
- OLIVEIRA, João Grosso
1993 “ O Lugar do Trabalho nas sociedades contemporâneas”,
in Cadernos de Ciências Sociais, nº12/ 13, Porto: Edições
Afrontamento, pp. 34 – 44.
- OLIVEIRA, Luísa
1995 “ Trajectórias, identidades, projectos profissionais e
sucesso na formação, in Estado actual da investigação na
formação. Actas do Colóquio da Sociedade Portuguesa de
Ciências de Educação, Porto : Edições Afrontamento: 143
– 159.
- PEDROSO, Paulo
1998 Formação e Desenvolvimento Rural, Oeiras: Celta Editora.
- PEDROSO, Paulo, *et al.*
1989 Inserção social dos jovens e Desenvolvimento Regional na
Zona Interior de Transição Alentejo/ Algarve, Lisboa:
ISEFOC/ UGT.
- PERCHERON, A.
1974 L’ univers politiques des enfants, Paris: Armand Colin.
- PEREIRA, J. S.
1985 Situação, Problema e Perspectivas da Juventude em
Portugal – O Percurso Escolar da Geração dos 16 – 24
anos, vol. I, Lisboa: Instituto de Estudos para o
Desenvolvimento.
- PERRON, R.
1971 Modèles d’enfants. Enfants modèles, Paris: Puf.

OS VALORES E AS ASPIRAÇÕES PROFISSIONAIS DOS JOVENS:
O CASO DOS ESTUDANTES DO ENSINO SECUNDÁRIO DO CONCELHO DE BEJA

- PIAGET, J.
- 1965 Études sociologiques, Paris: Droz.
- 1967 La Psychologie de l'intelligence, Paris: Armand Colin
- 1977 A Psicologia, Lisboa: Livraria Bertrand.
- QUIVY, R. e CHAMPENHO UDT, Luc Van
- 1992 Manual de Investigação em Ciências Sociais, Lisboa: Gradiva.
- RAMOS, Lucília
- 1992 Escola e a Inserção Social e Profissional dos Jovens – Portugal : Anos 90, Universidade de Lisboa: Departamento de Educação da Faculdade de Ciências (Tese de Mestrado).
- 1995 “ A escola na inserção social e profissional dos jovens”, in Estado actual da investigação em formação. Actas do Colóquio da Sociedade Portuguesa de Ciências de Educação, Porto: Edições Afrontamento, pp.265 – 276.
- RAPAPPORT, Clara Regina *et al.*
- 1982 A idade escolar e a adolescência, vol. 4, Coleção: Psicologia do Desenvolvimento, São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária Ltda.
- RESENMAYR, Leopold
- 1969 “ Esquisse d'un sociologie de la jeunesse”, in Revue Internationale de Sciences Sociales, vol. XX, pp. 319 – 351.
- REUTER, E.B.
- 1937 “ The sociology of adolescence”, in American Journal of Sociology, vol. 43, pp. 414 – 427.
- RIBEIRO, Helena, CARMO, Francisco, MEDEIROS, Octávio e ROCHA, Gilberto
- 1990 Situação e aspirações profissionais da juventude nos Açores, Braga: Barbosa & Xavier.
- RODRIGUES, Maria João e NEVES, A. Oliveira (Coord.)
- 1994 Políticas de reestruturação, emprego e desenvolvimento regional, Lisboa: I.E.F.P.

OS VALORES E AS ASPIRAÇÕES PROFISSIONAIS DOS JOVENS:
O CASO DOS ESTUDANTES DO ENSINO SECUNDÁRIO DO CONCELHO DE BEJA

- SANTIAGO, Rui
1996 A escola representada pelos alunos, pais e professores, Aveiro: Universidade de Aveiro.
- SCHEAFFER, Richard, OTT Layman e MENDENHALL, William
1990 Elementary survey sampling, Boston: PWS-KENT Publishing Company
- SCHMIDT, Luísa
1989 a A Juventude Portuguesa: Situações, Problemas e Aspirações – Dinheiro e Bens Materiais, vol. VII, Lisboa: Instituto de Ciências Sociais e Instituto da Juventude.
1989 b O Discurso Publicitário e a Construção da Juventude como Categoria Social – Provas de acesso à categoria de assistente de investigação, Lisboa: Instituto de Ciências Sociais.
1990 “ Jovens: família, dinheiro, autonomia”, in Análise Social, vol. XXV, n.º 108/ 109, Lisboa : Instituto de Ciências Sociais, pp. 645 – 673.
1993 “ Publicidade versus consumo : os jovens preferem as colas”, in Estruturas Sociais e Desenvolvimento. Actas do II Congresso Português de Sociologia, vol. II, Lisboa: Editorial Fragmentos, pp. 271 – 281.
1994 A procura e a oferta cultural e os jovens, Cadernos de Juventude, n.º 6, Lisboa: Instituto de Ciências Sociais e Instituto da Juventude.
- SEDAS NUNES, A.
1968 Sociologia e Ideologia do Desenvolvimento, Lisboa : Moraes Editora.
1991 Questões Preliminares sobre as Ciências Sociais, Lisboa: Editorial Presença.
- SILVA, José António Vieira
1987 Os Jovens e a Inserção Social – da escola à profissão, Lisboa : Instituto Sindical de Estudos, Formação e Cooperação.

OS VALORES E AS ASPIRAÇÕES PROFISSIONAIS DOS JOVENS:
O CASO DOS ESTUDANTES DO ENSINO SECUNDÁRIO DO CONCELHO DE BEJA

SPRINTHALL, Norman A.

1994 Psicologia do Adolescente, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian: Serviço de Educação.

STOER, Stephen R.

1991 Educação, Ciências Sociais e Realidade Portuguesa, Porto: Edições Afrontamento.

TAJFEL, Henri

1982 Grupos humanos e categorias sociais: estudos em psicologia social, Lisboa: Livros Horizonte.

VALA, Jorge

1977 “ A criança como símbolo social”, in Análise Social, vol. I , n.º 3, Lisboa: Instituto de Ciências Sociais, pp. 78 – 80.

1986 a “ Sobre as representações sociais – para uma epistemologia do senso comum”, in Cadernos de Ciências Sociais, nº4, Porto: Edições Afrontamento, pp. 5 – 30.

1986 b “ Identidade e valores da juventude portuguesa – uma abordagem exploratória”, in Desenvolvimento, n.º especial, Lisboa : Instituto de Estudos para o desenvolvimento, pp. 17- 28

1986 c Situação, Problemas e Perspectivas da Juventude em Portugal – Representações sociais dos Jovens : valores, identidade e imagens da sociedade portuguesa, vol. XI, Lisboa: Instituto de Estudos para o Desenvolvimento.

1986 d “ Análise de conteúdo “, in Metodologia das ciências sociais, Porto: Edições Afrontamento, pp. 101 – 128.

1986 e “ Identidade e valores da juventude portuguesa – uma abordagem exploratória”, in Desenvolvimento, n.º especial, Lisboa: Instituto de Estudos para o Desenvolvimento.

1990 “ Identidade e participação social dos jovens desempregados”, in Desenvolvimento, nº5/6, Lisboa: Instituto de Estudos para o Desenvolvimento, pp. 9 – 22.

1993 a “ Representações sociais – para uma psicologia do pensamento social”, in Psicologia Social, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

OS VALORES E AS ASPIRAÇÕES PROFISSIONAIS DOS JOVENS:
O CASO DOS ESTUDANTES DO ENSINO SECUNDÁRIO DO CONCELHO DE BEJA

- 1993 b " As representações sociais no quadro dos paradigmas metáforas da Psicologia Social", in Análise Social, vol. XVIII, n.º 123/124, Lisboa: Instituto de Ciências Sociais, pp. 887 – 919.
- VALA, Jorge *et al.*
1995 Psicologia social das organizações, Oeiras : Celta Editora.
- VICENTE, Paula, *et al.*
1996 Sondagens. A amostragem como factor decisivo de qualidade, Lisboa: Edições Sílabo.

ANEXOS

INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO

CARACTERIZAÇÃO INDIVIDUAL

Nesta parte pretende-se obter informação acerca de ti próprio:

CI1 – Sexo: Assinala com um (x):

1 - - Masculino

2 - - Feminino

CI2 – Idade : Anos

CI3 – Etnia : Assinala com um (x) :

1 - - Europeia

3 - - Cigana

2 - - Africana

4 - - Outra. Especifica: _____

CI4 - Local de nascimento: _____

CI5 – Qual o local onde viveste nos últimos 5 anos?

Assinala com um (x):

1 - - Monte

4 - - Cidade de Beja

2 - - Aldeia

5 - - Outra cidade

3 - - Vila

CI6 – Com quem partilhas a casa onde moras, desde os 10 anos?

Assinala com um (x) a ou as opções correctas:

1 - - Pai/ Mãe

4 - - Outros familiares

2 - - Irmãos

5 - - Amigos

3 - - Avô/ Avó

6 - - Outras pessoas : Identifica: _____

CI7 – Nos teus tempos livres, o que costumavas fazer?

Assinala com um (x) a ou as opções correctas:

- | | |
|---|--|
| 1 - <input type="checkbox"/> - Praticar desporto | 6 - <input type="checkbox"/> - Passear |
| 2 - <input type="checkbox"/> - Ler | 7 - <input type="checkbox"/> - Ir ao cinema / teatro e espectáculos musicais |
| 3 - <input type="checkbox"/> - Ouvir música | 8 - <input type="checkbox"/> - Trabalhar no computador |
| 4 - <input type="checkbox"/> - Sair com os amigos | 9 - <input type="checkbox"/> - Estudar |
| 5 - <input type="checkbox"/> - Ver televisão | 10 - <input type="checkbox"/> - Outras actividades. Especifica : _____ |
- _____

CI8 – Quanto dinheiro costumavas gastar por mês?

Assinala com um (x):

- | | |
|---|--|
| 1 - <input type="checkbox"/> - Entre 1000\$00 a 5.000\$00 | 4 - <input type="checkbox"/> - 20.000\$00 a 25.000\$00 |
| 2 - <input type="checkbox"/> - 5.000\$00 a 10.000\$00 | 5 - <input type="checkbox"/> - Mais do que 25.000\$00 |
| 3 - <input type="checkbox"/> - 15.000\$00 a 20.000\$00 | |

CI9 – No quê é que costumavas gastar o teu dinheiro:

Das opções apresentadas, indica com um (x), aquelas ou aquela em que costumavas gastar mais dinheiro:

- | | |
|---|--------------------------|
| 1 – Discos e cassetes | <input type="checkbox"/> |
| 2 – Idas ao cinema / teatro e espectáculos musicais | <input type="checkbox"/> |
| 3 – Idas a discotecas, bares e pubs | <input type="checkbox"/> |
| 4 – Aquisição de livros escolares | <input type="checkbox"/> |
| 5 – Aquisição de livros e / ou revistas técnicas | <input type="checkbox"/> |
| 6 – Lanches e guloseimas | <input type="checkbox"/> |
| 7 – Produtos de beleza | <input type="checkbox"/> |
| 8 – Tabaco | <input type="checkbox"/> |
| 9 – Revistas e jornais de actualidades | <input type="checkbox"/> |
| 10 – Outras despesas | <input type="checkbox"/> |
| 10.1 – Especifica : _____ | |

CI 10 – De que forma obténs informação acerca da realidade que te rodeia?

Assinala com um (x) a via de acesso que utilizas preferencialmente:

- | | |
|---|---|
| 1 - <input type="checkbox"/> - Televisão | 5 - <input type="checkbox"/> - Escola |
| 2 - <input type="checkbox"/> - Jornais / Revistas | 6 - <input type="checkbox"/> - Rádio |
| 3 - <input type="checkbox"/> - Família | 7 - <input type="checkbox"/> - Outras alternativas. Especifica quais: |
| 4 - <input type="checkbox"/> - Grupo de amigos | _____ |
| | _____ |

A TUA FAMÍLIA

Nesta parte irão ser formuladas algumas questões relativas a elementos caracterizadores da tua família.

CIF11 – Quais são as habilitações literárias?

Assinala com um (x) a opção correcta para cada caso

	PAI	MÃE	IRMÃOS: 1	2	3
1 – Não sabe ler , nem escrever	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2 – Sabe ler e escrever, sem ter frequentado o ensino primário	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3 – Ensino primário incompleto	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4 – Ensino primário completo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5 – Ensino preparatório	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6 – Ensino Secundário Unificado (antigo 5ºano ou actual 9º ano)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7 – Ensino Complementar (antigo 7º ano liceal ou actual 11º ano)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8 – 12º ano de escolaridade	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9 – Bacharelato	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10 – Licenciatura	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11 – Pós – Graduação	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

CIF12 – Que profissão têm?

1 – O teu pai : _____

2 – A tua mãe : _____

3 – Os teus irmãos :

1 - _____

2 - _____

3 - _____

CIF13 – Qual é a condição actual perante o trabalho?

Assinala com um (x) a opção correcta:

	Do teu pai	Da tua mãe
1 – A trabalhar	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2 – Desempregado	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3 – Reformado(a)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

CIF14 – Se trabalham qual é a sua situação actual?

Assinala com um (x) a opção correcta:

	PAI	MÃE
1 - Patrão	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2 – Trabalhador por conta própria	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3 – Trabalhador por conta d'outrém	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4 – Familiar não remunerado	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

CIF15 – Aproximadamente, assinala com um (x) a classe do rendimento mensal do teu agregado familiar ?

1 – Menos do que 100.000\$00	<input type="checkbox"/>
2 – 100.000\$00 a 150.000\$00	<input type="checkbox"/>
3 – 150.000\$00 a 200.000\$00	<input type="checkbox"/>
4 – 200.000\$00 a 250.000\$00	<input type="checkbox"/>
5 – 250.000\$00 a 300.000\$00	<input type="checkbox"/>
6 – Mais do que 300.000\$00	<input type="checkbox"/>

CIF16 – A casa em que habitas é : Assinala com um (x) a opção correcta

1 - - Própria

2 - - Alugada

3 - - Emprestada

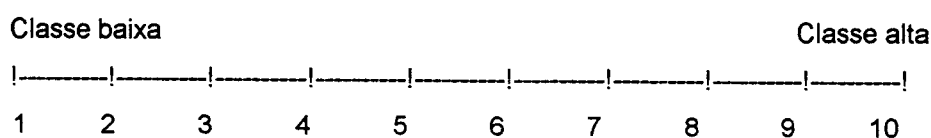
CIF17 – Os teus pais têm carro próprio?

Assinala com um (x) a opção correcta:

1 - - Sim

2 - - Não

CIF18 – Tendo em conta o seu prestígio, rendimento, habilitações e profissão faz um círculo à volta do número que no teu entender, melhor corresponde à classe social que julgas que os teus pais pertencem.



O TEU PERCURSO ESCOLAR

Nesta parte pretende-se que caracterizes alguns aspectos do teu percurso escolar.

CIE19 – Qual é a área de opção que escolheste no 10º ano?

CIE20 – Quais os motivos que te levaram a escolher essa área e não outra?

CIE21 – Quem te ajudou a fazer essa escolha ?

Assinala com um (x) a opção que consideras mais correcta:

1 – Pai/ Mãe

2 – O(s) meu(s) irmã(os)

3 – Amigos

4 – Colega(s) de escola

OS VALORES E AS ASPIRAÇÕES PROFISSIONAIS DOS JOVENS:
O CASO DOS ESTUDANTES DO ENSINO SECUNDÁRIO DO CONCELHO DE BEJA

- 5 – Namorado(a)
- 6 – Professor(a)
- 7 – Outros familiares
- 8 – Ninguém
- 9 – Outros
- 9.1 – Identifica: _____

CIE22 – Já reprovaste quantas vezes?

Assinala com um (x) a opção correcta:

- | | | | |
|-----------------|--------------------------|------------------------------|--------------------------|
| 1 – Nenhuma vez | <input type="checkbox"/> | 4 – Três vezes | <input type="checkbox"/> |
| 2 – Uma vez | <input type="checkbox"/> | 5 – Quatro vezes | <input type="checkbox"/> |
| 3 – Duas vezes | <input type="checkbox"/> | 6 – Mais do que quatro vezes | <input type="checkbox"/> |

CIE23 – Quais as disciplinas de que gostas mais?

CIE24 – Como te posicionas relativamente ao teu futuro escolar, pretendes:

Assinala com um (x) a opção que consideras mais correcta:

- 1 – Obter uma Licenciatura (5 anos)
- 2 – Tirar um bacharelato (politécnico – 3 anos)
- 3 – Concluir o 12º ano
- 4 – Frequentar um curso de formação profissional
- 5 – Continuar a estudar apenas, até arranjar emprego
- 6 – Deixar de estudar

CIE25 – Se pretendes continuar a estudar após o 12ºano, que curso gostarias de tirar?

CIE26 – Relativamente ao teu futuro escolar, os teus pais o que é que preferem?

De acordo com as opções que a seguir te são apresentadas, assinala com um (x) a opção que melhor traduz a opinião dos teus pais.

- 1- Que eu não deixe de estudar enquanto não tirar um curso
- 2- Que eu continue a estudar até arranjar emprego
- 3- Que continue a estudar e a trabalhar ao mesmo tempo
- 4- Que deixe de estudar já para arranjar emprego
- 5- A decisão só depende de mim

2ª PARTE

Nesta parte pretendemos saber a tua opinião acerca de certos elementos que estruturam a tua realidade quotidiana.

Lê as seguintes afirmações; não havendo afirmações correctas nem erradas, faz um círculo à volta do número que melhor se adapta à forma como tu pensas.

A escala utilizada simboliza:

(1= Discordo ; 2= Discordo ; 3= Discordo ; 4= Concordo ; 5= Concordo ; 6= Concordo)

Totalmente

Pouco

Pouco

Totalmente

Responde a todas as afirmações, fazendo somente um círculo em cada uma delas.

A FAMÍLIA

O que a família representa para ti ?

VF1-Grupo de pessoas que se ajudam mutuamente em todas as circunstâncias

1 2 3 4 5 6

VF2 - Garantia de segurança afectiva

1 2 3 4 5 6

OS VALORES E AS ASPIRAÇÕES PROFISSIONAIS DOS JOVENS:
O CASO DOS ESTUDANTES DO ENSINO SECUNDÁRIO DO CONCELHO DE BEJA

(1= Discordo ; 2= Discordo ; 3= Discordo ; 4= Concordo ; 5= Concordo ; 6= Concordo)

Totalmente	Pouco	Pouco				Totalmente
VF3 - Meio mais adequado para a formação da personalidade	1	2	3	4	5	6
VF4 - Substituível por um grupo de amigos	1	2	3	4	5	6
VF5 - Espaço de aprendizagem e de preparação para a vida	1	2	3	4	5	6
VF6 - Espaço de controle e privação da liberdade individual	1	2	3	4	5	6
VF7 - Fonte insubstituível de aconselhamento para os projectos e decisões pessoais	1	2	3	4	5	6
VF8 - Meio de obter um emprego com maior facilidade	1	2	3	4	5	6
VF9 -Fonte de conflitos por causa do dinheiro e de outros bens materiais	1	2	3	4	5	6
VF10 - Fonte de prestígio social	1	2	3	4	5	6
VF11 - Espaço condicionante do que aspiramos ser na sociedade	1	2	3	4	5	6
VF12 - Serve para garantir um emprego onde possa ganhar bem	1	2	3	4	5	6

OS AMIGOS

Ao longo da vida vamos conhecendo e fazendo amigos, o que é que os mesmos representam para ti?

Assinala com um círculo, o número que melhor representa o teu nível de concordância com cada uma das afirmações seguintes:

(1 _____ 2 _____ 3 _____ 4 _____ 5 _____ 6)

Discordo Concordo

Totalmente Totalmente

VA1 – A partilha restringe-se aos momentos de diversão	1	2	3	4	5	6
--	---	---	---	---	---	---

OS VALORES E AS ASPIRAÇÕES PROFISSIONAIS DOS JOVENS:
O CASO DOS ESTUDANTES DO ENSINO SECUNDÁRIO DO CONCELHO DE BEJA

(1= Discordo ; 2= Discordo ; 3= Discordo ; 4= Concordo ; 5= Concordo ; 6= Concordo)

	Totalmente	Pouco	Pouco	Totalmente
VA2 – Os amigos servem para nos distrair das preocupações do dia-a-dia	1	2	3	4 5 6
VA3 – Ajudam-nos apenas a ocupar os tempos livres	1	2	3	4 5 6
VA4 – São fonte de prestígio social imprescindível	1	2	3	4 5 6
VA5 – Grupo de pessoas que se ajudam mutuamente em todas as circunstâncias	1	2	3	4 5 6
VA6 - Grupo de pessoas em que se pode sempre confiar	1	2	3	4 5 6
VA7 – Pessoas que nos ajudam a sermos felizes	1	2	3	4 5 6
VA8 – Espaço de controle e privação da liberdade individual	1	2	3	4 5 6
VA9 –Espaço de concorrência pela conquista do melhor emprego	1	2	3	4 5 6
VA10 – Espaço de concretização de interesses e objectivos em comum	1	2	3	4 5 6
VA11 – Meio de obter um emprego com mais facilidade	1	2	3	4 5 6
VA12 – São os melhores conselheiros para projectos e decisões pessoais	1	2	3	4 5 6

A ESCOLA

A Escola enquanto instituição social desempenha um papel fundamental para a sociedade e para o indivíduo. Quanto a ti em que medida estão associados à Escola os aspectos que constam da lista seguinte?

Assinala com um círculo, o número que melhor representa o teu nível de concordância com cada uma das afirmações seguintes:

OS VALORES E AS ASPIRAÇÕES PROFISSIONAIS DOS JOVENS:
O CASO DOS ESTUDANTES DO ENSINO SECUNDÁRIO DO CONCELHO DE BEJA

(1= Discordo ; 2= Discordo ; 3= Discordo ; 4= Concordo ; 5= Concordo ; 6= Concordo)

	Totalmente	Pouco	Pouco				Totalmente
VE1 - Possibilita a construção de amizades		1	2	3	4	5	6
VE2 - Espaço básico de formação da personalidade		1	2	3	4	5	6
VE3 - Permite desenvolver aquilo que se gosta e é capaz de fazer		1	2	3	4	5	6
VE4 - Espaço descontextualizado da realidade		1	2	3	4	5	6
VE5 - Ajuda os alunos a arranjar emprego com maior facilidade		1	2	3	4	5	6
VE6 - Espaço determinante do status social que podemos ambicionar		1	2	3	4	5	6
VE7 - Fornece conhecimentos básicos para enfrentar os futuros desafios da vida em sociedade		1	2	3	4	5	6
VE8 - Influencia a escolha da profissão que se deseja		1	2	3	4	5	6
VE9 - Serve para obter um diploma		1	2	3	4	5	6
VE10 - Ajuda as pessoas a subir mais facilmente na vida		1	2	3	4	5	6
VE11 - Serve para garantir um emprego onde possa ganhar bem		1	2	3	4	5	6
VE12 – Espaço de passagem obrigatória para não ser discriminado pela sociedade		1	2	3	4	5	6

O DINHEIRO

Cada vez mais o dinheiro constitui um elemento estratégico para o indivíduo e para a sociedade. A nível pessoal qual a importância que atribuis à posse de dinheiro?

Assinala com um círculo, o número que melhor representa o teu nível de concordância com cada uma das afirmações seguintes:

VD1 – O dinheiro limita a liberdade individual	1	2	3	4	5	6
---	---	---	---	---	---	---

OS VALORES E AS ASPIRAÇÕES PROFISSIONAIS DOS JOVENS:
O CASO DOS ESTUDANTES DO ENSINO SECUNDÁRIO DO CONCELHO DE BEJA

(1= Discordo ; 2= Discordo ; 3= Discordo ; 4= Concordo ; 5= Concordo ; 6= Concordo)

Totalmente	Pouco	Pouco	Pouco	Pouco	Pouco	Pouco	Totalmente
VD2 – A auto-realização não depende do dinheiro	1	2	3	4	5	6	
VD3 – O dinheiro não dá felicidade	1	2	3	4	5	6	
VD4 - O dinheiro não é tudo na vida	1	2	3	4	5	6	
VD5 – O dinheiro garante o respeito dos outros	1	2	3	4	5	6	
VD6 – O dinheiro dá prestígio social	1	2	3	4	5	6	
VD7 – Com dinheiro consegue-se tudo	1	2	3	4	5	6	
VD8 – O dinheiro que se ganha mede a qualidade do emprego que se tem	1	2	3	4	5	6	
VD9 - Quem tem dinheiro pode aspirar a ter tudo o que quiser	1	2	3	4	5	6	
VD10 - Quem tem dinheiro é que arranja emprego com mais facilidade	1	2	3	4	5	6	
VD11 – Existem objectivos na vida mais importantes do que ganhar muito dinheiro	1	2	3	4	5	6	
VD12 – Na escolha de uma profissão, o dinheiro que se ganhará é o factor de menor importância	1	2	3	4	5	6	

ASPECTOS SOCIAIS

Para o futuro do país/ região em que vives, qual é a tua opinião acerca dos aspectos que a seguir te são enunciados?

Assinala com um círculo, o número que melhor representa o teu nível de concordância com cada uma das afirmações/ prioridades de acção:

VS1 – Procurar aumentar o crescimento económico	1	2	3	4	5	6
VS2 – Controlar a estabilidade da economia	1	2	3	4	5	6
VS3 – Dar voz às pessoas, procurar que sejam ouvidas quando o governo tem de tomar decisões	1	2	3	4	5	6

OS VALORES E AS ASPIRAÇÕES PROFISSIONAIS DOS JOVENS:
O CASO DOS ESTUDANTES DO ENSINO SECUNDÁRIO DO CONCELHO DE BEJA

(1= Discordo ; 2= Discordo ; 3= Discordo ; 4= Concordo ; 5= Concordo ; 6= Concordo)

Totalmente	Pouco	Pouco					Totalmente	
VS4 – Procurar tornar as nossas cidades e aldeias								
			1	2	3	4	5	6
			mais belas e agradáveis para viver					
VS5 – Proteger a liberdade de expressão								
			1	2	3	4	5	6
VS6 – Procurar construir uma sociedade menos impessoal,								
			1	2	3	4	5	6
			mais pessoal					
VS7 – Lutar contra o crime								
			1	2	3	4	5	6
VS8 – Manter a ordem no País								
			1	2	3	4	5	6
VS9 – Controlar a subida dos preços								
			1	2	3	4	5	6
VS10 – Assegurar umas forças armadas fortes no País								
			1	2	3	4	5	6
VS11 – Procurar construir uma sociedade onde as ideias								
			1	2	3	4	5	6
			sejam mais importantes do que o dinheiro					
VS12 – Procurar fazer com que as pessoas sejam mais								
			ouvidas nas decisões que são tomadas no seu trabalho e					
			nas zonas em que vivem					
			1	2	3	4	5	6

3ª PARTE

Nesta parte procura-se saber alguns pormenores sobre os teus projectos pessoais, nomeadamente a nível profissional.

Procura responder com a máxima sinceridade e objectividade às questões que a seguir te irão ser formuladas.

AS1 – Se tivesses oportunidade de seguir qualquer profissão que quisesses, qual é a que escolherias? _____

AS2–Justifica a tua resposta na questão anterior: _____

OS VALORES E AS ASPIRAÇÕES PROFISSIONAIS DOS JOVENS:
O CASO DOS ESTUDANTES DO ENSINO SECUNDÁRIO DO CONCELHO DE BEJA

AS3 – Qual é a profissão que achas que vais ter? _____

AS4 – Justifica a tua resposta: _____

Quadro n.º 1
Classes etárias dos jovens

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Menos de 15 anos	6	3,8	3,8	3,8
Entre 15 - 16 anos	89	56,7	56,7	60,5
Entre 17 - 18 anos	59	37,6	37,6	98,1
Mais de 18 anos	3	1,9	1,9	100,0
Total	157	100,0	100,0	

Fonte: Inquérito

Quadro n.º 2
Distribuição das habilitações literárias dos pais

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
1 -Ens. primário comp.	9	5,7	5,7	5,7
2- Ens. prep.	15	9,6	9,6	15,3
3 -Ens. sec. unif. 9º ano	44	28,0	28,0	43,3
4 -Ens. sec. comp. 11ºano	50	31,8	31,8	75,2
5 -12ºano	12	7,6	7,6	82,8
6- Bacharelato	12	7,6	7,6	90,4
7 -Licenciatura	15	9,6	9,6	100,0
Total	157	100,0	100,0	

Fonte: Inquérito

Quadro n.º 3
Distribuição das habilitações literárias da mãe

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
1-Ens.primário completo	3	1,9	1,9	1,9
2-Ensino prep.	2	1,3	1,3	3,2
3-Ens.sec.	37	23,6	23,6	26,8
4-Ens.comp.-11º ano	38	24,2	24,2	51,0
5-12ºano	38	24,2	24,2	75,2
6-Bacharelato	21	13,4	13,4	88,5
7-Licenciatura	9	5,7	5,7	94,3
8-Pós-graduação	9	5,7	5,7	100,0
Total	157	100,0	100,0	

Fonte: Inquérito

Quadro n.º 4
Categoria Profissional do pai

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
1- Quadro superior de administração e empresas	4	2,5	2,5	2,5
2- Especialista de prof. intelectuais	10	6,4	6,4	8,9
3-Técnicos e profissionais de nível intermédio	19	12,1	12,1	21,0
4- Pessoal administrativo	39	24,8	24,8	45,9
5- Pessoal de serviços e vendedores	62	39,5	39,5	85,4
6- Agricultores e trab. qualificados	4	2,5	2,5	87,9
7- Operários	16	10,2	10,2	98,1
8- Trab. não qualificado	3	1,9	1,9	100,0
Total	157	100,0	100,0	

Fonte: Inquérito

Quadro n.º 5
Categoria Profissional da mãe

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
1-Quadro superior de administração e de empresa	3	1,9	1,9	1,9
2- Especialista de profissões intelectuais	13	8,3	8,3	10,2
3-Técnicos e profissionais de nível intermédio	8	5,1	5,1	15,3
4- Pessoal administrativo	45	28,7	28,7	43,9
5- Pessoal de serviços e vendedores	57	36,3	36,3	80,3
6- Agricultores e trab. qualificados	2	1,3	1,3	81,5
7- Operários	4	2,5	2,5	84,1
8- Trab. não qualificados	22	14,0	14,0	98,1
N/R	3	1,9	1,9	100,0
Total	157	100,0	100,0	

Fonte: Inquérito

Quadro n.º 6
Situação Profissional do pai

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
1- A trabalhar	154	98,1	98,1	98,1
2-Reformado	3	1,9	1,9	100,0
Total	157	100,0	100,0	

Fonte: Inquérito

Quadro n.º 7
Situação Profissional da mãe

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
1-A trabalhar	115	73,2	73,2	73,2
2-Desempregada	42	26,8	26,8	100,0
Total	157	100,0	100,0	

Fonte: Inquérito

Quadro n.º 8
Estatuto Profissional do Pai

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
1-Patrão	13	8,3	8,3	8,3
2- Trabalhador por conta própria	35	22,3	22,3	30,6
3- Trabalhador por conta d'outrém	109	69,4	69,4	100,0
Total	157	100,0	100,0	

Fonte: Inquérito

OS VALORES E AS ASPIRAÇÕES PROFISSIONAIS DOS JOVENS:
O CASO DOS ESTUDANTES DO ENSINO SECUNDÁRIO DO CONCELHO DE BEJA

Quadro n.º 9
Estatuto Profissional da mãe

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
1- Patrão	3	1,9	1,9	1,9
2- Trabalhador por conta própria	3	1,9	1,9	3,8
3- Trabalhador por conta d'outrém	95	60,5	60,5	64,3
4- Familiar não remunerado	15	9,6	9,6	73,9
5- n/r	41	26,1	26,1	100,0
Total	157	100,0	100,0	

Fonte: Inquérito

Quadro n.º 10
Rendimento mensal do agregado familiar

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
1- 150.000\$ - 200.000\$	9	5,7	5,7	5,7
2- 200.000\$ -250.000\$	45	28,7	28,7	34,4
3- 250.000\$ - 300.000\$	57	36,3	36,3	70,7
4- Mais de 300.000\$	46	29,3	29,3	100,0
Total	157	100,0	100,0	

Fonte: Inquérito

Quadro n.º 11
Situação contratual da casa em que habita

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
1- Própria	119	75,8	75,8	75,8
2- Alugada	38	24,2	24,2	100,0
Total	157	100,0	100,0	

Fonte: Inquérito



Quadro n.º 12

Posse de carro próprio por parte dos pais

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
1- Sim	143	91,1	91,1	91,1
2- Não	14	8,9	8,9	100,0
Total	157	100,0	100,0	

Fonte: Inquérito

Quadro n.º 13

Imagem por índice numérico da classe social a que os pais pertencem

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
1- 3	3	1,9	1,9	1,9
2- 4	28	17,8	17,8	19,7
3- 5	52	33,1	33,1	52,9
4- 6	34	21,7	21,7	74,5
5- 7	24	15,3	15,3	89,8
6- 8	13	8,3	8,3	98,1
Total	157	100,0	100,0	

Fonte: Inquérito

Quadro n.º 14

Área vocacional que frequentam

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
1- Científico- Natural	56	35,7	35,7	35,7
2- Artes	19	12,1	12,1	47,8
3- Económico-social	59	37,6	37,6	85,4
4- Humanidades	23	14,6	14,6	100,0
Total	157	100,0	100,0	

Fonte: Inquérito

Quadro n.º 15
Motivos que justificaram a escolha da área vocacional

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
1-Gosto pelas matérias/disciplinas tratadas	44	28,0	28,0	28,0
2-Qualidade/ Quantidade das saídas formativas/ profissionais	48	30,6	30,6	58,6
3-Por orientação e aconselhamento de outros	23	14,6	14,6	73,2
4-Facilidade de aprendizagem /Menor probabilidade de reprovação	13	8,3	8,3	81,5
5-Gosto puro e simples	14	8,9	8,9	90,4
6-Não sabe : sem justificação	9	5,7	5,7	96,2
7-n/r	6	3,8	3,8	100,0
Total	157	100,0		

Fonte: Inquérito

Quadro n.º 16
“Quem te ajudou a fazer a escolha da área vocacional?”

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
1- Pai/ mãe	63	40,1	40,1	40,1
2- Os meus irmãos	1	,6	,6	40,8
3- Amigos	4	2,5	2,5	43,3
4- Namorado(a)	5	3,2	3,2	46,5
5- Professor	13	8,3	8,3	54,8
6- Outros familiares	3	1,9	1,9	56,7
7- Ninguém	35	22,3	22,3	79,0
8- Outros	33	21,0	21,0	100,0
Total	157	100,0	100,0	

Fonte: Inquérito

Quadro n.º 17

“Já reprovaste quantas vezes?”

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
1- Nenhuma vez	132	84,1	84,1	84,1
2- 1 - 3 vezes	22	14,0	14,0	98,1
3- + 3 vezes	3	1,9	1,9	100,0
Total	157	100,0	100,0	

Fonte: Inquérito

Quadro n.º 18

“Quais as disciplinas de que gostas mais?”- cruzamento de acordo com a área vocacional

	Área vocacional				Total
	Científico-Natural	Artes	Económico-social	Humanidades	
1-Disciplinas de formação geral	12 7,6%	6 3,8%	15 9,6%	15 9,6%	48 30,6%
2-Disciplinas de formação especializada	29 18,5%	12 7,6%	32 20,4%	6 3,8%	79 50,3%
3-Outras disciplinas sem ser da área de formação	2 1,3%		3 1,9%	1 ,6%	6 3,8%
4-Nenhuma	11 7,0%	1 ,6%	9 5,7%		21 13,4%
5-N/r	2 1,3%			1 ,6%	3 1,9%
Total	56 35,7%	19 12,1%	59 37,6%	23 14,6%	157 100%

Fonte: Inquérito

Quadro n.º 19

“Como te posicionas relativamente ao teu futuro escolar?”

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
1- Obter uma licenciatura	112	71,3	71,3	71,3
2- Tirar um bacharelato	14	8,9	8,9	80,3
3- Concluir o 12º ano	15	9,6	9,6	89,8
4- Continuar a estudar apenas até arranjar emprego	10	6,4	6,4	96,2
5- Deixar de estudar	6	3,8	3,8	100,0
Total	157	100,0	100,0	

Fonte: Inquérito

Quadro n.º 20

“Se pretendes continuar a estudar após o 12º ano, que curso gostarias de tirar?”

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
1- Engenharia	23	14,6	14,6	14,6
2- Medicina	10	6,4	6,4	21,0
3- Farmácia	6	3,8	3,8	24,8
4- Biologia	5	3,2	3,2	28,0
5- Veterinário	3	1,9	1,9	29,9
6- Enfermagem	1	,6	,6	30,6
7- Arquitectura	8	5,1	5,1	35,7
8- Belas- Artes	5	3,2	3,2	38,9
9- Música	2	1,3	1,3	40,1
10- Teatro	1	,6	,6	40,8
11- Economia	5	3,2	3,2	43,9
12- Sociologia	4	2,5	2,5	46,5
13- História	8	5,1	5,1	51,6
14- Gestão	7	4,5	4,5	56,1
15- Contabilidade	14	8,9	8,9	65,0
16- Informática	3	1,9	1,9	66,9
17- Psicologia	8	5,1	5,1	72,0
18- Direito	7	4,5	4,5	76,4
19- Licenciatura - Via Ensino	6	3,8	3,8	80,3
20- Bacharelato - Via Ensino	2	1,3	1,3	81,5
21- Educadora de Infância	1	,6	,6	82,2
22- Jornalista	4	2,5	2,5	84,7
23- Marketing e Relações Publicas	2	1,3	1,3	86,0
24- Serviço Social	4	2,5	2,5	88,5
25- Antropologia	1	,6	,6	89,2
26- Arqueologia	9	5,7	5,7	94,9
N/ r	8	5,1	5,1	100,0
Total	157	100,0	100,0	

Fonte: Inquérito

Quadro n.º 21

“Relativamente ao teu futuro escolar, os teus pais o que é que preferem?”

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
1- Não deixar de estudar enquanto não tirar um curso	73	46,5	46,5	46,5
2- Continuar a estudar até arranjar emprego	32	20,4	20,4	66,9
3- Continuar a estudar e a trabalhar ao mesmo tempo	3	1,9	1,9	68,8
4- Deixe de estudar já para arranjar emprego	6	3,8	3,8	72,6
5- A decisão só depende de mim	43	27,4	27,4	100,0
Total	157	100,0	100,0	

Fonte: Inquérito

Quadro n.º 22

“ Com quem partilhas a casa onde moras?”

	Sim	Não	Sim % em linha	Não % em linha	TOTAL %
1- Pai/ mãe	151	6	96,2	3,8	100,0
2- Irmãos	81	76	51,6	48,4	100,0
3 - Avô / Avó	35	122	22,3	77,7	100,0
4- Outros fam.	20	137	12,7	87,3	100,0
5- Amigos	2	155	1,3	98,7	100,0
6- Outras pessoas	0	157	0,0	100,0	100,0

Fonte: Inquérito

Quadro n.º 23

“ Nos teus tempos livres, o que costumás fazer?”

	Sim	Não	Sim % em linha	Não % em linha	TOTAL
1- Praticar desporto	59	98	37,6	62,4	100,0
2- Ler	45	112	28,7	71,3	100,0
3- Ouvir música	85	72	54,1	45,9	100,0
4- Sair com os amigos	102	55	65,0	35,0	100,0
5- Ver televisão	114	43	72,6	27,4	100,0
6- Passear	97	60	61,8	38,2	100,0
7- Ir ao cinema/ teatro e esp. musicais	89	68	56,7	43,3	100,0
8- Trabalhar no computador	55	102	35,0	65,0	100,0
9- Estudar	37	120	23,6	76,4	100,0
10- Outras actividades	45	112	28,7	71,3	100,0

Fonte: Inquérito

Quadro n.º 24

“ Quanto dinheiro costumás gastar por mês?”

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
1-1000\$-5000\$	53	33,8	33,8	33,8
2-5000\$-10.000\$	70	44,6	44,6	78,3
3-10000\$-15000\$	29	18,5	18,5	96,8
4-15000\$-20000\$	5	3,2	3,2	100,0
Total	157	100,0	100,0	

Fonte: Inquérito

Quadro n.º 25

“ No quê é que costumás gastar o teu dinheiro?”

	Sim	Não	Sim % em linha	Não % em linha	TOTAL
1- Discos e cassetes	76	81	48,4	51,6	100,0
2- Idas ao cinema e esp. musicais	98	59	62,4	37,6	100,0
3- Idas a discotecas, bares e pubs	104	53	66,2	33,8	100,0
4- Aquisição de livros escolares	14	143	8,9	91,1	100,0
5- Aquisição de livros e ou revistas técnicas	52	105	33,1	66,9	100,0
6- Lanches e guloseimas	134	23	85,4	14,6	100,0
7- Produtos de beleza	34	123	21,7	78,3	100,0
8- Tabaco	78	79	49,7	50,3	100,0
9- Revistas e jornais de actualidade	46	111	29,3	70,7	100,0
10- Outras despesas	34	123	21,7	78,3	100,0

Fonte: Inquérito

Quadro n.º 26

“De que forma obténs informação acerca da realidade que te rodeia?”

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
1-Tv	99	63,1	63,1	63,1
2-Jornais/ revistas	21	13,4	13,4	76,4
3-Família	24	15,3	15,3	91,7
4-Grupo de amigos	5	3,2	3,2	94,9
5-Escola	5	3,2	3,2	98,1
6-Rádio	3	1,9	1,9	100,0
Total	157	100,0	100,0	

Fonte: Inquérito